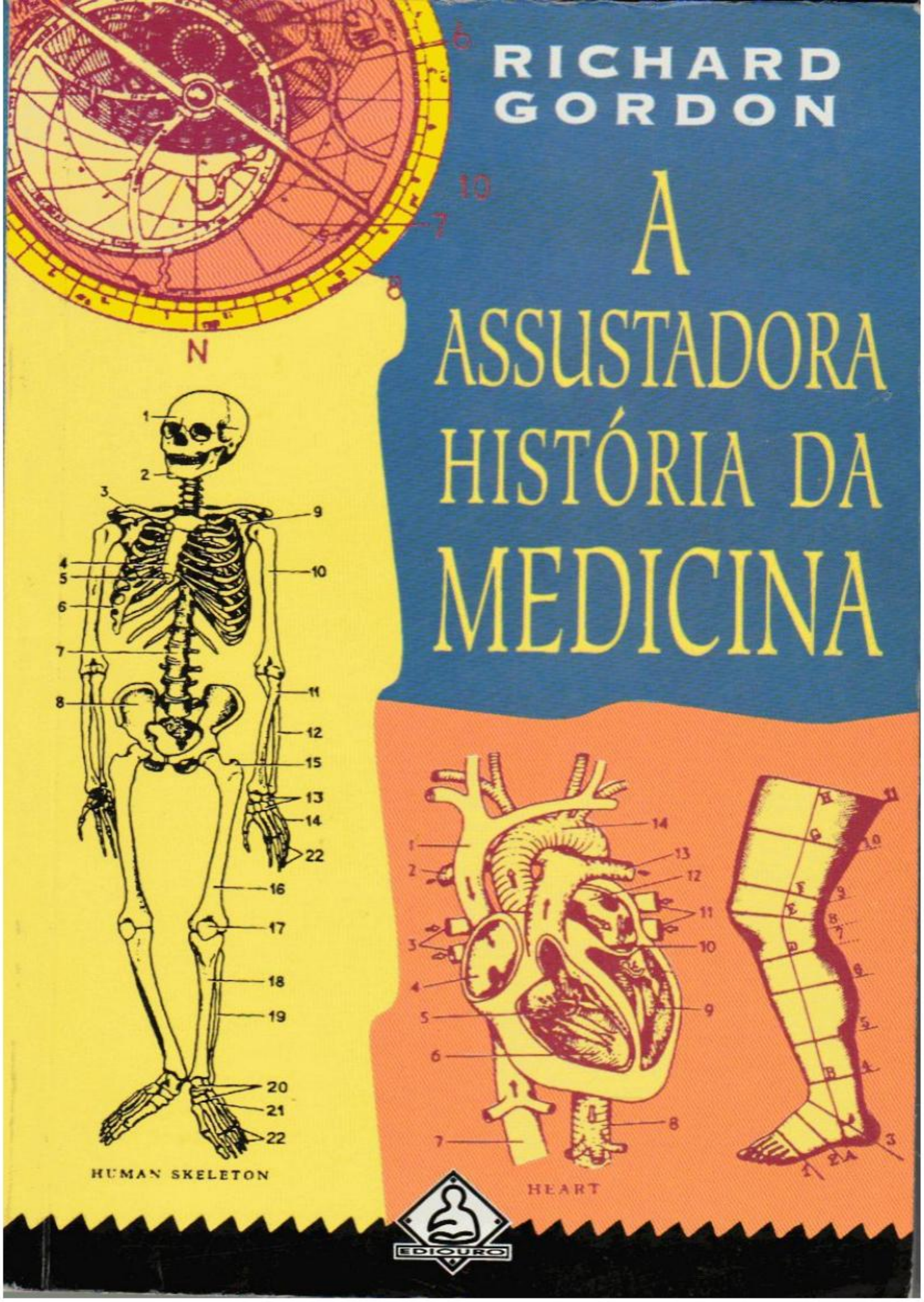
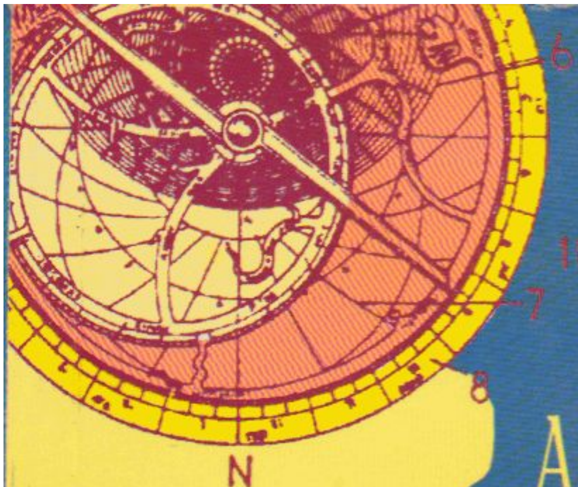
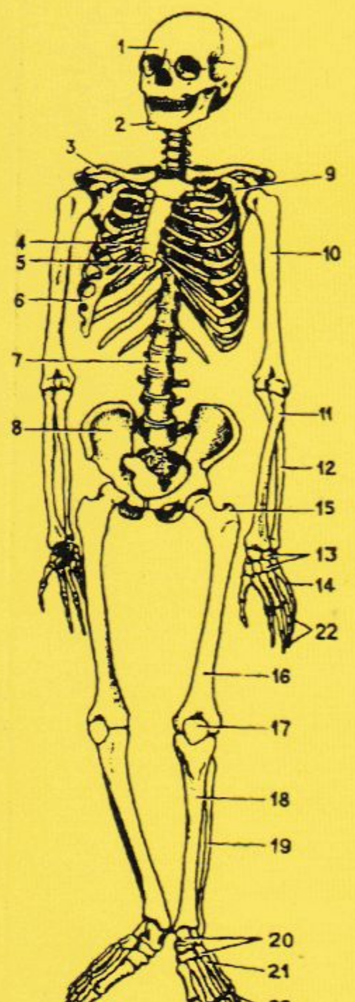


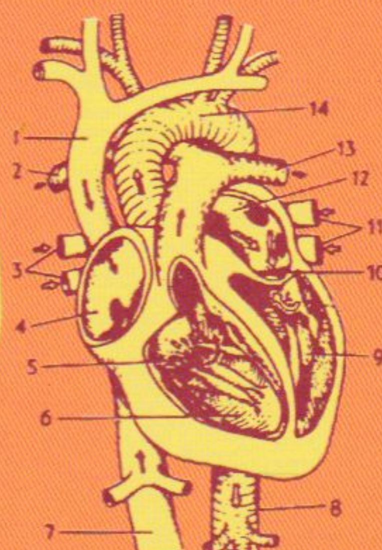
A Assustadora



RICHARD GORDON

A ASSUSTADORA HISTÓRIA DA MEDICINA







EDIOURO

A Assustadora História da Medicina

RICHARD GORDON

Tradução
Aulyde Soares Rodrigues

7ª Edição

EDIOURO

Primeira publicação em 1993 sob o título "The Alarming History of Medicine"
por Sinclair-Stevenson Limited, uma divisão de Reed Consumer Books Limited,
Michelin House, 81 Fulham Road, London SW3 6RB.
[Edição original: ISBN 0-7493-1601-2]

Projeto Gráfico
Ediouro S.A.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

	Gordon, Richard, 1921-
G671a **7ª ed.**	A assustadora história da medicina / Richard Gordon; tradução de Aulyde Soares Rodrigues. — **7ª ed.** — Rio de Janeiro: Ediouro, **1996**
	Tradução de: The alarming history of medicine
	ISBN 85-00-92841-7
	1. Medicina — Humor, sátira etc. I. Título.
95-0751	CDD — 610 CDU — 61

96 97 98 99 10 9 8 7

EDIOURO PUBLICAÇÕES S.A.
SEDE: DEP.TO DE VENDAS E EXPEDIÇÃO
RUA NOVA JERUSALÉM, 345 — RJ
CORRESPONDÊNCIA: CAIXA POSTAL 1880
CEP 20001-970 — RIO DE JANEIRO — RJ
TEL.: (021) 260-6122 — FAX: (021) 280-2438

CAPÍTULO 1

Hipócrates e tudo o mais

A história da medicina não é o testamento de idealistas à procura da saúde e da vida, assim como a história do homem não é mais gloriosa do que uma lista de irracionalidade brutal e egoísta com lampejos espasmódicos de sanidade.

A história da medicina é, em grande parte, a substituição da ignorância por mentiras. Esse vagar errante por becos sem saída pode ser uma progressão útil, quando os mais inteligentes e impacientes caminhantes encontram um caminho melhor. "Muitas descobertas notáveis foram feitas por homens que, seguindo os passos da natureza com os próprios olhos, acompanharam-na por caminhos tortuosos, mas quase sempre seguros, até alcançá-la na sua cidadela da verdade", disse o homem que descobriu a circulação do sangue.

Em cada geração, desde 1600, esses individualistas legaram à humanidade algum avanço biológico, não relacionado com o progresso árido dos benfeitores convencionais. O fato de as suas descobertas terem sido, de um modo geral, ameaçadas por perigos insuspeitados, provocando doenças inesperadas e morte, só contribui para dar mais interesse à história.

Os desbravadores das grandes extensões deste vale de lágrimas formam um grupo especial: todos inteligentes, alguns astutos, os de mais sorte abençoados com inspiração ou intuição, muitos deles simplesmente classificadores obsessivos dos homens e dos micróbios, ou simplesmente dotados de grande destreza manual. Suas cabeças acadêmicas zumbiam com abelhas que, às vezes, adoçavam com mel o pão da aflição. Eles se confundiam com os ilusionistas. A medicina sempre se revestiu do manto cintilante das realizações, enquanto continuava miseravelmente despida de descobertas importantes. Estas são ao todo uma dúzia, relacionadas no fim do livro, para que os leitores inteligentes possam testar a própria percepção.

(O leitor inteligente, tendo chegado até aqui, há tanto tempo de pé na biblioteca ou na livraria, pode pensar que indo agora diretamente ao fim do livro vai poupar trabalho e dinheiro.)

AQUI ESTÃO OS DRAGÕES

A mais antiga história da medicina é extremamente tediosa. O egípcio Imhotep (c. 2980 a.C.) combinou a conveniência do médico com a arte de construtor de monumentos para o faraó Zoser, tendo construído a magnífica pirâmide Step de Sakkarah para o uso gracioso de seu paciente real, quando este ficou fora do alcance de qualquer tratamento. O imperador chinês, Fu-Hsi (c. 2900 a.C.) hoje seria um famoso praticante da medicina alternativa, fazendo suas acupunturas e dirigindo o fluxo corpóreo do Yang e do Yin. Essas são as forças opostas da vida e da morte, do macho e da fêmea, da força e da fraqueza, do sol e da lua. O Yang nada no coração cheio de sangue e nos pulmões, o Yin ressoa nas entranhas ocas e na bexiga. Que curiosa e persistente bobagem!

O imperador Huang Ti *(c.* 2650 a.C.) descobriu a circulação do sangue 4.278 anos antes de William Harvey — se é que ele realmente existiu. Os imperadores flutuam no ar rarefeito da história chinesa como dragões. No seu misto de história e lenda, talvez os chineses antigos vacinassem contra a varíola aspirando a pústula seca pelas narinas. Talvez realmente alimentassem crianças retardadas, com deficiência da tireóide, com a tireóide tirada de carneiros. Talvez eles gostassem da *cannabis*, empregassem massagistas cegos e tomassem banhos frios, e talvez pudessem diagnosticar todas as doenças com um leve estudo do pulso. Tudo isso é muito remoto para nos entusiasmar e muito oculto para aprender. A única certeza que temos é de que os antigos chineses, como a massa da humanidade antes do século XIX, viviam e morriam apenas com a terapêutica da tradicional e fútil feitiçaria. Felizmente, o homem sempre teve o ópio para anestesiar a mente, a uva para reconfortá-lo.

Os gregos substituíram o Yang e o Yin por humores. O sangue, o muco, a bile amarela e a negra, a saúde dependia da harmonia disso tudo num dado momento. O médico mais importante era Galeno (c. 132-200 d.C.). Ele era um homem autoritário, com resposta para tudo e, desse modo, estabeleceu o padrão de personalidade para nossa profissão. Ele observou que as artérias continham sangue, não ar. Era especialista em ferimentos (cirurgião dos gladiadores) e previu os transplantes, notando que o coração continuava a bater quando retirado do corpo (nos sacrifícios). A ditadura de seu dogma

reinou na medicina por 15 séculos. Em 1559, O Colégio Real de Medicina de Henrique VIII quase liquidou um homem de Oxford que ousou duvidar de sua infalibilidade.

Galeno praticava entre os romanos, que consideravam a medicina profissional *infra dignitatem.* Seu Celsus (c. 50 d.C.) era um nobre e bem-dotado médico amador, lisonjeado na literatura com o título de *Cicero medicorum.* Sua elegante enciclopédia, *De Medicina,* foi agraciada com a distinção eterna de fazer parte dos primeiros livros impressos em 1478. Celsus dava aulas sobre operações de hérnia e de amígdalas ("devem ser descoladas em toda a volta, com os dedos, e arrancadas"), vislumbrou as sombras da *insania* e *cardiacus*, que pairavam ameaçadoras sobre a humanidade, antecipou Harvey (junto com o imperador Huang Ti) com sua intuição efêmera do *sanguis cursus revocetur*, e nos ensinou os sinais da inflamação — *calor, rubor, tumor, dolor.* Chega de latim.

Charaka, Susruta, Alcameon, Empédocles, Pitágoras e Aristóteles são estrelas distantes, tremeluzindo no espaço exterior da história da medicina, mas que não precisam ser magnificadas.

A BOMBA DE TEMPO DE HIPÓCRATES

Todo mundo conhece Hipócrates (460-370 a.C.). Isso por causa do seu Juramento, que poucos médicos sabem de cor, ou lembram, a não ser a proibição de fazer sexo com as pacientes. Os *Preceitos* que adornam o Juramento advertem os praticantes da medicina contra cobrar demais, vestir-se com elegância excessiva e usar perfume, ao mesmo tempo aconselhando um corte de cabelo decente e unhas aparadas, encorajando a suposição de um modo agradável de tratar os pacientes (a expressão em inglês, *bedside manner,* nos foi legada pelo *Punch*, em 1884).

Como Watt inventou o motor a vapor, Hipócrates inventou a medicina clínica. É um mecanismo simples, a aplicação prática da observação inteligente. O que importa é o homem doente, não as teorias do homem sobre a doença. E o paciente todo deve merecer atenção, bem como o ambiente que o cerca — medicina holística que foi moda há 21 séculos.

Primeiro Hipócrates:

— Ele encostava o ouvido no peito para ouvir a fricção das membranas inflamadas, nos casos de pleurisia, que soavam como couro novo.
— Ele notou o nariz aguçado, os olhos fundos, as orelhas frias da face próxima da morte, a *facies hippocratica*, usada por Falstaff em *Henrique V*, quando seu nariz ficou agudo como uma pena e com o “balbucio de campos verdes".
— Ele meditou sobre a respiração estranha de um homem agonizante, desde o caso de “Filisco, que vivia ao lado do muro e caiu de cama no primeiro dia de febre aguda... mais ou menos no meio do sexto dia, ele morreu. A respiração era o tempo todo como a de um homem tentando se refazer de um esforço, e espaçada e profunda”.
Esses famosos últimos suspiros ressurgiram em 1818 em Dublin.
John Cheyne (1777-1836) descreveu um caso de apoplexia. “Durante vários dias sua respiração foi irregular, parava completamente por um quarto de minuto, então começava muito fraca, depois gradualmente ficava pesada e rápida e, aos poucos, parava outra vez. Essa revolução no estado da sua respiração durava mais ou menos um minuto.” Vinte e oito anos depois, William Stokes (1804-78) despertou novamente a atenção dos médicos de Dublin, e os nomes desses dois escoceses *émigrés* foram para sempre ligados ao termo respiração “Cheyne-Stoking" — uma deficiência no centro respiratório do cérebro — que fazia os médicos balançarem a cabeça, o anúncio certo do fim.
— Hipócrates descobriu que o alcatrão (um anti-séptico) detinha a supuração dos ferimentos. Ele retirava o pus, alinhava fraturas e corrigia deslocamentos da coluna.
— Ele estabeleceu o principio: “Nossa natureza é o médico das nossas doenças”. O que significa que a maioria das pessoas melhora, de um modo ou de outro.

Hipócrates nasceu na ilha grega de Cos, na costa da Turquia, e ensinava sob um olmo (digno de ser visto por turistas). Ele nos deu a palavra “aforismo". Ele criou 412 aforismos, tais como:

A vida é curta, a arte é longa. (Uma frase deprimente, gravada nas entradas das escolas de medicina.)
A oportunidade é passageira, a experiência perigosa, o julgamento difícil. (O mesmo que a primeira.)
Casos desesperados precisam de remédios desesperados.
Os velhos suportam melhor o jejum, depois os de meia-idade, os jovens suportam mal e as crianças pior do que todos. (Daí a fortuna representada por livros com dietas para a meia-idade.)
Não julgue as fezes por sua quantidade, mas por sua qualidade. (“Duas vezes em volta do recipiente e pontiaguda nas duas extremidades", era o que um velho médico rural considerava erradamente o perfeito.)
O sono que põe fim ao delírio é bom, sono fora de hora e sonolência indicam doença, bem como cansaço sem motivo.
Os velhos ficam doentes com menor freqüência que os jovens, mas levam suas doenças para o túmulo.
A morte súbita é mais comum no gordo do que no magro.
Se uma mulher saudável pára de menstruar e sente enjôo, está grávida. (Nós todos sabemos essas coisas. Mas Hipócrates foi o primeiro a saber.)

O “Pai da Medicina” foi um ancestral desastroso. Ele nos deixou a tradição hipocrática. Ou seja: qualquer leigo que diga a um médico como fazer seu trabalho está cometendo uma impertinência ultrajante. Qualquer interferência nos meios que contribuem para a devoção desinteressada de qualquer médico aos seus pacientes é chocantemente imoral.

Hipócrates teria se admirado com a declaração de Platão de que ele era a Autoridade da Saúde na Área de Cos. O próprio Marco Aurélio teria hesitado em descer do Capitólio para dizer a Galeno que seu orçamento ia

ser cortado. *Eheu fugaces!* No fim do século XX, a medicina proliferou tanto e seu custo cresceu tanto, que um tratamento adequado está muito além dos meios dos sofredores assustados e, no futuro, estará além dos meios de qualquer cidadão sofredor e pagador de impostos. A não ser que os médicos aprendam a praticar economia, além da medicina, Hipócrates se tornará redundante, porque ninguém mais poderá se dar ao luxo de ficar doente.

Hipócrates brilha elegantemente na galeria de estátuas antigas dos homens de medicina, com sua barba crespa e testa franzida para os males da humanidade (pode ser vista no Museu Britânico) Freqüentemente ele está usando o cajado de Esculápio, o deus da cura, com a serpente enrolada. Na desordem e confusão do Olimpo, Esculápio era filho de Apolo (médico dos deuses) e de Coronis (ninfa). Ele era tão bom na sua profissão que enfureceu Plutão, por diminuir a população do Hades, e o rei dos infernos o explodiu com um relâmpago. Ele pode ser visto na Tate Gallery, no quadro de *Sir* Edward Poynter, de 1880, que representa a clínica de Esculápio: um jardim murado com fontes cantantes e o arrulho das pombas, as pacientes, quatro mulheres voluptuosas, completamente nuas, bem providas de seios e de *mons veneris*, sendo o único sofredor um homem, que mostra ao médico o calcanhar dolorido do pé esquerdo. Homem de sorte, o velho Esculápio.

Hipócrates escreveu 100 livros, embora fosse tão plausível a idéia de atribuir sua obra a várias pessoas quanto dizer isso de Shakespeare.

A IMPOPULARIDADE DA MORTE

Timor mortis conturbat me — a idéia da morte me deixa morto de medo, exclamou William Dunbar (?1465-?1530), o Chaucer escocês, se é que tal transmigração é possível. Esse temor compreensível criou a religião e a medicina.

A antiga igreja católica era contra os médicos. Eles interferiam no negócio da morte. Os corpos aninhados em volta de suas torres de marfim enfatizavam o fato de que a recepção dos seus patronos seria tão calorosa no céu quanto o castigo dos outros, no inferno. A causa da doença era, evidentemente, o pecado, seu tratamento era a oração, o jejum e o arrependimento. Os santos dirigiam o corpo. Santa Blaise se encarregava da

garganta, Santa Brígida dos olhos, e Erasmo das entranhas, Santo Dympna era o psiquiatra, São Lourenço especializava-se em dores nas costas, São Fiacre, em traseiros doloridos (ele deu o nome à pequena carruagem francesa). São Roque distribuía as pragas, São Vito tinha sua dança, O Fogo de Santo Antonio assava os membros, acesos pela infecção ou pelo envenenamento pelo *ergot* do pão de centeio. A primeira operação de transplante foi feita pelos santos gêmeos, Cosme e Damião, que substituíram a perna ulcerada de um homem branco pela de um negro morto recentemente (de Sedano representou isso no seu quadro). Os gêmeos foram decapitados em 303 d.C., acusados de serem empecilhos não-ortodoxos.

Pior ainda, o corpo humano era considerado sagrado e a dissecação proibida (os muçulmanos continuam com essa crença). Desse modo, o conhecimento do corpo permaneceu à flor da pele.

Galeno reclamava que um médico sem anatomia era um arquiteto sem um plano, mas ele também tinha de se contentar com a dissecação dos macacos da Berbéria, que enfeitam hoje Gibraltar. Trotula (c. 1050), uma das "damas obstetras de Salerno" (as outras eram Abella, Constanza e Rebeca), escreveu *De Mulierum Passionibus,* foi celebrizada de Navarra a Paris na canção "Dame Trot" pelo famoso trovador Ruteboeuf, mas mesmo assim tinha de dissecar porcos. Ela se consolava com o fato de os porcos serem iguais aos homens, por dentro. No outro lado do Mediterrâneo, na escola de medicina de Alexandria, fundada em 332 a.C., Herófilo e Erasístrato (c. 300 a.C.) já tinham a solução anatômica: eles dissecavam vivos os criminosos da prisão real. "Sem dúvida, o melhor método para aprender", escreveu Celso, aprovando.

A anatomia estava morta e a medicina nasceu morta. A religião é sem dúvida a Coisa Boa, oferecendo os meios valiosos para instalar sobre os ombros do homem auto-afirmativo o peso de alguém mais importante do que ele, com um conjunto excelente de regras com as quais, na maior parte das vezes, ele não consegue dirigir sua vida, oferecendo esperança, consolo, orientação e humildade, além da maravilhosa arquitetura da Basílica de São Pedro e do Taj Mahal. Mas ela sufocou a medicina durante 15 séculos.

OLÁ, RENASCIMENTO!

Leonardo da Vinci (1452-1519) foi um anatomista casual. A rainha conserva em Windsor seu encantador desenho de um casal cortado ao meio, fazendo sexo. Estão de pé, e o desenho apresenta em corte longitudinal o pênis firmemente inserido na vagina, com nervos vigorosos transmitindo o prazer para a medula espinhal do homem, seu coração bombeando o sêmen para fora do escroto por um longo tubo espinhal e o útero dela ligado ao mamilo. O detalhe que acompanha o desenho, um pênis cortado como uma lingüiça, mostra corretamente as cavernas esponjosas, inundadas de sangue durante a ereção. A outra ilustração, representando a genitália feminina, faz lembrar a robustez da entrada de uma catedral. Tudo uma concepção razoável dos eventos.

Em Paris, o estudante de medicina Andreas Vesalius (1514-64) encontrou, fora dos muros de Louvain, perto de Bruxelas, onde nasceu, um patíbulo onde balançava um esqueleto dissecado *completo com ligamentos*. Ele correu para casa com aquela preciosidade — qualquer esqueleto humano era uma *avis rara* — e iniciou sua carreira, que culminou com um anfiteatro anatômico lotado, em Pádua (Ticiano pintou o quadro). A perfeição artística do belo atlas anatômico de Vesalius, *De Humanis Corporis Fabrica*, mostra os corpos esfolados, os músculos abrindo-se como pétalas de uma flor, a vivacidade vigorosa dos tenistas de Wimbledon. Ele destronou bravamente Galeno, depois de descobrir que a mandíbula era um único osso, não dois, que o esterno é formado por três ossos, não sete, e que os filhos de Adão não têm uma costela a menos, e portanto Eva deve ter vindo de algum outro lugar. Tudo isso provocou a ira dos que, desde o começo do mundo, se julgavam importantes.

A heresia e a blasfêmia persistiam como disfarces pomposos para oprimir a liberdade da palavra, a qual sempre escolhe assuntos que provocam implicitamente nos opressores um mal-estar secreto. O próprio Papa Urbano VIII devia perder o sono, imaginando que talvez Galileu estivesse certo, e *e pur si muove.* Michael Servetus (1509-53) foi queimado vivo por Calvin, numa fogueira alimentada por seus livros, por ter descoberto a circulação pulmonar. Vesalius foi obrigado a abandonar a anatomia quando tinha 30 anos, e foi ser médico da corte em Madri. Ele dissecou um nobre espanhol, que se moveu alarmantemente sob o bisturi, o que provocou a ira da Inquisição, que o condenou a uma peregrinação expiatória a Jerusalém, na qual o navio naufragou e ele morreu de fome na ilha grega de Zante.

Depois de Vesalius, vieram Eustáquio (1510-74) e Falópio (1523-62), famosos por suas trompas, a primeira no ouvido médio, a outra na pélvis feminina.

No século XI, Salerno, da Dame Trot, foi o primeiro *centro de excelência* médica, uma expressão usada hoje para designar a si próprios por Guy, Bart, Tommy etc. Esse balneário popular veio a ser a original *Cintas Hippocratica*, um ponto de reunião para médicos, numa bela paisagem e isenta de impostos. Napoleão fechou a escola de medicina em 1811. Não existe mais, como o resto da velha Salerno, depois do bombardeio para o desembarque dos aliados em 9 de setembro de 1943.

A escola de medicina de Salerno foi suplantada em excelência, durante o século XIII, pela escola de Montpellier, e depois pela de Leyden, perto de Haia, fundada por Guilherme de Orange em 1575. A estrela de Leyden era Hermann Boerhaave (1668-1738), um médico prático que lecionava elegantemente em latim, e atraiu estudantes até da America, estendeu sua clínica particular até a China e deixou dois milhões de florins. Durante um breve período, Montpellier abrigou o bêbado, errante, agressivo e arrogante Paracelso (1668-1738) de Zurique, que começava suas aulas queimando as obras de Galeno e desdenhava os médicos tradicionalistas, seus contemporâneos, médicos com mantos de veludo e que falavam latim. “Eu não agrado a ninguém, exceto aos doentes que curo”, gabava-se ele, com razão. Montpellier produziu o único papa médico, João XXI, que morreu quando o teto lhe caiu em cima.

Sessenta e cinco anos depois de Vesalius se tornar seu professor de anatomia e cirurgia, Pádua ensinou William Harvey (1578-1657), de Folkstone, que era baixo, moreno, com cabelos crespos, agitado e falante e que voltou para casa para trabalhar no Hospital São Bartolomeu e para James I e Charles I.

Todo mundo sabia que o sangue se movia, fosse pela observação da artéria de uma ovelha abatida, fosse pela tendência do homem para matar e ferir seus semelhantes (Harvey sempre usava uma adaga no cinto). Até o século XVII, imaginava-se que o sangue saía e entrava, como as marés. Em 1628, Harvey demonstrou que ele percorria um caminho circular, como a música da década de 1930.

Havia uma dúvida: como o sangue voltava ao coração através da carne? Galeno havia dito que ele passava de um lado para o outro do coração.

“Somos levados a admirar o maravilhoso artesanato do Todo-Poderoso”, comentou Vesalius, sarcasticamente, “que faz o sangue se escoar do ventrículo direito para o esquerdo por passagens invisíveis ao olho humano”. A resposta tantalizou os estudantes de Harvey durante 32 anos.

O microscópio foi inventado acidentalmente por um óptico holandês que introduziu duas lentes num tubo. Antony van Leeuwnhoek (1632-1723), de Delf, explorou a invenção — ele tinha 247 microscópios e foi o primeiro homem a ver o próprio espermatozóide. O microscópio, de Marcello Malpighi (1628-94), de Bolonha, revelou o elo que Harvey procurava, mostrando o corpo todo percorrido por capilares minúsculos que canalizavam as artérias para as veias. A partir de então, o corpo foi alegremente examinado ao microscópio e estudado pela anatomia por toda a Europa.

CORPO E ALMA

Nosso corpo é o mesmo velho corpo do homem primitivo. É sujeito às mesmas velhas doenças. Nossos crânios são ainda os mesmos nos quais os antigos bem-intencionados, com uma lógica dolorosa, faziam buracos para aliviar dores de cabeça ou libertar os demônios da loucura. As múmias sofreram de apendicite, artrite e dentes estragados. (Para mumificar, insere-se um gancho no nariz para retirar o cérebro, abrem-se os flancos e rega-se, como um frango no forno, com especiarias e sal durante 70 dias.) Até os dinossauros tinham problemas de coluna.

Os cadáveres eram a terra comum na qual a medicina pastava e engordava. O material era filantropicamente fornecido por criminosos, para os quais a dissecação sangrenta assustava mais do que a ameaça da forca. Quando o estoque ficava baixo, em Edimburgo, para o cintilante professor Robert Knox (1791-1862), Burke e Hare sempre podiam desenterrar alguém para ajudar. O problema desses dois homens era a preguiça. Para não ter de acompanhar enterros, evitar cautelosamente os parentes do morto e cavar no escuro, com pás de madeira para não fazer ruído, eles embriagavam corpos vivos com uísque, estrangulavam e os vendiam por 7,10 libras cada um. Era enorme o número de “ressurrescionistas”, até que a Lei Britânica da Anatomia, em 1832, substituiu o preenchimento de um

formulário por voluntários visionários. Houve um grande debate em Montreal, em 1875, quando o tifo dizimou os ocupantes de uma escola/convento, e as freiras e crianças foram roubadas antes que os pais americanos chegassem para levar os corpos para casa.

Os anatomistas gravaram seus nomes em nós, com o mesmo amor com que os namorados gravam os seus nas árvores. Nós abrigamos as criptas de Lieberkühn, no envoltório dos intestinos. O círculo de Willis, que é a junção das artérias na base do crânio. A ampola de Vater, que guarda a extremidade do duto biliar. O forame de Wilson, uma abertura no peritônio, abaixo do fígado. A fossa de Rolando, no cérebro, e a bainha de Schwann, nos nervos. O saco de Douglas, atrás do útero, o canal de Alcock, na pélvis ("não na vagina”, zombam os estudantes de medicina). O nervo de Bell, no peito, o músculo de Santorini, na face, o ligamento de Poupart, na virilha, o triângulo de Scarpa, na coxa... Você encontra, dá seu nome à descoberta. Esse egoísmo exuberante fez de nós gloriosos Panteões ambulantes para os maiores médicos de cinco séculos. E por que não?

Nesse meio tempo os médicos fizeram a vontade da igreja, procurando a alma, porém nem *Sir* Thomas Brown, das universidades de Oxford, Montpellier, Pádua e Leyden, conseguiu encontrá-la. René Descartes (1596-1660), que promoveu *l’homme-machine* (o homem era um *deux-chevaux*, Deus, seu Criador, com o Espírito Santo no tanque), descobriu a alma na glândula pineal, uma gotícula atrás do principal ventrículo do cérebro. Ninguém sabe o que faz a glândula pineal, mas nos faz mais felizes à luz clara do sol, portanto talvez ele estivesse certo.

William Harvey escreveu em *Exercitatio Anatomica de Motu Cortis et Sanguinis in Animalibus.*

> É bem possível que o movimento do sangue no corpo se processe desse modo. Todas as partes devem ser alimentadas, aquecidas e ativadas pelo sangue, perfeitamente vaporoso, mais quente e, por assim dizer, nutriente. Por outro lado, em certas partes o sangue precisa ser resfriado, espessado e figurativamente usado. Dessas partes ele volta ao ponto de partida, ou seja, o coração, como para a sua fonte ou o centro da economia do corpo, para ser restaurado ao seu estado anterior de perfeição. Então, com o calor natural, poderoso e abrasador, uma espécie de armazém de vida, ele é reliquefeito e impregnado com espíritos e (se posso dizer assim), adoçado. Do coração ele é redistribuído, E tudo isso depende do movimento de pulsação do coração.

Hoje, isso é descrito desse modo:

EXCITAÇÃO ELÉTRICA DO CORAÇÃO
Miocárdio em funcionamento (sem marcapasso)

Alterações no potencial da membrana:
Fase 4
Potencial de repouso (-90 mV)
Potencial próximo do equilíbrio-K

Cientificamente, embora seja deprimente, não passamos de sacos à prova d’água cheios de produtos químicos carregados de eletricidade, que um dia sofrem uma pane de força. Assim são os nossos cães, os pássaros no jardim, os elefantes no zoológico, os camundongos na cozinha, os peixinhos dourados, as libélulas nas rosas, a unicelular ameba que nos dá desinteria, o vírus da gripe. Ao contrário deles, ao contrário até dos macacos que saltam de galho em galho, logo abaixo de nós na árvore da evolução, nós sabemos que vamos morrer.

“Este corpo não pode ser tudo que eu sou — esse é o brado humano”, reconhece C. P. Snow. Assim a humanidade concebeu a vida eterna, de uma mistura de medo e vaidade. E Deus tornou-se uma feliz criação humana, como Mickey Mouse.

“Onde há três médicos, há dois ateus”, diz o provérbio medieval latino. Contudo, certamente qualquer médico ficaria agradavelmente surpreso se reacordasse numa nuvem, tocando harpa ao lado de Bertrand Russell, que filosofou com firmeza: “Quando eu morrer, vou apodrecer”, 97 anos antes que isso acontecesse.

CAPÍTULO 2

Homem, micróbios e história

O verão de 1894 foi terrível em Woking. Os marcianos aterrissaram. Eram grandes como ursos, pele oleosa, dois olhos enormes e a baba escorria das bocas repletas de tentáculos móveis como fios de cabelos. Não comiam nunca — não tinham entranhas — mas injetavam sangue humano nas suas veias. Nunca dormiam nem ficavam cansados. Gritavam “ulla, ulla, ulla, ulla!” o tempo todo, e se reproduziam como botões de flores. Estenderam um tapete emaranhado de mato vermelho que emitia raios quentes fatais e gás negro venenoso. Os invasores avançaram pela bela estrada de Chobham e tomaram a sossegada Byfleet, a despeito dos hussardos e dos Maxims. Weybridge caiu, Shepperton foi devastada, a população de Londres fugiu para Bamet. Os marcianos continuaram seu caminho assassino até Primrose Hill, onde todos contraíram uma doença e morreram. Eles haviam conquistado o homem, mas não tinham nenhum fator de resistência às bactérias que pululavam na Terra dos homens. Nossos germes nos salvaram. Destruíram também o tapete de mato vermelho.

A GUERRA DOS MUNDOS

Por ocasião do nascimento de H.G. Welles, em 1886, ninguém conhecia a existência do exército de micróbios na Terra. Quando ele morreu, em 1946, nós os estávamos atacando aos poucos, com algumas vitórias. Os humildes microorganismos herdaram a terra antes de nós, são em número infinitamente maior do que nós, eles nos matam sorrateiramente, restringem nosso prazer sexual, eles pilotaram nossa história e comandaram nossos pensamentos, eles nos massacraram intermitentemente, eles nos reduzem ao medo abjeto e à meticulosidade absurda, eles estarão aqui depois de nós. A descoberta desses microorganismos na segunda metade do século passado foi uma materialização de duendes, diabretes e feiticeiros que desde o início dos tempos dançam na memória dos povos. É um mundo de insetos.

O décimo terceiro capítulo do Levítico é um manual perfeito de saúde pública. Para o controle da lepra, as roupas do doente são queimadas — seja qual for a utilidade ou o material — e gritando “impuro, impuro” ele desaparece no isolamento. Casais com gonorréia enfrentam uma quarentena de uma semana, tudo em que eles sentaram é lavado, incluindo suas selas. O homem sempre soube que podia apanhar uma doença de outra pessoa ou de alguma coisa — mas apenas vagamente, como imagina ainda que o vento frio traz reumatismo. O próprio Hipócrates não chegou a conceber a idéia de infecção.

A febre era atribuída aos deuses, ou mais especificamente ao ar impuro — *malaria* significa, em italiano, o tremor de frio provocado pelas emanações venenosas dos Pântanos Pontine. Foram necessárias as pragas devastadoras da Idade Média para que se começasse a suspeitar de que algo *sólido* pode transmitir doenças de uma pessoa para outra. Em 1546, um médico jovial e poeta de Verona, Hieronymus Fracastorius (1483-1553) dizia no *De Contagione* que as epidemias que assolavam as margens do Lago Garda progrediam por meio de sementes invisíveis. Essas sementes propagavam-se rapidamente, levadas pela respiração ou pelo ar, ou por beber no mesmo copo ou dormir com a mesma mulher, por meio de roupas, pentes, moedas, qualquer coisa infectada, que ele chamava de “fomites”. Ele só não descobriu que as sementes eram vivas, tanto quanto ele.

Não aconteceu muito mais do que isso na conquista da infecção, até 17 de setembro de 1683.

O nosso arrojado almofadinha de Delft, Antony van Leeuwenhoek, estava tão na moda como o criador do microscópio quanto seu contemporâneo Stradivarius, o fabricante de violinos. Naquele dia de setembro ele tirou restos de comida de seus dentes e descobriu pequenos animais “mais numerosos do que a população dos Países Baixos, todos se movimentando alegremente”. Eram bactérias nos seus típicos aglomerados e cadeias, tão conhecidos hoje em dia. Esses “animalúculos” persistiram na mente dos médicos como sendo gerados, a exemplo das larvas, pela própria carne putrefata. Assim como os chineses supunham que os insetos eram gerados pelo bambu molhado, as abelhas surgiam de vacas mortas e a lama do Nilo, cozida pelo sol, produzia rãs e cobras, se não crocodilos.

Quando Francesco Redi (1626-97), da Toscana, antecipou a Sra. Pooter, cobrindo a carne para protegê-la das moscas, ele acabou com as larvas. Elas *não* brotavam espontaneamente. *Omne Vivum ex ovo,* anunciou ele, até uma larva tem mãe e pai. Somente Homero teve a idéia antes:

> “Mãe”, queixou-se Aquiles em Tróia, “tenho um medo terrível de que nesse meio-tempo as moscas profanem o corpo de meu senhor Patroclos, pousando nos ferimentos abertos e depositando vermes neles.”
>
> “Meu filho”, Tetis o tranqüilizou, “vou providenciar para que as moscas sejam afastadas, salvando-o assim dessas pestes que devoram os corpos dos homens mortos em batalha.”

O tratamento preventivo da mãe Tetis consistia em ambrosia e néctar vermelho, administrado pelo nariz.

As modas dos tratamentos aparecem tão absurdamente quanto na alta-costura. Aquelas larvas que rastejavam repulsivamente em volta dos ferimentos só estavam fazendo o bem. Avidamente elas limpavam os restos sépticos de pele morta, de carne e de pus, e estão agora sendo recrutadas para atuar como abutres não-tóxicos do corpo. Para uma infecção do ouvido externo, nada melhor do que uma larva na orelha.

Ninguém foi muito adiante até a chegada do maior médico do século XIX, que não era qualificado.

MEDICINA PASTEURIZADA

Em 1856, a indústria francesa de vinho praticamente fechou. Garrafa após garrafa de vinho avinagrado era devolvida iradamente aos *sommeliers,* seu conteúdo despejado nos esgotos, quebradas com desespero contra a parede. A cerveja também estava horrível. Os vinhateiros de Bordeaux chamaram o professor de química de Lille, uma autoridade em fermentação como Flaubert era, em Rouen, autoridade em adultério.

Louis Pasteur (1822-95), do Jura, era filho de um curtidor de peles, veterano da *La grande armée.* Em 1864, Pasteur descobriu que aquela trágica acidificação do vinho não era produzida por alguma química maligna, mas por organismos microscópicos vivos, gerados não pela

própria bebida agradável, mas que estavam no ar. O desastre enológico podia ser evitado matando os organismos, o que podia ser feito aquecendo o lagar a 60 graus centígrados. Aquelas safras tão *bien chambrées* foram consumidas com tanto alívio e alegria que a indústria vinícola da França teve um lucro sem precedentes de 500 milhões de francos naquele ano. Pasteur observou então que os fermentos da boa cerveja eram esféricos, e os da cerveja azeda, elípticos, uma distorção provocada por micróbios. Assim, ele pasteurizou a cerveja também.

Na mesma época, os lucros anuais da indústria francesa da seda caíram de 130 milhões para 8 milhões, porque o bicho-da-seda contraíra *pébrine,* doença da pimenta-negra. O bicho-da-seda gosta de amora, mas as plantações de amoreiras nas Montanhas Cévennes, do Languedoc, estavam se transformando em cidades fantasmas, atacadas pela vermiculite. Desesperados e confusos, os sericultores procuraram Pasteur.

Ele foi de Paris para Alais, no sul, e os presenteou com a descoberta de que a epidemia não era causada por um micróbio vivo (era um protozoário, um organismo unicelular como a ameba, que provoca a desinteria, mas naquele momento ele não podia pôr as mãos nele). Pasteur, a *flâcherie,* diarréia do bicho-da-seda. A cura para as duas consistia em separar os insetos que apresentavam os pontos cor-de-pimenta — os camponeses os guardavam em garrafas com conhaque, para mostrar aos entendidos — e higiene rigorosa da folha da amoreira. Logo o farfalhar da seda foi ouvido em nossa terra.

É reconfortante pensar que a gênese da anestesia foi o costume de cheirar “éter por brincadeira”, e que a bacteriologia — com suas benevolentes ramificações de inoculação e antibióticos — foi um copo de vinho, uma caneca de cerveja e um belo vestido. Nossos instintos para o prazer têm seus efeitos colaterais positivos.

Os gados bovino e ovino da França estavam passando por uma fase terrível, também. Estavam sendo dizimados pelo antrax, extremamente doloroso. Em 1881, a vacina contra o antrax, de Pasteur, reduziu a mortalidade por essa doença a 1% entre as ovelhas e a 0,34% no gado bovino. Todas as galinhas apanharam cólera. Pasteur viajou nos feriados e

esqueceu no laboratório um espécime do fluido bacteriano que infectava as galinhas, e saiu para uns dias de descanso. Ele voltou para descobrir que sua cultura de bactérias em crescimento tinha enfraquecido, e concluiu que era ideal para inoculação contra a epidemia — como durante outro feriado, que veremos mais adiante, num clima menos ameno, o bolor da penicilina cresceu satisfatoriamente para Alexander Fleming. É muito inteligente ganhar o prêmio Nobel *in absentia.*

Com a medula de cães raivosos Pasteur criou a vacina que salvou a vida do garoto pastor Juptile, eternizado na estátua que o mostra lutando contra um cão raivoso, no 15º *arrondissement.* Ele enfeita o jardim nos fundos do Instituto Pasteur, onde está enterrado nosso descobridor de micróbios vivos e da inoculação científica para combater sua incessante campanha contra nós.

A mente de Pasteur foi a luz e o fim do túnel da infecção, que não tinha começo. O valor em dinheiro das suas descobertas foi usado pela França para completar a indenização exigida pela Alemanha pela guerra de 1870-71. Pasteur teve uma vida simples, séria e espiritual, e fez tudo isso a despeito de ter sofrido um sério derrame, em 1868. Sua filha de 12 anos morreu de febre tifóide, 15 anos antes de ser descoberto o germe dessa doença. A aplicação do seu gênio ao leite, no século XX, fez com que o nome de Pasteur passasse a aparecer na soleira de todas as portas da Grã-Bretanha.

O MÉTODO NOS SEUS MICRÓBIOS

Em 1771, o sensato Dr. Tobias Smollett podia resumir francamente:

> Existem armadilhas para nossas vidas em tudo que comemos e bebemos.
> O próprio ar que respiramos está carregado de contágio.
> Não podemos nem mesmo dormir sem correr o risco de uma infecção.

O francês Louis Pasteur ensinou aos médicos que as misteriosas "coisas" infecciosas que transmitiam as doenças são coisas vivas. A classificação

dos tipos exatos dessas coisas foi um obstáculo demolido pela mente bem ordenada dos alemães.

No outro lado da guerra de 1870 lutava Robert Koch (1843-1910), clínico geral numa cidadezinha em Wollstein, na Renânia, que, farto de longas e duras jornadas e pacientes rústicos, procurou diversão intelectual no microscópio. Começou estudando um bacilo vigoroso descoberto em 1863 pelo francês Casimir Davaine (1812-1882), especialista em tênia ou solitária. Com os olhos objetivos de um médico do campo, Koch observou a tendência do bacilo para formar cadeias infindáveis e desaparecer em esporos de longa duração e sorrateira virulência. E que causava o antrax.

Essa foi a sensação médica de 1876. Robert Koch associou o germe à doença como causa e efeito, um casamento patológico no qual ninguém havia pensado.

O antrax, no homem ou no animal, com as pústulas sangrentas na pele, a "doença dos cardadores de lã” de rápido e letal desenvolvimento e que ataca os pulmões, era atribuído aos miasmas do campo. Koch provou que o antrax era uma infecção identificável, causada por um agente identificável. Melhor ainda, ele tingiu com corantes de cores vivas esses inimigos invisíveis e descobriu o que eles comiam enquanto proliferavam abundantemente no cativeiro (*consommé* de carne, frio), e tirou fotografias espetaculares deles. *"C’est un grand progrès!*” foi como Pasteur o saudou alegremente, quando foi a Londres para tentar a cultura de uma forma de virulência atenuada do bacilo do antrax, para a vacina que salvaria a carne e o queijo da França.

Koch escreveu os Postulados de Koch:

1 O germe causador da doença deve estar presente em todos os casos da doença, e deve ser encontrado no corpo sempre que a doença aparecer.
2 Extraído do corpo, o germe deve crescer numa cultura pura de laboratório, por várias gerações microbianas. (As bactérias não têm vida sexual, elas se dividem em duas indefinidamente.)
3 Essa cultura deve transmitir a doença a um animal suscetível, ser recolhida dele numa cultura pura e transmitir a doença para outro infeliz

animal.

Essa prova de um micróbio específico causar uma doença específica continua inviolada desde sua criação, em 1881, exatamente como o Túnel Mersey.

Em 1879, Albert Neisser (1855-1916), dermatologista de Breslau, descobriu o gonococo. Armauer Hansen (1841-1912), de Bergen, justificou o Levítico descobrindo o bacilo da lepra (a Noruega estava-se tornando uma nação de leprosos). Em 1880, Pasteur descobriu o estreptococo e o estafilococo, que causam vários tipos de infecções. Karl Joseph Eberth (1835-1926), um patologista com barba espessa, de Halle, descobriu o bacilo do tifo. Em 1882, Koch descobriu o micróbio causador da tuberculose. Aquele que mais tarde seria seu sucessor no novo Instituto para Doenças Infecciosas, Friedrich Loëffler (1852-1915), naquele mesmo ano descobriu os bacilos do mormo e, no ano seguinte, com o impaciente Edwin Klebs (1834-1913), de Königsberg, o bacilo da difteria.

Koch descobriu o bacilo da cólera em Berlim, em 1884, Albert Fränkel (1848-1910) descobriu o da pneumonia e Arthur Nicolaier (1862-?) descobriu o bacilo do tétano. Em 1886, Theodor Escherich (1857-1911), de Munique, que usava barba em ponta, identificou o bacilo *coli*, que atacava os intestinos de todo mundo. Erguendo a bandeira do Reino Unido, *Sir* David Bruce, em 1887, descobriu o micróbio da febre de Malta, enquanto Anton Weichselbaum (1842-1920), na Áustria, descobriu o micróbio da meningite. Em 1889, outro discípulo de Koch, Richard Pfeiffer (1858-1945), em Breslau, descobriu o bacilo da gripe, ou influenza, que infelizmente não causa a influenza. Em 1892, desfralda-se a bandeira das listras e estrelas quando William Welch (1850-1934) descobriu o terror dos exércitos, que despreza o oxigênio, o bacilo da gangrena gasosa. E em 1894 ergue-se a bandeira do sol nascente, quando n gordo Shibasaburo Kitasato (1852-1931), também discípulo de Koch, descobriu, com o francês Alexander Yersin (1862-?), o germe da peste bubônica, que espalhou o terror através dos tempos.

Dezoito anos, e dezoito assassinos de massas identificados e encurralados.

Ó mundo invisível, nós o vemos,
Ó mundo intangível, nós o tocamos
Ó mundo não identificável, nós o identificamos
Inapreensível, nós o agarramos!

Os bacteriologistas podiam agora declamar a apóstrofe do ex-estudante de medicina Francis Thompson (1859-1907) à vida espiritual, mas de modo mais prático e útil. Robert Koch ganhou o prêmio Nobel em 1905, e suas cinzas repousam no Instituto Koch, em Berlim.

PROVAVELMENTE APENAS UM VÍRUS

A doença do mosaico que assolou as plantações de tabaco, em 1892, e a febre aftosa que atacou o gado, em 1898, indicavam que algumas doenças podiam ser transmitidas sem bactérias. Era possível passá-las experimentalmente para um fluido infectável, e isso significava passar pelo filtro impermeável a todos os outros micróbios conhecidos. Os culpados seriam os vírus, que se reproduzem (assexualmente, por fissão binária) somente no interior das células vivas. São menores do que as bactérias e visíveis somente no microscópio eletrônico. Alguns não são mais do que ácido nucléico envolto em proteína. Alguns são tão simples que podem se cristalizar: substâncias químicas mas vivas, como nós. Talvez tenhamos começado assim, como a espuma do limo viscoso do começo do mundo.

Os vírus ameaçam as criaturas humanas com doenças desagradáveis e perigosas, desde a poliomielite e a pneumonia até resfriados e verrugas. Egoisticamente, nós nos vemos como alvo principal do exército vasto e voraz das bactérias e dos vírus. Porém, os animais, os peixes, as flores e as árvores, insetos e ostras, todos têm a saúde e a vida ameaçadas pela infecção. Seguindo o princípio de Swift de que as pulgas têm pulgas menores que as picam, até as bactérias ficam doentes e morrem, vítimas dos pequenos vírus bacteriófagos, que parecem girinos, descobertos em 1915. Nós todos vivemos de alguma outra coisa. Nosso mundo é um paraíso de parasitas.

O *SHOW* DA SALMONELA

Tantas bactérias e subespécies de bactérias estavam sendo descobertas no reinado da Rainha Vitória e de seu neto, o *Kaiser* Guilherme, que exigiam uma classificação numa lista telefônica microbiana. O grupo *Salmonela,* irrequieto, abanando as caudas, compreende hoje mais de 1.000 espécies diferentes que provocam infecção intestinal. Passaram a ser o tema das conversas quotidianas e levaram o pânico ao povo e aos políticos da Grã-Bretanha, em 1988, provocando a espetacular renúncia da subsecretária de saúde, Edwina Currie (1946).

O homem, com sua notável engenhosidade, criou fornos de microondas e comida congelada, meios ideais para a propagação dos seus inimigos unicelulares invisíveis. E seu confortável ar condicionado transformou numa ameaça assassina os antes ignorados cocobacilos, que agora disseminam a doença dos legionários. Como um recurso de economia, a alimentação das galinhas com suas próprias fezes, ricas em salmonelas, transformou o ovo do desjejum dos ingleses em Borgias levemente cozidos, levando as granjas da Inglaterra à ruína, como as vinícolas francesas no passado. O primeiro a classificar as salmonelas foi Daniel Elmer Salmon (1850-1914), um americano de porte distinto, de cabelos brancos, sobrancelhas espessas, bigode aparado e barba em ponta. Fiquei intrigado quando vi sua fotografia no Museu Wellcome de Medicina. Com qual pessoa notável se parecia aquele guru das doenças intestinais? Até encontrar na rua seu sósia, o amigo de todo mundo, o santo sanitário Coronel Saunders.

AS PRAGAS QUE NOS AMEAÇAM

A mentalidade germânica saltou para a classificação dos micróbios com a mesma agilidade com que saltou para a metafísica ou o misticismo. A mentalidade britânica explorou as doenças sobre as quais o sol jamais se põe.

O médico hindu Susruta (c. 500 d.C.) suspeitava que a malária era disseminada não pelo ar, mas pelos mosquitos que zumbiam ao fim do dia (com a mesma percepção com que suspeitava que os ratos mortos transmitiam a peste). Marco Polo, no século XIII, observou os cortinados

contra mosquitos, que mais tarde velaram os sonhos, as paixões e o suor da insônia do Raj britânico. Os professores togados de Cambridge eram atacados pela “febre dos pântanos", mas continuaram, como todo o mundo, a ignorar os insetos que injetavam a febre intermitente, até que em 6 de novembro de 1880 o oficial médico do exército francês na Argélia, Alphonse Laveran (1845-1922), descobriu o parasita unicelular plasmódio nos glóbulos vermelhos do sangue de doentes de malária.

O escocês *Sir* Patrick Manson (1844-1922) foi diretamente da Universidade de Aberdeen para o Serviço de Alfândega da Marinha Imperial da China, chegando à praia de Formosa numa noite escura de 1866. Três anos antes da descoberta de Laveran ele afirmou, em Hong Kong, que os vermes filária de cinco centímetros de comprimento causavam elefantíase, uma condição provocada pelo bloqueio dos condutores da linfa humana que pode causar um edema gigantesco nos membros e obrigar os homens a carregar os testículos num barril, para se movimentarem. Além disso, ele descobriu que as pequenas e extremamente móveis filarias larvais, que invadiam o sangue dos pacientes, eram sugadas à noite pelos mosquitos *Culex fatigans,* depois incubadas neles e em seguida passadas para outra pessoa. Ninguém acreditou.

Manson voltou para casa e fundou a Escola de Medicina Tropical de Londres. Em 1894 ele conheceu o futuro *Sir* Ronald Ross (1857-1932), nascido na índia, filho de um general, de pescoço grosso, com um bigode espetado de oficial não comissionado, que acabava de desembarcar do navio P&O, de licença do Serviço Médico da índia. Manson apresentou a ele, por meio do microscópio, o parasita da malária do oficial francês da Argélia. O estudioso Ross, de volta ao seu laboratório na frente da estátua da Rainha Vitória, voltou a encontrar o parasita em 20 de agosto de 1897 no estômago do mosquito *anofeles,* que tem pontos escuros nas asas.

Tamanho foi o júbilo do império britânico com a elucidação da doença que devastava indiscriminada e impertinentemente os nativos e seus governantes de capacetes de cortiça e abanadores para espantar os mosquitos, que essa data foi denominada “dia da malária”, comemorada com enormes almoços no Instituto Ross, em Putney. Ross também escrevia poesia, que agradou imensamente a Osbert Sitwell. Outro

bacteriologista/poeta foi Max von Pettenkofer (1818-1901), da Bavária, parecido com Vitor Hugo, que cometeu suicídio. Von Pettenkofer duvidava com tanto ardor da descoberta de Koch, em 1884 — que a cólera era causada por um germe móvel, com a aparência de uma vírgula — que tomou publicamente um copo inteiro de água contaminada. Ao contrário de Tchaikovsky, ele saiu ileso.

A teoria de Sir Ronald Ross foi definitivamente comprovada por Manson. Ele fez com que um jovem fosse picado por mosquitos, e o jovem apanhou a malária; esse jovem era seu filho. O império imediatamente declarou guerra ao mosquito, devastando seu habitat, matando-o em pleno vôo, protegendo seus alvos com repelentes. Os americanos, como em duas outras ocasiões, acompanharam o império nessa luta.

A companhia francesa que começou a construção do Canal do Panamá, em 1880, faliu em 1888. Tinha empregado 86.800 homens, dos quais 52.816 adoeceram e 5.627 morreram, quase todos de febre amarela. A febre amarela é uma icterícia explosiva, uma doença viral transmitida pelo mosquito tigre, listrado. Isso foi provado repetindo-se a tradição Manson por dois bacteriologistas de Baltimore, James Carrol (1854-1907) e Jesse Lazear (1866-1900), ambos picados por mosquitos infectados. (Carrol se curou, Lazear morreu.)

O chefe de estratégia americana na guerra do canal foi o major Walter Read (1851-1902), um bacteriologista da Universidade Johns Hopkins que já havia exterminado o mosquito em Havana. Seu comandante de campo era o enérgico Coronel William Crawford Gorgas (1854-1920), de Mobile, que havia sobrevivido a um ataque inimigo quando servia como cirurgião do exército, no Texas. O Coronel Gorgas entrou em ação com lança-chamas, grupos de ataque, guerra química, armadilhas aquáticas e multas por abrigar o inimigo, matando com clorofórmio todos os prisioneiros. O preço da sua ofensiva foi calculado em 10 dólares por mosquito. Quando o canal foi aberto, em 1913, a Zona do Canal — em relação ao índice de mortalidade — era duas vezes mais saudável do que os EUA na época.

A mosca tsé-tsé, com dois centímetros de comprimento, marrom, sugadora de sangue, transmite aos seres humanos a doença do sono, uma

das muitas do vasto reservatório de doenças provocadas nos animais selvagens pelo protozoário de cauda longa, o tripanossoma. O tripanossoma foi descoberto no sangue dos doentes em 1849 por Sir David Bruce, depois que ele foi transferido de seu posto em Malta para a Zululândia. A mosca tsé-tsé foi notada por David Livingstone (1813-73), ex-operário de Glasgow, médico, missionário, explorador, descobridor da grandiosa Catarata Vitória e que durante 30 anos sofreu de uma fratura não soldada no braço, causada por uma mordida de leão. Ele vira a mosca em 1857, 14 anos antes de se perder na selva.

Hoje, um terço das mortes no mundo tem alguma relação com moscas.

FÁBULAS FEBRÍFUGAS

Os acessos de febre da malária, de dois em dois ou três em três dias, indicam o tempo necessário para que quatro tipos diferentes de parasitas realizem seu ciclo reprodutor assexuado, no sangue. O ciclo sexual é realizado dentro do mosquito. O quinino, com seu gosto extremamente amargo, era o remédio para a malária desde o século XVII. Tradicionalmente era chamado de “chinchona”, por causa da condessa Chinchon, que foi despachada com o marido da Espanha para o Peru e se curou da malária com a casca da árvore quina-quina, nativa do lugar. A eficiência da quina-quina foi descoberta por um paciente com febre alta. A única água que ele encontrou para beber era de um pequeno lago, onde haviam sido jogadas algumas dessas árvores e, por isso, era amarga demais para o paladar das pessoas saudáveis. A condessa mandou moer a casca e generosamente a distribuiu na cidade de Lima, antes de presentear benevolentemente a Espanha com o pó. (A condessa morreu antes de o marido ser nomeado vice-rei do Peru; a segunda mulher dele jamais ficou doente e continuou no Peru, mas a boa ficção é mais estranha do que a verdade.) A “casca dos jesuítas”, importada e adulterada com outras madeiras, foi então confiscada pela Europa inteira para curar a malária, exceto por Oliver Cromwell, por motivos religiosos.

Na II Guerra Mundial, o Império Britânico podia proteger convenientemente seus soldados com mepacrina, um medicamento que os

inteligentes químicos alemães haviam criado a partir dos corantes de cores vivas que eles sintetizaram em Wuppertal, em 1930. Espalhou-se entre os soldados, como acontece com qualquer medicamento obrigatório, o boato de que a mepacrina provocava impotência. O rumor do bromido no chá dos soldados é tão velho quanto a história dos dois Pensionistas de Chelsea admitirem que o medicamento começava a fazer efeito. A mentira foi negada por meio de cartazes mostrando paxás rodeados por suas mulheres, alegremente tomando os comprimidos e declarando que jamais ficariam sem eles. Aparentemente isso convenceu os soldados.

Agora temos melhores medicamentos preventivos contra a malária e melhores inseticidas, mas temos ainda a malária. Não podemos acabar com todos os mosquitos da Tailândia e da Malásia. E os parasitas estão começando a se defender dos medicamentos. Exatamente como os germes combatidos pelos homens na década de 1880.

LUZ DO SOL E LUAR

O sol que brilhava ininterruptamente sobre o império britânico preocupava Whitehall tanto quanto o demônio preocupa o Vaticano. Os ingleses precisavam se expor a ele — alguém precisava conter o cachorro louco — porém o *sahib* não podia se arriscar a morrer de insolação. “Proteção adequada para a cabeça, os espessos capacetes de polpa de madeira ou de cortiça são essenciais”, ensinava o manual médico-padrão do império, no ano da batalha de El Alamein. “Forros para proteger a nuca são importantes, bem como leques e guarda-sóis.” Os americanos, que não tinham um império, andavam pela África toda com as cabeças descobertas. Isso encorajou os oficiais médicos do General Montgomery, na campanha do deserto, a se desfazer do capacete de cortiça, pois os espiões de Hitler que observavam no outro lado das pirâmides informavam exatamente o número dos soldados que chegavam da Grã-Bretanha contando os capacetes que desfilavam pelas ruas do Cairo.

Esse medo do sol afetou o jogo favorito do império. As acomodações em qualquer pavilhão de críquete, hoje em dia, bem como o do próprio *Lord,*

não são atingidas pela luz do sol. Os que ficam no lado oposto são obrigados a enfrentar o perigo de uma insolação, nos lugares mais baratos, para assistir às partidas de campeonato. Nas festas ao ar livre e piqueniques, as damas eduardianas envolviam-se em musselina e tule e giravam seus guarda-sóis, defendendo-se da gloriosa inconveniência. Do meio para o fim do século, gradualmente as damas passaram a tirar toda a roupa sob os raios do sol, e agora estão-se vestindo outra vez, freneticamente. A sabedoria de continuar mortalmente branca depois dos feriados começa a ser aceita, em face da realidade comprovada do mal que o sol pode fazer à pele.

A insolação não é causada pela luz do sol, mas por deficiência de sal. Isso foi perfeitamente ilustrado por *Sir* Victor Horsley (1857-1916), o cirurgião de cérebro, de Londres, que inventou a cem Horsley para controlar a hemorragia craniana. A cera era uma adaptação da cera de modelagem. O pai de Horsley era um membro da Academia Real que se opunha ferozmente aos modelos nus. *Sir* Victor condenava também o fumo e o álcool. Ele afirmava com determinada convicção que a insolação era causada pelos elegantes goles de bebida, e não sair para o sol sem seu capacete de cortiça. Ele provou isso na Mesopotâmia, saindo com a cabeça descoberta, e logo depois morreu de insolação.

ESTIMULANDO OS FAGÓCITOS

“O médico do futuro será um imunizador", ousadamente profetizou *Sir* Almroth Wright (1861-1947), professor no Colégio de Medicina Militar Britânico, em 1900, e amigo do irlandês George Bernard Shaw. Mais tarde Shaw freqüentemente tomava chá com Wright no Departamento de Inoculação do Hospital Santa Maria, em Londres. Shaw se inspirou em Wright para criar seu personagem estimulador de fagócitos, *Sir* Colenso Ridgeon, em *Dilema de um médico. Sir* Almroth saiu do teatro no meio da peça, na noite de estréia.

A guerra da África do Sul, de 1899-1902, o primeiro dobre de finados para o Império Britânico, não foi ganha com os rifles antiquados dos fazendeiros *boers,* mas pelo bacilo da febre tifóide. Em cada grupo de mil

soldados enviados para a Cidade do Cabo, a febre tifóide matou 15, duas vezes mais do que o inimigo conseguiu matar. *Sir* Almroth Wright criou a vacina, injetando o bacilo do tifo atenuado para criar resistência ao bacilo verdadeiro. O exército zombou da invenção. *Sir* Almroth desistiu. Na I Guerra Mundial, o exército teve tempo para estudar a idéia e poucos morreram de febre tifóide, mesmo em Galipoli, assolada pela doença. O exército foi vacinado contra tétano também, causado pela terra que entrava nos ferimentos. Na II Guerra Mundial esse perigo praticamente não existia porque os tanques, ao contrário dos cavalos, não defecam.

O cavalo inoculado, com sua tradicional boa vontade, produz uma grande quantidade de anti-soro para combater os mesmos germes que estão dizimando seus donos. Essa inoculação *passiva* não funcionou contra a pneumonia lobar. Contra uma assassina de crianças, a difteria, funcionou. A difteria poderia ter sido abolida pela inoculação *ativa,* como a febre tifóide, no exército, depois de 1926. Mas ninguém se importou muito com o assunto até 1940, assim 50.000 civis, mais do que na *blitz,* morreram desnecessariamente por descaso.

Sir Almroth Wright, aos 80 anos, sofreu a humilhação de negar sua autoconfiança da juventude. Ele confessou, arrasado, para a Real Sociedade de Medicina, a “necessidade de ignorar muita coisa na imunologia, considerada como garantida”. As sulfas e a penicilina estavam massacrando os germes que ele tão engenhosamente havia voltado contra eles mesmos. Ele teria morrido mais feliz se tivesse visto a imunização desfechada contra os vírus do sarampo, da rubéola (que ameaça a gravidez), da coqueluche, da pólio, da hepatite e das mesmas doenças contra as quais ele lutou entre as guerras. A imunização está de volta. Os germes podem-se voltar astuta e selvagemente contra seus atacantes químicos, e o homem está interferindo com sua imunologia pela introdução dos transplantes.

O DESEJO DE MATAR

Rara nos aterrorizar, nossos agressores unicelulares podem recorrer a aliados poderosos. Os mosquitos são suas divisões voadoras. O rato, rápido

e astuto, é seu portador pessoal, cheio de pulgas ágeis. Os piolhos, com suas garras tenazes, são os veículos blindados da infecção.

Nosso conhecido Hieronymus Frascatorius, de Verona foi o primeiro a reconhecer o tifo exantemático, “a febre pintada", súbita, devastadora, com uma erupção vermelha e um índice de morte de 20%. O americano Howard Taylor Ricketts (1817-1910) descobriu que era causado por um dos organismos semelhantes aos vírus que só existem no interior das células vivas e que foram denominados rickettsias, em sua honra — muito justamente, porque ele morreu de tifo exantemático, na Cidade do México, no mesmo ano da sua descoberta. A *rickettsia prowazeki* é o organismo específico causador do tifo — e Stanislaus Josef Mathias von Prowazeki (1875-1915), de Hamburgo, morreu dessa doença também. Os micróbios são sugados do homem infectado pelo piolho, que salta para outro hospedeiro humano e deposita suas fezes infectadas na pele, e o homem começa a coçar desesperadamente o local. O pobre piolho fica vermelho e morre também.

Ha! onde vais, pequeno rastejante!
Tua imprudência te protege muito pouco,

escreveu Robert Burns em “A um piolho”, com sua habitual e profunda simpatia por todas as pequenas criaturas, com sua gratidão por seu exemplo, e (para um inglês) com sua incapacidade de compreender.

O que traz piolho, traz tifo: guerra, seres humanos vivendo em promiscuidade, sujeira, falta de água e material de limpeza, falta de uma camisa limpa para vestir. Como “febre das prisões”, no século XVI, os piolhos mataram a metade dos prisioneiros e esportivamente liquidaram os juízes, saltando para suas cadeiras. Na prisão de Old Bailey, em 1750, executaram três juízes, o prefeito de Londres e oito jurados. Deve ter havido muita risada na Prisão de Newgate.

Em 430 a.C., o tifo em Atenas complicou a Guerra do Peloponeso e matou Péricles (pode ter sido a peste ou a varíola, não podemos confiar no diagnóstico de Tucídides). Na Antióquia, em 1098, o tifo e a disenteria dizimaram os cruzados, homens e cavalos. O medo generalizado da

infecção fez maravilhas para o índice de conversão ao cristianismo, especialmente porque o único recurso da saúde pública era o exorcismo. Durante a Guerra dos Trinta Anos, os dois lados posicionaram-se para a batalha de Nurenberg, em 1632, mas o tifo matou tantos antes de começar a luta que tiveram de desistir.

O tifo atormentou os cavaleiros do Rei Charles, em Oxford, e em 1741 capturou Praga para Luís XV. Com o General Inverno e sua tenente, a disenteria, o tifo conseguiu a retirada dos franceses de Moscou. (Foi a disenteria que acabou com o cerco de Bagdá, em 1439, e o de Metz, em 1553, e o vitorioso de Agincourt morreu do “fluxo sangüíneo" em Vincennes, em 31 de agosto de 1422.) Lenin perdeu 3 milhões de novos camaradas com tifo, em 1918-22. O tifo reforçou as selvagerias da II Guerra Mundial nos campos de concentração, nos acampamentos de refugiados e nos postos do exército, embora os aliados tenham derrotado o piolho antes dos nazistas, acabando com a epidemia em Nápoles, em 1944, usando o DDT, um inseticida que hoje faz eriçar os cabelos dos Verdes como talos de centeio.

Uma epidemia de tifo entre os tecelões da Alta Silésia, em 1848, foi investigada para os prussianos por Rudolf Virchow (1821-1902), do Charité Hospital, de Berlim. Seu relatório denunciava tão detalhadamente as condições higiênicas e de vida em geral dos habitantes do local, e propunha com tanta clareza o estado generoso como único remédio, que os prussianos o despediram. Ele foi eleito para o Reichstag, tendo como opositor Bismarck, organizou o Serviço de Ambulâncias da Guerra Franco-Prussiana e fez dos esgotos de Berlim motivo de inveja de toda a Europa.

Esse pequeno professor, fanfarrão e vigoroso, tornou-se um proeminente médico europeu, o que primeiro descreveu a leucemia e era especialista em embolia pulmonar, lúpus da face, gota, tatuagem e arqueologia de Tróia. Ele criou a frase *Ommis cellula e cellula* — nenhuma doença cria as próprias células, todas são células comuns do corpo humano, mas alteradas pela doença. Ninguém havia pensado nisso antes. Quando Jean Louis Armand de Quatrefages (1810-92), do Museu de História Natural de Paris, escreveu um panfleto qualificando os prussianos como um bando de mongóis bárbaros (eles acabavam de bombardear seu museu), Virchow, com fúria

solene, lembrou a cor do cabelo e o formato dos olhos dos 6 milhões de escolares alemães. Seu octagésimo aniversário foi declarado feriado nacional; portanto, no fim, os prussianos o amaram.

A MORTE NEGRA

Agora as pulgas.

Albert Camus, em 1947 começava *La Peste* falando sobre Oran:

Quando saía da cirurgia, na manhã de 16 de abril, o Dr. Bernard Rieux sentiu alguma coisa macia sob o pé. Era um rato morto bem no meio do patamar da escada. Num impulso de momento, ele o chutou para o lado e, sem pensar mais no caso, continuou a descer a escada. Só quando estava na rua lembrou que não deveria haver um rato morto no andar de sua cirurgia.

Quando voltou para casa, naquela noite, o Dr. Rieux encontrou um rato quase morto, expelindo sangue pela boca. O animal deu um grito agudo e morreu. No dia seguinte havia três ratos mortos no seu corredor. Logo dezenas deles foram encontrados nas latas de lixo de Oran. Depois, milhares, por toda a parte. No fim de duas semanas, num só dia 6.231 ratos haviam sido queimados pelo serviço sanitário. Dois dias depois, foram 8.000. O povo começou a ficar preocupado.

Assim como os ratos abandonam o navio que está naufragando, a pulga abandona o rato que está morrendo. Se o rato morre de peste, então o micróbio *Pasteurella pestis,* pequeno, gordo, que forma uma cadeia e que infesta o sangue da última refeição da pulga, fica nauseado — que nojo! — quando a pulga pica o seguinte, quase sempre um homem. Daí a Morte Negra de 1348.

A Morte Negra começou nas praias do montanhoso Lago Issyk-Kul, a leste do Mar de Arai, além de Tashkent, no canto entre a Rússia e a China, ao norte do Himalaia. Em 1346, a Morte Negra estava matando indianos, armênios, tártaros e curdos, o que não preocupou muito pessoa alguma na

Europa. No ano seguinte ela chegou á Criméia, depois a Messina, na Sicília, levada pelos ratos das galeras genovesas. Em seguida, Gênova, Pisa e Veneza. Depois disso, nada mais podia contê-la. No Natal de 1348 foi importada para a Inglaterra, através de Bristol, e um ano depois tinha varrido as Terras Altas da Escócia. Os médicos armaram-se com longos aventais de couro, luvas e protótipos das máscaras contra gases do ano de 1939, com óculos de aviador e anti-sépticos aromáticos no tubo de ar. Os pacientes queimavam ervas e cantavam salmos. A mortalidade entre os religiosos que atendiam os doentes foi heróica.

Foi chamada Morte Negra porque os mortos ficavam pretos. Sangravam horrivelmente ao nível da pele. Havia dois tipos, a bubônica, com os glânglios da virilha e das axilas intumescidos como laranjas podres, os terríveis "bubos”, ou a pneumônica, transmitida pela respiração, uma pneumonia hemorrágica, com morte certa e rápida. Boccaccio observa:

> Quantos homens valentes, quantas damas graciosas, tomavam o desjejum com a família e naquela mesma noite jantavam com seus ancestrais no outro mundo.

Em covas abertas apressadamente eram enterrados os corpos putrefatos, malcheirosos e ameaçadores, 25 milhões deles na Europa, um quarto da população. Metade de Londres pereceu, talvez umas 50.000 pessoas. Ninguém sabia o que causava a peste, mas acreditavam que os judeus estavam envenenando os poços de água.

Teria sido tão horrível assim? Em 1988, dois cemitérios de emergência cavados em 1348 foram encontrados em Londres, perto da Torre e em Smithfield. Eram longas valas em camadas sensatamente cobertas de terra, para não enterrar corpo sobre corpo. Os corpos eram cuidadosamente arrumados e cobertos com uma fina camada de terra, com sepulturas separadas para as crianças. Esses cemitérios demonstram um admirável senso de previsão dos responsáveis pela cidade, quando a peste começava a chegar, vinda do oeste do país. Os 12.400 ocupantes das valas — possivelmente a maior parte das vítimas de Londres — indicam que a tragédia foi menor do que conta a tradição.

Durante a década de 1330, a Europa já estava em recessão econômica, o comércio praticamente estava parado e os preços caindo, guerras e

desordens urbanas prejudicavam o comércio, a colheita era precária e o preço dos alimentos subia como um foguete. Veio a fome, e os pobres comiam os cachorros. Pelo menos, a Morte Negra resolveu o problema de superpopulação da Europa.

Depois da batalha de Bosworth, em 1485, a coroação de Henrique VII foi impedida pela doença do suor. Foi a única coroação adiada por causa de doença, até a de Eduardo VII no verão de 1901. *Sudor Anglicus* era uma doença misteriosa. Os doentes suavam e tremiam de frio, exalavam um cheiro estranho e desagradável e morriam em urn dia. Foi registrada por John Caius (1510-73), o médico que transformou o Gonville Hall, em Cambridge, em Gonville e Caius College, praticamente fazendo de|e um colégio de medicina. Caius foi médico da corte desde o reinado de Henrique VIII até o de Elizabeth I, mas um apóstata da Reforma. Os colegas de Caius descobriram seus trajes católicos e os queimaram em praça pública, e então ele levou seus colegas para a praça pública, presos ao tronco. Seu túmulo na capela do colégio diz apenas: *Fui Caius.* Ele escreveu também *Of English Dogges.*

Os sinos da praga soaram outra vez em Londres, em 1563, dizimando um quinto dos seus 93.000 habitantes, e em 1575, 1593, 1603, 1625 e 1636, cada vez diminuindo de 20.000 a população de Londres. A epidemia da Morte Negra mais comentada na literatura é a Grande Peste de Londres.

Em 1661 a peste voltou à Turquia, em 1664 matou um quinto da população de Amsterdã e chegou a Flandres. No mês de dezembro, dois franceses morreram em Drury Lane, e no mês de junho do ano seguinte, Samuel Pepys escrevia:

> Em Drury Lane eu vi duas ou três casas marcadas com uma cruz vermelha na porta, e a frase "O Senhor tenha piedade de nós" — um triste espetáculo para mim, que o via pela primeira vez.

Ele comprou tabaco e mascou, para acalmar os nervos.

A cruz vermelha regulamentar tinha 30 centímetros de altura, a casa era selada e vigiada por 40 dias, doentes e sãos aprisionados juntos, comida e medicamentos deixados medrosamente na frente da porta. Os únicos visitantes eram os bravos médicos que não haviam fugido de Londres com

o rei, mulheres velhas, “examinadoras”, cuja função consistia em descobrir os "sinais” nos corpos dos mortos — manchas vermelhas na pele — para determinar do que tinham morrido, e os enfermeiros que roubavam dos corpos e às vezes, impacientes, os estrangulavam ou passavam o pus das suas feridas nas pessoas sãs para matá-las depois.

Nathaniel Hodges (1629-88), um médico que descrevia com jovialidade situações mais trágicas, conta com humor o caso da enfermeira que, depois da morte de toda a família que ela tratava, saiu da casa carregando os objetos roubados e caiu morta na rua. Outra enfermeira roubou a roupa do paciente agonizante. Mas ele se recuperou e voltou à vida completamente nu.

O Dr. Hodges tornou-se imune à doença chupando pedaços de canela, enquanto examinava os pacientes, comendo grandes quantidades de carne assada e picles (“na verdade, naquele tempo melancólico havia na cidade grande abundância de todas as coisas boas dessa natureza”) e tomando um copo de vinho branco, seco e forte, da Espanha, antes do jantar, mais alguns copos durante a refeição e depois do dia de trabalho “tomando com prazer minha bebida predileta, que me ajudava a dormir e proporcionava a respiração fácil dos poros durante toda a noite. A gratidão me obriga a fazer justiça às virtudes do vinho branco e sua merecida classificação entre os principais antídotos”. Para ele, o melhor vinho era o de meia-idade — limpo, fino, claro, vigoroso e com um leve sabor de nozes.

Nathaniel Hodges tratava seus pacientes com raízes de serpentaria da Virgínia, sapo seco e doses da água da peste, do Colégio dos Médicos, uma mistura absurda de 21 medicamentos. Quando a peste terminou ele ficou sem pacientes, empobreceu, foi preso em Ludgate por dívidas e morreu na prisão, em 1688. Um exemplo dos perigos da especialização radical.

“Tragam seus mortos!” soava a voz nas ruas, acompanhada pelo dobre dos sinos, quando as ofertas eram atiradas aos montes nas valas. Os cães, suspeitos de transmitir a peste, foram massacrados. Os ratos tiveram mais sorte. No úmido mês de setembro de 1665, quando em Londres morriam 12.000 pessoas por semana, os patriarcas da cidade mandaram acender fogueiras nas ruas durante três dias seguidos, para purificar o ar. Mas o céu,

chorando seus mortos, as extinguiu. Os médicos não haviam concordado com essa idéia, que consideravam supérflua, teatral e dispendiosa. Exatamente um ano depois, o Grande Incêndio levou exatamente o mesmo tempo para provar que os médicos estavam errados.

O relato de Daniel Defoe, *Diário do ano da peste,* publicado cm 1722, era uma artística obra de ficção, como *Robinson Crusoe.*

A FORMA DAS PESTES DO FUTURO

For mais de um século a peste bubônica matou indiscriminadamente em Malta, Viena, Praga, Varsóvia e Copenhague. I.m 1720 dizimou quase metade da população de Marselha. Na década de 1930 estava matando ainda em Uganda, onde haviam plantado algodão e a semente armazenada aumentou sensivelmente o número de ratos na região.

A peste começou a diminuir, mas houve quatro graves epidemias de gripe na Grã-Bretanha, no século XVII, 10 no século XVIII, seis no século XIX e, no século XX, a pandemia de 1918, que matou 0,5% da população da Grã-Bretanha e dos EUA e 25 milhões de pessoas no mundo todo. A guerra, há pouco terminada, havia matado 8.538.313 soldados, portanto o vírus da gripe matou três vezes mais em um quarto do tempo que durou a guerra. Então esse tipo de vírus mortal da gripe desapareceu. Talvez tenha recuado para os porcos, de onde pode voltar de modo alarmante, como voltaram os vencidos da Grande Guerra.

Nada cura a gripe. Porém, hoje, os antibióticos podem evitar a pneumonia, assim como podem deter o tifo, a disenteria e a peste bubônica. Na nossa parte confortável do mundo, onde estamos acostumados com a limpeza e com os médicos, e onde os bacteriologistas subiram de posto para se tornar “microbiologistas”, os vírus atacam especialmente os computadores. Podemos olhar com complacência para a peste.

Podemos?

Em 1967 o mundo se espantou com o aparecimento de uma nova doença. Era trazida pelos macacos verdes importados para experiências de laboratório num instituto de pesquisa em Marburg, na Alemanha Ocidental. Sete seres humanos morreram, entre o pessoal do laboratório e as enfermeiras que trataram deles. Os macacos trouxeram um vírus desconhecido da África Central, de algum lugar ao norte do Lago Vitória, provavelmente originário da aranha de teia de túnel, um inseto que, evidentemente, deve ser evitado. Dessa área — onde, infelizmente, o sexo não é feito exclusivamente em colchões Terra dos Sonhos e atrás das cortinas de Laura Ashley, quando terminam os programas da televisão — veio o vírus da AIDS Não há cura para nenhum desses vírus importados. Nem vai haver cura para outro, e mais outro, que aparecerão misteriosamente para nos dar mais uma forma de morte...

H.G. Wells, um século mais tarde, confortavelmente instalado na máquina do tempo, está muito ocupado com a série sobre os marcianos.

Existem algumas bactérias bondosas. Elas ajudam o crescimento dos legumes que os homens comem, e da relva do pasto que o gado come. Sem as bactérias, talvez jamais pudéssemos ter o prazer de comer ervilhas, feijão, nem o assado dos domingos.

CAPÍTULO 3

Descobertas no escuro

As grandes descobertas da medicina aconteceram sem que se tivesse a menor idéia do que estava sendo descoberto.

O MÉDICO E A ORDENHADORA

Ouçam Thomas Hardy:

> A estação se desenvolveu e amadureceu. Na casa do leiteiro Crick, o grupo de empregadas e empregados vivia confortável e placidamente, até mesmo com alegria. Sua posição era talvez a mais afortunada na escala social, começando acima da linha em que termina a pobreza e terminando abaixo da linha em que as convenções começam a prejudicar os sentimentos naturais, e as exigências da moda acham pouco o suficiente.

A ordenha era feita muito cedo, e antes da ordenha vinha o desnata mento, que começava um pouco depois das três. Um pouco depois do café da manhã houve uma grande agitação na casa do leite. A centrífuga girava como sempre, mas a manteiga não aparecia. Sempre que isso acontecia, tudo se paralisava. O leite farfalhava no grande cilindro, mas nunca ouviam o ruído que esperavam ouvir.

Um vulto apareceu de repente na porta. Curiosa, a jovem saiu da penumbra luminosa e singular para a luz que inundava o campo aberto. I.á estava um belo cavalheiro com calça de couro de gamo e botas altas com esporas de prata, de mais ou menos 45 anos, rosto saudável, cabelo claro e farto, boca bondosa e cordial e olhos azuis zombeteiros. Os dentes, lábios e olhos da jovem cintilavam à luz do sol, ela era outra vez a bela ordenhadora de cabelos louros que tinha de se defender de todas as outras mulheres do mundo.

“Muito bem, minha bela, o que posso fazer por você?” disse ele. Fia se curvou numa cortesia. “E como a chamam?"

“Tess”, senhor.

“É uma bênção que rosto tão lindo tenha escapado da sanha selvagem tio animal pintado, a varíola”, disse ele, com um sorriso agradável.

“Mas eu não posso apanhar a varíola, senhor, porque já tive a varíola bovina.”

O cavalheiro bateu com o punho fechado na palma da outra mão e exclamou em voz muito alta, como um cisne espantado,
“Por Deus! Descobri!”

Ela quase saltou dos tamancos, de tão assustada.

Assim, um dos mais significativos escritores da Inglaterra (e um dos mais insignificantes) descreve a descoberta da vacina por Edward Jenner (1749-1823).

O ÚBERE BENEVOLENTE

A pele das jovens ordenhadoras inglesas foi admirada e cantada em poemas e canções desde o século XVI. No século XVIII, as ordenhadoras de Gloucestershire começaram a descobrir — com mais resignação do que aborrecimento, e nunca alarmadas — manchas nos seus braços e nas mãos

que todas as manhãs apertavam as tetas das vacas. As manchas eram causadas pelo contato com as feridas da varíola bovina, uma infecção comum do úbere das vacas leiteiras. Depois de uma semana, as manchas se transformavam em pústulas e as jovens passavam por um mal-estar passageiro, como a gripe. Porém, uma vez secas as feridas a cicatriz significava que estavam imunizadas contra a varíola humana. E as únicas ordenhadoras que nunca apanharam a varíola bovina eram as que, por sorte, sobreviveram à varíola humana.

Essa curiosidade imunológica era conhecida há anos naquela região — os senhores de terras com seu *brandy* nos copos de cristal, os pequenos proprietários rurais com seus cachimbos de argila sem dúvida discutiam o assunto em volta do fogo, nas noites de inverno. Ora, em Dorset, em 1774, o fazendeiro Benjamin Jesty havia infectado a mulher e o filho com a varíola bovina, transferindo o pus diretamente do úbere inflamado. Em 1765, o Dr. Fewster havia até mesmo chamado a atenção da Sociedade de Medicina de Londres para a rústica coincidência, mas ninguém deli importância.

No sábado, 14 de maio de 1796, o Dr. Jenner, de Berkeley, um povoado na margem do rio Severn, entre Gloucester e o próspero porto de tráfico de escravos, em Bristol, apanhou uma porção de pus das feridas infectadas com varíola bovina de Sarah Nelmes, filha de fazendeiro, e por meio de duas pequenas ranhuras na pele do braço infectou James Phipps, de oito anos de idade. Sarah tinha três pústulas abertas isoladas, de dois centímetros e meio de largura, no dedo indicador, na ponta do polegar e no pulso da mão direita. Eram azuladas com as bordas altas, e os gânglios das suas axilas estavam intumescidos. Sarah havia arranhado a mão com um espinho e o ferimento inflamou gravemente, corno o primeiro paciente de Florey tratado com penicilina, 145 anos depois.

Jenner havia estudado essa idéia durante 20 anos antes de se arriscar a fazer a perigosa transferência. Durante esse tempo ele entediou tremendamente os sócios do clube local, *Convivio-Medico,* talando no assunto. Os médicos, tomando seus claretes, resmungavam, mandando Jenner ficar quieto — como Alexander Fleming, 130 anos mais tarde, entediava os membros do Clube de Pesquisas, cm Londres, falando sobre

seu suco de bolor que dissolvia as bactérias. A diferença era que Jenner gostava de imaginar a realização prática da sua idéia, e Fleming não.

No dia 1º de julho, Jenner arranhou levemente o braço do menino James com pus de varíola humana. Nada aconteceu. Ele repetiu a dose depois de alguns meses. Mais uma vez, nada aconteceu. Jenner acabava de inventar a *vacinação* (nos antigos campos romanos, a *vacca* pastava e mugia). Mas Jenner não estava desafiando cruel ou desnecessariamente o risco do fracasso, ou seja, da morte do menino por varíola induzida no seu organismo. A *inoculação* com pus de varíola humana, não com o pus da varíola bovina, já existia há muito tempo entre as belas ordenhadoras.

Os chineses antigos talvez praticassem a inoculação contra a varíola aspirando uma quantidade de pus. Os turcos certamente praticavam a inoculação há várias gerações. Eles davam pequenas festas, nas quais velhas mulheres, usando agulhas, os inoculavam com o veneno da varíola humana guardado numa casca de noz. Essas funções sociais entusiasmaram a mulher do embaixador britânico em Constantinopla, *Lady* Mary Wortley Montague (1689-1762). Ela tivera varíola aos 26 anos, e ficou desfigurada por toda a vida.

Agora a beleza se foi, e não existem mais amantes
Não existe nenhuma pomada capaz de salvar uma jovem trêmula?

suspira ela num poema patético.

Seu irmão mais novo tinha morrido de varíola. Ela resolveu determinadamente inocular o filho de seis anos contra a varíola, em 18 de março de 1718. *Lady* Montague avidamente importou a técnica dos turcos para a Inglaterra, onde foi oferecida como o que chamavam escolha de Hobson — uma escolha sem alternativa real — a seis criminosos condenados à morte. Acontece que foi uma deliciosa alternativa para a forca. A satisfação dos médicos foi igual ao desapontamento dos carrascos. Um dos condenados ocultou o fato de já ter tido varíola humana e, portanto, já estar imunizado. Além disso, para controle clínico, um deles recebeu o

lendário tratamento dos chineses, aspirando as pústulas secas, teve varíola muito fraca e se salvou da forca. Era uma jovem de dezoito anos.

Vários membros da família real, animados com o exemplo dos seus súditos criminosos, foram inoculados também. Logo, todo mundo estava fazendo o mesmo. Os médicos arranhavam levemente a pele do braço e passavam um fio de linha embebido no pus da varíola humana. O que, com sorte, provocava uma varíola leve e imunizava para toda a vida. Com pouca sorte, provocava uma varíola virulenta e matava. A Igreja objetou, dizendo que estavam tirando o poder das mãos de Deus.

A AMEAÇA PINTADA

O século XVIII foi o século do terror da varíola. No fim do século anterior tinha havido epidemias na Inglaterra e na Nova Inglaterra onde, dizimando os pele-vermelhas por atacado, ajudou os “caras-pálidas" a herdar a América. A varíola atacava famílias inteiras. O autor de um diário, John Evelyn, em 1685 perdeu

duas filhas, Mary em março e Elizabeth em agosto. Aprendizes e meninos espertos que procuravam emprego deveriam ter tido varíola, para evitar que apanhassem a doença e a passassem para seus empregadores. As empregadas domésticas anunciavam sua recuperação da doença com o mesmo orgulho com que afirmavam sua sobriedade, os bares informavam que eram bem ventilados e livres da varíola que matava uma em cada cinco pessoas que a apanhavam, e quase todo mundo teve varíola. Em 1746, 3.236 londrinos morreram na epidemia de varíola. As vítimas eram enterradas à noite, num clima de terror, tendo uma carroça como carro fúnebre, o sino parando de tocar quando o encarregado do enterro ficava sóbrio e fugia. Porém, as marcas da varíola eram úteis para identificar maridos fujões e criminosos, como aconteceu com Dick Turpin, em 1739.

Logo começaram a brotar em Londres inoculadores elegantes, como o quacre Thomas Dimsdale (1712-1800), que foi chamado em 1768 para inocular Catarina, a Grande, da Rússia e seu filho, o Grã-Duque Paulo. A idéia foi de Voltaire. É difícil imaginar se isso reprimiu ou fortificou sua

idéia de que os médicos dão medicamentos que mal conhecem, para curar doenças que conhecem menos ainda, para seres humanos dos quais não sabem absolutamente nada. Dimsdale recebeu 10.000 libras adiantadas, 2.000 para despesas, uma pensão de 500 libras e um baronato na Rússia. Uma aposta alta, mas os pacientes não seriam seus únicos casos fatais se a coisa não desse certo (Dimsdale preparou cuidadosamente seu caminho de fuga). Ele inoculou 200 russos, e seu primeiro paciente foi um menino, que a imperatriz ordenou fosse rebatizado com o nome de "Vaccinoff", o pobrezinho.

Robert Sutton (?1708-88) e seu filho Daniel inoculavam mais prudentemente com uma picada, não uma incisão, e criaram casas confortáveis para a inoculação, nos arredores de Londres, para o tempo do inevitável leve ataque da doença, com comida farta, peixe, carneiro e aves (vinho, mas não chá ou açúcar, incluído) a dois guinéus por semana. Tiveram 30.000 pacientes, com um índice trivial de mortalidade de 4% e fizeram fortuna, a despeito da inveja dos seus rivais inoculadores, da ira do Colégio Real de Medicina (Daniel não era adequadamente qualificado) e do ultraje dos vizinhos da casa de inoculação.

Os inoculadores estavam curiosos sobre uma coisa estranha: a inoculação nunca funcionava no paciente que já havia tido a varíola bovina. Jenner encontrou a resposta. Sarah era o seu 16º caso de varíola bovina. Com os outros, vistos durante 25 anos, ele formalizou a lenda de Gloucestershire:

— Pacientes de varíola bovina nunca apanham a varíola humana durante as epidemias.
— Ordenhadoras que sobreviveram á varíola humana nunca apanharam varíola bovina.
— Porém, os que têm varíola bovina podem ter essa varíola outra vez, duas ou três vezes.
— E as ordenhadoras podem passar sua varíola bovina para as vacas.

A vacinação rapidamente tomou o lugar da inoculação por ser mais segura — porque não causava varíola — e socialmente preferível, porque os doentes de varíola bovina não podiam transmitir a varíola humana, e o

paciente inoculado com a forma fraca da varíola, podia. Em 1840, a inoculação passou a ser crime.

UM CAVALHEIRO DO CAMPO

Edward Jenner era filho do vigário de Berkeley, e sua mãe era filha do vigário anterior. Com 13 anos foi ser aprendiz de um cirurgião na Chipping Sodbury, mas tornou-se mais do que um clínico geral rural, uma prática arriscada. No Hospital São George, em Hyde Park Corner, ele foi um dos melhores alunos de John Hunter (1728-93), o homem que transformou a cirurgia de ofício de barbeiro em ciência. Hunter era anatomista de criaturas grandes e pequenas, ele dissecava desde abelhas até baleias. Os 13.000 espécimes do seu museu em Leicester Square incluíam o famoso esqueleto do gigante irlandês, senhor Byrne, que Hunter desejou durante toda a vida e acabou comprando por 500 libras, usado (*Sir* Joshua Reynolds reproduziu a cena). Hunter era um escocês desdenhoso e cheio de orgulho, um professor temido que, diziam os estudantes, tinha um esqueleto que certa vez levou para a classe, para poder começar a aula dizendo: “Cavalheiros”. Ele tinha sífilis, inoculada por ele próprio para provar que era diferente da gonorréia (essa era a história que ele contava). E angina, sobre a qual sempre observava: “Minha vida está nas mãos de qualquer salafrário que queira me provocar e me irritar." Até que isso aconteceu numa reunião dos diretores do São George. John Hunter foi enterrado em St Martin-in-the-fields, mas foi exumado em 1859 e transportado para a Abadia de Westminster, todas as despesas da remoção pagas pelo Colégio Real dos Cirurgiões.

“Por que pensar? Por que não tentar a experiência?” Era o que Hunter sempre dizia — um aforismo que, no caso de Jenner, custou a ser aceito. Os dois tornaram-se amigos pelo resto da vida. Hunter escreveu, em 1778, quando Jenner foi abandonado pela mulher:

> Devo confessar que fiquei satisfeito quando soube que você se casou com uma mulher de fortuna. Mas deixe que ela vá, não pense mais nela. Vá trabalhar para mim com um porco-espinho. Quero que apanhe um porco-espinho, no começo do inverno, verifique o peso dele, deixe-o no seu jardim e arranje algumas folhas, feno ou palha para que ele possa se

cobrir, depois verifique seu peso na primavera e veja quanto ele perdeu. Quero que mate um no começo do inverno, para ver quanto está pesando, e outro na primavera, para ver quanta gordura ele perdeu.

Nada melhor do que os espinhos de um porco-espinho para costurar um coração partido. (A dama é um mistério, embora Kleanor Clutterbuck e Judith Excell, de Wooton-under-Edge, apareçam brevemente na história da medicina como herdeiras locais desejáveis, naquela época.) Jenner tocava flauta e escreveu poesia — “Discurso para um tordo” e “Sinais de chuva”:

Os ventos vazios começam a soprar
As nuvens parecem negras, o vidro está abaixado
A fuligem cai, os *spaniels* dormem,
E aranhas saem das suas teias sorrateiramente.

e assim por diante.

Ele era um bondoso senhor rural e médico, que merecia respeito. Mais tarde construiu uma pequena casa de campo para seu paciente experimental, James Phipps, plantando pessoalmente as rosas do jardim. No próprio jardim, Jenner transformou uma pequena casa de pedra com telhado de palha, feita para dar uma aparência de selva ao local, num Templo da Vacina, onde atendia de graça os doentes pobres. A essa altura ele estava transferindo de pessoa para pessoa, e a vaca tomou-se redundante.

PARE A VACINAÇÃO AGORA!

Como qualquer idéia nova que desabrocha em qualquer sociedade ou instituição, não demorou para que as portas se fechassem para Jenner. A Real Sociedade a rejeitou altivamente:

Ele não devia arriscar sua reputação apresentando para o ilustre grupo de médicos algo que parecia tão contrário ao conhecimento estabelecido e, ao mesmo tempo, tão incrível.

Talvez eles tenham zombado do título de 33 palavras de “Um Inquérito sobre as Causas e Efeitos” etc. do seu livro fino e elegantemente escrito, que apresentava a heresia com ilustrações coloridas das mãos elegantes das ordenhadoras, 7 shillings e 6 pence.

As pessoas tinham medo de serem transformadas em vacas:

Ali, mastigando uma haste de grama, estão Jem, Joe e Mary,
Nas suas testas, oh, horríveis chifres torcidos começam a brotar;
Lá está Tom com sua cauda, e o pobre William todo peludo,
Reclinado num canto, rumina o que comeu.

dizia a canção cômica.

Mas a vacinação venceu. Em 1800, 6.000 pessoas compartilharam a felicidade das ordenhadoras. Em 1802, o Parlamento votou 10.000 libras para Jenner, em 1807 mais 20.000, uma generosidade histórica com o dinheiro dos contribuintes. Ele se tornou um Homem Livre de Londres e médico de Oxford, e foi membro honorário da Sociedade Real de Medicina, envergonhada da sua atuação anterior. Quando, em 1813, Jenner implorou a Napoleão para libertar um parente capturado, o Imperador exclamou: *"Ah! C'est Jenner, je ne puis rien recuser à Jenner."* A resposta de Jenner a tudo isso foi: "E o que é a Fama? Um traseiro dourado, para sempre castigado pelas flechas da maledicência", o que devia ocorrer com freqüência a qualquer pessoa cujo nome aparecia nos jornais.

A varíola continuou a matar. Só os nobres podiam pagar a vacinação. A solução era vacinar de graça as crianças, o que foi feito na Grã-Bretanha em 1840, e tornado compulsório em 1853 (depois da Bavária, Dinamarca, Suécia, Würtemburg e Prússia). Mas, para qualquer atividade, em qualquer parte da Grã-Bretanha logo é criada uma sociedade para impedi-la. Hoje, a Associação Scotch Whisky, em Edinburgh, bebe à saúde da Liga Nacional da Temperança, em Sheffield; os Mestres da Caça à Raposa gritam "Tally-ho!", através dos Costwolds para a Liga Contra Esportes Cruéis, no Elephant and Castle; o Clube Naval e Militar, em Picadilly, avista além do seu porto as xícaras de chá da Liga da Amizade Internacional, em Ashton, e até o Colégio Real de Cirurgiões, em Lincolns Inn Fields, tem de reconhecer a Associação de Pacientes, do East End. Assim, o espírito de Jenner, em 1867, enfrentou a Liga Antivacinação.

Cortar com instrumento agudo o braço do seu bebê pequeno e saudável, nascido há poucas semanas, e pôr nos cortes uma matéria imunda tinida de uma vaca...

dizia a Liga.

O suficiente para fazer chorar um crocodilo.

A Liga organizou uma grande demonstração em 1885, o futuro Primeiro-Ministro Belfour interveio, a vacinação tomou-se uma peça teatral com tema político e, como todas as peças desse tipo, chegou até a direção do nosso precário Serviço de Saúde. O *script* foi, a partir daí, escrito por Lewis Carroll. Os Antis chegaram a conseguir a revogação da vacinação compulsória nas forças armadas, no ano da Batalha do Somme.

Em 1899, os pais podiam objetar conscienciosamente contra a vacinação, a respeito da qual a atitude do público passou a ser de apatia, só quebrada no caso de alguma epidemia local. Mas a vacinação em massa venceu. Na II Guerra Mundial, a Inglaterra teve apenas duas mortes por varíola. O triunfo de Jenner foi paradoxalmente proclamado em 1946, quando o Ministro da Saúde da Grã-Bretanha despertou para o perigo de que as mortes infreqüentes, provocadas pela vacina, eram em maior número do que o perigo de mortes mais raras ainda, causadas pela varíola. Assim, em 1948 foi suspensa a vacinação compulsória das crianças, embora a vacinação voluntária continuasse sendo feita gratuitamente, para provar a generosidade do Serviço Nacional de Saúde.

Em 1971, a vacinação voluntária rotineira das crianças foi abolida. Em 1977, a varíola estava erradicada do mundo todo. Como é agradável terminar assim, com uma simplicidade tão gratificante.

ALGUMA COISA NO AR

Jenner tinha feito a previsão, antecipando Pasteur:

A origem da varíola é uma matéria morta, de uma espécie peculiar.

E Jenner especulou, antecipando Robert Koch:

Não será certo imaginar que muitas das moléstias contagiosas que prevalecem agora entre nós podem dever seu aparecimento não a uma origem simples, mas composta? Por exemplo, é difícil imaginar que o sarampo, a escarlatina e a inflamação ulcerosa da garganta, com pintas na pele, tenham todas vindo ria mesma fonte, supondo alguma variedade nas suas formas de acordo com a natureza tias suas novas combinações?

Jenner sabia tanto quanto uma vaca que a varíola era causada por um vírus. No microscópio eletrônico, esse vírus tem a forma de um tijolo, um dos grandes do grupo do ácido desoxirribonucléico. Ele cresce nos embriões de galinha, e a varíola é visível no fim de três dias. O vírus da varíola bovina é muito parecido, embora os vacinadores do mundo tenham se despedido das ordenhadoras e passado a usar o vírus da varíola atenuado, fazendo-o passar pelo corpo de vitelas.

Há um século, quando a cada ano eram identificados novos micróbios, os médicos estavam ainda confusos a respeito dos germes. O conceito de infecção não surgiu para eles como um glorioso nascer do sol, merecedor da contemplação científica A explosão de descobertas, detonada por Robert Koch em 1876, foi tão violenta que, ao invés de iluminar a antiquada estrutura do pensamento científico, a reduziu a ruínas.

Até os antigos “fomites" de Hieronymus Frascatorius foram lembrados para explicar aquelas misteriosas novas “partículas", as quais, ensinava vagamente o Dr. Husband, de Edinburgh, 15 anos depois de Koch: “Segundo dizem, têm vida própria, são capazes de se movimentar em fluidos, procurar alimento, crescer e morrei Algumas opiniões profissionais conflitantes:

— O Dr. Parkes explicava que a infecção não era inevitável, porque algumas pessoas não tinham no organismo o alimento adequado para essas partículas, ou esse alimento já fora devorado por elas num ataque anterior.

— O Professor Hallier dizia que as partículas eram fungos.

— O Dr. Ross citava Darwin, insistindo em dizer que as partículas eram pequenas partes modificadas que se soltavam de um indivíduo e produziam a doença aderindo a outro indivíduo.

— O Dr. Richardson achava que elas retiravam oxigênio do sangue, provocando a decomposição dos tecidos.

— O oficial médico do Conselho Privado calculava oficialmente: uma única bactéria pode procriar 16.777.220 indivíduos a cada 24 horas.

A infecção, portanto, era um assunto sem argumentos definitivos, como é o câncer hoje.

Porém, em meados do século certos desinfetantes, como o fluido do Dr. Condy, começavam a ser usados abundantemente, e os desodorantes apareceram nos manuais de saúde, antes de atingirem a sofisticação do uso nas axilas. Água de Colônia era o perfume favorito para disfarçar o cheiro extremamente desagradável e gangrenoso dos hospitais. Era preciso evitar que as "fermentações" e as "putrefações" misteriosas produzissem seus nebulosos *contagia*. Desse modo, o ácido carbólico, o permanganato de potássio e o cloro passaram a ser usados, correta e eficientemente, para evitar a infecção pelos germes que ninguém conhecia (Hipócrates tinha usado alcatrão).

O contato direto do desinfetante e do contágio era, também corretamente, visto como essencial; a simples aspersão de ácido carbólico no ar do hospital era acertadamente considerada inútil. O calor seco, a uma temperatura de 125 graus centígrados, era recomendado como o desinfetante mais eficiente de todos, o precursor da esterilização moderna. "Para maior segurança e para prevenir a infecção e outras doenças, a população deve procurar limpeza, boa ventilação e drenagem", aconselhava acertadamente o oficial médico do Conselho Privado em 1866, "e o uso de água completamente pura para beber". Florence Nightingale havia previsto isso em Scutari. Para ela, a limpeza era tudo. Durante toda sua longa vida,

Florence Nightingale encarava os germes com o mesmo desprezo com que via a supremacia masculina.

O BURRO MECÂNICO

Embora o inimigo fosse ainda desconhecido, a recomendação para matá-lo era o “hospitalismo”: a infecção, o envenenamento do sangue e a gangrena negra, que esvaziavam as salas de cirurgia nos cemitérios e clava aos sucessivos ocupantes da mesa de operação uma chance pior do que a de um soldado em Waterloo.

Joseph Lister (1827-1912), filho de um comerciante de vinhos de Londres, ainda estudante assistiu à primeira operação com anestesia realizada na Europa por Robert Liston, no Hospital Colégio da Universidade em 1846. Lister estudou a inflamação nas patas de sapos. Na sua opinião, a infecção fatal das incisões cirúrgicas não era causada pelos vagos miasmas, como pensava a crença popular, mas por algo sólido que flutuava no ar. Como Jenner, Lister antecipou Louis Pasteur que, em 1864, identificou aquelas partículas invisíveis como coisas vivas que acidificavam o vinho. Lister especulava que, se coisas sólidas faziam apodrecer os vinhos que seu pai vendia, deviam provocar a putrefação das incisões feitas por ele.

Lister tentou então destruir essa massa de germes variados no local em que o bisturi do cirurgião facilitava sua entrada usando um desinfetante no campo operatório. Ele escolheu o ácido carbólico que, sabia, tinha funcionado nos esgotos de Carlisle. Nessa época Lister era professor de cirurgia na Enfermaria Real de Glasgow, construída sobre um cemitério repleto de vítimas da epidemia de cólera. Ele resolveu experimentar sua idéia em 12 de agosto de 1865, aplicando panos embebidos em ácido carbólico na perna esquerda de Jimmy Greenless, de 11 anos, que estava com fratura exposta da tíbia.

Em seguida, Lister adaptou vaporizadores usados para perfume, manejados por um estudante, que durante todo o tempo vaporizava a mesa comum, coberta por uma toalha com borlas como preparada para o chá da

tarde, onde se processava a operação. A equipe de cirurgia usava a mesma roupa com que chegava ao hospital, e só o cirurgião arregaçava os punhos. Alguns cirurgiões usavam sempre a mesma sobrecasaca para operar, com fios de sutura presos nas casas dos botões, endurecidos com sangue e pus secos; quanto mais sujos, maior era a clientela do cirurgião. A sala de operação tinha pias de cozinha com torneiras de bronze, bancadas de banheiro com tampo de mármore para os vidros e toalhas, bacias de louça com as esponjas cheias de sangue e um balde cheio de areia, que era espalhada com uma pá no assoalho de madeira sujo de sangue. Um aquecedor a carvão aquecia a sala no inverno e facilitava a alguns cirurgiões mais conservadores o estancamento das hemorragias com ferro em brasa, como faziam seus ancestrais elizabetanos.

Lister aperfeiçoou os vaporizadores de perfume, criando seu "burro mecânico”, um tripé de madeira com um vidro de ácido carbólico vaporizado manualmente por meio de uma alavanca (o qual pode ser visto no corredor do Colégio Real dos Cirurgiões). Como não podia deixar de acontecer, logo passou a ser movido a vapor, como as locomotivas e os navios. O desconforto provocado na equipe pela nuvem constante de fenol no rosto, dia após dia, pode ser compreendido pelo jardineiro que resolve vaporizar suas árvores frutíferas num dia de vento fone. Em 1887, Lister abandonou o burro mecânico e voltou à gaze impregnada com ácido carbólico.

Em 1871, Lister operou a axila real. A rainha Vitória estava com um abcesso de 15 centímetros de largura na axila esquerda, e pior do que a dor era a indignidade de tal coisa na pessoa real. Na atmosfera impressionante da operação, feita com anestesia local, infelizmente a rainha recebeu uma baforada do vaporizador no rosto. “Eu sou apenas o homem que maneja os foles”, protestou, arrasado, o assistente alvo da ira real. Lister se gabou delicadamente, depois da morte da rainha: "Acredito que eu fui a única pessoa que jamais praticou no seu corpo divino a arte da cirurgia.” Para os amigos, ele disse: “Cavalheiros, eu fui o único homem que enfiou uma faca na rainha!”

No seu septuagésimo aniversário, Lister conheceu Pasteur, apresentado pelo presidente Carnot, na Sorbonne. “Não existe no mundo todo um

indivíduo a quem a ciência deva tanto quanto ao senhor", disse Lister elegantemente para Pasteur. Eles se beijaram e todos gritaram *Vive!* Nesse rasgar de seda acadêmico, Lister era lorde há três meses, o primeiro da medicina.

FAZENDO A LIMPEZA

As idéias de Lister não abrangeram todos os problemas da sua profissão. Na década de 1880, o cirurgião menos confuso de Londres admitiu relutantemente a existência das bactérias, mas zombou da idéia de que podiam transmitir doenças através das nossas mãos. Um médico com título de nobreza, no King’s College Hospital que, descuidadamente, enfiou um dedo na incisão feita por Lister foi violentamente empurrado pelo cirurgião para longe da mesa. A sanitização no teatro operatório era considerada ridícula, efeminada e afetada, o equivalente à limpeza do cepo do açougueiro ou do carrasco.

Robert Lawson Tait (1845-99), ginecologista na próspera cidade de Birmingham, negava ferozmente que as bactérias fossem responsáveis pelo "pus louvável” que pingava livremente das incisões cirúrgicas. Mas fazia questão de lavar seu teatro operatório com água e sabão com o zelo de uma dona de casa, e todos seus casos de ovariotomias sobreviveram. Eugène Koerbelé (1828-1915), na Alsácia, flambava os instrumentos para suas ovariotomias, e Ernst von Bergmann (1836-1907), em Berlim, esterilizava tudo com vapor. A idéia de limpeza surgiu logo depois do começo da aceitação da divindade do cirurgião.

O método *anti-séptico* de Lister, que consistia em matar os germes na sala de operação, foi substituído, no fim da sua vida, pela *assepsia,* que usava autoclaves e água fervente para evitar que eles entrassem. Somente 15 anos depois da operação de Jimmy Greenless, em Glasgow, William Steward Halstead (1852-1922), no Hospital Johns Hopkins, em Baltimore, começou a praticar a cirurgia asséptica em lugar da anti-séptica. Os aventais cirúrgicos eram previamente fervidos e as luvas de borracha começaram a ser usadas em 1890, depois que o professor Halstead notou que sua enfermeira-assistente, Miss Hampton, estava manchando as mãos sensíveis

para fazer a assepsia dos instrumentos. A experiência foi tão bem-sucedida que o professor casou com ela no mesmo ano. Porém, Lister lutou contra a nova idéia, como o criador de cavalos lutou contra o automóvel, o coronel de cavalaria contra o tanque de guerra e como todos que se opuseram ao seu burro mecânico.

Hoje a assepsia é tudo, todos os instrumentos são esterilizados remotamente por meio de raios gama e acondicionados em envoltórios de papel, como o *band-aid*; os cirurgiões usam uniformes, gorros, máscaras e luvas esterilizados que se tornaram, para um devotado público de televisão, vestimentas cerimoniais como os mantos e as casulas da Igreja.

A divisão da história da cirurgia em pré e pós-listeriana ainda venera Lister por abrir os lugares sagrados do corpo — as juntas, o abdome, o peito e o crânio — antigamente selados pelos demônios da infecção. Contudo, a identificação e a aceitação da existência dos germes, no fim do século XIX, certamente teriam feito isso, mesmo que Lister tivesse seguido o pai no comércio de vinho.

“Não vamos ouvir mais bobagens sobre Lister ter resolvido os problemas da cirurgia pré-listeriana. Isso não é verdade”, escreveu indelicadamente Lawson Tait em 1898. Talvez o mal-educado estivesse certo. Tiros no escuro tomam-se desnecessários quando se espera pacientemente pelo nascer do dia. Contudo: "Ninguém sabia como prevenir o perigo de uma picada de alfinete, nem como fazer um curativo, até a vinda de Lister!”

UM OSSO DURO DE ROER

Todos estavam juntos no convés,
Para ver a construção de uma prisão-túmulo:
Todos fixavam em mim seus olhos frios
Que à luz da lua brilhavam.

Samuel Taylor Coleridge,
The Rime of the Ancient Mariner

Gengivas inchadas, esponjosas, arroxeadas, sangrando, hálito fétido, dentes amolecidos e cuspidos, sangramento em volta dos pêlos do corpo, logo grandes equimoses, juntas inchadas, hemorragia nasal, olhos injetados,

vômito sangrento, ferimentos não-cicatrizados, lassidão, fraqueza, insuficiência cardíaca e morte súbita. Quando os valentes marinheiros saíam de Bristol, no século XVIII, deixando o Dr. Jenner entre as ordenhadoras, tudo isso era tão comum a bordo quanto o enjôo de mar.

Vasco da Gama, em 1497, o primeiro a dar a volta ao Cabo da Boa Esperança, perdeu desse modo 160 homens de sua tripulação. A doença intrigou Fernando de Magalhães, o primeiro a dar a volta ao Cabo Horn, em 1520. Um ano e três meses depois de sair de Sevilha, após passar três meses de inverno em São Juliano, na Patagônia, as gengivas dos seus homens “cresceram, cobrindo os dentes, impedindo-os de se alimentar, e eles morreram de fome”. Jacques Cartier, de St. Maio, descobridor do São l.ourenço, passou o inverno de 1535 ancorado no rio Charles, que divide Quebec, e perdeu 50 homens em dezembro, quando essa “doença desconhecida começou a se espalhar entre nós do modo mais estranho jamais visto ou ouvido”. Em fevereiro, dos 110 tripulantes apenas 10 tinham condições de trabalhar, outros 25 morreram em terra, em março, a despeito das orações contínuas.

O veterano da Armada, *Sir* Richard Hawkins, autor de *Voyage into the South Sea*, seguiu a esteira de Drake, para circunavegar o globo no *Repentance (*rebatizado, por ordem da rainha Elizabeth I, com o nome de *Daintie),* liberalmente aprovisionado em 1593, em Plymouth, com carne dc boi, de porco, biscoitos e cidra, e foi atacado pela doença no Equador. Nos seus 20 anos no mar, *Sir* Richard admitiu ter visto 10.000 casos.

O escorbuto era uma doença identificada pelo número de mortos. Os comandantes se perguntavam se seria uma infecção dos misteriosos *fomites* ou provocada pela preguiça evidente de suas vítimas, por miasmas demoníacos, entre um convés e outro, o sal do ar, o trabalho duro, beijar mulheres em terra, a comida. A ração diária na marinha, em 1615, era de 236 gramas de queijo, 118 gramas de bacon e 118 de manteiga, meio quilo de biscoitos, geralmente bichados e “fedidos como mijo”, mas toleráveis com o meio litro de cerveja.

O escorbuto no mar era grave e rápido, raro entre os oficiais, até mesmo entre os oficiais subalternos, atacando mais rapidamente nas viagens que

começavam na primavera. Nos porões-prisões ancorados ao largo de Woolwich, no Tâmisa, o escorbuto era um carrasco muito ocupado. Os traficantes de escravos queixavam-se que o número de vítimas da doença, nos seus navios superlotados, custava a eles a perda de vidas valiosas. O escorbuto em terra era mais insidioso no seu ataque às guarnições, às cidades cercadas, aos Países Baixos, ao norte da Rússia e Escandinávia e às legiões romanas, quando elas atravessavam o Reno.

Felizmente para os romanos, os holandeses tinham uma erva curativa, bem como os índios das margens do São Lourenço. Atônito com os casos dos índios que se recuperavam numa semana, tomando chá de agulhas verdes de pinheiro, Jacques Cartier mandou fazer o chá para sua tripulação e, satisfeito, viu todos curados, sendo sua alegria maior pelo fato de não precisar repetir a desagradável tarefa de abrir o corpo de um amigo morto na neve, sem descobrir a causa da terrível doença.

LIMÕES E LIMAS

Naquela época, acreditava-se que, para cada doença enviada por sua ira, Deus, misericordiosamente, plantava uma erva para curá-la. A medicina herbal ecoa por toda a Bíblia.

O herbalista e barbeiro-cirurgião de James I, John Gerarde (1545-1612), em 1597 proclamou divinamente a descoberta da erva do escorbuto. Essa *cochlearia officinalis*, com 30 centímetros de altura e flores brancas, que crescia perto do mar, é uma das quadripétalas da família das crucíferas, parente dos nabos, rabanetes, agrião, mostarda e goivo amarelo. O brado das ruas "compre a erva do escorbuto!" era bastante comum em Middleton e no livro de Decker, *The Roaring Girl*, de 1611. Em 1661 era possível comprar cerveja de erva do escorbuto. Em 1764, o avô de Byron, Almirante

“mau tempo Jack”, prudentemente incluiu entre as provisões do *Dolphin*, para a viagem ao redor do mundo, a erva do escorbuto e cocos.

Os marinheiros estavam descobrindo que frutos tropicais comidos em terra curavam o escorbuto a bordo. Laranjas azedas e limão eram a ração favorita de *Sir* Richard Hawkins, e o cirurgião da Companhia das índias Orientais, John Woodall (1569-1643), no *The Surgeon Mate*, em 1612, recomendava o armazenamento de suco de limão a bordo de todos os navios da companhia. Os holandeses preferiam *Sauerkraut*, e o Capitão Cook recomendava geléia de cenoura e mosto de cerveja. Vinagre, para tomar ou lavar o convés, óleo de vitríolo e enterrar o paciente até o pescoço, na terra fria, todos esses métodos tinham seus defensores, embora mal orientados.

James Lind (1716-94), de Edimburgo, nove anos no mar, com a marinha, bravamente denunciou as acomodações para os doentes, a comida rançosa, a água imunda e deixou o mar para ser médico do Hospital Naval Haslar, em Portsmouth, que em 1790 tinha ainda 1.754 casos de escorbuto. *Lord* Anson perdeu três quartos da sua tripulação na viagem ao redor do mundo, em 1740-44. Em 1778, a Frota do Canal, depois de 10 semanas no mar, tinha 2.400 casos de escorbuto. Porém, em 1753, o *Tratado sobre escorbuto*, de Lind, determinou um curso entre as supostas causas e supostas curas que flutuavam ainda no mar da ignorância.

Em 20 de marca de 1747, a bordo do *Salisbury*, voltando para casa, lendo saído há um mês de Plymouth, Lind realizou uma experiência clínica. Doze doentes de escorbuto, na enfermaria de bordo, na proa, alimentavam-se com mingau no desjejum, caldo de carne de carneiro e pudim no almoço e sagu, passas de Corinto e passas de uvas no jantar. Lind dava a cada um meio litro de cidra por dia. Dois tomaram óleo de vitríolo. Dois, vinagre. Dois, água do mar. Dois chuparam laranjas e limão, e dois um preparado de pó de alho, rabanete, bálsamo-do-peru e mirra. Os dois que receberam laranjas e limão estavam aptos para o trabalho dentro de seis dias, e passaram a tratar dos que continuavam doentes.

Johannes Bachstrom (1686-1742), de Leyden, 13 anos antes havia declarado que o escorbuto do mar e o de terra eram uma única doença que

só tinha uma cura: comer verduras Lind afirmou a mesma coisa:

O marinheiro ignorante e o médico culto sentem necessidade, igualmente, e com a mesma intensidade, de vegetais verdes e das frutas frescas da terra.

Lind receitou suco de limão ou de lima.

Ele havia encontrado o remédio específico, sem idéia de tomo funcionava, para uma doença cuja causa ninguém conhecia.

Um ano depois da sua morte, o almirantado concordou com ele. Duzentos gramas de suco de limão, com 100 gramas e meio de açúcar, eram distribuídos para toda a tripulação depois de seis semanas no mar. O escorbuto desapareceu como o Holandês Voador.

Mais tarde, o suco de limão passou a ser preservado com a adição de um quarto de seu volume de rum. Os donos de navios mercantes, a partir de 1854, foram obrigados a "servir o suco de limão ou de lima à tripulação, sempre que os homens haviam consumido alimentos salgados durante 10 dias". As limas das índias Orientais eram preferidas aos limões do Mediterrâneo e, por muito tempo, a palavra passou a designar os ingleses nos portos da América (embora durante um tempo os *limeys* fossem também os "novos amigos" que desembarcavam na Austrália). As limas, estranhamente, não eram tão eficazes contra o escorbuto quanto o limão. A viagem em busca do Pólo Norte, comandada por *Sir* George Nares em 1875, quando só foi usado o suco de lima, teve casos de escorbuto, e a de *Sir* Alexander Armstrong, em 1850, com suco de limão, não teve nenhum. Às vezes, 85% dos pacientes de Florence Nightingale, em Scutari, tinham escorbuto, apesar das rações de suco de lima, mas isso logo foi explicado pelo fato de as limas terem ficado todas esquecidas em Balaclava. A humanidade teria de esperar 50 anos pela resposta certa.

O TEMPERO DA VIDA

As vitaminas são substâncias químicas caracteristicamente ausentes nos alimentos que usamos. Foram inventadas em Cambridge, em 1912, por *Sir* Frederick Gowland Hopkins (1861-1947). Os médicos mais antigos de Cambridge, como eu, lembram ainda da exclamação murmurada "É

Hopkins!” — como Pasteur ou Lister — quando ele aparecia nos laboratórios de Bioquímica, entre os Colégios de Pembroke e Downing.

Hopkins descobriu que uma pequena gota de leite podia tornar perfeita a dieta que estava matando os ratos. Ele foi também o sogro póstumo de J. B. “Bons Companheiros” Priestley.

Em 1907 foi provocado o escorbuto em cobaias, na Noruega. Os cientistas da nutrição começavam a aprender que a alimentação humana não era exclusivamente constituída por proteínas, gordura, carboidratos e minerais, mas que misteriosamente era necessário algum aditivo. As cobaias de Hopkins tinham-se desenvolvido muito bem só tomando leite. Mas quando alimentadas com os elementos do leite, separados, elas morriam.

Em 1932 a vitamina C foi cristalizada por engano por Szent Györgi, na Hungria, depois na América, retirada do suco de limão como ácido ascórbico. Era uma substância química simples, que curava o escorbuto e identificava as confusões a respeito da doença: o limão era mais eficaz do que a lima porque era três vezes mais rico em vitamina C. Os oficiais, que se alimentavam melhor, deixavam o porto com maior quantidade de vitamina C armazenada no corpo. Toda a tripulação embarcava 11a primavera, ou seja, depois do inverno, quando comia menos vegetais. A vitamina C é fabricada nos organismos de todos os animais, exceto naquelas cobaias, no homem e nos macacos.

Em 1886, os holandeses preocupavam-se com o beribéri nas índias Orientais. Beribéri, em cingalês, significa “Eu não posso”, indicando a fraqueza dos músculos e das pernas inchadas que precedia a morte por insuficiência cardíaca. O médico do exército holandês, Christian Eijkman (1858-1930), pensava que o beribéri fosse uma infecção, até que a crise de 1897 o obrigou a alimentar as galinhas do laboratório com restos de comida do hospital e elas contraíram beribéri. Quando o arroz branco e polido dos *curries* e pudins era substituído pelo arroz escuro e não-polido, de gosto desagradável, elas melhoravam. Ele experimentou o arroz polido nas galinhas, complementando com gordura e sais minerais. Não adiantou. Tentou arroz polido e um extrato do polimento do arroz, e as galinhas logo

voltaram a ciscar e a pôr ovos. Eijkman declarou, em 1901, que os itens conhecidos da dieta necessitavam de um “algo mais” desconhecido, em quantidades mínimas e sem valor nutritivo, para nos manter vivos. Mas ninguém deu muita atenção. Seu algo mais era a vitamina B do germe do arroz, que era retirado pelo polimento, saindo com a pele escura. Isso se tornou aparente só depois que Hopkins aplicou sua imaginação ao enigma. Tudo acabou bem, e em 1929 eles ganharam o prêmio Nobel.

As outras vitaminas foram identificadas e sintetizadas antes de 1940. A vitamina A no leite, na manteiga, nos ovos e no óleo do fígado de peixes prevenia certas formas de cegueira. A vitamina B é formada por várias vitaminas dos cereais e evita vários problemas graves da pele, pelagra (dermatite, diarréia e demência) e o beribéri das galinhas de Eijkman e também de 40% da marinha japonesa, entre 1878 e 1882. A vitamina D, que vem junto com a A, evita o raquitismo; a K, nos vegetais verdes, evita hemorragias. Ninguém sabe o que faz a vitamina E. Quando foi descoberta, em 1936, acreditaram que aumentava a fertilidade, e os idosos médicos de Cambridge cantaram em uníssono:

Vitamina E é para mim!
Vamos acabar com a esperança da velhice
Tomando-a com o nosso chá.

No nosso mundo de boas moradias, saudável e hedonista, a insuficiência de vitaminas atinge somente os decrépitos, que não podem ter uma dieta normal, e os seguidores das novas modas, que não querem comer normalmente. Essa parte triste da história de nossa dieta acontece predominantemente no Terceiro Mundo, descoberto relativamente há pouco tempo. É uma terra da qual sabemos vagamente que é repleta de florestas, onde chove sempre e nada cresce, onde nada há para fazer senão sexo, onde os nativos usam paletós xadrez rasgados e gravatas vistosas, enquanto assistem à televisão em branco e preto e ouvem discos de vinil nas suas cabanas, sentados em cadeiras de plástico ou deitados em almofadões, entre uma profusão de outros itens dos quais felizmente há muito tempo nos desfizemos. Só a deficiência da vitamina A, ou ceratomalacia, cega centenas de milhares de crianças todos os anos, mas ninguém faz muita coisa a respeito disso.

A vitamina C não cura resfriados, ferimentos na cabeça nem elimina os efeitos da bebida. A vitamina A não nos faz enxergar no escuro (desinformação da RAF, em 1940 — na verdade era o radar). Uma *overdose* de vitamina A ou D pode nos deixar doentes. Mas nenhuma vitamina pode nos tornar mais saudáveis. Elas não podem aumentar a inteligência dos nossos filhos. Como não são distribuídas de graça, são um desperdício pouco inteligente de dinheiro. Um primeiro-ministro inglês do nosso tempo toma um comprimido de vitamina C todas as manhãs.

A *DIGITALIS* OU DEDALEIRA

"Se o inverno chega, pode a primavera estar longe?" foi a observação cretina de Shelley, embora tenhamos de admitir que ele estava vivendo na Itália, nessa época. Quando o inverno chega na Inglaterra a primavera está ainda muito além do próximo Grande Nacional, e muitas vezes bem no meio da estação de críquete. Mas quando os bosques ingleses usam maquiagem verde e a noite começa a levantar sua saia, comemoramos nossa escapada dos perigos médicos do inverno, aproveitando com prazer as ofertas maduras da terra — como amoras, aspargos e batatas novas, hoje tão convenientemente trazidas de avião da Califórnia, do Chile e do Egito.

Quando Shakespeare estava falando sobre "o manto verde na recém-chegada primavera", os ingleses tiravam o inverno do sangue tomando chá das ervas que brotavam do serio: a margarida amarela, a aquática beldroega de Hampshire, folhas de framboesa, ou comiam a geléia de amora negra da primavera anterior, ou tomavam suco de nabo (que se extrai açucarando pedaços crus). Esses chás eram, sem que ninguém soubesse, antiescorbuto, como o suco de lima de Lind, admirável quando baixava o nível da vitamina C no sangue equinocial.

William Withering (1741-99) era um clínico geral rural, de Stafford, que ganhava 100 libras por ano e que se mudou para Birmingham e passou a ganhar 1.000 libras por ano, mas que gostava de passear no campo. Birmingham era uma próspera cidade industrial desde que fabricou 15.000 espadas para Cromwell, por ocasião da Guerra Civil. Ela atraía os homens de espírito prático, como Joseph Priestley, que descobriu o oxigênio, James

Watt, que inventou a estrada de ferro, William Herschel, que descobriu o planeta Urano, John Smeaton, que construiu o farol de Eddystone, e Josiah Wedgwood, que fez as placas. Eles criaram a Sociedade Lunar, que se reunia nas noites de lua cheia para discutir ciência e filosofia. Withering era seu botânico. Seu livro *A Botanical Arrangement of all Vegetables Naturally Growing in Great Britain* foi o enorme sucesso do ano de 1776. Ele era médico-chefe do Hospital Geral de Birmingham. Combinando os conhecimentos do epidemiologista que estudou a escarlatina e do mineralogista que descobriu o carbonato de bário, ele criava cães, tocava flauta, como Jenner, e como Jenner conversava com ordenhadoras.

Cavalgando nas suaves colinas de Shropshire em 1775, Withering encontrou uma velha mulher que conhecia o segredo da cura da hidropsia nas pernas. Pernas que não cabiam nas calças, ou que se arrastavam debaixo das saias, com pés que não podiam ser calçados, melhoravam com seu chá de 20 ervas — quando o paciente conseguia agüentar os vômitos violentos e a diarréia. Ela curava onde os médicos locais não podiam curar. “Não era muito difícil para uma pessoa que conhecia o assunto”, escreveu Withering, “perceber que a erva ativa só podia ser a *digitalis"*. Era o mesmo princípio divino contido na erva do escorbuto. Nicholas Culpeper (1616-54) já havia indicado, em 1654, que a dedaleira "adoçada com açúcar ou mel serve para limpar e purgar o corpo, tanto para cima quanto para baixo”.

Withering imediatamente experimentou o chá nos seus pacientes, os pobres aos quais ele dedicava uma hora por dia. Os doentes de hidropsia urinaram copiosamente, um efeito omitido pela velha senhora de Shropshire. Quando soube que o Diretor de Brasenose, Oxford, fora curado de hidropsia peitoral (efusão da pleura) com a raiz da dedaleira, em 8 de dezembro de 1775, Withering administrou chá de dedaleira a um construtor de 50 anos que sofria de asma e excesso de fluidos no abdome, o qual “fez uma grande quantidade de água. Sua respiração gradualmente ficou mais fácil, a barriga desapareceu e dentro de 10 dias ele começou a comer com enorme apetite”.

Ao contrário da velha senhora, Withering compreendeu que a hidropsia fora bombeada para os esgotos de Birmingham pelo coração, estimulado pela dedaleira. Como *digitalis*, o nome dado à dedaleira em 1542, a

feitiçaria de Wenlock Edge entrou respeitavelmente para a *Farmacopéia de Edimburgo* em 1783. O relato de Withering, *História da dedaleira,* foi o enorme sucesso de 1785. Por acaso ele havia descoberto o poderoso medicamento cardíaco cujos vários derivados são usados até hoje.

Como Jenner, Withering atraiu oponentes ferrenhos. O Dr. Lettsom, de Londres, matou oito pacientes com *digitalis,* incluindo Charles James Fox. Houve muitos desastres devido ao fato de a hidropsia ser um sintoma, não uma doença. Pode ser causada por insuficiência renal, tanto quanto por insuficiência cardíaca. Isso foi estabelecido em 1827 pelo jovial, gorducho, operoso Richard Bright (1789-1858), o explorador da Islândia, que foi da Universidade de Edimburgo para a Guy's, em Londres. A hidropsia na Guy's era ainda considerada uma doença isolada, como entre os camponeses de Withering, no Shropshire. Porém, Bright viu uma conexão entre três itens: hidropsia, a albumina que aparecia em quantidade anormal na urina dos pacientes e a deixava turva, quando aquecida, e os rins rigidamente contraídos no iminente estado de *post-mortem.* "Depois de uma vida de calorosa afeição, pureza imaculada e grande utilidade", Bright morreu de insuficiência cardíaca e vive para sempre na doença de Bright.

NASCIMENTO E MORTE

Lord Lister era bonito, robusto, gentil, impassível, resoluto e impermeável à crítica ou ao ridículo. Ignaz Philipp Semmelweiss (1818-65), da Hungria, era calvo, usava um bigode bem tratado, era excitável, sensível e louco. Quando Lister era ainda estudante, em 1846, Semmelweiss era assistente na Primeira Clínica Obstétrica de Allgemeines Krankenhaus, em Viena, o maior hospital do mundo para pacientes internos. A Primeira Clínica ensinava estudantes de medicina. A Segunda Clínica ensinava só parteiras. Na Primeira Clínica a febre puerperal, que aparecia uma semana depois do parto provocando hemorragia, trombose, peritonite, abscessos, septicemia e estupor, matava três vezes mais do que na Segunda Clínica. Toda Viena sabia tão bem, como conhecia o preço do *Bratwurst,* que as mulheres grávidas imploravam histericamente para dar à luz na Segunda Clínica.

Semmelweiss notou que a febre puerperal imitava outra doença violenta que matava os médicos desafortunados que cortavam os dedos nas autópsias. Ele lembrou que cada mulher tinha um ferimento aberto, o útero, depois de livre da placenta. Notou que os estudantes da Primeira Clínica vinham da sala de anatomia, onde dissecavam cadáveres, e as parteiras da Segunda chegavam das suas casas. Concluiu então, imediatamente: “A febre puerperal é causada pelo transporte para as mulheres grávidas de partículas putrefatas derivadas de organismos vivos, através dos dedos de quem as examina.”

Ele fez os estudantes lavarem as mãos com um desinfetante, cloreto de cálcio. O índice de mortalidade na Primeira Clínica caiu de 18 para 1%. (Voltando a Pasteur, isso foi 17 anos antes de ele identificar as “partículas putrefatas” como micróbios e 19 anos antes de Koch relacionar os micróbios com as doenças.) Como Jenner, Lister e Lind, Semmelweiss curou o que ele não sabia que estava curando. Os obstetras vienenses deram tão pouca atenção ao seu tiro no escuro quanto os cirurgiões de Londres deram ao de Lister.

Lister acabou como um membro fundador da Ordem do Mérito, com um instituto, um memorial na Abadia de Westminster e uma estátua no lado de fora do prédio da BBC. Semmelweiss acabou num asilo para loucos em Budapeste, onde morreu em 15 dias. Ele havia cortado o dedo na sua última operação e o ferimento infeccionou, e a gangrena invadiu seu corpo e o matou com um abscesso nos pulmões, exatamente como as vítimas da febre puerperal. Setenta anos mais tarde, entre as mulheres que davam à luz, três contraíam a febre, e entre 100 com febre, três morriam. Semmelweiss conseguiu contê-la, mas foram as sulfas que a erradicaram.

UM BOM LAR PARA UMA CAUSA PERDIDA

O verão de 1940 acordou as torres sonhadoras com o alarme de ataque aéreo. A guerra começava a se fazer sentir. A Inglaterra há nove meses tateava no escuro do *blackout,* e naquela primavera tinha cantado: "Vamos estender nossa roupa para secar na linha Siegfried.” Agora, manteiga, carne, chá e gasolina estavam racionados, o *scotch* era difícil de encontrar e 15 dias depois do começo oficial da guerra, com os *panzers* cruzando as fronteiras dos países vizinhos, os alemães chegaram a Boulogne, na França. Seguindo a tradição de Drake, o críquete continuava a ser jogado no Parks.

Ao sul do Parks, num anexo do Departamento de Patologia da escola de medicina de Oxford, que geralmente abrigava cobaias e ratos de laboratório, uma construção de garrafas de limonada de cabeça para baixo, comadres, tubos de borracha, tubos de vidro, uma estante de mogno de Bodleian, uma centrífuga para leite, banheira, caixa de correspondência de bronze e campainha elétrica — o que teria feito a delícia do lápis de Heath Robinson — estava fabricando o medicamento mais necessário do século.

O professor de patologia era Howard Walter Florey (1898-1968), australiano de Adelaide, parecido com Glenn Miller. Ele chegou a Oxford depois de ter sido professor de patologia em Sheffield, em 1935, e como muitas vassouras novas no mundo acadêmico varreu seus assistentes para a Biblioteca de Ciência, encarregando-os de procurar pesquisas esquecidas ou abandonadas que merecessem uma revisão.

Florey notou que uma parte do trabalho realizado pelo professor Alexander Fleming, no Hospital Santa Maria, em Londres, em 1929, talvez devesse ser examinada. Fleming estava estudando o germe estafilococo, causador de furúnculos, carbúnculos, abscessos, infecção de feridas, osteomielite, mastite, pneumonia, septicemia e morte. Ele estava examinando as variações de cor nas colônias amarelas brilhantes dos estafilococos que cresciam no ágar nutritivo nas placas de Petri, rasas e redondas. Essas mudanças de cor eram mais acentuadas quando os micróbios cresciam ao ar livre do que no incubador.

Aparentemente, o professor Fleming foi passar férias na Escócia, quando terminou a experiência, e deixou as placas de Petri empilhadas num balde com um forte anti-séptico. Porém, a placa de cima havia escapado sem que

ele notasse, e durante sua ausência de um mês o bolor o invadiu e começou a devorar os estafilococos. O professor chamou o bolor de *Penicillium* (escova) e, engenhosamente, o usou para limpar as placas de Petri daqueles germes irritantes e contaminadores, como estafilococos e outros mais comuns que causam a pneumonia, a gonorréia e a difteria. Assim, ele poderia cultivar o puro *Bacillus influenzae*, que é imune a *penicillium* e que causa bronquite e sinusite, às vezes meningite, mas nunca a gripe.

Florey notou que a *penicillium* do seu colega podia ser redirecionada para atacar aqueles germes comuns, mas ferozes, no interior do corpo. Seu químico, o alemão-russo Ernst Chain (1906-1979), cultivou o bolor em lêvedo de cerveja e extraiu o suco e, em 12 de fevereiro de 1941, Florey experimentou o resultado na Enfermaria Radcliff, num policial com septicemia estafilocócica resultante de um ferimento na boca, quando podava os arbustos do seu jardim. A penicilina produzida na estante de livros bodleiana era tão pouca que tiveram de subir de bicicleta a ladeira até o Departamento de Patologia, levando a urina do paciente para fazer uma nova dose.

O paciente morreu, mas a experiência foi um sucesso. Florey restringiu seus esforços à tentativa de salvar a vida de crianças, que podiam ser tratadas com doses menores do precioso líquido. Sua equipe planejou passar o bolor na roupa e fugir, se os alemães aparecessem no High. Ele publicou seus primeiros resultados na revista *Lancet* de 28 de agosto de 1940. Para surpresa de Florey, no dia 2 de setembro Alexander Fleming (1881-1955) apareceu em Oxford. Ainda não estava atrasado.

Fleming teve sorte. Aquela placa de Petri no Hospital Santa Maria (encontra-se agora no Museu Britânico) foi exposta em um tios horríveis meses de agosto da Grã-Bretanha, a temperatura ideal para o crescimento do bolor. O bolor não caiu do céu, mas subiu do laboratório no andar inferior, onde o colega de Fleming estava estudando os diversos tipos de bolor. Fleming Ignorava o potencial da penicilina porque sua mente estava atrás de uma cortina, mesmo no mais versátil e inventivo laboratório de microbiologia da Europa, sob a autoridade rigorosa de *Sir* Almroth Wright. Para Florey, as cortinas estavam abertas. O fato de que germes “comuns” invasores podiam ser mortos no sangue por substâncias químicas foi

definitivamente estabelecido em Wuppertal, um mês antes de Hitler dominar a Alemanha, pelo professor Gerhard Domagk (1895-1964) e várias centenas de ratos.

I.G. Farbenindustrie, na Renânia, sempre fabricou belos corantes. Um obscuro químico vienense chamado Gelmo, em 1908, havia sintetizado a sulfonamida, que o chefe de Domagk, o químico professor Heinrich Hörlein (1882-1954) rapidamente transformou numa substância tenaz, de um vermelho muito vivo. Em 1919, dois americanos, sem muito entusiasmo, tentaram usá-la para matar bactérias em tubos de ensaio, pondo em prática a idéia de um alemão que, em 1913, havia usado corante vermelho como desinfetante da pele.

Foi o professor Hörlein quem teve a inspiração de usar a sulfonamida como anti-séptico no interior do corpo. Foi o sonho da moda. Em toda a Alemanha, os químicos estavam sintetizando compostos capazes de curar, com a tenacidade dos seus antepassados na identificação das bactérias, na década de 1880, mas sem resultado. Os químicos eram animados pela descoberta de Paul Ehrlich (1854-1915), de Frankfurt, em 1909, da famosa injeção 606 de arsênico (“A bala mágica”) para matar o espiroqueta da sífilis no sangue. E os químicos da I.G. Farben, em 1930, já haviam transformado um corante amarelo vivo no medicamento mepacina, para matar os parasitas da malária no sangue.

Hörlein encarregou seus químicos Mietzsch e Klarer de sintetizar inúmeros compostos diferentes contendo sulfonamida, que Domagk sistematicamente dava aos ratos que ele havia infectado com 25 bactérias comuns. Estas incluíam o bacilo da TB, gonococos, pneumococos, meningococos e o estreptococo, o germe causador da amigdalite, escarlatina, febre puerperal, erisipela, de infecções de ferimentos e o fatal envenenamento do sangue. Todos os ratos morreram. Domagk era o arquétipo do homem com avental branco.

De acordo com a tradição da firma, I.G. Farben patenteou a sulfonamida no dia de Natal de 1932. Na véspera de Natal, Domagk notou que 12 dos ratos Infectados com estreptococos de um homem que estava morrendo de

septicemia estavam vivos e muito bem dispostos. Um composto chamado sulfanilamida tinha funcionado.

Domagk ganhou o prêmio Nobel em 1939, mas Hitler não queria que os alemães fossem contaminados com prêmios estrangeiros, e Domagk foi preso pela Gestapo. Hörlein foi aprisionado pelos americanos em 16 de agosto de 1945. I.G. Farben fabricou também o gás zyklon-B, usado pela SS para matar seus prisioneiros. Ele foi julgado em Nürenberg, em 1947, mas foi libertado. Enquanto isso, os britânicos haviam se apossado da patente quando a guerra começou, e desenvolveram a eficaz sulfanilamida antiestreptocócica no composto sulfapiridine, eficaz contra a pneumonia. A penicilina que fora cultivada por Florey em comadres do hospital foi fabricada pelos americanos em barris de cerveja, e assim havia o bastante para os exércitos de Eisenhower e Montgomery, no Dia D. Os americanos, como a I.G. Farben, patentearam o processo e, daí em diante, ficaram com todo o dinheiro.

Ironia, teu nome é progresso.

Florey e Fleming dividiram o prêmio Nobel de 1945, mas mal conseguiram conversar. Então Fleming de repente pensou que era Robert Bruce. O pequenino, seco, astuto, inarticulado, incompreensível escocês viajou pelo mundo todo como o salvador da humanidade, o descobridor da penicilina, e dominou completamente o coração dos clubes femininos americanos. Florey se aposentou com magnífica solenidade acadêmica.

Quem foi o pai da penicilina? Florey e Fleming foram o esperma e o ovo? Quem se lembra ainda das palavras do grande médico eduardiano *Sir* William Osler: “Na ciência, o crédito vai para o homem que convence o mundo, não para o homem que teve a idéia em primeiro lugar”?

E quem se lembra ainda das ordenhadoras de Gloucestershire e dos meninos de Shropshire que, inteligentemente, evitavam que seus cortes fossem infectados fazendo um curativo com pão embolorado?

CAPÍTULO 4

A conquista da dor

A anestesia foi a brilhante idéia de dois dentistas espertos da Nova Inglaterra, dispostos a ganhar dinheiro.

BRINCADEIRAS COM O GÁS HILARIANTE E COM O ÉTER

Esta é uma história contada e recontada. Na manhã de quarta-feira, 11 de dezembro de 1844, em Hartford, Connecticut, Horace Wells (1815-48), 29 anos, bonito, gorducho e de costeletas escuras — inventor de uma solda sem sabor para firmar dentes falsos, que falhou, apesar da garantia financeira de um paciente — sentou na própria cadeira de dentista para que

seu colega, o Dr. Riggs — que deu o nome à doença de Riggs que provoca a queda de todos os dentes —, extraísse seu dente siso dolorido. Eles acabavam de deixar Union Hall, onde Gardner Quincy Colton (1814-98), atendendo a um pedido especial, havia feito uma exibição privada do “óxido nitroso ou gás hilariante”, que, na noite anterior, havia alegrado uma palestra muito anunciada como sendo “sob todos os aspectos, um evento elegante”.

Colton era um estudante reprovado de medicina que vivia da ciência popular. O admirável desejo de aprender e a falta do que fazer em casa, à noite, que não fosse ouvir ou tocar piano, fazia com que esse tipo de palestra fosse muito popular, especialmente quando acompanhada por lampejos elétricos, explosões químicas e odores desagradáveis convincentes.

O óxido nitroso foi criado em 1772 por Joseph Priestley (1733-1804). Ele era um ministro presbiteriano, constrangedor e ímpio, em Birmingham, e seu livro, *História da Corrupção do Cristianismo,* foi queimado pelo carrasco em Dort, em 1785. Filho de um comerciante de tecidos de Yorkshire, sem nenhuma educação científica, Priestley tornou-se o “Pai da química moderna... que jamais reconheceu sua filha” (porque apegou-se cegamente â teoria de que a matéria continha um misterioso *flogiston,* o material do fogo).

Quando Priestley aceitou o convite para jantar, em julho de 1791, para comemorar a importância da queda da Bastilha para Birmingham, um bando de desordeiros invadiu sua casa, destruiu seus papéis e seus aparelhos. Ele se mudou para Londres, para ser o pregador matinal em Gravel Pit, Hackney, onde suas opiniões sobre a Bíblia não foram bem recebidas, e então emigrou para a Pensilvânia. Um ano antes de descobrir o óxido nitroso, Priestley havia extraído o oxigênio puro da atmosfera, que misteriosamente aumentava a claridade do fogo das velas e alongava o tempo de vida dos ratos. Ele inventou a água gasosa.

Sir Humphrey Davy (1778-1829) gostava de inalar óxido nitroso para curar suas dores de cabeça. “Uma sensação agradável... idéias vividas passam rápidas pela mente, e o controle dos movimentos é completamente

destruído, fazendo cair dos meus lábios abertos a máscara do gás.” Um nativo do leste, Davy, foi o descobridor do K [potássio], Na [sódio], Ba [bário], Sr [estrôncio], Ca [cálcio], Mg [magnésio] e Cl [cloro], e era um professor educado que dirigia o elegante Instituto Pneumático, perto de Bristol. Ele inventou a lâmpada dos mineiros.

Davy achou que o óxido nitroso podia ser útil para operações cirúrgicas. Porém, apesar de ter segurado os membros dos pacientes e ouvido seus gritos quando era um jovem aprendiz de cirurgião em Penzance, não fez nada a respeito. Limitou-se a borrifar o óxido nitroso em Robert Southey, Samuel Taylor Coleridge e Roget, do *Thesaurus*, que o aspirava entre goles de champanhe e dizia que o fazia sentir-se como o som de uma harpa.

O pôster de Quincy Colton, em Hartford, citava tentadoramente Southey (poeta): “A atmosfera do mais alto de todos os céus possíveis deve ser composta desse gás.” Ele fazia a pessoa “Rir, Cantar, Dançar, Falar ou Brigar etc., de acordo com o traço predominante do seu caráter”. É sempre divertido ver as pessoas agindo como tolas. Oito homens fones sentavam na primeira fila, para proteger o público do frenesi dos doze jovens que se ofereciam para inalar o gás da bolsa de borracha e que, como uma precaução contra a vulgaridade, deviam ser todos cavalheiros extremamente respeitáveis.

Um desses cavalheiros era Sam Cooley, um empregado de farmácia, que alegremente começou a correr como doido entre os bancos. Mais tarde, olhando atônito para suas canelas e joelhos ensangüentados, exclamou: "Um homem pode entrar numa briga e nem perceber que está ferido.” E acrescentou: “Se um homem estivesse seguro, poderia se submeter a uma cirurgia sem sentir nenhuma dor no momento."

Cooley acabava de anunciar o *fiat lux* da anestesia. Horace Wells estava entre o público. “Então, o homem pode extrair um dente sem sentir dor, com o gás hilariante?”, pensou ele. Na manhã seguinte ele pôs a idéia em prática. “Uma nova era da extração de dentes!” Exclamou, depois. Como no caso do homem que inventou uma ratoeira mais aperfeiçoada, o mundo com dor de dente fez fila na frente da sua porta. Depois de um mês ele foi para Boston, para ganhar mais dinheiro.

Seu antigo sócio, William Thomas Green Morton (1819-68), tinha estudado no Colégio de Cirurgia Dental de Baltimore e trabalhado algum tempo no Hospital Geral de Massachusetts, em Boston, fundado por John Collins Warren (1778-1856) em 1811. Morton apresentou Wells a Warren, que de boa vontade organizou uma demonstração para extrair o dente de um aluno de Harvard. Foi um fracasso. Todos riram. Wells voltou para Hartford, matou um paciente, perdeu o interesse pelo óxido nitroso, desistiu da odontologia.

Passemos agora para o cão *spaniel* de Morton.

O éter era "óleo doce de vitríolo" para seu descobridor, em 1540, o botânico alemão Valerius Cordus (1515-44). Seu *Dispensatorium*, de 1535 foi a primeira farmacopéia publicada e campeã de vendas (35 edições). Rebatizado com o nome de *aether* em 1730, o vapor pungente, aspirado, havia soltado o catarro de três séculos. Morton leu na *Matéria Medica de* Pereira, de 1839, que Michael Faraday (1791-1867) havia notado, em 1818, que o éter anestesiava como o óxido nitroso. Por toda a parte as pessoas estavam se deliciando com "farras de éter", a alternativa da festa de gás de Colton, ambos ancestrais dos coquetéis de nossos dias. A anestesia, como a embriaguez, nasceu do desejo eterno do homem de escapar de si mesmo, e felizmente escapou de ser sacrificada num ato de infanticídio pelos cruéis puritanos.

Roubando abertamente a idéia de Wells, Morton experimentou o éter no cachorro que "amoleceu completamente nas suas mãos e permaneceu insensível a todos seus esforços para acordá-lo, mexendo nele e beliscando-o". Dois minutos depois, e o fiel Nig estava tão esperto como sempre! Morton continuou a experiência no cão, em si mesmo e nos seus aprendizes. Tudo no maior segredo. Ele queria patentear o processo e fazer fortuna.

Morton ofereceu cinco dólares, no porto de Boston, para quem quisesse servir de cobaia, mas ninguém se interessou. Na noite de 30 de setembro de 1846, Eben H. Frost apareceu no consultório de Morton com uma tremenda dor de dente, aspirou éter num lenço e, quando acordou, seu dente estava no chão.

Dezesseis dias depois, Morton deu éter para o Hospital Geral de Massachusetts para que John Warren extraísse um tumor venoso da mandíbula esquerda de Gilbert Abbot, de 21 anos. Morton se atrasou 15 minutos. “Como o doutor Morton ainda não chegou, suponho que deve estar ocupado com outra coisa”, disse Warren, secamente, para o imponente grupo de médicos que esperava a demonstração. Todos riram outra vez.

Warren se sentou, bisturi em riste. Momento dramático! Morton entrou apressado, com seu novo inalador, um globo de vidro contendo uma esponja embebida em éter, com válvulas de couro para garantir o fluxo unidirecional para os pulmões do paciente. Sucesso! Warren dirigiu-se aos que assistiam: “Cavalheiros, isso não é uma farsa.” Fim da gênese da anestesia.

O mecanismo do triunfo de Morton era simples. O éter é mais poderoso do que o óxido nitroso, que tem maior probabilidade de provocar asfixia antes da anestesia.

A boa notícia viajou rapidamente. Na tarde de segunda-feira de 21 de dezembro de 1846, Robert Liston (1794-1847), “dedos de relâmpago”, realizou a primeira operação sob anestesia na Europa, no University College Hospital, ao norte de Londres. O cirurgião era um escocês com l,84m de altura, capaz de amputar uma perna em dois minutos e meio. Com o paciente acordado, a rapidez do cirurgião era tão misericordiosa quanto a do carrasco. Liston segurava o bisturi ensangüentado com os dentes, como um açougueiro, para ficar com as mãos livres e economizar tempo, e orgulhosamente marcava o cabo dos bisturis de amputação como um pele-vermelha marcava o número de vítimas no seu tacape.

Liston amputou a perna direita enquanto Peter Squire, dono de uma farmácia em Oxford Street, aplicava o éter com a esponja dentro do inalador, que parecia um copo de vinho do porto. “Cavalheiros, este truque ianque ganha de longe do mesmerismo”, admitiu o cirurgião vaidoso, irônico e agressivo, com grande e significativa generosidade. No quadro que representa essa operação histórica felizmente o artista, não o cirurgião, remove a perna errada.

SALVE ESTA HORA FELIZ! CONQUISTAMOS A DOR! Essa foi a manchete do *People's London Journal*. Até o Natal daquele ano, o mesmerismo — do nome de Franz Anton Mesmer, de Viena, o hipnotizador da moda em Paris, que emitia "magnetismo animal" — ou ópio, ou *cannabis*, mandrágora ou bebida alcoólica eram usados nas cirurgias, todos com mais compaixão do que esperança. Os assírios faziam a pessoa ficar inconsciente pressionando as artérias carótidas no pescoço. Helena de Tróia oferecia ânforas de repente. Os chineses, em 2000 a.C. fabricavam uma droga do sono com pó de jasmim e rododendro. A marinha usava uma mordaça embebida com rum, o exército fazia morder uma bala. Nada funcionava. Era tão desanimador quanto as massagens de terebintina na barriga dos doentes de cólera, feitas por Florence Nightingale, e tão ineficaz quanto o atual tratamento do câncer. Não havia alternativa para a coragem.

Antes da primavera de 1847, o velho cirurgião de Napoleão, Joseph François Malgaigne (1806-65), especialista em rótula, havia registrado cinco anestesias com éter em Paris. Johann Friedrich Dieffenbach, um velho cirurgião plástico, havia administrado éter em Berlim. Em Edimburgo seu inovador foi James Syme, primo de Robert Liston. Nikolai Pirogoff administrou éter, em São Petersburgo, pelo reto. O Conselho de Saúde de Zurique o proibiu por ser perigoso.

A famosa velocidade de cirurgiões como Pirogoff e Liston — comparados com virtuosos do violino ou duelistas — de um momento para outro tomou-se tão fora de moda quanto a pequena carruagem de duas rodas.

BOAS AÇÕES E FINAIS INFELIZES

Nesse meio-tempo, Morton precisava de um secretário. Há três meses ele praticamente não dormia, nem comia. Seu milagre estava em todos os jornais, e os médicos da Nova Inglaterra queriam pôr as mãos nele. Morton coloriu seu éter fluido e o chamou de "Letheon". Qualquer coisa para guardar o segredo até ser concedida a patente. Então ele anunciada para o mundo todo, começaria a fabricação em massa dos seus inaladores, presentearia com eles os cirurgiões mais eminentes e as instituições de

caridade, e “enviaria vários de alto preço aos principais soberanos da Europa”. (Mais tarde, Fabergé poderia ter aproveitado a idéia.) Morton escreveu panfletos e contratou vendedores para vender o anestésico de costa a costa. Ofereceu sociedade a Horace Wells (Wells recusou).

Foi então que apareceu Charles Thomas Jackson (1805-80). Era químico e geólogo de Boston, e Morton fora seu pensionista. Jackson inventou o telégrafo elétrico, antes de Morse, em 1836, e o algodão-pólvora antes de Schönbien, em 1846. Foi declarado louco em 1873.

Morton, prudentemente, embora um tonto evasivo, havia pedido o conselho de Jackson sobre a química do éter, antes da operação de Warren. Agora Jackson afirmava ter sugerido o éter a Morton. Ele era o verdadeiro pai da anestesia e queria 500 dólares, ou 10% dos lucros. Morton, astutamente, concordou em partilhar com ele a patente. Jackson pertencia ao mundo científico de Boston, e Morton sabia que os cientistas de Boston o consideravam “um homem de pouca cultura e pouca ciência” — muito bem, Boston também pensou assim de Jacob Bigelow (1787-1879), de Harvard, o botânico e médico que, em 1832, salvou Boston da cólera (100 mortes contra 3.000 na cidade de Nova York). E os dentistas de Boston, enciumados, estavam todos contra ele. A sociedade com Jackson seria o mesmo que um casamento respeitável.

A patente número 4.848 foi concedida em 12 de novembro de 1846.

Comoção!

Os dentistas de Boston e o Massachusetts General Hospital estavam ofendidos com o fato de o éter ter-se tornado “um medicamento secreto”. “Muitos relutam em concordar com a conveniência de restringir, por meio de patente, o uso de um agente capaz de mitigar o sofrimento humano", lamentou altivamente Bigelow. Morton ficou arrasado. Jackson, de repente, se lembrou das patentes européias. Exigiu uma parte dos lucros, do contrário enviaria naquela mesma noite, por um navio-correio, uma carta à Academia de Ciências de Paris reivindicando seu direito de único descobridor. (Ele enviou a carta.) Ninguém deu importância ao Escritório de Patentes dos EUA, nem mesmo o exército e a marinha, na guerra do

México, aos quais Morton se ofereceu para “eterisar” os feridos à razão de dois centavos por cabeça. De seis em seis meses, os advogados creditavam a Morton e Jackson o lucro líquido da anestesia nos EUA. No fim dos primeiros seis meses eles estavam a zero.

Antes do fim do seu ano de triunfo, Morton havia tomado o caminho enevoado da eterna desesperança. Dissipou o resto da vida não concedendo aos outros os benefícios da anestesia, mas reivindicando-os para ele mesmo. Três vezes entrou com uma petição junto ao congresso, que formou um Comitê Especial, que não resolveu nada.

Em 1852, Crawford Williamson Long (1815-78) anunciou calmamente que desde março de 1842 realizava cirurgias superficiais usando o éter como anestésico, quase cinco anos antes de Morton. Long era um médico rural muito popular em Jefferson, Geórgia. Outro clínico geral da zona rural também farejou o sucesso da anestesia. Henry Hill Hickman (1800-30), de Shifnal, Shropshire, havia publicado experiências em filhotes de cachorro com o resultado de animação suspensa usando dióxido de carbono em 1824. Sua proposta insistente para que fosse usada a insensibilidade por meio de gases na cirurgia, na Inglaterra e em Paris, então o centro da moda da ciência, foi tristemente refutada por todos, de Carlos X da França para baixo.

Crawford Long atribuiu o fato de evitar a publicidade a uma cautela natural, à escassez de operações de grande vulto na clínica rural e ao risco de confusão com o mesmerismo dos curandeiros. Porém, sua filha acrescentou: “Em toda a região corria o rumor de que ele possuía um medicamento estranho com o qual ele podia fazer dormir e cortar em pedaços sem que a pessoa percebesse o que estava acontecendo. Se houvesse alguma fatalidade, ele seria linchado.”

Morton tornou-se fazendeiro.

Em 19 de abril de 1854, o Senado aprovou um projeto de lei para recompensar Morton, e em 21 de abril a Câmara dos Deputados o rejeitou. Ele foi recebido pelo presidente Pierce, que elaborou um plano para ele, aconselhando-o a processar um cirurgião do governo, ao invés de lutar

contra o governo que não podia ser processado. Morton ganharia e o governo pagaria os custos da ação. Morton perdeu e o governo ganhou. Morton faliu, sua fazenda foi confiscada, sua família passou fome, sua reputação foi ridicularizada, suas lembranças ficaram amargas, sua saúde decaiu, sua vida ficou vazia. Como diversão, em julho de 1868 ele viajou de Boston para Nova York para processar a *Atlantic Monthly*, mas caiu morto no Central Park. Wells era agora vendedor de chuveiros, viciou-se em clorofórmio, foi preso por jogar ácido em duas prostitutas na Broadway (com o nome de John Smith) e em 23 de janeiro de 1848 morreu de hemorragia na Prisão Tombs, depois de cortar a artéria femoral com uma navalha. Foi então eleito membro honorário da Sociedade Médica de Paris.

Seu busto encontra-se na Place des Etats Unis, perto do Arco do Triunfo, ao lado de um triste pedestal que espera ainda a estátua do General Pershing, da I Guerra Mundial. A placa diz: *Au dentist American Horace Wells inovateur de l'anaesthesie chirurgical.*

A lógica francesa é inexpugnável.

CLOROFÓRMIO E RELIGIÃO

Sir James Young Simpson, baronete (1811-70), sétimo filho de um padeiro, Professor de Parteiras, *accoucheur* do comércio de carruagens, Médico da Rainha Vitória na Escócia, santificado por uma capela particular construída na sua casa quadrada de granito que dava para o Firth of Forth, atraía para os hotéis locais uma clientela de 80.000 libras por ano. Ele era um Festival de Edimburgo em todos os dias do ano.

No dia 4 de novembro de 1847, depois do jantar, *Sir* James e seus dois jovens assistentes da Enfermaria Real de Edimburgo tomaram clorofórmio, ao invés de vinho do porto. Inalando o *bouquet*, os dois jovens médicos começaram a dar gargalhadas, a gritar e tentaram atirar as cadeiras e a mesa pela janela, depois deslizaram para o chão e adormeceram. "Muito mais forte do que o éter", observou o corpulento professor, adormecendo também ao lado deles.

A abençoada lua-de-mel do éter tinha acabado. O cheiro desagradável, a irritação dos pulmões, as crises de vômito dos pacientes, a necessidade das máscaras desajeitadas de vidro e uma quantidade enorme do anestésico levaram os médicos à procura de outras varinhas mágicas para a anestesia. O clorofórmio era rápido. A inconsciência era imediata, e não gradual. Cheirava bem, e seu efeito era mais duradouro, mais forte, era mais barato e de administração mais simples. Bastava uma borrifada num gorro de dormir ou numa luva, ou uma esponja embebida no anestésico, e podiam cortar qualquer coisa. Meia colher de chá de clorofórmio, num lenço dobrado sobre o nariz, exorcizavam as dores do parto que atormentavam as mulheres desde Eva e escandalizaram o clero (masculino) da Escócia.

"Entre dores darás à luz teus filhos", ordenava o Gênesis. "Privar os ouvidos de Deus dos gritos profundos e angustiados" da mãe em trabalho de parto, pregavam eles, é garantir que ela jamais amará o filho pelo qual jamais sofreu. Ah, sim, dizia Simpson, igualmente piedoso (que tinha duas Bíblias da família na sua sala de jantar). Mas a frase seguinte manda o homem ganhar com sofrimento o pão de cada dia, porém não estavam todos se deliciando com suas tortas de miúdos e purê de batatas?

Os religiosos discutiram sobre a tradução da palavra "sofrimento". Ele os corrigiu: "Não significa a sensação de dor, mas o grande esforço muscular em que consiste o trabalho de parto, sendo o útero mais poderoso e os obstáculos mecânicos muito mais numerosos do que os que tem de suportar, por exemplo, a vaca doméstica." O exemplo da vaca não adiantou. Aquelas pessoas ameaçadoramente virtuosas e perigosamente bem-intencionadas (que estão sempre ao nosso lado) continuaram a dissentir até **7** de abril de 1853, quando John Snow (1813-58) administrou clorofórmio *à la reine*, à rainha Vitoria, para o parto sem dor do Príncipe Leopold, concedendo respeitabilidade ao Gênesis.

Como Jackson, em Boston, roubou de Morton o crédito pela descoberta do éter, assim também um cirurgião escocês, que virou químico, calvo, de barba espessa, David Waldie (1813-89), estendeu a mão para as honras conferidas a *Sir* James Simpson. O clorofórmio é um composto pouco sofisticado: CHCl3, tão simples quanto o éter $(C_2H_5)_2O$ e mais simples do

que o simples C2H5OH da universal alegria engarrafada do homem, o álcool. O clorofórmio foi preparado em 1831 independentemente em Paris, Alemanha e no Estado de Nova York. Foi experimentado como anestésico, em animais, pelo fisiólogo francês Pierre-Jean-Marie Flourens (1794-1867), que descobriu o centro regulador da respiração no cérebro) nove meses antes de Simpson experimentar nele mesmo. Já havia embriagado muita gente em Nova York.

Waldie foi quem primeiro falou sobre o clorofórmio com Simpson, na Sociedade Médico-Cirúrgica de Edimburgo, em outubro de 1847. Waldie trabalhava para a Companhia de Apotecários em Liverpool, e havia visto a fórmula no Dispensatório dos Estados Unidos, para atender ao pedido de um médico local que estava tentando fazer soltar o catarro de Liverpool com outra coisa que não o éter. Waldie prometeu a Simpson uma amostra, mas quando chegou em casa encontrou seu laboratório destruído pelo fogo. Quando Simpson proclamou o clorofórmio para o mundo (comprado em Duncan e Flockhart, ao lado da Princes Street), uma semana depois do seu jantar com anestésico, Waldie viu-se reduzido a uma insignificante nota de rodapé.

O ressentimento sobreviveu ao detrator. “Ele ficou com uma parte maior na introdução do clorofórmio do que a do Dr. Jackson na introdução do éter", declarou John Snow — um elogio tremendamente precário. Waldie morreu ainda zangado, mas rico, em Calcutá, depois que seu *Linlithgow* nativo pôs as coisas no devido lugar com uma placa que diz: “A ele pertence a distinção de ter sido o primeiro a recomendar e tornar praticável o uso do clorofórmio para aliviar o sofrimento humano.”

Também estavam ressentidos 117 quilômetros ao sul, em Dumfries. A amputação da perna direita do garçom de 36 anos, Harley Street, por Robert Liston, no University College Hospital, teve grande publicidade em Londres. Porém, no sábado anterior fora realizada discretamente a primeira operação com anestesia da Europa, na Enfermaria Real de Dumfries e Galloway, realizada por William Fraser (1819-63), cirurgião a bordo do *Acadia*, que chegou ao porto de Liverpool às 9:15 da manhã, três dias antes, trazendo a boa notícia sobre o desempenho de Morton, vinda de Boston, via Halifax. Talvez todos eles merecessem o conselho amistoso de Simpson:

“Jamais guarde ressentimento. É tão desconfortável quanto uma bolsa de água quente, fria.”

O clorofórmio logo substituiu o éter em toda parte. Contudo, certos sádicos desavisados persistiam em aprovar as palavras de Florence Nightingale: “O ardor do bisturi é um poderoso estimulante, e é melhor ouvir um homem gritando com toda a força do que vê-lo mergulhar silenciosamente para o túmulo”, ordenava *Sir* John Hall (1795-1866), principal oficial médico na Criméia.

W.E. Henley faz a apreciação, na década de 1870:

Vejam-me esperando — esperando a faca
Mais um pouco e num instante vou saltar com a tempestade
O espesso, doce mistério do clorofórmio
A embriaguez escura, como morte-em-vida.

E sua utilidade nas duas extremidades da operação é indicada por George Bernard Shaw, em 1906:

O clorofórmio fez muitas diabruras. Permitiu que qualquer tolo se tomasse cirurgião.

A EVAPORAÇÃO DO CLOROFÓRMIO

O clorofórmio tinha um problema. Matava rapidamente, matava rápida, inesperada e indiscriminadamente. A primeira vítima foi Hannah Greener, quinze anos e em perfeita saúde, em Newcastle, 28 de janeiro de 1848, durante a remoção de uma unha do pé. É claro que clorofórmio demais mata qualquer um, como qualquer coisa em demasia. Porém, logo descobriram que o coração podia parar de repente, logo no começo da administração do anestésico — “síncope do clorofórmio". Ninguém sabia por quê. Isso provocou uma grande desordem em Hyderabad, no dia 25 de janeiro de 1889.

O duque e a duquesa de Connaught estavam distribuindo prêmios na escola de medicina, naquele remoto posto acadêmico do império onde o sol jamais se põe. O diretor da escola (Serviço Médico do Exército em Bengala) afirmava que sua escola era melhor do que muitas da Europa, e que haviam descoberto que “não existe essa coisa de síncope do clorofórmio”. Fizeram isso matando com uma superdose 128 cachorros vira-latas adultos. Ele aconselhava as escolas de medicina de Londres a continuar com o éter, que eles sabiam controlar.

A *Lancet* interessou-se pelo assunto. Cartas e artigos defrontavam-se grandiosamente nos números semanais da revista que viajava a bordo dos navios-correio P&O. O Nizam de Hyderabad, esportivamente ofereceu 1.000 libras para a *Lancet* enviar um especialista e testar sua teoria. A *Lancet* enviou um farmacologista eminente, que passou um telegrama dizendo NENHUMA PARADA DO CORAÇÃO, depois de matar 490 cães, cavalos, macacos, cabras, gatos e coelhos. A *Lancet* orgulhosamente sugeriu que seu homem tinha virado nativo. Como sempre acontece na medicina, os médicos continuaram a discutir e os pacientes continuaram a morrer.

O clorofórmio não é inflamável — ao passo que o éter é explosivo —, o que recomendava seu uso nas batalhas e nos ataques aéreos. Na II Guerra Mundial o éter foi superado por um fluido para limpar a seco, inflamável, o tricloretileno (os tintureiros adoraram e se embriagavam cheirando os tanques). Depois da guerra, como certas marcas de chocolate e de sorvete, o clorofórmio nunca mais apareceu.

O TRAPO E A GARRAFA

A anestesia produziu aparelhos mais engenhosos até mesmo do que a horticultura. John Snow foi o primeiro anestesista profissional do mundo. Natural de Yorkshire, o mais velho dos nove filhos de um fazendeiro, morava no Soho e trabalhava no Hospital São George, em Hyde Park Comer, dando 10 anestesias por semana. Em 1847 inventou um inalador portátil de éter, do tamanho de um livro grosso, com um dispositivo de banho-maria para vaporizar o anestésico, que era derramado num recipiente

com uma placa em espiral, do qual o paciente inalava o vapor mais pesado do que o ar por um tubo longo e flexível. Uma máscara triangular, com uma válvula, cobre a boca e o nariz — na monografia de Snow, a boca e o nariz de uma bela jovem com deliciosos cachos de cabelo. Snow aplicou uma mente científica ao novo assunto que havia surgido por acaso e por especulação, e que podia facilmente ter-se perdido na superstição e na falsa medicina. Ele escreveu *Sobre o clorofórmio e outros anestésicos*, e caiu morto ao terminar o último parágrafo.

Joseph Thomas Clover (1825-82), barba espessa e sempre de sobrecasaca, seguiu Snow como o mais procurado anestesista de Londres. Ele clinicava no Hospital Westminster e tinha entre seus pacientes Robert Peel, o ex-Napoleão III, a futura rainha Alexandra e Florence Nightingale, possivelmente para intimidá-lo. Ele inventou um inalador de clorofórmio no qual uma dose era vaporizada por uma seringa e bombeada por um fole numa bolsa do tamanho de uma fronha. Tudo isso apavorava os pacientes nervosos. Esse método desprendia 4,5% de clorofórmio no ar, o primeiro anestésico a ser medido. Ele inventou também a "muleta de Clover", que mantinha erguidas as pernas da paciente anestesiada quando o cirurgião precisava alcançar o períneo.

Os vários aplicadores de anestesia usados na segunda metade do século XIX iam desde uma simples máscara de flanela com armação de arame, que podia ser levada dentro de uma cartola, até um reservatório ornamental como um bule de chá para o óxido nitroso que estava voltando a ser usado. Alguns tinham bolas como os pulverizadores de perfume para bombear o ar no vidro com clorofórmio, outros tinham espécies de manivelas que movimentavam engrenagens, ou bolsas de borracha como bolas de futebol, mas o francês Louis Ombrédanne (1871-1956) usava uma bexiga de porco.

Seu compatriota Paul Bert (1830-86) em 1879 inventou o carro anestésico, forte e hermeticamente fechado, com dez pequenas aberturas que podiam acomodar doze pessoas, incluindo o paciente. A equipe cirúrgica ficava sujeita a uma grande pressão do ar e o paciente à alta pressão do óxido nitroso da bolsa que ficava debaixo da mesa de operação. O ar era refrigerado no verão e passava por água quente no inverno, e quando começava a diminuir alguém assobiava para avisar o homem

encarregado da bomba, que ficava no lado de fora. O carro se movia sobre rodas e chegava a todos os hospitais de Paris, até que em 1883 os passageiros conseguiram jogá-lo na pilha de ferro velho. Os médicos tiveram mais sorte do que os três balonistas que Paul Bert fez subir para estudar a inalação de oxigênio. Só um deles voltou com vida.

Depois da I Guerra Mundial a anestesia passou a ser feita passando óxido nitroso comprimido e oxigênio de cilindros para o éter e, ás vezes, clorofórmio contido em vidros. Essa foi a invenção simples de “Cocky" Boyle (1875-1941) que, com “Gloomy" Hoover (1896-1986) adornou a anestesia no Hospital de São Bartolomeu, em Londres. *Sir* Ivan Magill (1888-1986) havia aplicado a anestesia, durante a guerra, para *Sir* Harold Gilles, que inventou a cirurgia plástica em Sidcup. Para evitar que o rosto deformado se tornasse um campo de batalha para o cirurgião e o anestesista, Magill inseria um tubo no nariz, que passava pelo céu da boca, pela língua e pelas cordas vocais até a traquéia. Desse modo não havia impedimento entre a parte inferior do cilindro de oxigênio e os alvéolos esponjosos dos pulmões do paciente. Foi uma conveniência muito bem recebida pelos anestesistas, que passavam muito tempo lutando para evitar que o paciente morresse sufocado.

A despeito dos aparelhos, cada vez mais aperfeiçoados, o anestesista continuava como a figura desprezada, “o homem do pedaço de pano e da garrafa", garrafa de clorofórmio no bolso traseiro da sobrecasaca, pedaço de pano no outro bolso para pingar o anestésico, ganhando 10% dos honorários do cirurgião, o Fígaro, o Admirável Crichton, o Jeeves do teatro operatório.

AS HONRAS DA ACADEMIA

Em 1937 surgiu entre os mestres de Oxford o primeiro professor de anestesia da Europa, para grande ultraje de todo o corpo docente. O dinheiro veio de *Lord* Nuffield, que já havia escandalizado Oxford com a produção em massa tio automóvel Morris Minor (“Oxford é o Quartier Latin de Cowley", chique de morrer). Nuffield levou bola preta no clube de golfe local, por isso ele o comprou e instalou seu parceiro de golfe na

Cadeira de Anestesia. O novo professor era *Sir* Robert Reynolds Macintosh (1897-1989), inventor do laringoscópio aperfeiçoado, que já havia provado sua habilidade administrando uma anestesia perfeita com gás no seu benfeitor. *Sir* Robert tinha uma ótima clínica em Harley Street com três máquinas de gás e dois Bentleys por anestesista, maldosamente chamada pelos invejosos de “Companhia Mayfair de Gás, Luta e Sufocação". Então o Serviço Nacional de Saúde criou anestesistas consultores como qualquer outra pessoa, e eles fundaram a Faculdade de Anestesia e, finalmente, seus membros chegavam ao hospital dirigindo carros iguais aos dos cirurgiões.

A América tinha já um professor, Ralph Milton Waters (1883-1979), em Madison, Wisconsin. Ele introduziu o gás ciclopropano, com as desvantagens de ser tremendamente explosivo e horrivelmente dispendioso. Também o “Pentotal”, que mudou a terrível indução da anestesia de sufocação controlada para uma pequena picada no braço. (Se o anestesista conseguia acertar a veia: “Você tomou gás na sua operação?” perguntou a mulher, no ônibus. “Não, eles não usam mais o gás”, respondeu a amiga, "Um cara chega, enfia uma agulha nas costas da sua mão quatro ou cinco vezes, e você dorme.”)

“A local” era usada desde 1884, injetada no músculo, em determinados nervos, na medula ou simplesmente passada na superfície do olho, da língua ou do nariz. O poder mágico da cocaína foi famosamente explorado pelo vienense Carl Koller (1857-1944), cirurgião de olhos. Se Freud não tivesse saído de férias com sua noiva, na ocasião, teria se tornado um aclamado pioneiro anestesista e poupado ao mundo muita introspecção angustiosa.

Os anestésicos para uso local eram muito usados porque produziam insensibilidade e paralisia sem os inconvenientes gerais do narcótico e sem a necessidade de um hábil anestesista. Porém, a anestesia "local" é obstinadamente local e quase sempre o paciente prefere o sono, mais arriscado. O problema foi resolvido por *Sir* Walter Raleigh (1552-1618). Em 1595, viajando para o Orinoco, *Sir* Walter conheceu o veneno paralisante que os nativos da América do Sul usavam nas flechas, um xarope feito de uma trepadeira que mais tarde foi chamado de “curare". As mesas de operação do mundo todo estão agora repletas, dia e noite, de pessoas submetidas ao equivalente à picada do dardo envenenado de uma

zarabatana. A paralisia provocada oferece ao cirurgião um corpo flácido, enquanto uma pequena quantidade de algum anestésico moderno, como o halotano, provoca um sono superficial. A extrema economia de anestésico nas cesarianas, para não prejudicar o bebê, muitas vezes tem como resultado uma paciente completamente acordada e paralisada durante todo o tempo da operação. Os tribunais concedem uma indenização tão generosa a esse tipo de agonia mental e física que qualquer mãe que se queixe de ter passado por ela pode trazer à lembrança de toda uma enfermaria de parturientes que elas também sofreram sem merecer.

Essa combinação épica de sono e paralisia que transformou a anestesia foi experimentada por Harold Randall Griffith (1896-1985) em Montreal, em 1942. Porém, o escritor francês Joris-Karl Huysmans foi quem teve a idéia pela primeira vez. Em 1884, escrevendo sobre as observações de Edgar Allan Poe a respeito da influência depressiva do medo sobre a vontade, Huysmans acrescenta:

> Que afeta como um anestésico
> que paralisa os sentidos e o curare que
> inutiliza os nervos motores.

Ora, ora.

Ninguém sabe como os anestésicos funcionam. Mas ninguém sabe por que nós dormimos.

CAPÍTULO 5

A bengala com cabo de ouro

O médico do século XVII era inútil, mas decorativo. Casaco de cetim abotoado, calça de couro até abaixo dos joelhos, meias de seda e sapatos com fivela, babados de renda, peruca inteira, balançando uma bengala comprida com cabo oco de ouro, cheio de vinagre aromático de Marselha. Era *le vinaigre de quatre voleurs*, a mistura eficaz usada por quatro ladrões de corpos aprisionados durante a epidemia de peste em Marselha e que nunca foram infectados. Era aspirado repetidamente para imunizar o médico contra a infecção e dar a ele tempo para pensar. A bengala tornou-se seu símbolo, a varinha mágica de Esculápio.

POMPA E TRISTE CIRCUNSTÂNCIA

A bengala de cabo de ouro, de 1827, é a biografia indiscreta de uma bengala com brasão de armas usada sucessivamente por cinco médicos da moda, depois de 1689. Primeiro foi John Radcliffe (1650-1714), que deu a Oxford a Câmera Radcliffe, a Biblioteca Radcliffe e a Enfermaria Radcliffe. Era médico de Guilherme III, que era impaciente, rabugento, bebia muito e devorava as raras ervilhas verdes sem oferecer nenhuma à rainha. Não era fácil tratar o rei. Para sangrá-lo, o médico precisava de autorização do Conselho Privado. O arrogante Radcliffe teve uma desavença com *Sir* Godfrey Kneller por causa de uma porta de jardim usada pelos dois. “*Sir* Godfrey pode fazer o que quiser com a porta, exceto pintá-la.” Ao que o artista respondeu, através do seu cavalariço: “Diga ao doutor Radcliffe que posso aceitar qualquer coisa dele, menos cuidados médicos.” Muito bem, comentaram rindo os freqüentadores de Taverna em Fleet Street, onde Radcliffe despendia generosamente parte das 5.000 libras que ganhava por ano (mais tarde, *Sir* Godfrey pintou a cena).

O guinéu chegou com a restauração, arredondando os honorários dos médicos, pagos pelos nobres, em 6s8d. Embora só tivesse sido cunhado depois de 1813, o guinéu continuou como a elegante unidade monetária dos médicos até a divisão decimal do dinheiro, em 1971. As despesas de viagem por carruagem eram extras. A consulta de um médico de Londres em Pitlochry custava 1.500 guinéus. Quando tinha 60 anos, Radcliffe se apaixonou e foi alvo de *charges* na imprensa. Quando a rainha Anne morreu ele estava com gota, e o Parlamento o culpou por não atendê-la, mas Radcliffe se desculpou devidamente, morrendo três meses depois.

“Nunca li Hipócrates em toda a minha vida”, disse Radcliffe secamente para um jovem médico que perguntou se ele lia Hipócrates em grego. “O senhor não precisa”, disse imediatamente o jovem. “O senhor é o próprio Hipócrates.” Assim, Richard Mead (1673-1754) providenciou para ser herdeiro da clínica e da bengala com cabo de ouro de Radcliffe. Mead começou a curar as pessoas pelo correio, escrevendo receitas por meio guinéu, na Coffee House, em Covent Garden, sem se dar ao trabalho de ver os pacientes. No fim do dia ele ia para Batson. Ganhava 7.000 libras por ano. “O doutor Mead”, disse o doutor Johnson, “viveu mais tempo em plena luz do sol do que qualquer outro homem."

A bengala que amaciava as palmas daqueles médicos de dedos de ouro está agora no Colégio Real de Médicos, fundado por Thomas Linacre (1461-1524), um *Fellow* de All Souls, Oxford, que conseguiu com Henrique VIII carta patente para os clínicos, em 1518, 22 anos antes de os cirurgiões conseguirem. O Colégio tinha autoridade para expulsar da prática médica os charlatães, monges, artesãos e mulheres que “provocavam sofrimentos intensos, danos e destruição em muitos súditos do Rei, especialmente àqueles incapazes de discernir os charlatães dos verdadeiros médicos”. Essa autoridade era realmente exercida: em 1630 e 1637 mandou cortar as orelhas de dois curandeiros não-qualificados. O Bispo de Londres foi apaziguado com a permissão de continuar a licenciar médicos com a mesma liberdade com que ordenava sacerdotes. O Colégio Real de Médicos, onde está exposta a bengala com cabo de ouro, fica hoje perto do Zoológico. Outros valiosos decoradores de dois séculos da medicina:

— O médico do doutor Johnson, William Heberden (1710-1801), que descreveu a *angina pectoris* e os nódulos de Heberden (artrite nas pontas dos dedos).

— O excêntrico e rígido quacre Thomas Hodgkin (1789-1866), considerado no Guy’s como o tipo de pessoa que eles não queriam na sua equipe de médicos. Ele se contentou com o cargo de curador do Hospital-Museu, onde descobriu, em espécimes patológicos, o aumento simultâneo do baço no abdome e glândulas linfáticas espalhadas pelo corpo. Durante 33 anos ninguém deu atenção a essa correlação, até que o médico do Guy’s, *Sir* Samuel Wilks (1824-1911) a ressuscitou e honestamente a denominou doença de Hodgkin.

— A doença que provoca tontura, desequilíbrio e surdez de um dos ouvidos, descrita por Prosper Menière (1799-1862), da Instituição de Surdos-mudos de Paris, um mês antes de morrer de gripe.

— *Sir* William Withey Gull, baronete (1816-90), médico da rainha Vitória, sensatamente suspeitava da eficácia de todos os medicamentos e escreveu *Reumatismo Tratado com Água de Menta.* Ele tratou o príncipe de Gales de febre tifóide (não existia tratamento), e criou aforismos:

Não uma febre tifóide, mas um homem com febre tifóide.
(O médico trata um paciente, não uma doença.)
Selvagens explicam, a ciência investiga.
Sobre uma neurótica difícil: a senhora X é ela mesma multiplicada por quatro.

Um século depois, *Sir* William tornou-se alvo de acusações absurdas dos caçadores do herói folclórico inglês Jack, o Estripador. Naquele outono sinistro de 1888 Gull estava com 71 anos, havia sofrido uma crise de isquemia cerebral um ano antes e padecia de artrite em todo seu corpo napoleônico. O que sugere que ele devia ter meios mais confortáveis de passar as noites do que se escondendo nas vielas de Whitechapel, iluminadas a gás, esfaqueando prostitutas. Ele deixou 344.000 libras, um recorde na profissão.

— *Sir* William Richard Gowers, de Yorkshire (1845-1915), neurologista, foi o primeiro a usar a “lanterna mágica", o oftalmoscópio, para examinar a retina do olho, e definiu o trato de Gowers na medula espinhal.

— *Sir* Hans Sloane 0660-1753), o médico que tinha um jardim exótico em Chelsea e fundou o Museu Britânico, deu nome à Praça Sloane, à Avenida Sloane e ao Hans Crescent, todos na rua do Harrods, também Sloane Rangers.

O DIAGNÓSTICO É TUDO

Os médicos da era vitoriana eram brilhantes na identificação de todas as doenças cuja cura eles desconheciam por completo.

— *Percussão.* O musical Leopold Auenbrugger (1722-1809), filho do taverneiro de Graz, aplicou a forma de verificação da quantidade de vinho nos barris do seu pai — batendo na madeira com as pontas dos dedos — para descobrir a existência de fluidos no peito dos pacientes. Os médicos vienenses consideraram o método ultrajante e sem dignidade. Jan Nicholas Corvisart (1755-1821), médico de Napoleão, achou esplêndida a idéia e em 1808 a espalhou por toda Paris — como *Sir* Samuel Wilks, *honradamente* dando crédito ao seu autor.

— *Auscultação.* Para ouvir o coração e os pulmões, todos os médicos, desde Hipócrates, encostavam o ouvido no peito do paciente. Esse método foi descrito por René Theóphile Hyacinthe Laénnec (1781-1826) como “não somente ineficaz, mas inconveniente, indelicado e, nos hospitais, até mesmo desagradável". Muitos médicos pousavam a cabeça sobre colos suaves e adormeciam. Assim, em 1816 Paris produziu outro auxiliar do diagnóstico quando Laënnec atendeu uma jovem de seios tão avantajados que ele impulsivamente enrolou uma folha de papel, ouviu de uma distância decente e inventou o estetoscópio. O primeiro era um rolo oco de madeira, passou para uma corneta acústica e depois para o conhecido estetoscópio para os dois ouvidos, equivalente à bengala do cabo oco de ouro.

— *O pulso.* Era difícil medir a pulsação antes de surgirem os ponteiros de segundos dos relógios de bolso. O ex-estudante de medicina Galileu (1564-1643) media seu pêndulo pelas batidas de seu coração, depois inteligentemente inverteu a idéia, passando a medir o pulso pelo movimento do pêndulo. Um professor de Pádua, Sanctorius Sanctorius (1561-1636), em 1625 inventou o pulsilógio, um relógio de pulso que depois de dois séculos foi aperfeiçoado em Lichfield por *Sir* John Floyer (1649-1734), passando a marcar os minutos. Sanctorius passou grande parte da vida sentado numa máquina de pesar para ver quanto peso ganhava com cada refeição, antecipando a ciência do metabolismo do século XX e a obsessão em perder peso.

— *A temperatura.* Galileu havia inventado um termômetro, Sanctorius o aperfeiçoou para ser usado em seres humanos, mas tinha 33 centímetros de comprimento e precisava ser chupado durante 20 minutos. O estudioso *Sir* Thomas Clifford Allbutt (1836-1925), o original Dr. Lydgate de George Eliot em *Middlemarch,* o reduziu a algo que as enfermeiras podiam guardar no bolso. Carl Reinhold August Wunderlich (1815-77), de Württenberg, inventou o gráfico da temperatura e, em 1868, compreendeu que a elevação da temperatura do corpo humano que ele registrava não era, necessariamente, como se pensava na época, uma doença. “Ele encontrou a febre como uma doença e a deixou como um sintoma."

Benjamin Rush (1745-1813), o Hipócrates da Pensilvânia, um quacre contrário à guerra, à escravatura, aos enforcamentos e ao álcool (atitude muito boa para sua clínica), foi signatário da Declaração da Independência e declamou: “A medicina é minha esposa e a ciência minha amante.” (“Não acho que essa violação do sétimo mandamento seja lisonjeira para a dona dos seus afetos", comentou *Sir* Oliver Wendell Holmes, de Boston.) Rush descobriu que a inflamação era o *efeito* da doença, e não a *cama.* Wunderlich e Rush tiveram uma visão bastante clara da infecção, antes que a microbiologia prática no fim do século XIX a tornasse tão pouco notável quanto uma fotografia.

— *Raios X.* Wilhelm Konrad Röntgen (1845-1922), professor de física em Würzburg, na Bavária, trabalhando até mais tarde numa noite de

> sexta-feira, 8 de novembro de 1895, notou que alguns cristais distantes iluminavam-se no laboratório escuro quando a eletricidade passava pelo tubo de vácuo que ele estava usando dentro de uma proteção de papelão. Ele afastou mais os cristais do tubo.
>
> Novamente se acenderam. Pôs um livro entre eles e a corrente elétrica. Um pedaço de madeira. Depois, placas de metal. Continuaram a brilhar. Pôs a mão no meio. *Mein Gott!* Seus ossos ficaram visíveis. Ganhou o prêmio Nobel em 1901. Röntgen era um homem simples, triste, sonhador e modesto que detestava a publicidade, e deu as 50.000 *kroner* do prêmio Nobel para sua universidade, recusou chamar os raios de Röntgen e a explorá-los comercialmente, disse a todo mundo que o Kaiser ia perder a guerra e morreu sozinho e na pobreza.

Pierre Curie (1859-1906) e sua mulher polonesa, ex-governanta de crianças, Mane Sklodowska Curie (1867-1934), descobriram o rádio em 1897. Pierre foi atropelado em Paris, e Marie morreu de anemia causada por exposição ao rádio.

UMA PEÇA ANTIGA

Entre o discreto estalar das elegantes poltronas de couro, o tilintar do cristal, o suave farfalhar do *Times* nos clubes masculinos de Pall Mall estão estranhas peças antigas que nem os membros mais antigos sabem identificar. A banqueta forrada de veludo com borlas, para a gota, debaixo da confortável poltrona do clube, permitia ao dedo grande do pé, enfaixado e tão sensível que o zumbido de uma mosca era antecipado com alarme, ser mantido abençoadamente na horizontal.

Muitas doenças têm clubes, com endereços e telefones, desde os Alcoólatras Anônimos e Tratamento da Artrite até as Doenças Venéreas. Algumas doenças crônicas se transformaram em clubes informais, uma camaradagem entre os membros para compensar o triste fato de não haver tratamento para elas. No começo do século XX os sanatórios para tuberculosos, nos Alpes suíços, ofereciam a camaradagem do refeitório

militar durante a guerra, com um índice de mortalidade bastante inquietante. A gota era a doença própria dos clubes de cavalheiros. Suas vítimas, homens claudicantes, com o pé enfaixado, de muletas, gordos, corados, mal-humorados e imponentes, inflamavam a imaginação de Gillray, Rowlandson e de todos os cartunistas, como as juntas dos seus próprios dedos grandes do pé.

Era uma zombaria mal orientada. *Sir* Thomas Browne descobriu, em meados do século XVII, que: "Quantos homens famosos, imperadores e pessoas cultas são exemplos dessa doença, provando que não é uma doença de tolos, mas de homens sensatos e de valor." Seis admiráveis vítimas dessa doença histórica:

— Byron. ("A gota, que enferruja as juntas aristocráticas.")

— W.S. Gilbert. ("Um gosto pela bebida combinado com gota o havia curvado para sempre.")

— Jaroslav Hasek, *O Bom Soldado Svejk.* ("O coronel... se transformou, depois de um ataque de gota, de um cordeiro pacífico num tigre feroz... ele rugia com a voz terrível de um homem assado lentamente num espeto: 'Saiam todos! Tragam-se um revólver!"')

— Sydney Smith, humorista. ("Observo que a gota ama ancestrais e genealogia. São necessárias cinco ou seis gerações de cavalheiros ou nobres para dar a ela a força máxima.")

— James Thomson, poeta. ("A gota insone aqui conta os cantos dos galos, um lobo agora o mastiga, agora uma serpente o pica.")

— Anthony Trollope. ("Velhos cavalheiros geralmente são mal-humorados. A gota e aquela outra coisa, vocês sabem.")

A gota é sem dúvida uma doença dos literatos.

Havia gota nos esqueletos do tino 3 d.C, nos Costwolds. Os romanos engoliam a propensão para a gora com o chumbo dos seus copos de vinho. "Os pobres raramente têm gota", observava o *The Heaven of Health,* em

1584. Isso porque os pobres viviam de pão de cevada e queijo, ao passo que a classe dos gotosos comia proteína, que contribuía para a doença. O vinho do porto acendia o pavio.

Thomas Sydenham (1624-89) escreveu *Tratado sobre a gota*, em 1863, onde diz: “A vítima vai para a cama e dorme com boa saúde. Mais ou menos às duas da manhã é acordada por uma dor forte no dedo grande do pé... é tão acentuada a sensibilidade da parte afetada que não suporta o peso das cobertas nem a vibração de passos no chão do quarto. A noite é passada em tortura e insônia...” O médico escreveu com tanta percepção clínica porque sofria horrivelmente de gota também.

Sydenham, de Wynford Kagle, em Dorset, descreveu graficamente todas as doenças. A coréia de Sydenham, “a dança de São Vito”, nas crianças infectadas por estreptococos, foi um dos seus originais. Ele notou a diferença entre o sarampo e a escarlatina. “O sarampo geralmente ataca crianças... inquietação, sede, falta de apetite, língua esbranquiçada (mas não seca)... e no quarto dia aparecem no rosto e na testa pequenas manchas vermelhas, como picadas de mosquitos”.

Língua esbranquiçada? Talvez Sydenham tenha notado também os pontos brancos na boca, que permitem um diagnóstico precoce, dois séculos antes de Henry Koplic (1858-1927), do Hospital Monte Sinai, em Nova York.

Sydenham é chamado de “Hipócrates inglês”, porque ele eliminou as teorias, o misticismo e a magia que infestavam a medicina daquele tempo. Reviveu a idéia de Hipócrates de tratar o paciente na própria cama, por causa do que ele via e o que sabia. Ele preferia *Dom Quixote* aos livros de medicina. Além disso, possuía o supremo dom clínico de reconhecer quando podia fazer o melhor possível por um paciente e para sua reputação simplesmente não fazendo coisa alguma.

Seu ardente pupilo foi o médico-pirata Thomas Dover, que contraiu varíola e tratou a febre com o método de Sydenham de quarto frio, ar fresco, nada de cobertas e doze garrafas de cerveja fraca a cada 24 horas. Ele distribuía ópio para todos, temperado com açafrão, canela e cravo. Sydenham era modesto, impassível, distante, compassivamente prestando

contas a Deus por seus pacientes. Fora um dos capitães de cavalaria de Cromwell e tinha uma das admiráveis qualidades de Cromwell, a de farejar a merda no vento da história.

Depois de Sydenham, a política externa da Grã-Bretanha estabeleceu oficialmente a gota com o Tratado Methuen, de 1703. O objetivo era atrair os portugueses para fora da França, estabelecendo um imposto de sete libras por 253 galões de vinho do porto contra 55 libras por 253 galões de clarete. Os cavalheiros ingleses podiam agora tomar garrafas de vinho do porto à noite, uma vez que não tinham nada para fazer depois de ler o último volume de *Pamela,* exceto conversar à mesa do jantar até desaparecerem debaixo dela.

Com a louvável igualdade social da nossa era, a gota agora é acessível a seis entre 1.000 britânicos.

O Tratado Methuen foi anulado em 1835.

A TESTA FEBRIL

Três dos eixos centrais da medicina não eram médicos. Charles Darwin era um naturalista navegador, Louis Pasteur era um químico industrial e Florence Nightingale era enfermeira.

Florence Nightingale (1820-1910) é lendária pelos motivos errados. Até a lâmpada da Dama está errada, iluminando ora a antiga nota de 10 libras, ora a faixa de pedestres na frente da porta do culto Clube Ateneu, para cavalheiros, em Pall Mall. Ao longo dos seis quilômetros e meio de corredores que compunham as enfermarias de Scutari, ela balançava uma lâmpada de pano do exército turco, enrugada como uma lanterna chinesa, com uma vela de luz amarelada na base. Com a outra mão ela segurava as três essências da política: saber o que queria saber, saber quem podia dar a informação e saber quanto teria de esperar por ela. Podia ter governado o país tão bem quanto *Lord* Palmerston, se não tivesse ido diretamente para a cama, quanto voltou da Criméia, de onde não levantou durante 50 anos.

Florence Nightingale tinha muitas outras peculiaridades, como bater irritadamente as tampas abertas das privadas.

Quando foi posto em andamento o destino de Churchill como Primeiro *Lord* do Almirantado, em 1911, Florence Nightingale foi lançada pela Instituição para Cuidar de Senhoras Respeitáveis em Circunstâncias Desafortunadas, Harley Street, nº 1, um ano antes da Guerra da Criméia. Ela era a superintendente, com o toque de Branca de Neve entre os Sete Anões. Imediatamente despediu o médico residente, passou a encomendar os mantimentos por atacado do Fortnum e os vegetais, por sacos, do Covent Garden; fazia ela própria a geléia, instalou elevadores para alimentos, água quente e campainhas para as pacientes, matou os ratos, os camundongos e outros parasitas e eliminou o perigo das explosões de gás. Em seis meses Florence Nightingale diminuiu pela metade o preço da estada das senhoras internadas. Ela sabia como conseguir o que queria: “Se um conserto não for feito, eu acampo com minhas 12 pacientes no meio da Praça Cavendish e deixo que a polícia e o comitê venham me prender como desocupada.”

Ela só podia ser inglesa. Os Nightingale, de Embley House, em Hampshire, eram viajantes elegantes (Florence nasceu em Florença, podia se chamar Rimini), e da alta sociedade de Londres (metade de um andar do Hotel Carlton, na temporada, duas filhas apresentadas à corte). Florence Nightingale conhecia Sidney Herbert, o Secretário *na* guerra (não *da* guerra, ele tomava conta dos livros). Uma vigorosa atividade política conseguiu do gabinete de *Lord* Aberdeen o voto unânime para sua promoção de Harley Street para superintendente do Estabelecimento de Enfermagem feminina do Hospital Geral Inglês, na Turquia, e dentro de uma semana ela partiu de Dover com 40 enfermeiras.

Florence Nightingale reorganizou imediatamente o hospital, que fora criado pelo exército simplesmente pintando de branco as paredes internas do quartel Selinie, em Scutari. E um prédio enorme, com quatro torres, uma em cada canto, que pode ser visto de Istambul, no outro lado do Bósforo (a *paklava* doce turca é deliciosa, e o *raki* é uma variação do gim tônica). Florence Nightingale cintilou intensamente, destacando-se do resto da guerra, que nada tinha de organizada. Em seguida, organizou os uniformes e a alimentação do exército britânico local, gastando nos bazares de

Constantinopla as 30.000 libras concedidas pelo *Times*, depois de ter organizado o embaixador britânico, que havia planejado construir uma igreja protestante com esse dinheiro.

Quando a dor e a angústia franziam a testa, Florence Nightingale tinha coisas mais importantes para fazer do que ser um anjo de bondade. Estava sempre organizando o enterro dos pacientes — bem como suas cartas para casa —, mas deixava o trabalho sujo das enfermarias para as enfermeiras sujas. Para ela, eram mulheres "velhas demais, fracas demais, bêbadas demais, sujas demais, calejadas demais ou incapazes de fazer qualquer outra coisa". As suas enfermeiras haviam embarcado com ela, em Dover, para o inimaginável, por 12 shilings por semana, mais um quarto de litro de cerveja no almoço e um copo de Marsala no jantar. Três anos depois da guerra da Criméia, as ordens de Florence Nightingale para elas apareceram em *Notas de Enfermagem***,** um pequeno volume que trazia na contracapa da segunda edição de 1895 os nomes de dois outros livros, igualmente práticos, *Pig-Skiing* ***or*** *Hog-Hunting***,** do capitão Baden-Powell, *Cricket, Jerks in from Short Leg*, de Quid, e as conveniências da estrada de ferro de Bailey para homens e mulheres.

— Não faça do seu quarto de doente uma corrente de ar para toda a casa.

— Comparações estatísticas absurdas são feitas na conversa comum pelas pessoas mais sensatas para benefício dos doentes.

— As médias de mortalidade só nos dizem que tantos por cento vão morrer. A observação deve nos dizer *quais* desses cem vão morrer.

— Ajude o doente a variar seus pensamentos.

— Os pacientes não gostam de enfermeiras que usam roupas farfalbantes. Sobre esse assunto, Florence Nightingale acrescenta: — Eu gostaria também que as pessoas que usam tecidos transparentes pudessem ver a indecência dos próprios vestidos como os outros os vêem. Uma mulher respeitável, inclinando-se para a frente, vestida com esse tipo de tecido, se expõe tanto para o paciente deitado quanto qualquer dançarina da ópera no palco.

Mas ninguém jamais dirá a ela essa verdade desagradável.

A luz do gênio é percebida em lampejos. Ela escreveu também *Notas sobre Enfermagem para as Classes Trabalhadoras.*

Na cama, em South Street, Mayfair, Florence Nightingale organizou o Departamento Médico do Exército, a Escola Nightingale para Enfermeiras, no Hospital St. Thomas, e o serviço sanitário da índia. Recebeu visitantes da Sala do Gabinete das nossas embaixadas, dos palácios episcopais e do Palácio de Buckingham com a ordem do Mérito, pouco antes da sua morte. Um dos visitantes era de Oxford:

Primeiro venho eu; meu nome é Jowett.

Não há nenhum conhecimento que eu não saiba.

Sou mestre desse colégio.

O que eu não sei não é conhecimento.

O qual queria levá-la para Balliol e casar com ela.

Há alguns anos escrevi um romance no qual indico que Florence Nightingale, por suas declarações quando tinha 41 anos (“Acredito que eu sou como um homem ... Minha experiência com as mulheres é quase tão grande quanto a Europa. E bastante íntima também. Eu vivi e dormi na mesma cama com condessas inglesas e moças prussianas do campo... Nenhuma mulher despertou mais paixão entre as mulheres do que eu".) era lésbica. Essa denúncia tornou-se um brinquedo popular no *play-ground* da literatura. O lesbianismo é tão irrelevante para uma pessoa com as qualidades de Florence Nightingale quanto a sensibilidade a correntes de ar. Para ela, teve uma vantagem. Impediu que casasse com Jowett.

A MULHER MÉDICA

Muliebrity era uma necessidade tradicional no tratamento dos doentes. Para sua cura, sua função era mais duvidosa. *Sir* William Jenner (1815-98) — o médico que usou o burro mecânico para vaporizar ácido carbólico na axila

da rainha Vitória, e espirrou o ácido no rosto dela — durante a resplandescente meia-idade de Florence Nightingale dizia, choroso, que tinha só uma filha, mas preferia seguir seu enterro do que vê-la se tomar uma estudante de medicina. O próprio Lister criou objeções ao projeto de dar seu nome à nova cadeira de cirurgia em Glasgow: "Considerando as relações que a nova cadeira terá com o ensino das mulheres.” O resto dos profissionais da medicina necessariamente sensatos não concordou com a idéia de a morte ser preferível a aprender como evitá-la.

Elizabeth Blackwell (1821-1910), filha de um religioso refinador de açúcar, com uma família de nove filhos e quatro tias solteiras em Bristol, emigrou para Nova York quando tinha 11 anos. Aos 26, depois de ser rejeitada pela escola de Filadélfia e outras nos EUA, Elizabeth entrou para o Colégio de Medicina Genebra, NY. Formou-se como primeira da classe, estabelecendo um padrão de aplicação acadêmica que as estudantes de medicina se esforçam para superar. Sua primeira dificuldade foi encontrar moradia, porque as donas das pensões negavam-se a alugar quartos para moças desacompanhadas. Em 1857, Elizabeth Blackwell fundou a Enfermaria Nova York para Mulheres Indigentes, dirigida por mulheres. Ela comandou as enfermeiras durante a Guerra Civil. Solteira, adotou uma órfã.

Elizabeth Garrett Anderson (1836-1917) foi a primeira dama da medicina britânica, e Sophia Jex-Blake (1840-1913), uma das primeiras escocesas (embora em Edimburgo as mulheres fossem segregadas na escola). Na I Guerra Mundial, mulheres médicas receberam patentes de oficiais do exército britânico, com divisas nos punhos, como os homens. Agora as estudantes de medicina na Grã-Bretanha são em maior número do que os homens. E se as mulheres reclamam de discriminação em certas especialidades, como cirurgia, isso se deve à realidade biológica de que um cirurgião só precisa de alguns segundos para fazer um filho, mas as mulheres levam um pouco mais de tempo. A Igreja da Inglaterra, no momento, sofre de uma neurose ridícula em relação a mulheres sacerdotes; isso, sob o disfarce de argumentos teológicos, litúrgicos e sociais, expressa o temor bem fundado dos partidários de *Sir* William Jenner de que as mulheres possam tomar seu lugar.

O COMEÇO DA MEDICINA

Os médicos aventuraram-se no século XX munidos de armas muito leves. Receitavam mercúrio para sífilis e tinha, *digitalis* para reforçar o coração, iodo para bócio, cólquico para a gota, cloral para os nervosos, um alcalóide de pomegranato para tênia ou solitária. A partir de 1867 passaram a ter nitrato de amil para angina, e foi Thomas Sydenham quem pela primeira vez receitou ferro para a anemia. Os livros grossos de medicina de 1900 são tão precisos no que diz respeito ao diagnóstico quanto os de hoje, mas todos os capítulos são trágicos porque falta a eles o final feliz do tratamento eficaz.

Claude Bernard (1813-78), filho do dono dos vinhedos de onde vinha o Beaujolais, quando era um jovem assistente de farmácia em Lyons escreveu uma comédia musical — *A rosa do Ródano* — que foi um sucesso tão grande de bilheteria que ele se dedicou ao teatro e escreveu a peça em cinco atos, *Artur da Bretanha***,** e a apresentou para a opinião do crítico parisiense Saint-Marc Girardin, que o aconselhou a estudar medicina.

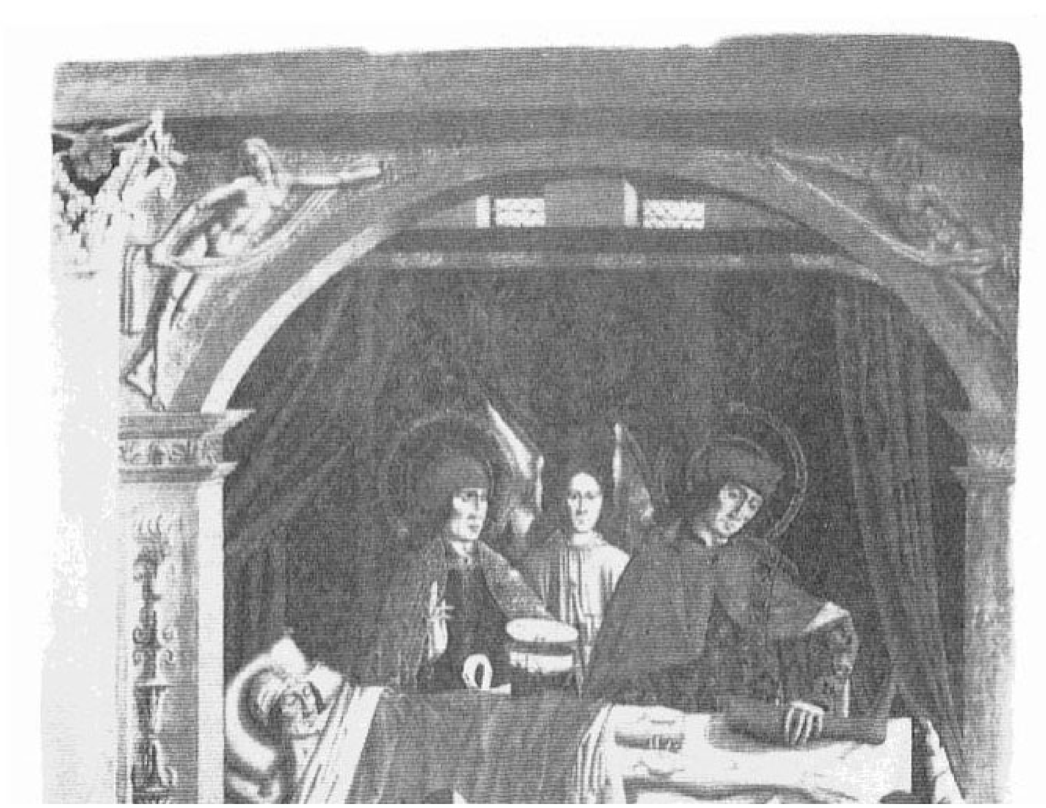
Bernard era um médico laboratorista, um pesquisador cuidadoso. “Tire sua imaginação, como tira seu casaco, quando entrar no laboratório, mas a retome novamente, como veste o casaco, quando sai dele.” Em 1857 ele descobriu que o fígado produz açúcar, independente do açúcar que o indivíduo ingere. Então os órgãos do nosso corpo não eram um ajuntamento diverso, cada um funcionando para destruir e expelir substâncias químicas ingeridas. Eles podiam criar suas substâncias químicas, por meio das quais um órgão podia ajudar o outro. Bernard chamou a isso *le milieu intérieur* — o clima existente dentro de nós, como existe fora. Essa introspecção introduziu a endocrinologia na medicina.

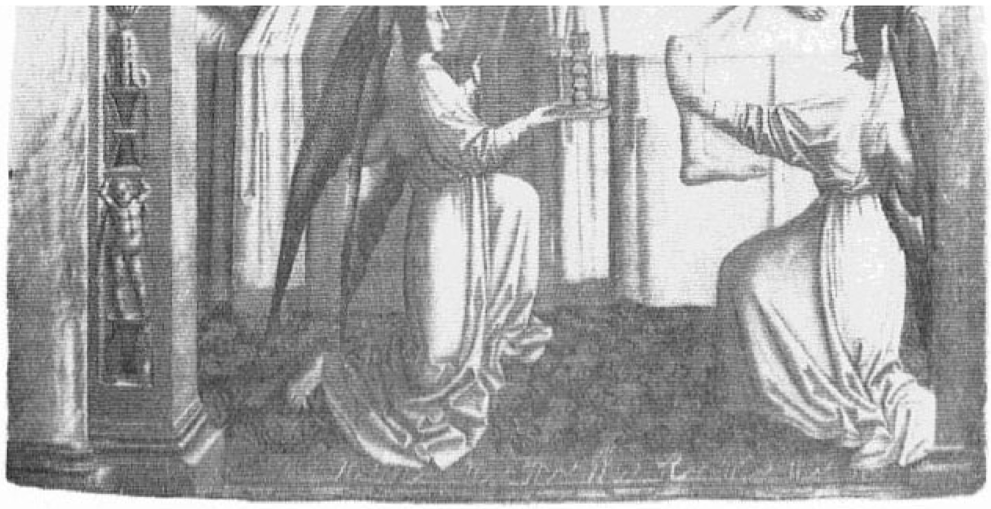
Claude Bernard também destronou o estômago do seu posto de monarca da digestão e instalou o pâncreas como seu príncipe poderoso. Estudou a função pancreática implantando uma cânula num cachorro roubado, que escapou e voltou para o dono, um inspetor de polícia. Os antivivisseccionistas de 1850 então discordaram da idéia de permitir que a inteligência excepcional e as idéias originais de Claude Bernard viessem a

beneficiar a humanidade presente e futura. Felizmente, o inspetor de polícia ficou do lado dele. A mulher de Bemard também não o compreendia.

Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936) era também um pesquisador muito hábil, cuja descoberta da salivação do cachorro ao ver ou farejar o alimento, ou até mesmo ao ouvir uma campainha, deu o nome ao freqüentemente adaptado "reflexo condicionado" de Pavlov. Contudo, a fama devia ser de Diderot, que escreveu em O *sobrinho de Rameau,* um século antes:

Ele tinha uma máscara igual ao rosto do Tratador das Focas, mais tarde pediu emprestado o amplo manto de um lacaio. Ele pôs a máscara no rosto. Vestiu o manto. Chamou o cão, o acariciou e deu a ele um biscoito. Então, mudando rapidamente de roupa, ele não era mais o Tratador das Focas, mas Bouret, e chamou o cão e o chicoteou. Com menos de dois ou três dias repetindo essa farsa, de manhã à noite, o cão aprendeu a fugir de Bouret, o General-Fazendeiro, e a correr para Bouret, o Tratador das Focas.





1. *O primeiro transplante: cirurgia santa por Cosme e Damião.*

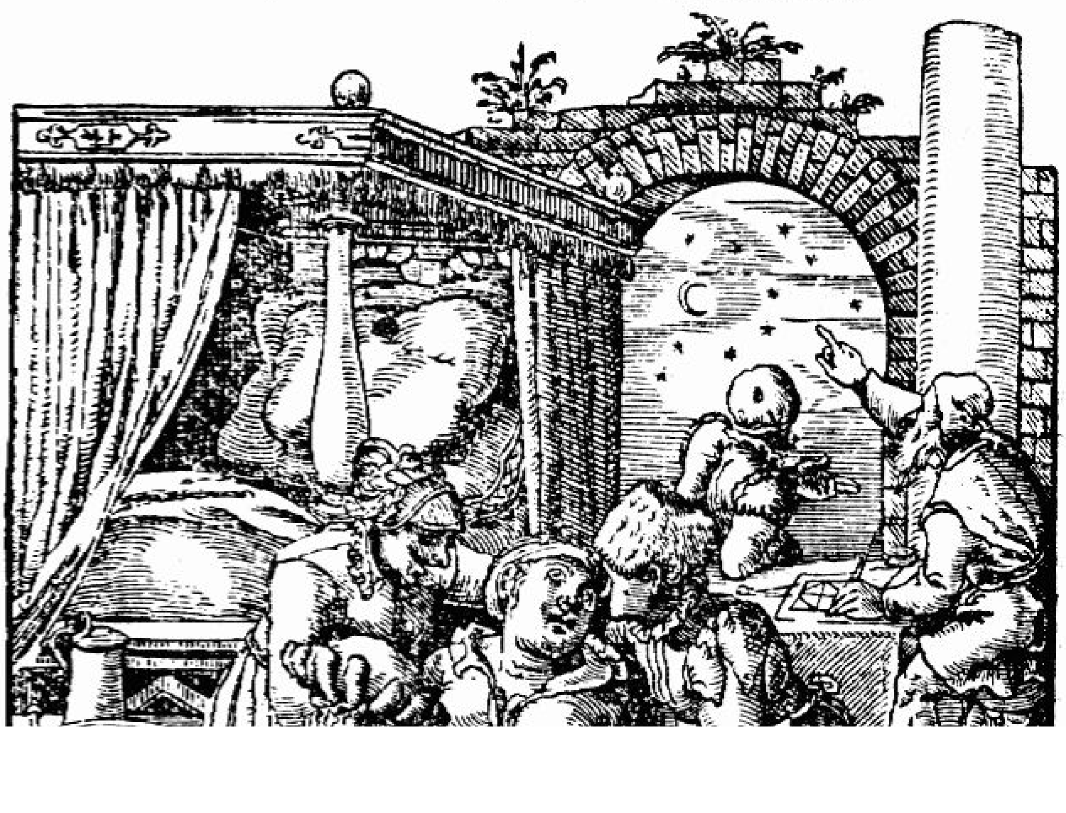




2. *Vesalius ensinando anatomia.*

CAPVT II.

De mixtura vtriusque sexus seminis, eiusq; substantia & forma.





Postquam autem vterus, quod genitale fœminei sexus membrum est, viri genituram conceperit, suum quoque semen illi admiscet, ita vt ex

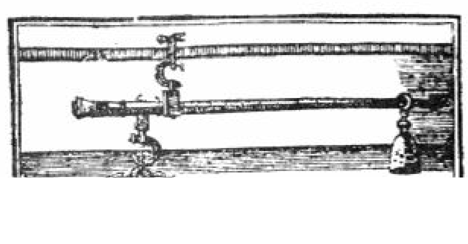
A 3 ambobus

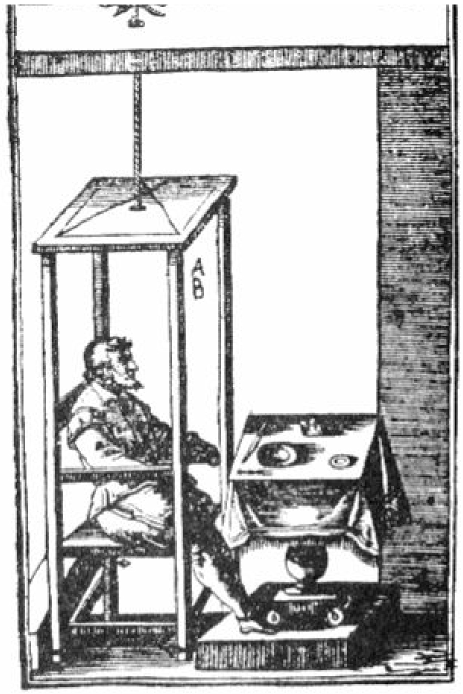
3. *Parto feito em casa, meados do século XVI.*



4. *Proteção dos médicos durante a peste.*

5. *Controle do peso.*




AB





6. *Um toque de realeza: Carlos II na clínica de TB.*





7. *Médicos de Hogarth, cheirando os cabos ocos de ouro das suas bengalas e experimentando a urina do paciente.*

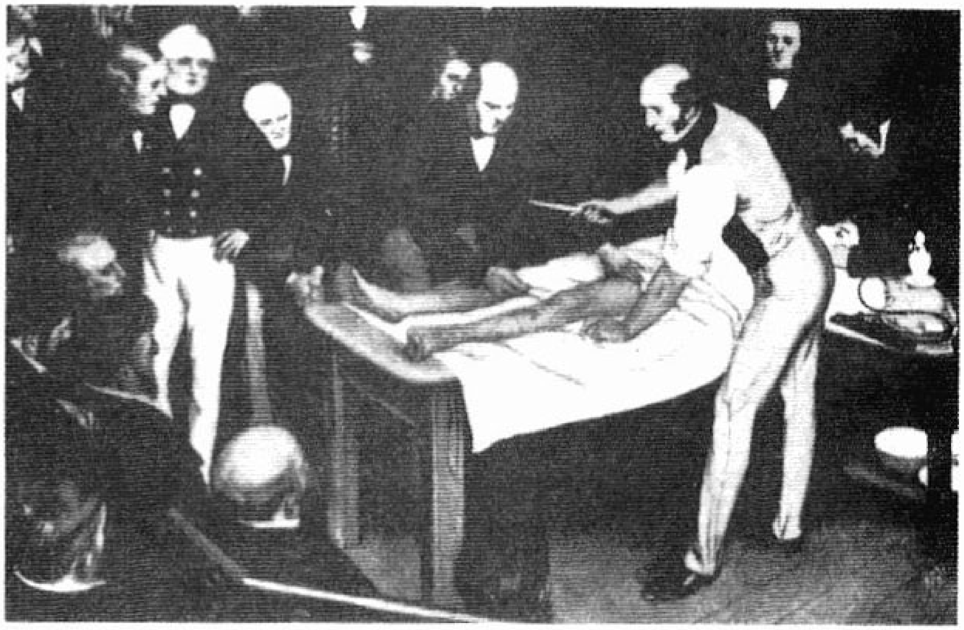


8. *Juptile e o cachorro louco, em Paris no Instituto Pasteur.*

9. *A primeira anestesia na Europa.*



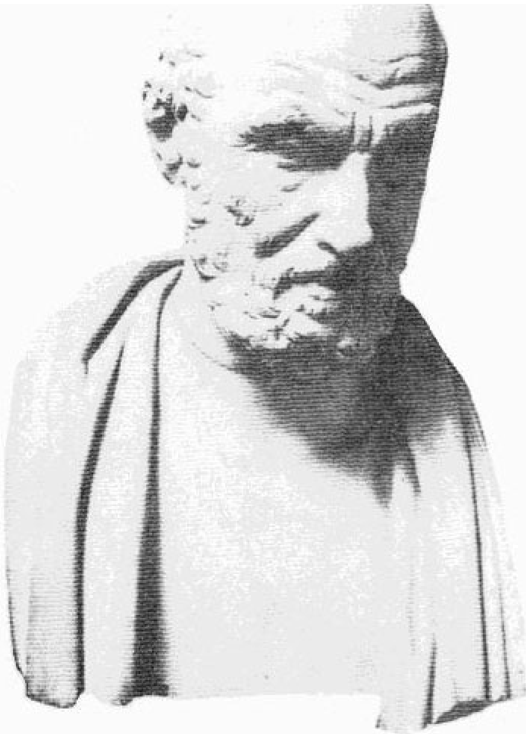
Liston operando (a perna errada).





10. *O vaporizador de ácido carbólico de Lord Lister.*

de Lord Lister.



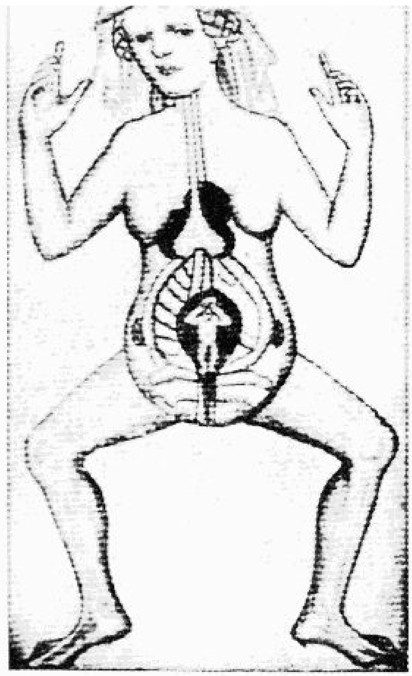
11. *Hipócrates, o pai da medicina.*



12. *Santo Antônio e o porco, tratando o paciente com o*



Fogo de Santo Antônio.



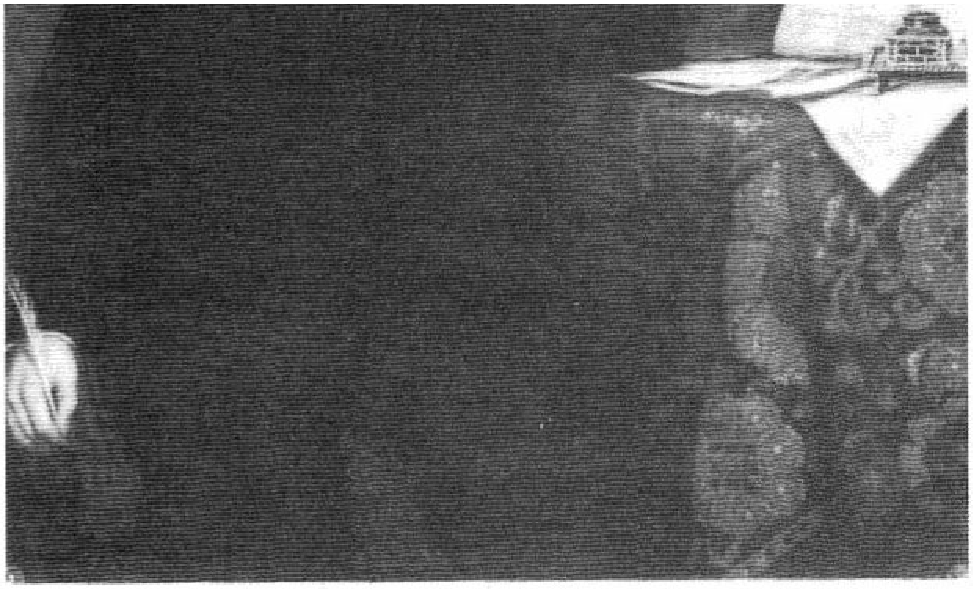
13. *Gravidez simplificada.*





14. *A água do amor:* Mal d'Amour, *por Gerard Dou.*





15. *Edward Jenner, o amigo das ordenhadoras.*



ANAIS DO INVERNO

BALNEÁRIO

Senhora visitante: Oh, é o seu médico, não é? Que tipo de médico ele é?

Senhora residente: Bem, eu não sei muita coisa sobre sua habilidade, mas ele tem um modo encantador de tratar o doente acamado!



Médico: Para que foi a operação do Jones?

Cirurgião: Cem libras.

Médico: Não, quero dizer, o que ele tinha?

Cirurgião: Cem libras.

16. Clássico do *Punch*. **17.** Velha piada do *Punch*.

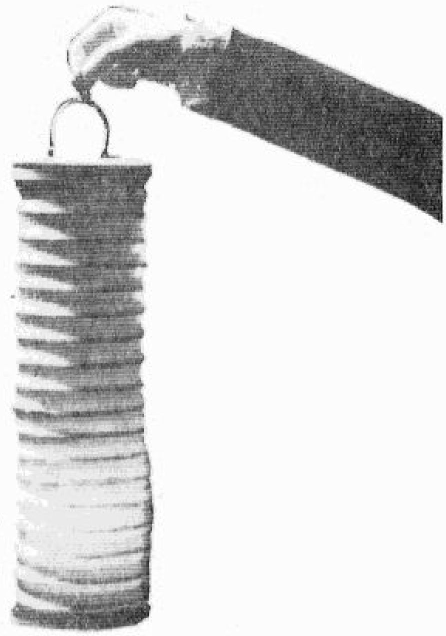


18. *Estudante de medicina do Punch.*





19. *Todos os dias, de todos os modos... Coué e pacientes.*



20. *A lâmpada da dama (versão correta — Florence Nightingale usava uma lâmpada do exército turco).*

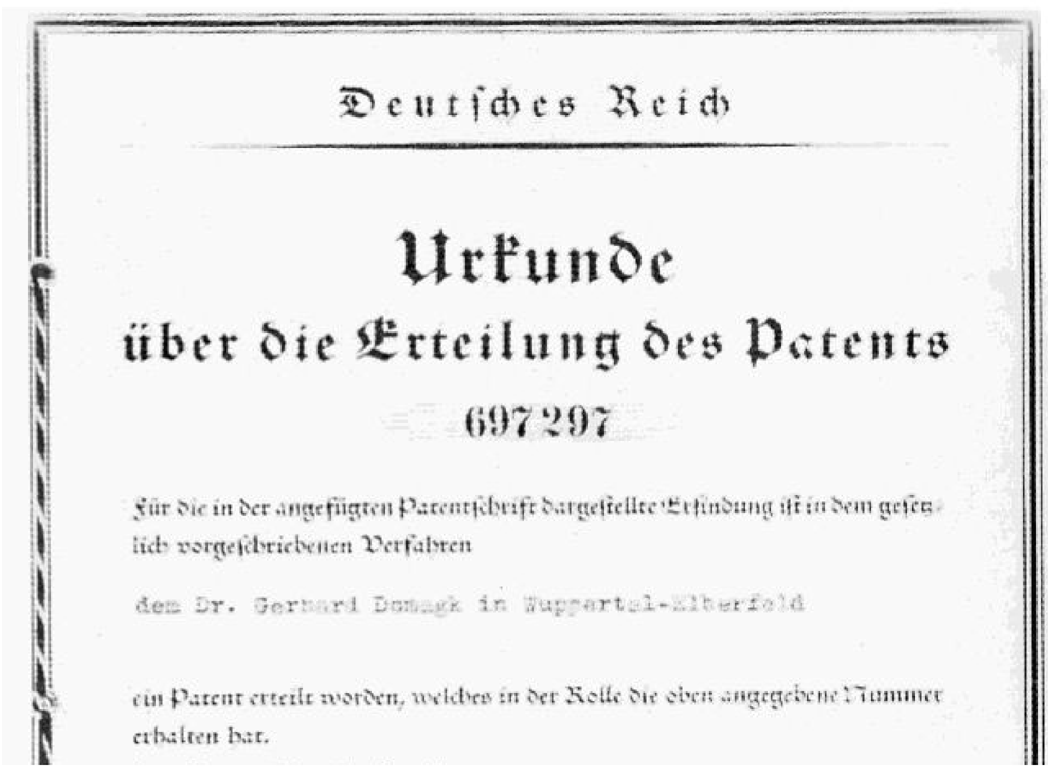




21. *Amputação de rotina, fins do século XVIII.*



22. *Professor Hörlein, de Wuppertal.*



Deutsches Reich

Urkunde

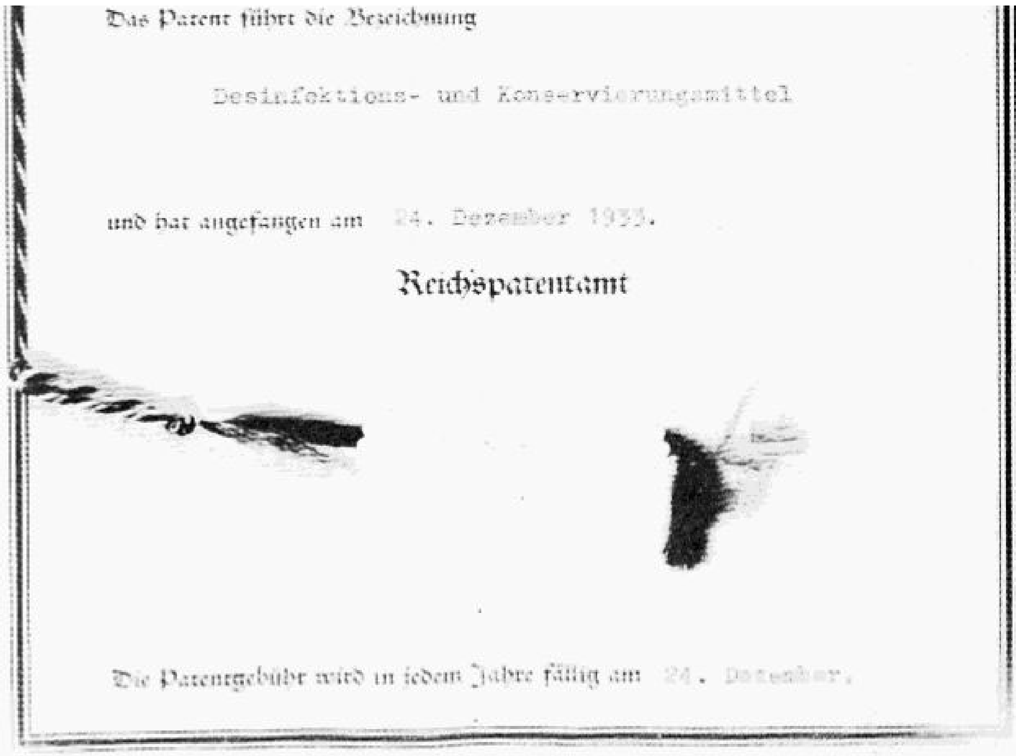
über die Erteilung des Patents

697 297

Für die in der angefügten Patentschrift dargestellte Erfindung ist in dem gesetzlich vorgeschriebenen Verfahren

dem Dr. Gerhard Domagk in Wuppertal-Elberfeld

ein Patent erteilt worden, welches in der Rolle die oben angegebene Nummer erhalten hat.



Das Patent führt die Bezeichnung

Desinfektions- und Konservierungsmittel

und hat angefangen am 24. Dezember 1933.

Reichspatentamt

Die Patentgebühr wird in jedem Jahre fällig am 24. Dezember.

23. *Patente da sulfonamida, 1933: uma suástica foi carimbada mais tarde.*



24. Pinel liberta homens e mulheres loucos

24. *Pinel liberta homens e mulheres loucos.*



25. *O show de Charcot: Charcot fazendo uma palestra sobre histeria na Salpêtrière de Paris.*

26. *O fundador do Serviço Nacional de Saúde, Chanceler Bismarck.*





27. *Cabeças falantes. As cabeças de Auguste e Abel Pollet, executados em 1909.*

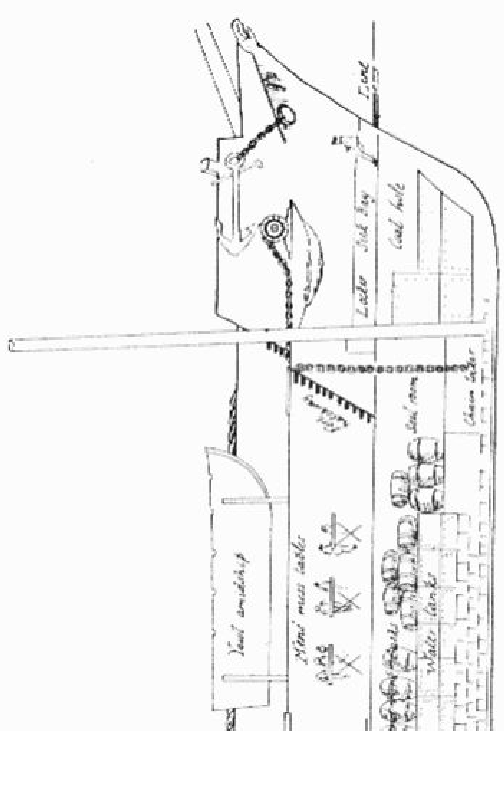


29. *Chega o homem do gás.*



28. *Dr. Clover preparando seu clorofórmio.*

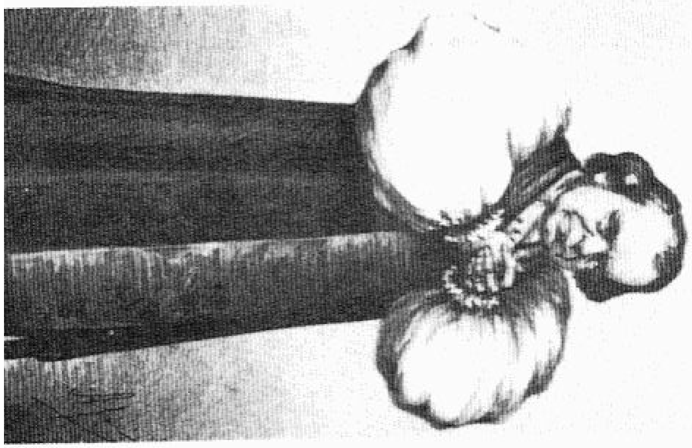


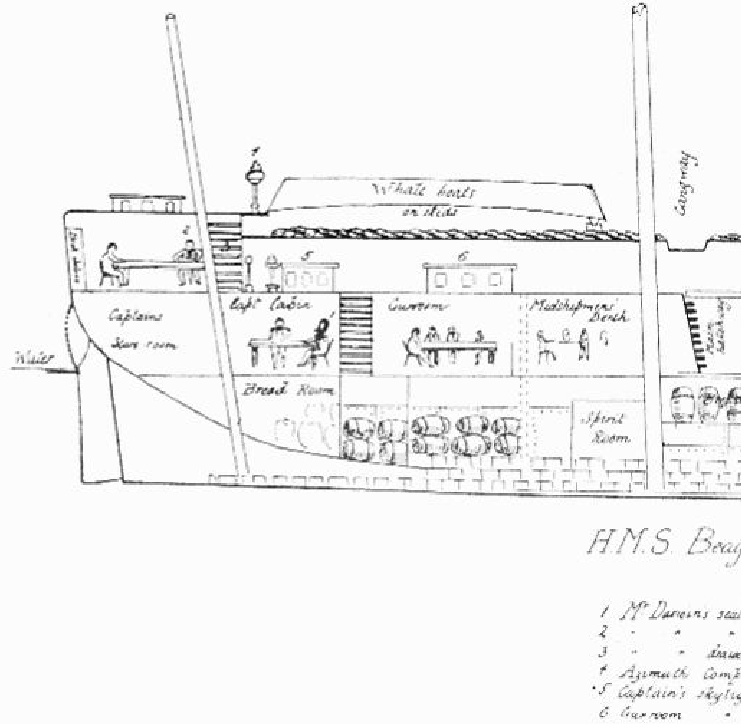


1832

Darwin.







30. O Beagle de



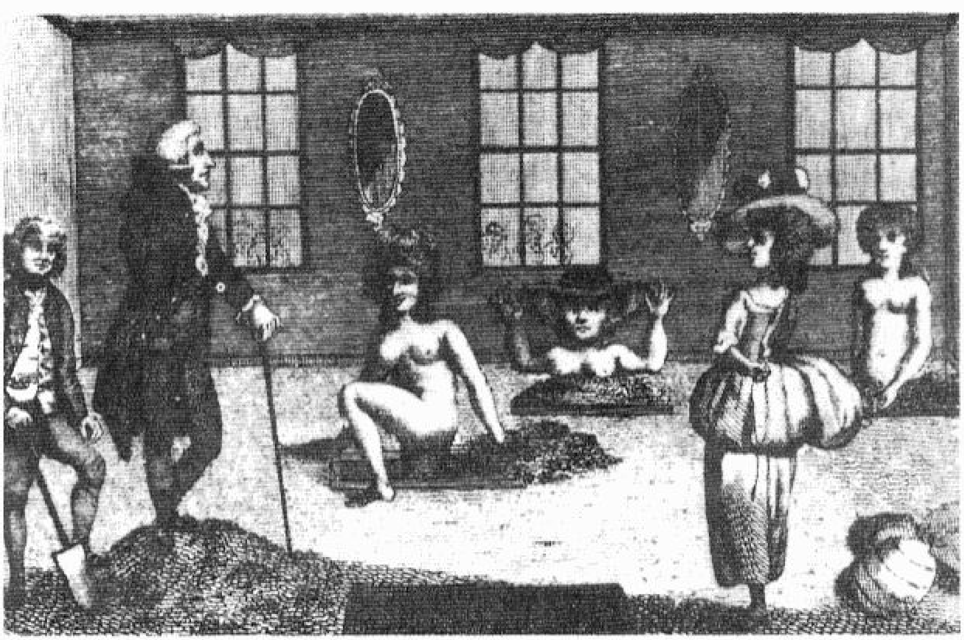


31. *Charles Darwin.*

32. *"Soapy Sam" Wilbeforce.*



33. *Thomas Huxley.*

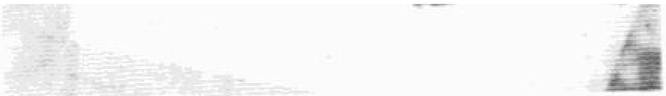


34. *Banho de terra em Picadilly.*

35. *Dama tomando enema.*



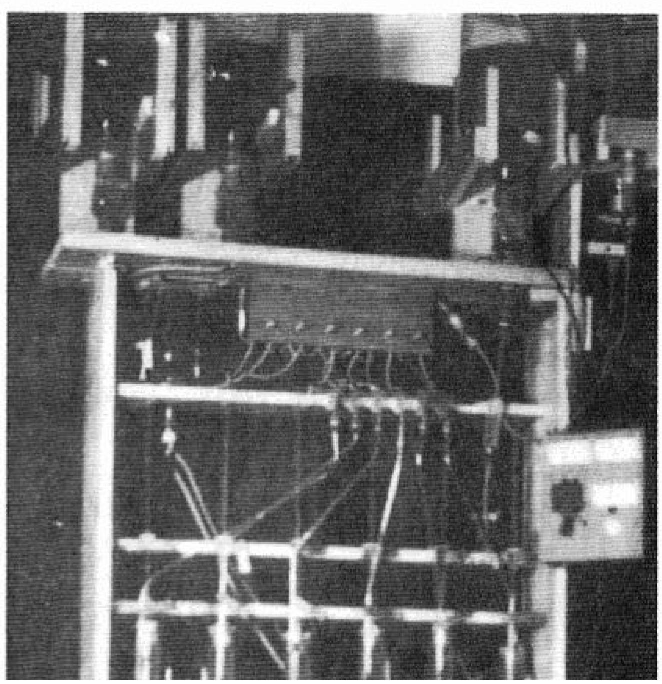


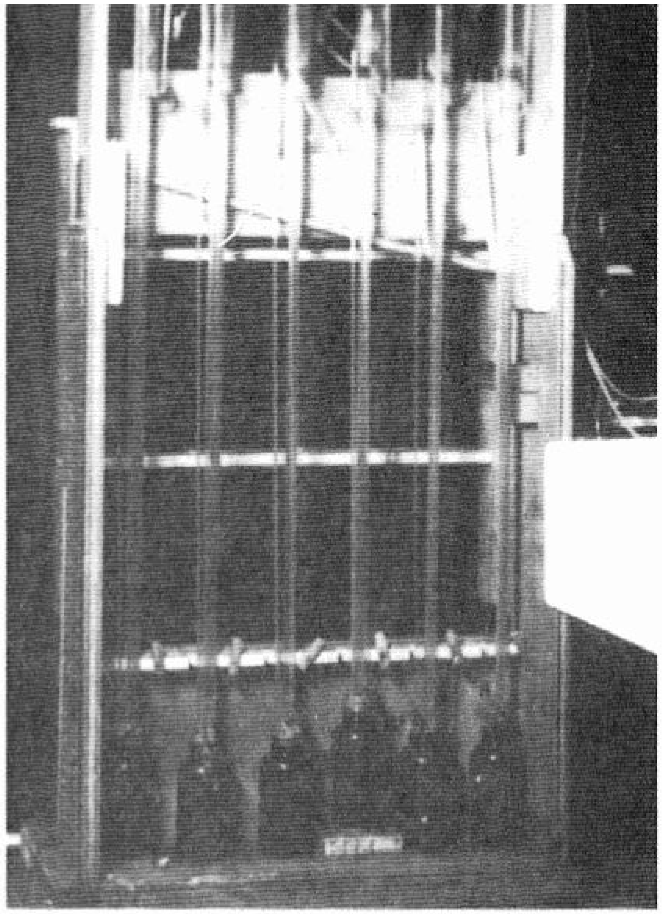


36. *A bela Kay Kendall...*

37. *...mais bela depois da plástica do nariz feita por McIndoe.*

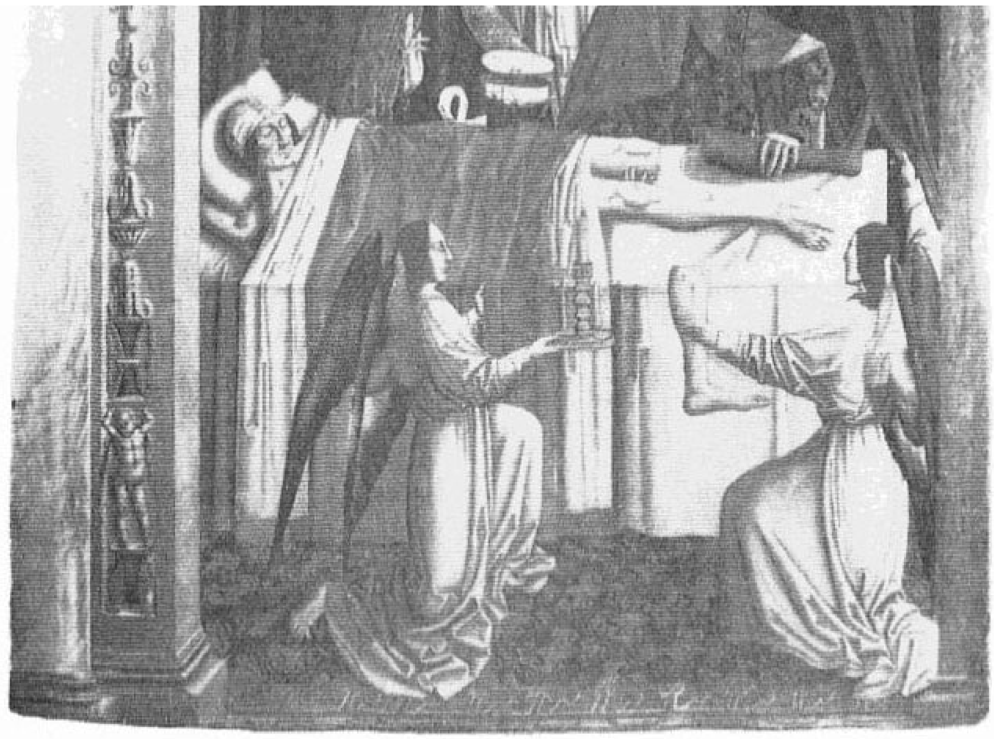






38. *A primeira fábrica de penicilina do mundo.*





1. *O primeiro transplante: cirurgia santa por Cosme e Damião.*

GLÂNDULAS MUSICAIS

Robert James Graves, de Dublin (1796-1853), um homem de ação que foi preso na Áustria como espião e esmagou uma rebelião no Mediterrâneo, observou em 1835:

Palpitações longas e violentas nas mulheres, todas com uma peculiaridade em comum, o aumento da glândula tireóide... os olhos assumem um aparência singular, pois parecem aumentados, de modo que quando ela dorme, ou tenta fechá-los, as pálpebras não se fecham.

Desse modo, ficamos conhecendo para sempre a doença de Graves, provocada por uma hiperatividade da tireóide.

A glândula pituitária, na base do cérebro, tornou-se, mais tarde, “a regente da orquestra endócrina", um conjunto de sete instrumentos. Foi Harvey Williams Cushing (1869-1939), professor de cirurgia no Hospital Johns Hopkins e em Harvard, quem iniciou a orquestra. Ele começou identificando a pituitária em 1912 e descreveu a síndrome de Cushing em 1932, na qual o doente apresenta o rosto redondo como a lua.

Thomas Addison (1793-1860), filho de um merceeiro, um homem rude que foi de Newcastle para a Guy's, em Londres, em 1849, deu seu nome â anemia fatal sem causa conhecida, a “anemia perniciosa”. Em 15 de março de 1855 ele descreveu para a Sociedade Médica do Sul de Londres uma segunda doença de Addison, uma disfunção das glândulas endócrinas supra-renais que provocava pigmentação da pele e risco de vida. Essa foi a *overture* não ouvida da orquestra endócrina. Addison teve a infelicidade, partilhada por outro homem de Guy’s, Thomas Hodgkins, de estar tão adiante do seu tempo que ninguém deu atenção ao seu estudo. Ele sofreu uma crise de melancolia e logo depois morreu, em Brighton.

Em 1935, os médicos estavam equipados com injeções de fígado contra a anemia perniciosa. Em 1922, *Sir* Frederick Banting (1891-1941) e Charles Herbert Best (1899-1978) os armaram com insulina contra a diabetes. Eles podiam ainda usar como munição as vitaminas de *Sir* Gowland Hopkins, e tocaiar as doenças com as inoculações de *Sir* Almroth Wright.

A medicina se desfazia lentamente dos seus valores vitorianos de dieta, evacuação regular, caldo de carne, descanso e silêncio, um regime tão repousante que, para algumas mulheres, significava imobilidade durante três meses, deitadas na cama sem visitas, jornais ou cartas, o único alívio sendo o realejo no fim da ma. Pacientes com mais sorte eram despachadas em viagens para lugares ensolarados, um modo conveniente para o médico se livrar delas.

Até a segunda metade do século XX, a farmácia dos médicos continuou como um pente de balas vazio. Agora começavam a aparecer os armeiros.

Hoje temos antibióticos eficazes, medicamentos contra pressão alta, contra arritmia, antieméticos, antidepressivos e anticonvulsivos, esteróides contra artrite, broncodilatadores, diuréticos, cicatrizantes das úlceras estomacais e duodenais, medicamentos contra a doença de Parkinson e drogas citotóxicas contra o câncer. As leucemias da infância perderam seu terror, e algumas doenças selvagemente fatais — como o seminoma dos testículos — perderam seu caráter maligno. Vivemos mais tempo e melhor. O efeito desse avanço vitorioso é menos de júbilo universal do que a reclamação generalizada de nossos políticos no sentido de que vencer essa guerra significa a falência do Serviço Nacional de Saúde e o aumento do lucro das indústrias farmacêuticas.

A HÉLICE DUPLA

Desde 1799, a cervejaria Green King, de Bury St. Edmunds, fornece Cerveja Abbot aos estudantes de graduação de Cambridge. Ela flui deliciosamente no Eagle Pub, em Botoph Lane, perto do Laboratório Cavendish e na frente da Escola de Medicina, na Downing Street, onde os mais inteligentes costumavam almoçar. Para os estudantes de medicina, os físicos e químicos do Cavendish eram um grupo diferente, que teve uma das muitas especulações mundiais confirmadas pela descoberta da hélice dupla da molécula ADN.

A estrutura foi descrita em 1953 pelo americano James Dewey Watson (1928) e o inglês Francis Harry Compton Crick (1916). A idéia não era nova, e data de 1519. Francisco I da França, um ano antes do seu encontro com Henrique VIII, no Field of the Cloth of Gold, começou a construir o Château de Chambord. No meio da torre da casa da guarda há uma magnífica escada em espiral como duas hélices superpostas, que nunca se encontram. No centro há aberturas decorativas que permitem enxergar de uma hélice para a outra. Pode ser vista nos dias de visita dos Châteaux do Loire. (Muscadet é excelente, e os *rillettes de porc* locais são muito agradáveis antes do essencial linguado do Loire *au berre blanc*.)

A escada dupla, em Cambridge, tinha no lado externo dois corrimões sinuosos de fosfato de sacarose, os degraus são compostos das bases adenina, tiamina, guanina e citosina, unidas em pares pelo hidrogênio, que representa o eixo central. A espiral é chamada ADN — ácido desoxirribonucléico. O ARN é o padrão para as proteínas que formam as células do corpo, de desenhos variados, mas todas com escadas espirais de ADN.

A descoberta do esqueleto arquitetônico do ADN deu origem a um livro de suspense fascinante, leve, erudito, escrito por James Watson, no gênero de Dorothy Sayers, na época.

Os personagens são:

— (1) O próprio. O intruso de Chicago nos aconchegantes e esnobes claustros de Cambridge. Extremamente inteligente, ambicioso, impetuoso, intuitivo, encantadoramente *gauche,* sociável, com uma queda para viagens ao exterior.

— (2) Francis Crick, de Mill Hill, em Londres, de fala rápida e sonora com uma risada trovejante, entendido em teorias sobre a estrutura da proteína, incentivado por Watson para continuar a investigar as idéias numerosas que nascem no seu cérebro. Recentemente casado pela primeira vez, morando perto do único restaurante chinês de Cambridge.

— (3) Maurice Hugh Frederick Wilkins (1916), biofísico no King's College, no Strand, Londres. Solteiro e cavalheiro inglês.

— (4) Rosalind Franklin (1920-58). A Dama Negra dos Cromossomos. Newnham, depois pesquisa do carvão. Especializou-se primeiro em metais e minerais. Usou essa técnica para investigar o ADN, independentemente. No laboratório Maurice Wilkins, do Kings, que aceitava mulheres cientistas com a intrigada obediência com que os fazendeiros, durante a guerra, recebiam as Moças de Land. De uma família judia de banqueiros ricos, morava no elegante bairro de South Ken e viajava para o exterior em

terceira classe com pouco dinheiro, para conhecer o mundo. Solteira, não amada e, ao que parece, ninguém gostava dela.

— (5) Linus Carl Pauling (1901), professor de química no Instituto de Tecnologia da Califórnia, candidato ao prêmio Nobel, vítima de McCarthy, a ameaça invisível.

O enredo era a corrida para descobrir o mistério do ADN, que todos temiam fosse ganha pelo poderoso e rico americano Pauling. Há ciúmes fascinantes, duplicidades, conspirações, vaidades e atitudes teatrais. Watson odiava os vestidos de Rosalind Franklin e seu mau gosto de intelectual afetada, criticava seus penteados, sua maquiagem e a achava mal-humorada, intolerante e rabugenta. Insistia em chamá-la de "Rosy", o que a deixava furiosa. No Cavendish ele se consolava dizendo que "o melhor lugar para uma feminista era no laboratório de outra pessoa".

A descrição de uma visita de Watson ao King's, no Strand:

De repente Rosy veio do outro lado do balcão do laboratório, que nos separava, e caminhou para mim. Temendo que, na sua fúria, ela me atacasse, eu... recuei rapidamente para a porta aberta.

O assalto — quem sabe, assassinato? — foi evitado pela cavalheiresca intervenção de Maurice Wilkins. Essa cena desagradável jamais teria acontecido entre médicos, embora um comunicado do presidente na Sociedade Real de Medicina, em 1963, mencione troca de socos entre *Sir* Peter Freyer e Hurry Fenwick, devido a uma controvérsia sobre métodos de remoção da próstata.

O professor de física de Cavendish era *Sir* William Lawrence Bragg (1890-1971), prêmio Nobel de física com sua cristalografia dos raios X, em 1915. Como qualquer chefe de laboratório, ele devia preferir uma vida calma às rusgas e entusiasmos dos seus assistentes mais novos, cujo trabalho, ele sabia por experiência, podia estremecer o mundo ou ser completamente sem valor. Porém, *Sir* Lawrence sentiu-se na obrigação de contribuir com um prefácio para o livro desdenhoso de Watson, *A hélice dupla*, no qual ele usa uma franqueza parecida com a do diarista Pepys. Evidentemente, ele era um mestre da atenuação solene.

Watson venceu a corrida. Ou foi ejetado para o posto? A investigação dos cristais de ADN por meio dos raios X, feita por Rosy, começou a desembaraçar sua estrutura molecular, entre janeiro de 1951 e junho de 1952. No dia 6 de fevereiro de 1953, Wilkins (de modo pouco elegante) mostrou uma das radiografias de Rosy para Watson, que exclamou: “Veja, aqui está a hélice, e aquela maldita mulher não a vê.” Então, talvez Rosy tenha sido a primeira a descobrir a idéia reprodutora do século. Mas, no meio do entusiasmo, ninguém lembrou de perguntar. Ela nunca se conformou. Morreu de câncer na primavera de 1958, aos 37 anos. Trinta e quatro anos depois, a English Heritage resolveu pôr uma placa no seu apartamento.

A Hélice Dupla foi brevemente proclamada por Watson e Crick num artigo de 900 palavras, na revista *Nature***,** de abril de 1953. Porém, Crick já havia anunciado: “Nós encontramos o segredo da vida!” tomando sua cerveja Abbot, durante o almoço no Eagle.

GENES

A genética é uma matéria tão opaca e tediosa quanto a filosofia teológica, mas, como essa filosofia, contém o segredo da vida eterna.

— A hereditariedade está nos cromossomos, entre fios de cabelos negros e muito crespos, obviamente vistos no microscópio, dentro do núcleo de cada célula.

— Esses fios de cabelos têm 44 pares de cromossomos, e dois mais, um cromossomo X mais um X, nas mulheres, e um cromossomo X mais um Y, nos homens.

— Todas as células de qualquer corpo têm o mesmo número de cromossomos idênticos, exceto as células sexuais, que têm mais a metade desse número. Quando esses cromossomos sexuais femininos e masculinos se encontram, depois do encontro do homem com a mulher, se o Y gosta mais do Y, eles têm um menino, se gosta mais de um X, uma menina.

— Os cromossomos consistem em genes.

— Os genes são compostos de várias hélices de ADN, de comprimentos diferentes. São grupos de muitos nucleotídeos, que são substâncias químicas constituídas de nitrogênio, açúcar pentose e fosfato. A ordem desses nucleotídeos diferencia um gene do outro.

—Os genes de cada pessoa são diferentes de todos os outros, exceto no caso de gêmeos idênticos.

O número de células no corpo é três, seguido por doze zeros, uma porção. O ADN em cada célula tem mais ou menos dois metros de comprimento. Se for desenrolado completamente, pode ir à Lua e voltar 8.000 vezes. É bastante fino. Os geneticistas gostam de dar essa informação para mostrar a dificuldade do estudo que herdaram.

Mesmo assim, a genética começa a estruturar um mapa chamado genoma, que mostra quais os genes que refletem várias doenças. Cada gene anormal, responsável por uma determinada doença, está sempre no mesmo lugar do seu cromossomo. Desse modo, é possível identificar o gene que causa, por exemplo, a anemia falciforme em cada cromossomo examinado. Os entusiastas podem-se movimentar com uma seringa tirando amostras de sangue nos casamentos e nos funerais.

RETROCESSO AO DARWINISMO

Como Lister descobriu a assepsia, sem saber coisa alguma sobre estreptococos, e Lind curou o escorbuto sem conhecer a vitamina C, assim também Darwin fundou a genética, sem saber coisa alguma sobre o ADN.

Charles Robert Darwin (1809-82) passou cinco anos, desde o Natal de 1831, navegando pelos mares do sul a bordo do HMS *Beagle*, de 242 toneladas, 90 pés de comprimento, três mastros, o tamanho de um iate de um dos mais modestos milionários. Uma vez que viajava com 73 passageiros, não deviam ter muito conforto. Ele navegou de Devon até o Rio, deu a volta no Cabo Horn e fez escala na Nova Zelândia e na Austrália,

antes de passar pelo Cabo da Boa Esperança e voltar para casa, atravessando novamente o Atlântico Sul até o Brasil, antes de chegar a Falmouth, no dia 2 de outubro de 1836. Em 16 de setembro de 1835 Darwin aportou nas ilhas Galápagos, na costa do Equador, no oceano Pacífico, e lá ele viu a eternidade nos tentilhões.

Galápago é a palavra espanhola para tartaruga. Nas ilhas, Darwin encontrou tartarugas enormes, do tamanho de porcos de raça. Darwin explorou as 12 ilhas Galápagos durante um mês. Descobriu, entusiasmado, que os répteis, pássaros, peixes, insetos e plantas das ilhas eram um pouco diferentes dos que existiam no resto do mundo. Eram até diferentes de ilha para ilha. Os tentilhões tinham bicos curtos e fortes para quebrar as nozes, numa das ilhas. Em outra, onde não havia nozes, seu bicos eram mais delicados, próprios para apanhar insetos. Bicos longos para encontrar as larvas, em outra ainda. Os tentilhões viviam em função dos seus bicos, que haviam evoluído através de gerações e gerações para comer o que existia no lugar em que viviam. Darwin achou que devia haver alguma coisa nessa particularidade.

Quando desembarcou, Darwin recebeu uma herança de 5.000 libras por ano. Comprou uma casa enorme em Downe, Kent, além de Orpington (aberta à visitação, bom *pub* local). Nela passou 23 anos pensando nos tentilhões das Galápagos, antes de publicar *A origem das espécies por meio da seleção natural*, em 1859. Foi abalado pela ameaça inesperada de perder a glória de sua descoberta, surgida em junho, antes da publicação do seu livro, na pessoa de Alfred Russell Wallace (1822-1913), um naturalista que tivera a mesma idéia. Foi como Rosy e Watson.

A suspeita de que os animais e as plantas do mundo não eram réplicas idênticas dos originais criados na oficina celeste há muito tempo se esboçava na mente humana, desde a Babilônia (onde se interessavam pela variedade das crinas dos cavalos). Essas mentes incluíam as de Bacon, Buffon, Goethe, Lamarck, Herbert Spencer e *Sir* Charles Lyell. Lyell era um geólogo, que deu a Darwin a idéia de interpretar a continuação do presente por meio da evolução do passado. Idéias genéticas ocorreram também ao monge Gregor Johann Mendel (1822-84), da Morávia, que cruzou as variedades de ervilhas comuns, plantadas por ele em Brno, em 1853, e que

permaneceram invisíveis no ar científico até o fim do século. Ocorreu também ao avô de Darwin, Dr. Erasmus. Nesse meio tempo, Darwin havia casado com uma prima em primeiro grau, teve 10 filhos, dos quais sete sobreviveram, e finalmente foi vitimado pela hipocondria.

A afirmação de Darwin de que *Sir* Thomas Browne havia sugerido, no seu *Religio Medici*, que o Gênesis não era tão confiável quanto os horários das estradas de ferro vitorianas foi considerada uma afronta da ciência à Igreja. A discussão chegou ao auge em 30 de junho de 1860, entre os soluços e desmaios das senhoras, no Museu da Universidade, ao lado de Parks, em Oxford.

A Igreja tinha um caso. Todos sabiam que o mundo fora criado em 4004 a.C., às 9 horas da manhã de domingo, 23 de outubro, como havia calculado uns dois séculos antes o arcebispo de Armagh e vice-chanceler da Universidade de Cambridge. Assim, em quem acreditar? Em Darwin ou na palavra de Deus?

"Soapy Sam" Willberforce, bispo de Oxford, saiu em campo para "arrasar Darwin" na trigésima reunião anual da Associação Britânica para o Avanço da Ciência, convenientemente realizada na frente da casa episcopal. O bispo repudiou sarcasticamente um dos que duvidavam de modo hostil da Igreja: "Será através da sua avó ou do seu avô que o Sr. Huxley afirma descender dos macacos?" A vespa científica, com seu pince-nez, Dr. Thomas Henry Huxley (1825-95), replicou: "Certamente eu preferiria descender de um macaco do que de um homem que prostitui sua educação e sua eloqüência à adoração do preconceito e da mentira." Esse atrevimento era tão chocante quando jogar tinta nas meias do falecido Dr. Amold Rugby. Um dos detratores de Darwin na hora do chá, em Oxford, era o vice-almirante Robert Fitz Roy, ex-capitão do *Beagle*, que havia lido um artigo sobre "Tempestades britânicas" e agora brandia sua Bíblia com fúria violenta contra o antigo companheiro de bordo, e que cinco anos depois cortou a própria garganta.

O pensamento de Darwin continua conosco. As vítimas da anemia falciforme ultrapassavam em número os sobreviventes da malária. E hoje existem brancos e negros no planeta porque as pessoas com pele negra

levam mais tempo para fabricar — através da luz do sol — a vitamina D nos seus organismos. A falta da vitamina D causa raquitismo e osteomalacia. Quando o homem deixou o sol equatorial para o norte frio, à procura de alimento, só os de pele branca sobreviveram e se multiplicaram, tornando-se cada vez mais brancos. (Isso pode ser bobagem. As mulheres asiáticas, na Grã-Bretanha, ficam com os ossos quebradiços porque comem *chapattis*, que contém fitato, o qual evita a absorção da vitamina D. Mas isso também pode ser tolice. Assim são as alarmantes piadas da medicina.)

O ALARMANTE FUTURO DA MEDICINA

A ciência moderna deu ao mundo a possibilidade da evolução rápida, através da genética prática, bem como a possibilidade de sua destruição rápida e total através das armas nucleares.

Agora nós agarramos as doenças por suas moléculas. Pode ser identificado o gene que causa — por exemplo — a anemia falciforme hereditária. Ou a hemofilia, ou a fibrose cística. Ou a coréia de Huntington, que permite uma saúde perfeita na juventude, depois condena seu herdeiro a 10 anos de demência e morte. Todas essas vítimas não-nascidas podem ser poupadas por meio do aborto, ou talvez evitadas pela escolha genética dos parceiros. “Tendo observado os hábitos de casamento dos homens durante alguns anos, não estou otimista sobre o futuro dessa forma de abordagem”, resolveu o professor de medicina de Oxford, *Sir* David John Weatherall (1933). Acrescenta, também sensatamente, ao lobby dos que acham que os pacientes-devem-decidir: “Pais (e pacientes) procuram o médico esperando ajuda, e o conselheiro muitas vezes deve estar preparado para oferecer conselho ativo, a fim de ajudar e partilhar da tomada de decisão. Na verdade, o clínico sensível geralmente nota o alívio dos pais quando uma parte do peso de uma decisão tão importante é retirada dos seus ombros.”

A falha de sermos mortais, caro Brutus, não está em nós, mas nos nossos genes. É triste para a medicina o fato de os nossos esforços para prevenir certas doenças terem sido até aqui inúteis e confusos. Cigarros e álcool matam, bem como a glutonaria e a preguiça, mas muitas pessoas com excesso de peso chegam a uma idade avançada sem nenhum exercício além o de erguer o braço para acender a luz. Estamos começando a ver agora os genes causadores da diabetes, do câncer do cólon, da hipertensão, do enrijecimento das artérias. Logo apanharemos e jogaremos fora os genes que provocam outras doenças “comuns”. Mais tarde, seremos capazes de implantar outros, mais desejáveis. Se um casal quer filhos ruivos como Mozart e inteligentes como Einstein, que joguem críquete como Jack Hobs, sem problema. O homem estende a mão para a suprema habilidade de controlar o ambiente e a si mesmo. A utopia paira, ameaçadora, no ar.

Isso se tornará tão importante para a humanidade que haverá programas de televisão sobre o assunto. Os grandes e os bons, que querem ser maiores e melhores, vão se reunir em grandes convenções. Pessoas importantes expressarão suas crenças e seus preconceitos mais profundos, que geralmente são permutáveis. Os políticos, para quem a eternidade é a próxima eleição, semearão idéias floridas para ganhar votos. A tolerância será explodida alegremente pelas dignas organizações familiares que confundem a importância da vida humana com a sua. Como o aborto e a pesquisa do embrião, o compromisso moral vai evoluir para leis que salvem as aparências, acreditando que estão salvando suas almas. Nossa inteligência cria problemas que nossa inteligência não sabe resolver. Volta, Sócrates, pedimos desculpas pela cicuta.

CAPÍTULO 6

Os barbeiros demoníacos

A cirurgia moderna foi inventada pela pólvora.

HONRAS DE BATALHA

Através do avanço inexorável da civilização, os golpes de espadas e lançamento de flechas foram superados, mais ou menos em 1450, pela pólvora e pelos tiros. Suas vantagens foram reconhecidas imediatamente. Era um modo mais eficiente e menos trabalhoso de mutilar e matar seres humanos, o que convidava à engenhosidade na sua aplicação e necessitava de implementos que logo se tornaram de baixo custo e que podiam ser produzidos em profusão. Acabou rapidamente com a Guerra dos Cem Anos e com o feudalismo. Mais tarde, confirmou a superioridade dos americanos sobre os peles-vermelhas e o domínio da África pelos europeus, no século XIX, devido à sua eficiência nas mãos dos poucos contra os muitos que não a possuíam.

As avarias provocadas pela pólvora ocuparam os cirurgiões do renascimento tanto quanto as provocadas pela sífilis. Ferimentos a bala e feridas eram as mais comuns e óbvias desgraças da humanidade. Uma espada ou uma alabarda abre o corpo com um golpe limpo, mas a bala de uma arma complica o assalto militar com carne queimada e pedaços de chumbo e de tecido no interior do corpo. A rainha Elizabelh felizmente contratou para cuidar de Hawkins e Drake seu cirurgião militar Thomas Gale (1507-86), cujo livro *An Excellent Treatise of Wounds Made with Gonneshot* contradizia todos os outros cirurgiões da Europa, em 1563, afirmando que a bala suja não era tão quente quanto o cautério purificador. Sua majestade foi também muito bem servida no mar, na luta contra a Armada, por William Clowes (1549-1604), que, em 1591, disse a mesma coisa no seu *A Profilable and Necessarie Book of Observations for All Those that Are Burned With the Flame of Gumpowder Etc and also for Curing of Wounds*

Made with Musket and Caliver Shot and Other Weapons of Warre Commonly Used at this Day both by Sea and Land.

Os reis franceses que vieram depois, Francisco I (que morreu em 1547, com 53 anos), Henrique II (que morreu em 1559, de um ferimento durante uma justa amistosa com um escocês), Francisco II (que casou com Mary, rainha da Escócia, aos 14 anos e morreu de um abscesso no ouvido com 17 anos, em 1560), Carlos IX (que morreu de tuberculose, aos 24 anos, em 1574) e Henrique III (assassinado aos 38 anos, em 1589) tiveram mais sorte, nessa época de inovação, com a presença do seu cirurgião do exército Ambroise Paré (1510-90), o Pai da Cirurgia Moderna.

Naquela época os ferimentos a bala eram tratados com óleo fervente, mas certa noite, durante o ataque de Francisco I a Turim, em 1537, o óleo acabou e Paré passou a aplicar uma emulsão de ovos, água de rosas e essência de terebintina. Depois de uma noite, ansiosa e insone, de manhã Paré viu, aliviado, que seus pacientes estavam vivos, *et tant mieux!,* quase sem febre e sem dor. Os pacientes tratados com óleo fervente estavam inchados, agonizantes e morrendo. A partir de então Paré abandonou o óleo fervente, adicionou gordura de cachorro à sua mistura, vermes e óleo de lírio e caminhou pela enfermaria dizendo humildemente *"Je le pansay, Dieu le guarit"*— eu apliquei o curativo, Deus fez a cura.

Paré era outro irrepreensível médico-aforista. Dois dos seus aforismos merecem ficar guardados na mente dos estudantes de medicina:

— Nunca perca a esperança no paciente, mesmo (quando os sintomas apontam para uma fatalidade.

— Aquele que se toma cirurgião por amor ao dinheiro não conseguirá nada.

Paré era outro médico prático, como Hipócrates, que preferia aprender com os pacientes, não com os livros. Nos 10 dias entre o ferimento de Henrique II, no combate singular, e sua morte, Paré procurou o melhor tratamento, dissecando quatro cabeças humanas recentemente decapitadas, gentilmente cedidas por criminosos locais. Um huguenote suspeito, ele sobreviveu ao massacre do Dia de São Bartolomeu, em 1672, graças à proteção da câmara do real mandante da matança. “Não é razoável que uma pessoa que vale um mundo inteiro de homens seja assassinada assim”,

admitiu Carlos IX. Paré misericordiosamente aboliu a castração como cura rotineira das hérnias masculinas.

UM BENFEITOR DA CIRURGIA

A guerra continuou a ser um estímulo admirável e consistente para o desenvolvimento da cirurgia. Quanto maior e mais profundo o ferimento, provocado pelo aperfeiçoamento das técnicas de matar, mais hábeis e mais informados ficavam os cirurgiões. O imperador foi ferido apenas uma vez em suas campanhas, na batalha das Pirâmides, em 1789, quando levou um coice do próprio cavalo no pé. Seu cirurgião era Dominique Jean Larrey (1766-1842), "o homem mais virtuoso que já conheci", para o qual ele deixou 100.000 francos e concedeu a dignidade de barão por ter matado os cavalos dos oficiais para alimentar os feridos.

Larrey inventou a "ambulância voadora", uma caixa leve sobre duas rodas, puxada por dois cavalos, para retirar os feridos do campo de batalha, ao invés de deixá-los para morrer até a luta terminar. Cirurgião-chefe de *la grande armée,* Larrey teve uma vida muito ocupada (1.900 feridos em Abukir, 200 amputações por dia em Borodino). Ele próprio foi ferido cm Waterloo, foi cirurgião de Luiz Filippe e estava esperando em Les Invalides, com seu uniforme de gala, quando Napoleão voltou de Santa Helena.

No outro lado, em Waterloo, estava *Sir* Charles Bell (1774-1842), um escocês que morava na Soho Square, artista hábil e pescador com isca artificial, o homem que separou os nervos sensores dos motores, uma descoberto tão importante quanto a da circulação do sangue, por Harvey. Ele é popularmente conhecido pela paralisia parcial da face de Bell. Era filho de Manse, vivia bem e morreu pobre.

Sir Charles operava imparcialmente amigos e inimigos, com duas horas de sono por noite:

É impossível descrever o quadro de miséria humana que eu linha sempre ante meus olhos. Enquanto eu amputava a perna de um homem na altura da coxa, 13 muros feridos esperavam para ser operados... Era estranho sentir minha roupa engomada com sangue e meus brados exaustos com o esforço de manejar o bisturi!

Oito dias depois da batalha ele visitou o campo da luta.

A vista do campo, os ataques galantes, as cargas, os episódios individuais de iniciativa e valor me fizeram lembrar o sentido, para o mundo, da palavra vitória e o que significa Waterloo. Mas isso tudo passa. Uma visão sombria e desagradável da natureza humana é a conseqüência inevitável de ver todas as partes do todo como eu vi — como fui obrigado a ver.

Certamente.

A cirurgia retribuiu a inspiração da guerra, tornando-a menos letal. A tala para imobilizar o membro quebrado, desenhada pelo filho de um galês especialista em fraturas ósseas, o fumante inveterado e com gorro de pano Hugh Owen Thomas (1843-91), clínico geral nos bairros pobres de Liverpool, foi introduzida para fraturas compostas do fêmur em 1916 e, em 1918, havia reduzido o índice de mortalidade de 80% para 20%. O tio do Kaiser, o cirurgião Friedrich von Esmarch (1823-1908), insistia nas bolsas de instrumentos para curativos durante a Guerra Franco-Prussiana de 1870-71. Ele inventou uma enorme atadura de borracha para retirar todo o sangue da perna, antes da operação, facilitando a vida do cirurgião. Nikolai Ivanovitch Pirogoff (1810-81), o russo inovador do éter, foi o cirurgião militar que, como Florence Nightingale na Criméia, irritou as autoridades insistindo em medidas de maior conforto para os médicos e introduzindo enfermeiras de guerra, onde antes só havia enfermeiros.

Na I Guerra Mundial, as forças dos EUA tiveram 234.300 feridos, dos quais 14.500 morreram devido aos ferimentos. O que significa que 219 800 sobreviveram, 6,25%. Na II Guerra Mundial só o exército dos EUA teve mais do dobro de feridos, 572.027, e 25.493 deles morreram em virtude dos ferimentos, 4,5%.

Um modo mais confortável de matar seu semelhante é o automóvel. O departamento do governo britânico responsável pelo controle das estradas anunciou orgulhosamente que o total de 4.655 mortes por ano em acidentes de automóvel havia caído para o nível de 43 anos antes. Nas ruas da Grã-Bretanha, em 1930, 4% dos que foram feridos morreram. Em 1960, 2% dos

feridos morreram, Em 1990, 1,6% morreu. Portanto, a cirurgia faz também motoristas melhores.

TODOS OS CIRURGIÕES DO REI

A história dos cirurgiões é mais encorajadora e mais consecutiva que a do médicos, porque no começo eles eram um bando de barbeiros que cortava e barbeava com um pouco mais de ousadia. Ambroise Paré era originário da cidade têxtil de Laval, filho de barbeiro, irmão de barbeiro e barbeiro. Em 1500, Paris distinguia com esnobismo os barbeiros-cirurgiões dos “cirurgiões acadêmicos, de mantos compridos". O mesmo acontecia na sociedade no tempo da Madame de Pompadour, entre a alta *noblesse de robe* e a feudal *noblesse d’épée.* A faculdade de medicina da Universidade de Paris, acrescentada às de Divindade, Artes e Direito, no século XII, por Luiz VII, elevou o posto dos barbeiros em 1503, acolhendo-os, e não aos cirurgiões de mantos longos, que a faculdade detestava. Esses cirurgiões tiveram de sair e se juntar aos clínicos. Os médicos clínicos de Paris, *ça va sans dire,* desprezavam todos os tipos de cirurgiões.

Os barbeiros dos clubes da Inglaterra haviam formado guildas em todas as cidades, como os merceeiros, os negociantes de fazendas e os comerciantes de artigos para homens, e subiram socialmente quando Thomas Vicary (1495-1561) convenceu seu paciente, Henrique VIII, a promover todos eles a cirurgiões. Sua majestade graciosamente criou a Companhia dos Barbeiros-Cirurgiões Unidos, em 1540 (Holbein pintou a ocasião). Era basicamente um sindicato exclusivo e fechado, com o encorajamento do uso de dois criminosos enforcados por ano para praticar anatomia. Seu emblema era o poste com listras vermelhas e brancas dos barbeiros, que significavam o curativo e a sangria. Os escoceses ganharam uma concessão semelhante, em 1506, de James IV, mas com direito a só um criminoso por ano, embora tivessem conseguido o monopólio do uísque em Edimburgo.

Depois de quase 150 anos, os cirurgiões de Londres começaram a sentir que os barbeiros não eram de modo algum o tipo de pessoas com quem eles desejavam conviver, e resolveram pedir a Carlos II o divórcio, que foi finalmente concedido por George II, em 1745, quando eles se tornaram a

nova Companhia de Cirurgiões, construíram o Salão dos Cirurgiões, no Old Bailey, e começaram a jantar agradavelmente em boa companhia.

A INFELIZ FRATURA DE POTT

O ano de 1756 foi muito movimentado para os planejadores da cidade de Londres. A Ponte de Westminster foi aberta, como a segunda de Londres, em 1750 (Canaletto a pintou), e a ponte Pitt estava programada para começar a ser construída em 1760 (depois tomou o nome de Blackfriars). Ao sul do Tâmisa, novas estradas se delineavam, irradiando de Lambeth Marshes: saindo de Lambeth Horse Ferry, siga em frente até passar o palácio do arcebispo, então vire à direita, no Dog and Duck, para tomar a Rodovia Kennington e Surrey, ou vire para a esquerda, passando pela Alsmhouse Fishmonger para a Velha Estrada Kent, Canterbury, os portos do Canal e a comunidade européia.

O tempo de três horas que o rei levava para ir de Whitehall a Greenwich Palace foi sensacionalmente reduzido em três quartos. O pedágio, um *penny* por carruagem, meio *penny* um cavalo. Percival Pott (1714-88), cirurgião do Hospital São Bartolomeu — que dava para o Mercado de Gado de Smithfield, no centro da cidade — em janeiro daquele ano de futuro tão promissor passava a cavalo pela Velha Estrada de Kent, para cruzar a ponte de Londres, a caminho de casa, em Bow Lane, quando caiu e sofreu uma fratura de Pott.

O tratamento para fraturas expostas era necessariamente heróico: amputação. Deitado na lama, rodeado pelos londrinos curiosos, Pott olhou para as duas pontas da sua tíbia que haviam rasgado a pele. Com impassividade profissional, ele enviou um mensageiro para Westminster, no outro lado do rio, para trazer rapidamente dois carregadores de liteiras com seus varais. Enquanto esperava comprou uma porta, e quando os carregadores chegaram esbaforidos ele mandou que a pregassem nos varais, fez com que o deitassem cuidadosamente sobre ela e partiram para Bow.

Estavam preparando os instrumentos para a amputação quando um colega de Bart chegou e disse que não ia haver operação. A delicadeza do transporte e a imobilização da fratura tiveram como resultado uma possibilidade de não ser preciso amputar a perna, uma operação que Pott

disse, estremecendo, ser “terrível de agüentar e horrível de ver”. Ele escapou da infecção, que teria sido letal, ficou na cama e escreveu *Sobre Fraturas.*

Pott era um cirurgião sociável e próspero, com uma clientela invejável, que incluía Samuel Johnson e David Garrick. Legou ao mundo a doença de Pott (deformação da coluna provocada por abscessos tuberculosos nos ossos), o tumor fofo de Pott (da infecção do crânio), o aneurisma de Pott, a gangrena de Pott e o câncer dos limpadores de chaminés (provocado pela fuligem no escroto e que deu origem à Lei do Limpador de Chaminés, de 1788, para poupar as crianças que desciam pelas chaminés das lareiras dos nobres). Ele é lembrado principalmente pela fratura de Pott. É um deslocamento com fratura, logo acima do tornozelo, em nada parecida com a sofrida por Pott.

A fratura de Colles, que sofremos quando estendemos instintivamente os braços para a frente quando caímos, atinge o rádio acima do pulso e provoca a deformação “garfo de mesa”, descrita em 1814 por Abraham Colles (1773-1845), de Dublin. Em 1839, *Lord* Melrose ofereceu a Colles um baronato, mas ele, modestamente, recusou.

OS ANTIGOS MESTRES

John Abernethy (1764-183D era um cirurgião rude. Quando substituiu Percival Pott, no São Bartolomeu, aconselhou aos vereadores obesos da cidade: “Vivam com seis pence por dia e tratem de ganhá-lo." Às mulheres dos vereadores, também com excesso de peso, aconselhou: “Madame, compre uma corda de pular.” A respeito das filhas apertadas nos espartilhos e com problemas de prisão de ventre, ele dizia. “Ora, madame, sabe que há mais de 30 metros de entranhas apertadas debaixo dos espartilhos das suas filhas? Vá para casa e corte a cinta, dê uma oportunidade justa à natureza, e não vai mais precisar dos meus conselhos.” Abernethy ligou a artéria carótida, no pescoço, para conter a hemorragia, e a artéria ilíaca, no intestino, para conter o aneurisma.

Ninguém havia tentado isso antes. Antes da anestesia e da assepsia, o abdome era tão inviolável quanto os cofres do banco da Inglaterra. “Ele

formou uma época na história da sua profissão”, disse o *Edinburgh Medical Journal,* cumprimentando generosamente um londrino.

Ele era um cirurgião que detestava operar. Certa vez seu assistente o encontrou “na sala dos médicos, depois de uma operação, com os olhos cheios de lágrimas, lamentando o possível fracasso do que acabara de ser obrigado a fazer por necessidade e pelas regras da cirurgia”. Tinha outra fraqueza. “Conheci uma pessoa que era a prova viva do poder do tóxico, de tal modo que rae deixou incrédulo, pois era um cirurgião, e tinha tomado uma grande quantidade de ópio”, escreveu de Quincy sobre John Abernethy em *Confissões de um inglês comedor de ópio.* Ele continua citando: “Eu admito,” disse ele, “que digo bobagens, e, segundo, admito que não falo tolices por princípio, nem com intenção de lucro, mas única e simplesmente”, disse ele — "única e simplesmente” — (repetiu três vezes) “porque estou embriagado com ópio, todos os dias.”

Tudo que Abernethy não podia operar ele tratava com uma pílula azul, que movimentava os intestinos. Numa noite de sábado ele disse a uma jovem que havia tratado durante semanas a mãe viúva, paciente dele: "Eu testemunhei sua devoção e bondade para com sua mãe. Estou precisando de uma esposa, e acho que você é exatamente a pessoa que me serve. Eu estou sempre muito ocupado, e por isso não tenho tempo para fazer a corte. Pense no assunto até segunda-feira”. Funcionou.

Sir Astley Paston Cooper (1768-1841), no outro lado do Tâmisa, no Guy’s, era entusiasticamente cortês. Com isso ganhava 15.000 libras por ano e pagava 600 libras por ano para seu mordomo, que controlava a fila na sala de espera do seu consultório. Naquele tempo podia-se calcular o sucesso de um cirurgião pelo número de carruagens que enchiam a rua do seu consultório. Em 1820, Astley Cooper extraiu um quisto superficial da cabeça de George IV e determinou que o preço por cortar o rei era um baronato (Lawrence pintou o quadro). Todas as manhãs, *Sir* Astley conscienciosamente praticava, dissecando corpos durante duas horas antes do seu desjejum (chá e dois pãezinhos quentes). Ele era um receptador que pagava muito bem aos ladrões de corpos que exigiam, no mínimo, oito guinéus por corpo, o que era possível obter na França por 5 shillings. *Sir* Astley disse cortesmente aos médicos, no Comitê Seleto de Anatomia da Câmara dos Comuns, em abril de 1828: “Não existe ninguém, seja qual for

sua posição no mundo, que eu não dissecaria se pudesse.” Um pensamento quase tão apavorante quanto o de perder sua cadeira na câmara.

A rica clientela de *Sir* Astley Cooper foi herdada por *Sir* Benjamin Collins Brodie (1783-1862), cirurgião do Hospital São George, em Hyde Park Comer, que nessa época estava sendo reformado para se tomar o encantador e bem situado hotel que é hoje. O próprio *Sir* Benjamin é lembrado pelo abscesso de Brodie (crônico, da tíbia) e a doença do seio de Brodie (grande, mas benigno). Em 1858, *Sir* Benjamin tornou-se o primeiro presidente do Conselho Geral de Medicina, cujo objetivo, todos sabiam, era desgraçar publicamente os médicos que assediavam suas pacientes sexualmente ou as horizontalizavam. O uso mais consistente do CGM consistia em regulamentar o ensino da medicina, erradicando os caubóis da profissão que não conseguiam figurar no *Registro* oficial, a lista que confere aos médicos os direitos tão necessários de assinar atestados de óbito. Antes do CGM, só um terço dos médicos britânicos havia se interessado em figurar no registro.

No outro lado do Solway Firth estava James Syme (1799-1870), sogro de *Lord* Lister. Ele foi imortalizado pela amputação Syme do pé. Nascido em Princes Street, sendo seu pai um colaborador do *Signet,* Syme era essencialmente um homem de Edimburgo que “jamais desperdiçava uma palavra, ou um pingo de tinta ou uma gota de sangue”. Tomou-se professor de cirurgia em Edimburgo, ele mesmo determinando a pensão de 300 libras por ano para o titular da cadeira, um bom negócio, uma vez que seu antecessor estava então com 81 anos. Quando era estudante, com uma queda para química, Syme notou que a borracha dissolvida em petróleo impermeabilizava os tecidos. Se ele tivesse explorado sua descoberta, nos dia de chuva nós todos estaríamos usando as nossas *symes,* não as *mackintoshes.*

No outro lado do Canal, a contratura que dobra os dedos para a palma da mão estava sendo tratada, em 1832, pelo Barão Guillaume Dupuytren (1777-1835). Dupuytren era o pior tipo de cirurgião. Vaidoso, desdenhoso, autoritário, inescrupuloso, ele operava *en pantoufles* e repetia provocadoramente, embora com razão: “Eu já me enganei, mas muito menos do que qualquer outro cirurgião." E também — o que era também irritante — era um operador magnífico e extremamente bondoso para com seus pacientes.

A primeira operação de contratura realizada pelo Barão Dupuytren foi num comerciante de vinho de Paris, mas depois disso o cirurgião absteve-se de fazer essa cirurgia até encontrar um corpo com essa deformidade, no qual pudesse praticar. A operação persiste até hoje, a condição é comum, sendo um dos pacientes mais ilustres Margareth Thatcher. Atualmente suspeita-se que seja outra reação auto-imune, como o reumatismo.

Dupuytren era mesquinho. Quando estudante de medicina, tirava gordura dos corpos para acender sua lâmpada de leitura. Quando uma duquesa o presenteou com uma bolsa bordada à mão, como uma prova carinhosa de gratidão por ele ter salvo sua vida, ele disse secamente que o preço era 5.000 francos. Então, sorrindo, ela tirou cinco notas de 1.000 francos da bolsa e a devolveu a ele, dizendo com voz arrulhante que agora continha exatamente aquela quantia, e o quanto ele era modesto. Dupuytren era o “bandido do Hôtel Dieu”, que deixou uma fortuna. Em algum tempo ele talvez tenha tido charme, uma vez que, na juventude, era mantido por uma mulher rica de Toulouse e, depois, por um oficial de cavalaria.

No outro lado do Atlântico, em Filadélfia, Philip Syng Physick (1768-1837) foi o Pai da Cirurgia Americana. Formado em Edimburgo, aluno de John Hunter, de Londres, em 1826 inventou o ânus artificial. William Wardell Mayo (1819-1911), de Manchester, foi o pai dos cirurgiões americanos William James (1861-1939) e Charles Horace Mayo (1865-1939), e os três fundaram a Clínica Mayo em Rochester, Minnesota, o equivalente cirúrgico do Museu Guggenheim de arte, na Quinta Avenida.

A CIVILIZAÇÃO DA CIRURGIA

Sir James Paget (1814-99) era filho de um cervejeiro, um estudante pobre, um jornalista-médico amador, que chegou a ganhar 10.000 libras por ano e foi o único cirurgião que apareceu num musical de Gilbert e Sullivan. O coronel Calverley canta em *Patience* a coragem de Lord Nelson, a bordo do *Victory,* o gênio de Bismarck, criando um plano, e a "calma de Paget pronto para fazer a trepanação”. Uma honra igual ao seu posto de Sargento Cirurgião da Rainha Vitória.

Paget nos deixou a doença dos ossos de Paget (espessamento do crânio, obrigando a pessoa a comprar chapéus cada vez maiores) e a doença do

mamilo (câncer). A voz de Paget soava constantemente nos salões de conferências. “Eu divido as pessoas em duas classes — os que já ouviram e os que não ouviram James Paget”, dizia Gladstone em coro com W.S. Gilbert. Com 29 anos Paget foi nomeado Curador do Colégio de Medicina São Bartolomeu, e casou. Sua mulher estremecia na casa do curador com os gritos dos pacientes antes da anestesia, no teatro de operações que ficava ao lado.

“Um cirurgião deve possuir três coisas diferentes. Isto é, um coração de leão, olhos de falcão e mãos de mulher”, dizia John Halle (?1529-?1568), cirurgião e poeta. Isso era tudo que os cirurgiões podiam oferecer aos pacientes naquela época. Eles eram artistas inspirados pela anatomia. Agora são decoradores de interiores que modificam a disposição do mobiliário do corpo à luz brilhante da ciência. As cavidades do corpo não assustam mais, elas os atraem, nenhum tecido tem segredos para o bisturi, os órgãos são transplantados como objetos de uso, a cirurgia microscópica é tão comum quanto a televisão, a cirurgia de conforto — quadris, joelhos, calos, veias varicosas —, mais do que a cirurgia da sobrevivência, é tão prosaica que as pessoas reclamam quando não são submetidas a elas prontamente.

OS CANTEIROS

“Não usarei o bisturi, jamais, nas pessoas que têm pedras, mas deixo esse trabalho para os especialistas dessa arte”, diz Hipócrates, defensivamente, no seu Juramento.

As pedras da bexiga datam de mais de 7.000 anos, como provam as que foram encontradas nas múmias do Egito. Os árabes e os hindus da antiguidade abriam o corpo para retirar as pedras, depois Celso e Paracelso fizeram o mesmo. No século XVI havia litotomistas ambulantes, como malabaristas e latoeiros. Piere Franco (1505-70), um huguenote expulso de Florença para Lausanne, tirava habilmente as pedras por cima ou por baixo (ele confessou que o fracasso significava fugir dos parentes para salvar a própria vida). Frère Jacques de Beaulieu (1651-1719) retirava as pedras pelo lado do corpo e dava aos pobres o dinheiro que recebia. O franciscano Frère Jean de Saint Côme (1703-81) inventou uma faca de superfície mais lisa, e garantia 90% de cura. O cirurgião de Newton e de Pope, William Cheselden

(1688-1752), fazia a extração em um minuto, ou, num dia melhor, em 54 segundos. Muitos escaparam da operação, como Pepys, em 7 de março de 1665. “Logo eu fui verter água, só pensando nos meus testículos que, por acidente, eu podia ter machucado, como faço sempre — mas quando urinei saíram duas pedras, eu as senti e olhei para a minha urina, mas não senti dor quando elas saíram.”

Na década de 1860, os médicos cortesãos de Napoleão III procuravam evitar que fosse conhecida a existência de uma pedra enorme na bexiga, que fazia o imperador andar com as pernas curvadas e que o fez desmaiar duas vezes, depois de uma noite bastante movimentada com sua amante. A pedra obstruía as passagens até o pênis e o impediu de inaugurar o Canal de Suez, em 1869. Os médicos diziam que o imperador sofria de reumatismo, mas a imprensa zombava dessa afirmação. Até os repórteres sabiam que não se trata reumatismo com cateteres.

O imperador recusava o uso de uma sonda exploratória, e comandou seu exército na Guerra Franco-Prussiana, de 1870-71, com toalhas enfiadas na calça, como fraldas. Quando Napoleão fugiu da terceira república para se juntar à imperatriz Eugênia, nos arredores de Londres, os cirurgiões da rainha Vitória foram mais severos do que os franceses. Nos dia 2 e 6 de janeiro de 1873 a pedra foi amassada dentro de Napoleão pelo urologista *Sir* Henry Thompson, baronete (1820-1904), fundador do crematório Golder’s Green (Millais fez o quadro), que 10 anos antes havia ensaiado em Leopoldo I da Bélgica. Joseph Clover aplicou o clorofórmio. Todos ficaram felizes com o fim da aflição de oito anos do imperador Napoleão, mas infelizmente três dias depois ele morreu. Essa história aconteceu no prédio onde está hoje o clube de golfe suburbano de Chislehurst.

CIÊNCIA DOMÉSTICA

O ano é 1923:

Eu estava olhando para o teto, minha testa molhada de suor frio.

Eu cruzava meus dedos com força, para evitar que toda a sensação desaparecesse deles.

Depois de algum tempo, ouvi três gemidos vindos do quarto acima do meu e, então, outra vez o ruído de passos. Compreendi que a operação tinha começado. Eu podia imaginar o bisturi, a grande incisão, a frieza insensível de tudo aquilo. Durante o que me pareceram horas intermináveis, olhei para o teto. De repente, houve uma grande comoção no quarto acima do meu. A mesa foi arrastada rapidamente. Os passos soavam em todo o quarto. A operação estaria terminada? Não. Alguma coisa estava errada. Um homem desceu correndo a escada e chamou um táxi. Num momento ouvi as rodas partirem velozes na rua e, logo depois, voltaram. Ele fora apanhar alguma coisa e subiu a escada correndo...

Então, quando olhei para cima vi, com horror, uma pequena mancha vermelha aparecer no teto branco. Eu sabia que era sangue. A mancha tinha o tamanho de uma moeda de cinco shillings. Cresceu até ficar do tamanho de um prato. O vermelho ficou mais vivo e, finalmente, uma gota pingou na coberta branca da minha cama. Caiu como um pedaço de chumbo. Eu mal podia respirar. Outra gota caiu com o som surdo de uma pedra...

Chega!

A heroína da aventura sanguinária era uma dama delicada, que fazia tratamento para os nervos numa clínica de Londres. A experiência a curou imediatamente.

A cirurgia moderna é tão técnica que precisa ser feita em teatros operatórios complexos, com equipes especializadas e monitores e gráficos luminosos. Todo o aparelhamento seria um enigma para os leigos se não aparecesse constantemente na televisão. Até a década de 1930 a grande cirurgia era realizada em salas provisórias, nas clínicas instaladas em antigas residências urbanas confortáveis adaptadas ou na casa do paciente. Amígdalas e até mesmo apêndices eram removidos na mesa da cozinha. *Lord* Lister operava por toda a cidade de Londres, seu “burro mecânico” mal disfarçado sob sua roupa, saindo de casa, em Regent's Park na sua berlinda. Sua chegada era recebida pelos vizinhos do paciente com estremecimentos, piadas e a mesma satisfação com que o povo curioso recebia em Tyburn o carrasco com seu equipamento.

O autor da história de horror da dama neurótica foi *Sir* Frederick Treves, baronete (1853-1923), que operou o rei Eduardo VII, que tinha

então 50 anos, no dia 24 de junho de 1902. O rei estava com dores na barriga e foi examinado por *Lord* Lister, que diagnosticou peritiflite. Esta era uma denominação vaga para uma inflamação localizada dos intestinos, de cuja cura Treves foi pioneiro removendo o apêndice desde 1887. Em 1889, Charles McBumey (1845-1913), do Hospital Roosevelt, em Nova York, elucidou a condição centralizando o diagnóstico no “ponto de McBumey”, entre o umbigo e o quadril, sensível à ponta do dedo do cirurgião nos casos de apendicite aguda.

Foi muito inconveniente porque coincidiu com a coroação, marcada para dois dias depois, porque o rei disse que não podia ser adiada como uma reunião de tiro ao alvo em Sandringham. “Então, *sire,* o senhor irá à Abadia como um cadáver”, disse o cirurgião. Não havia outra solução. O adiamento era de fato algo quase inimaginável, com todos aqueles monarcas estrangeiros e príncipes que já estavam na Estação Vitória. O palácio de Buckingham cambaleou sob o peso dos problemas, como, por exemplo, o que iam fazer com o caviar? Podia ser guardado no gelo, bem como as 2.500 codornizes, mas as perdizes e as costeletas teriam de ser dadas aos pobres. Cestos repletos de comida foram enviados para as instituições de caridade e, na tarde seguinte, em Whitechapel, comeram *consommé de faisan aux quenelles et cotelettes de bécassines à la Soiwaroff.* A coroação foi transferida para 9 de agosto, e se o caviar agüentou até essa data só os reis abissínios estavam presentes para consumi-lo.

Eduardo VII foi operado em casa. Foi andando para a mesa de operação. A rainha Alexandra segurou a mão dele até terminar a aplicação da anestesia, e voltou a segurá-la um pouco antes dele voltar à consciência. O paciente real salvou um grande número de vidas do diagnóstico vago de peritiflite, dando à operação de Treves o *éclat* que seus descendentes deram ao jogo de pólo.

Treves não era um cortesão, ia para a cama às 10 horas da noite e levantava às 6 da manhã para escrever. Era amigo de Thomas Hardy, tinha carta de marinheiro e podia ter capitaneado o iate real tão bem quanto operava. Seu estilo literário era incisivo e seco, como convinha a um cirurgião. Sua história do Homem Elefante, de quem se tornou amigo no Hospital Londres, foi um sucesso de bilheteria no West End e na Broadway, porém, infelizmente, quando isso aconteceu Treves estava morto e seus direitos autorais já prescritos.

UMA EXPRESSÃO DE CORAGEM

O adultério foi a origem da cirurgia plástica há 2.000 anos, na índia. Essa infração era levada muito a sério pelos hindus, que cortavam o nariz do culpado. A deformação social e facial era reparada com a pele da face ou da testa, cortada como se corta uma folha e costurada sobre o orifício. A operação foi aperfeiçoada em Bolonha, em 1597, por Gasparo Tagliacozzi (1546-99), que soltava três lados de um pedaço de pele do braço, prendia o braço sobre o nariz e, quando o enxerto pegava, soltava o braço, cortando a parte da pele ainda presa a ele. Há um século amadores faziam isso na Sicília. Branca de Catânia era o “homem de grandes habilidades que aprendeu a arte de restaurar um nariz, usando a pele do braço do paciente ou pregando sobre o orifício o nariz de um escravo”.

A Igreja ficou tão ofendida com o fato de Tagliacozzi aperfeiçoar a obra de Deus que seu corpo foi exumado do túmulo num convento e enterrado em terra não consagrada. Tudo isso contribuiu para dar má fama à reposição do nariz. Em 1788, a cirurgia plástica da face foi considerada pecaminosa e proibida em Paris.

Johann Friedrich Dieffenbach (1792-1847), um ex-cavalariano de Mecklenberg, cortava os músculos do olho para curar estrabismo (com sucesso) e os músculos da língua para curar a gagueira (um fracasso). No Charité Hospital, em Berlim, ele começou a reconstruir rostos afetados por trauma ou tumor e a fechar palatos fendidos. Sem anestesia, o paciente sentava de frente para uma janela, a cabeça segura por um assistente, e o mandavam respirar fundo, com bochechos e pausas para respirar, entre as incisões. Dieffenbach era amigo de Heine e do rei Guilherme IV da Prússia, que freqüentemente assistia às operações na companhia de toda a família.

Em Londres, *Sir* William Fergusson (1808-77) operou com sucesso 134 palatos fendidos e 400 lábios leporinos. Fora obrigado a emigrar de Edimburgo, onde James Syme não desperdiçava nem uma gota da sua próspera clínica particular. *Sir* William acreditava que em “uma grande coisa quando, por meio da prevenção, pode-se salvar até a ponta de um polegar”. Isso traduzia o conservantismo misericordioso, quando a amputação era praticada com o entusiasmo da Rainha de Copas de *Alice*. *Sir* William era

também um virtuoso do violino e um hábil litotomista. "Olhe com atenção", disse um dos assistentes, “porque se piscar vai perder a operação inteira”.

A cirurgia plástica moderna foi um subproduto da pólvora. Foi criada em 1917 por um cirurgião com tendências artísticas, *Sir* Harold Delf Gillies (1882-1960), no feio subúrbio de Sidcup, em Londres, no recém-construído Queen’s Hospital, que hoje fica entre o túnel Blackwall e o túnel do Canal.

“Uma bela mulher merece ser mantida bela e jovem enquanto tem idade para desfrutar a beleza e a juventude", disse Harold Gillies, em 1957, corrigindo a Paris de 1788 e a obra de Deus, seu Criador. Gillies era neozelandês, cirurgião da garganta, descendente de Eduardo Lear *(Livro do Nonsense)* capitão da RAMC em 1915. Um cirurgião de maxilares, do Hospital Americano em Paris, emprestou a ele um livro recentemente chegado da Alemanha. “Como era uma guerra bastante informal, o inimigo aparentemente não se importava que soubéssemos o bom trabalho que estava fazendo nas fraturas do maxilar e ferimentos próximos da boca.” Assim, o autor do livro, Lindemann, inaugurou, por meio de Gillies, uma especialidade que levantou o moral das forças britânicas e americanas nas duas guerras contra seu país.

O astro da cirurgia britânica era *Sir* Arbuthnot Lane (especializado em cólon), que encorajou Gillies em Sidcup. A Gillies juntou-se o artista com tendência para a cirurgia, Hemy Tonks (1862-1937), antes cirurgião interno dc *Sir* Frederick Treves no Hospital Londres. Em 1917, Tonks era professor na Escola Slade de Belas-Artes, instrutor de Augustus John e de William Orpen, mas tomou-se membro do Colégio Real de Cirurgiões em 1888 e agora voltava à antiga profissão no RAMC. Tonks desenhava os ferimentos, os reparos e os resultados e, sem dúvida, contribuiu para aperfeiçoar a parte artística dos enxertos de Gillies, das abas e pedículos de pele como os de Tagliacozzi.

Excêntrico, rabugento, bom jogador de golfe e bom pescador, Gillies teve sua fama suplantada na II Guerra Mundial por outro neozelandês, seu primo, o cintilante e autocrata *Sir* Archibald Hector McIndoe (1910-60), com seu “Clube da Cobaia”, de pacientes da RAF, em East Grinstead, sul de Londres. Talvez as repetidas operações necessárias nos rostos daqueles pacientes justificassem a frequente imperfeição dos resultados. Talvez o trabalho menos sensacional dos cirurgiões plásticos nas queimaduras e nas mãos tivesse mais valor. Porém, um jovem na cabine de um Spitfire sentia-

se mais encorajado sabendo que havia cirurgiões capazes de reparar sua horrível mutilação.

Entre as guerras a cirurgia plástica cresceu e depois delas, floresceu. Novos rostos, novos narizes, sem problema (os narizes delicadamente arrebitados de McIndoe eram imediatamente reconhecíveis no outro lado das luzes da ribalta ou nas mesas de jantar). As mulheres começaram a ficar tão exigentes quanto aos seios que podiam ser encomendados por tamanho, como sutiãs. “Muitas vezes, quando estava fazendo um *lift,* eu me sentia culpado, como se aquilo fosse só para fazer dinheiro. Contudo, esse sentimento não se justifica, se com isso podia trazer nem que fosse um pouco de felicidade a uma alma que precisa dela”, dizia Gillies, para se encorajar. Talvez a felicidade seja transitória e o ressentimento melancólico retirado do seu rosto seja transferido para alguma outra coisa, ou para outra pessoa.

CIRURGIA DE MANCHETE

Em 3 de dezembro de 1967, no Hospital Groote Schuur, na Cidade do Cabo, o professor Christian Neethling Barnard (1922) realizou o primeiro transplante de coração, combinando assim as forças humanas naturais e emocionais com uma intensidade shakespeareana. Em 25 de novembro de 1974 ele aperfeiçoou seu método, realizando o primeiro transplante de coração duplo. A idéia não era nova. Ocorreu a John Hunter dois séculos antes, em Londres, onde um dente humano que ele transplantou numa crista de galo pode ser visto hoje no Colégio Real de Cirurgiões.

Nosso corpo morto é como o “ovo do cura” do antigo ditado inglês: algumas partes são excelentes, mas outras deixam muito a desejar. Porém, a parte saudável não pode substituir imediatamente outras partes iguais doentes, porque o corpo rejeita violentamente os que ultrapassam o portão imunológico. Em 23 de dezembro de 1954, no Hospital Peter Brent Brigham, em Boston, um rim saudável foi transplantado de um irmão (nós só precisamos de um rim para viver) para outro, que tinha dois rins doentes, dando a ele uma sobrevida de nove anos. Porém, esses irmãos eram gêmeos idênticos. O truque do transplante consiste em combinar os tecidos do doador e do receptor, depois usar os novos medicamentos

imunossupressores que podem fazer artificialmente gêmeos idênticos de todos nós. Esses medicamentos anulam a recepção hostil até que o novo hospedeiro se acostume com o visitante, e então eles passam a viver felizes juntos. Rins, pulmões, corações e fígados são agora trocados entre seres humanos vivos e mortos com a benevolência de presentes de Natal.

O novo rim não é implantado no lugar do anterior, mas na pelve. A “colheita” é grotesca até mesmo para os médicos experientes. O cirurgião, chamado com urgência por uma organização que nunca dorme, explica cuidadosamente para a equipe local que não vai ser um episódio de cirurgia convencional. O anestesista entra com o paciente na maca — rosado, quente, respirando regularmente graças ao respirador artificial, coração batendo, mas morto. O cirurgião faz uma incisão com a generosidade de uma autópsia, retira o coração, os pulmões, os rins, o fígado e, já que está com a mão na massa, outras partes úteis, como pâncreas ou uma glândula supra-renal. Tudo é acondicionado no gelo para o transporte dramático por helicóptero ou entre as luzes piscantes dos carros de polícia para os receptores, que já foram chamados, com suas valises, para o hospital de transplante mais próximo. O anestesista desliga o respirador. O corpo fica cinzento e frio, e coberto por um suor inesperado. É levado então para o necrotério e a equipe cirúrgica toma café num silêncio pensativo.

Para que essa descrição não me traga a vergonha de contribuir para que seja rasgado algum cartão de doador — um programa idiota da televisão mostra uma infinidade de cartões rasgados — por favor, acreditem, o indivíduo já está completamente morto.

A “morte cerebral” só é declarada depois de testes que verificam as mais baixas funções vitais, sem obter nenhuma resposta. O cartão de doador é algo muito valioso. Qualquer ser humano vítima de ferimentos fatais ou hemorragia cerebral pode, com sublimidade bíblica, dar a vida com sua morte.

O AVANÇO HISTÓRICO DA MEDICINA E DA CIRURGIA

Bom, mas limitado. Cinzas para cinzas, pó para o pó, se o câncer não acabar conosco, a arteriosclerose acaba.

CAPÍTULO 7

O sexo e seus inconvenientes

O mundo todo ama o amor, mas ele nos traz as desagradáveis inconveniências da gravidez e da doença.

A DOR DO SEXO

A história da contracepção é tristemente previsível. Começou alegremente com Boswell. O homem que Johnson considerou muito digno de pertencera um clube, era também muito gonorréico. James Boswell teve 19 crises de gonorréia, começando antes do seu primeiro encontro com Johnson, em 1763, quando tinha 22 anos, e terminando em 1795, quando foi carregado para casa por um membro do clube literário com retenção aguda da urina, e logo sucumbiu a 35 anos de uso exagerado das vias urinárias. Boswell teve 12 filhos, cinco deles ilegítimos. O único tratamento eficaz para a gonorréia era aplicado nas estenoses que apareciam abaixo da bexiga, depois da instalação da infecção crônica da uretra. Era feito por meio de sonda, inserindo no pênis tubos curvos de metal, que Boswell detestava a ponto de desmaiar. Outra figura literária que não gostava desse tratamento era Thackeray.

Boswell era um grande defensor da camisinha. Ele podia comprá-la convenientemente em Leicester Square, sob o signo do Sol Nascente, camisinhas desenhadas para cavalheiros, feitas com tripa de carneiro ou cabra, temperadas, perfumadas, com 20 centímetros de comprimento, delicadamente fabricadas em moldes de vidro pelas mãos da proprietária, a senhora Phillips. As de melhor qualidade, “Baudruches Superfinas”, eram amarradas na extremidade superior com fitas que podiam ter as cores nacionais. (Podem ser vistas, descuidadamente espalhadas no chão, entre cascas de ostras, ossos de galinha e barbatanas no *Rake’s Progress* de 1736, em Hogarth.)

É pena que a obsessão dos ingleses pelas gravatas dos clubes não tenha esse mesmo gosto. O azul vivo e o vermelho da Brigada de Guardas, o brilho do sol e o vermelho do tomate no MCC, o salmão e o pepino do

Garrick Club teriam contribuído para o embelezamento artístico de um desempenho necessariamente deselegante. Para os fregueses mais cautelosos a senhora Phillips tinha seu "Duplo superfino”, feito com a superposição e a colagem de dois cecos, a extremidade fechada do intestino grosso do carneiro. Essa tripa ovina profilática foi pela primeira vez anunciada como “um aparelho para a prevenção dos inconvenientes das aventuras amorosas”, no *The Tatler* de 12 de maio de 1709.

Boswell não *gostava* das camisinhas. “Armadura" que diminuía seu prazer com as Lizzies, Nannies, Louisas, Megs, suas aventuras amorosas por toda a cidade de Londres, fosse nas tavemas de Covent Garden e no Strand, com joelhos trêmulos, por seis pence, no Parque St. James e na ponte de Westininster, ou com a jovem Alice Briggs, de 17 anos, no jardim do número 10 de Downing Street (antes de se tornar propriedade oficial). Boswell preferia o tipo feito de linho, que precisava ser molhado antes (ele molhava no canal do Hyde Park). Eram mais econômicas que as Baudruches da senhora Phillips, porque podiam ser lavadas na lavanderia de camisinhas em St. Martin Lane, dirigida por Jenny. Boswell era um péssimo exemplo para a publicidade das camisinhas a favor da saúde pública, mas apenas pela inconveniência não incomum de nunca ter uma com ele quando precisava.

O *jingle* dos bares a favor das camisinhas exaltava sua proteção contra “os males de Shankers, ou Cordee, ou Buboes Dire!” Mas mencionava o perigo secundário da “barriga grande e o bebê chorão”, e aí estava o problema do futuro.

EVITANDO O ASSUNTO

A divergência entre o entusiasmo do ser humano pelo prazer do sexo e a idéia da reprodução humana sempre provocou um debate acalorado. A Igreja Católica Romana preocupa-se razoavelmente com a santidade da vida humana, e ao mesmo tempo expressa sua autoridade interferindo com as funções fundamentais do nosso corpo. Segurar a congregação pelos testículos é um meio mais eficaz de conseguir lealdade do que fazer os fiéis comerem peixe todas as sextas-feiras. A contracepção alternativa, que consiste em controlar o ritmo da menstruação, prolongar o período de

amamentação e praticar o *coitus interruptus* pode ser correta sob o ponto de vista religioso, mas é uma roleta russa copulatória.

Em 1798, o Reverendo Thomas Robert Malthus (1766-1834) sugeriu que, se o mundo continuar a copular na mesma razão dos dias atuais, no fim de algum tempo terá cometido suicídio por inanição. Os únicos itens animadores que, segundo ele, poderiam adiar esse resultado eram ocupações insalubres, trabalho rigoroso, pobreza extrema, falta de tratamento das doenças, cidades grandes, excessos, doenças, epidemias, guerras e fome. O genial Malthus (pai de três filhos) não era malthusiano. Era contra a contracepção, e recomendava ao mundo que procurasse salvar a própria pele por meio da repressão moral, que todos fossem encorajados a levar a idade do consentimento para o casamento. Era um remédio absurdamente otimista para uma ameaça tão terrível. Outras pessoas, igualmente racionais, viam a repressão mecânica, ao invés da moral, como mais atraente e mais eficaz. Isso provocou escândalo.

O subsecretário de Estado dizia, a favor dos ofendidos, no Guidhall, no verão de 1877:

> Na minha opinião este é um livro sujo, imundo, e a prova é que nenhum ser humano permitiria que fosse posto sobre sua mesa, nenhum marido inglês decentemente educado permitiria que sua mulher o visse. O objetivo do livro é permitir que as pessoas pratiquem o sexo, mas não para ter aquilo que, na ordem da Providência, é o resultado natural dessa prática.

O título era *Frutos da Filosofia, ou o Companheiro Particular dos Jovens Casais,* do doutor americano Charles Knowlton (1800-50). Hora publicado no ano anterior (com ilustrações), em Bristol, por Henry Cook, condenado a dois anos de trabalhos forçados. Também com problemas estavam Charles Bradlaugh (1833-91), ex-menino de recados e ex-soldado da cavalaria, um membro do parlamento independente que se recusou a jurar sobre a Bíblia parlamentar, foi expulso da Casa pelo sargento-de-armas e preso durante dois dias sob o Big Ben (sem dúvida, sem poder dormir). Ele foi excluído do parlamento quatro vezes, e por cinco vezes foi eleito pela persistente e sensata cidade de Northampton, centro da indústria de calçados, até que o parlamento se cansou e ele representou sua cidade até a morte.

E Anne Besant (1847-1933), separada do marido vigário, depois teosofista, que descobriu o novo Messias (Jeddu Krishnamurti, de Madras,

de 14 anos, que ela adotou e fez desfilar pelo mundo todo de 1910 a 1925, e que costumava sair do próprio corpo quando dormia). Ela formou com Bradlaugh a Companhia Editora do Pensamento Livre, deliberadamente para republicar *Frutos da filosofia.*

Os dois foram condenados a seis meses de prisão e a uma multa de 200 libras, revogada na instância de apelo, mas apenas tecnicamente, devido a um erro verbal da acusação. Os juízes advertiram que se repetissem a ofensa, eles não escapariam. Bradlaugh vendeu os volumes confiscados com o carimbo de RECUPERADAS DA POLÍCIA, um bom golpe publicitário, e a brochura de Anne, de 1877, *A Lei da População,* vendeu 175.000 unidades. Quando um dermatologista de Leeds, Henry Arthur Allbutt (1846-1904), publicou seu livro de seis pence O *manual da esposa,* em 1886, o Conselho Geral de Medicina tirou seu nome do Registro Médico por conduta antiprofissional, mas ele foi compensado pela venda do livro, que rendeu meio milhão de libras.

O Guildhall de 1877 ecoava no Old Bailey de 1960. Diz o procurador-geral Mervyn Griffith-Jones:

> O livro está repleto de palavrões. As palavras "copular" e “copulação" ocorrem não menos de 30 vezes. Eu contei. “Vulva”, M vezes, “testículos", 13 vezes, “fezes” e “ânus” seis vezes cada um, “pênis”, quatro vezes, “urinar”, três vezes, e assim por diante.

Ele acentuou a qualidade dessa lista escandalosa não usando as palavras técnicas que eu usei, mas as comuns, que ele certamente usava nos fins de semana. Foi o julgamento do *Amante de Lady Chatlerly* que atraiu a atenção encantadora do procurador-geral, preocupado com a possibilidade de algum empregado seu ler o livro — numa era em que o barato *tweeny* estava sendo substituído pelo *twin-tub,* mais barato ainda.

A moral é de um modo geral uma expressão da história e da geografia. Qualquer coisa vale, mas não em toda parte. Os hindus não podem beber, mas têm várias mulheres, os cristãos podem-se embriagar quantas vezes quiserem, mas estão presos, como disse Saki, “ao costume ocidental de uma mulher e quase nenhuma amante”. Nos EUA, em 1933 era errado brindar o aniversário de Washington, mas em 1934 era um gesto patriótico. Nas ilhas

Fiji, na década de 1830, até o canibalismo era socialmente aceitável, separando-se o cérebro, como um petisco, para as mulheres.

"Mas existem duas moralidades", disse Flaubert. "Uma é bonita e convencional, invenção dos homens e muda constantemente, um amontoado de nadas prosaicos e absurdos, que fazem tanto barulho quanto os imbecis que a inventam. Mas a outra vive naquela eternidade que está à nossa volta e acima de nós, como os campos e os bosques e o céu azul espalhando seu brilho pela Terra."

A moralidade que é tão inconseqüente quanto aquele tagarela imbecil do Show Agricultural de Flaubert é impressionante. Ela incita com enorme celeridade a condenação solícita das infrações cotidianas, quando perpetradas por outros.

A CAMISINHA ENTRA NA POSSE DOS SEUS DIREITOS

A vulcanização da borracha, em 1843, fez milagres para a camisinha, bem como para as bolas de golfe. Na década de 1920 as camisinhas tinham a resistência tranqüilizadora e vigorosa dos pneus do Daimler. Não formavam volumes vergonhosos nos bolsos, como os cigarros hoje em dia. Eram armazenadas em lugares invisíveis pelos farmacêuticos, o que levava ao ritual de ler os rótulos de fortificantes, comida para crianças e pastilhas para a tosse até a farmácia ficar vazia. As camisinhas eram distribuídas mais aberta e mais adequadamente à alta sociedade pelos antepassados dos cirurgiões, os barbeiros ("E alguma coisa de uso pessoal, senhor?"), o que explica a moda de cabelos muito curtos para os homens, no começo deste século.

Nossa Florence Nightingale do leito nupcial foi Charlotte Carmichael Stopes (1880-1959), com quem Deus falou pessoalmente em 1920 entre as árvores de seu jardim, em Leatherhead. Seu livro *Amor no casamento* vendeu 1.000 exemplares por semana. Sua observação incidental de que a mulher deve prender o marido entre suas pernas durante o ato de amor provocou a crítica de um membro do parlamento australiano: "Deixem que nós, em nome da verdadeira e normal masculinidade e da verdadeira e

normal feminilidade e, sem dúvida, em nome do Império Britânico, nos esforcemos para controlar a imaginação a qualquer preço.”

Marie Stopes era PhD de Munique, e seu primeiro casamento em Montreal, com um botânico americano, foi anulado em 1916 porque depois de cinco anos ela eia ainda *virgo intacta.* Com o apoio eficaz de Arnold Bennett, H.G. Wells e a contralto Clara Butt, Marie Stopes abriu, em 1921, uma Clínica para as Mães, em Islington, onde se inseriam pessários de borracha nas mulheres da classe trabalhadora. Tudo acabou entre lágrimas e libelos. O arcebispo de Westminster, Cardeal Bourne, fez uma doação pessoal de 400 libras, e a igreja católica liberou 10.000 libras para apoiar o Dr. Halliday Gibson Sutherland (1882-1960), que explicou: “Os instintos comuns e decentes dos pobres são contra essas práticas... os pobres são as vítimas naturais daqueles que querem fazer experiências em outras pessoas”.

São os pobres que levam a culpa. Era um momento importante demais na história da contracepção para ser sujeito ao egoísmo insuportável e à avidez de Marie Stopes.

As camisinhas receberam seu nome em inglês, *condom,* por causa do doutor ou possivelmente coronel Condom, um inglês, ou talvez francês, e talvez cortesão de Carlos II, ou que talvez nunca tenha existido. O melhor que o dicionário de latim pode nos oferecer é *condo,* “inserir, enfiar”, também engarrafar frutas. O mais perto que o dicionário Oxford chega é *condoma,* um antílope listrado com chifres em espiral. Condom (população 6.781), entre Bordeaux e Toulouse, orgulha-se do seu *armagnac* e o bispo Bossuet, da sua catedral de St. Pierre, que em 1669 foi chamado a Paris por Luís XIV para ensinar francês ao delfim.

Ninguém costumava chamar as camisinhas de condons. Os americanos, pouco poéticos, inundaram a II Guerra Mundial com as “borrachas", enquanto os ingleses faziam piadas pré-coito sobre “Amor livre com F L [Free Love] maiúsculos”. A palavra só entrou nas conversas respeitáveis na época da senhora Thatcher, junto com “dinheiro”. A camisinha ergue-se suprema, outra vez como objeto de uso sanitário. Seus oponentes, envergonhados, dificilmente podem agora bradar sobre a santidade da vida humana, quando o sexo sem camisinha pode extinguir o mundo todo com a AIDS. Existe até um “Femidom”, que parece um forro para caixa.

UMA QUESTÃO DE VIDA E NASCIMENTO

A popularização da pílula, em meados do século XX, foi um liberador das mulheres equivalente à calandra em meados do século XIX. Tudo que as mulheres precisam agora é uma boa memória e estar suficientemente sóbrias para engolir a pílula. Até mesmo isso torna-se supérfluo com a “pílula do dia seguinte”. Porém, essa lembrança atrasada desperta a excitação ética, perturbando completamente o *status quo,* ao invés de preveni-lo. Uma pílula depois do ato é como um aborto, que acende a fúria dos virtuosos, ao ponto de as pessoas respeitáveis marcharem pela Ria com faixas e cartazes, envergonhando os membros do parlamento com fotografias intra-uterinas de embriões que parecem chupar o dedo, um hábito que, felizmente, eles não têm.

Regnier de Graaf (1641-73) descobriu a concepção. Esse anatomista holandês é lembrado no folículo de Graaf, os nódulos na superfície dos ovários que abrigam os ovos fertilizados. Até então todos concordavam com Aristóteles que o esperma fazia tudo sozinho. Antes disso, a humanidade levou um tempo incrível para compreender a conexão sexual.

O aborto é tão antigo quanto a concepção. Em 18 de julho de 1938 Aleck William Bourne (1886-1974), filho de um ministro wesleyano, ginecologista consultor em Londres, de respeitabilidade cristalina e austera personalidade, foi indiciado no Old Bailey por usar um instrumento para provocar aborto. A pena máxima era de trabalhos forçados para toda a vida. Isso tudo estava contido em Ofensas Contra a Pessoa, lei de 1861, seção 58. Mas o juiz achou que o aborto era uma ofensa contra a lei comum inglesa, mesmo antes da existência do parlamento. Hipócrates também era contra. “Não darei à mulher um pessário para provocar o aborto”, diz o seu Juramento. Essa promessa foi defenestrada, como a que a vem em seguida, “Manterei pura e santa minha vida e minha arte”.

Em 14 de junho, às 10 horas da manhã, Boume fez um aborto, no Hospital St. Mary, em Paddington, de uma menina de 14 anos, grávida de seis meses, que fora violentada duas vezes, imobilizada por dois guardas montados, de folga, depois de ser convidada para ver uma égua com cauda

vermelha no estábulo da Parada dos Guardas Montados, em Whitehall. O Hospital St. Thomas, no outro lado do rio, recusou-se a atendê-la, dizendo que o feto podia ser um futuro primeiro-ministro. Os pais da menina, confusos, eram tão respeitáveis que não conheciam nenhuma daquelas mulheres velhas, tradicionais nas vielas de Londres, com suas agulhas de tricô. Três anos antes, Bourne havia feito a mesma coisa para uma jovem de 15 anos. Seu assistente, prudentemente, saiu da sala de operação, recusando-se a tomar parte numa coisa ilegal. Dessa vez Bourne avisou o procurador-geral de que ia fazer o aborto. No fim do seu dia de trabalho, naquela noite, dois detetives chegaram ao hospital para levá-lo à delegacia de polícia de Paddington.

Quando a liberdade de Bourne dependia de argumento do perigo de vida para a jovem, seu advogado usou o argumento como defesa. A vida dela estaria em perigo se sua saúde corresse perigo? Devia ser posta em perigo por uma vida inteira de sofrimento? Se estão preservando sua vida, devem também preservar sua saúde, do contrário, quem sabe se ela pode morrer? "Era um lado da questão jamais abordado", observou o juiz, constrangido. Ou seria justificada a suspeita de que Bourne estava violando a lei abertamente, para mudar a lei?

O juiz, os advogados e os jurados reconsideraram suas idéias, prontos para inocentar o acusado, o que 10 homens e duas mulheres fizeram em 40 minutos, depois de dois dias de julgamento. Foi a glorificação do bom senso, uma qualidade injustamente não cantada pelos poetas. O veredicto foi a partida para idéias sensatas sobre o aborto, que foram legalizadas em 1967, a despeito dos princípios mais profundos, dos preconceitos, do puritanismo e da pomposidade. A única falha na história é a suspeita de que a heroína fosse uma "garota de meia coroa", que fazia ponto ao lado do posto da guarda.

As circunstâncias do caso Bourne repetiram-se em Dublin, quando uma menina de 14 anos, violentada, foi a Londres para fazer o aborto, mas voltou para casa obedientemente quando o procurador-geral conseguiu aprovação de um recurso para evitar que o aborto fosse feito. Isso foi em fevereiro de 1992. Os irlandeses conseguiram revogar o julgamento.

Na América do Sul, a causa mais comum de morte de mulheres com menos de 50 anos é o aborto ilegal.

O filósofo que “Em volta dele muitos embriões, muitos abortos jazem" enfrenta uma confusão insistente e sem dignidade sobre a determinação do momento sagrado do começo da vida. Quando é que a criança começa a ter uma vida separada, antes de aparecer chorando e vomitando nos braços da parteira? O momento de alegre união entre o esperma e o ovo não é adequado, porque tontos deles, como a união matrimonial, duram pouco tempo. Na Grã-Bretanha, nós sensatamente deixamos o assunto para a Câmara Alta. Com a lei da Fertilização e Embriologia Humanas, os membros do parlamento resolveram criar a vida humana na 24ª semana depois do ato sexual que determinou a concepção, realizando assim, em 8 de outubro de 1990, o que Deus fez no sexto dia.

Os casais que concebem filhos que não desejam refletem os casais que querem filhos mas não podem ter. O problema destes últimos tem sido resolvido pelos ginecologistas com menor alarde e esforço. As pessoas autoritárias fazem mais objeções ao fato de as outras fazerem o que elas acham que não devem ser feito, ao invés de procurar realizar o que acham que devem.

A MÁCULA

Em 1492 Colombo descobriu a América. Depois da sua volta, em 1493, o Velho Mundo descobriu uma nova doença. Ela foi precariamente catalogada por Nicolo Leoniceno (1428-1524), professor de física em Ferrara. Pústulas dolorosas nas partes privadas, espalhando-se pelo corpo e pela face, erupções, úlceras, bolhas, pústulas negras, carbúnculos, juntas inchadas e muito doloridas, lassidão, febre, decomposição da carne, cegueira e morte, com os sintomas persistindo durante anos nos sobreviventes. Giovanni di Vigo (1460-1520), cirurgião do Vaticano quando Michelangelo fazia a decoração, em 1514 escreveu um livro que teve boa venda, *Pratica in Arte Chirurgica Copiosa* (52 edições), que ensinava: “Essa doença é contagiosa, especialmente quando apanhada por meio da cópula de um homem com uma mulher suja.”

Essa conexão com o ato sexual havia sido posta em dúvida, previamente, porque a doença “infectava os que eram religiosos”.

Hieronymus Frascatorius, de Verona, descobridor do fomite infeccioso, escreveu em 1530 um longo poema virgiliano:

Primeiro ele teve bolhas de aparência horrível,
Primeiro teve dores estranhas e passou noites em claro;
Dele a doença recebeu seu nome,
Os pastores das vizinhanças apanham a chama devastadora.
Finalmente na cidade e na corte ela foi conhecida,
E atacou o monarca ambicioso no seu trono.

O herói do poema era:

Um pastor certa vez (confie na fama antiga)
Teve esse mal-estar, e *Syphlus é* seu nome.
Mil novilhas naqueles vales ele alimentou
Mil ovelhas aos belos rios levou.

(A tradução para o inglês foi feita pelo poeta laureado de 1692, Nahum Tate, que traduziu também "Enquanto os pastores guardavam seus rebanhos à noite".)

E assim a sífilis tomou-se o ameaçador epônimo de quatro séculos. O título do poema de Frascatorius é *Sobre a Doença Francesa.* Giovanni di Vigo, algum tempo antes, havia anotado no seu livro: "Os franceses a chamam de doença de Nápoles, porque os soldados a levaram de Nápoles para a França. Os napolitanos a chamam de doença francesa, porque apareceu na primeira vez que foram a Nápoles e, assim, outras línguas a chamam por outros nomes." Nessa explosão de nacionalismo infeccioso era a doença polonesa para os alemães, a doença alemã para os poloneses, a doença francesa para os espanhóis e a doença turca para todos com um conhecimento vago de geografia (os britânicos, como era de esperar, ficaram do lado dos espanhóis e dos napolitanos). Ninguém pensou em culpar os haitianos e cubanos, que haviam providenciado a diversão dos homens de Colombo em terra.

“Esse pecado sujo é sempre acompanhado por essa doença suja, que hoje chamamos de pox", disse Wiseman em *Mr. Badman.* “Uma doença tão nojenta e malcheirosa, tão infecciosa para o corpo todo e tão ligada a esse pecado que dificilmente tem algo em comum com as mulheres sujas, que elas têm mais ou menos alguns sinais dela para sua vergonha.”

Se você fuma, pode ter câncer do pulmão. Se você bebe, pode ter cirrose do fígado. Se faz sexo, pode apanhar uma doença transmitida sexualmente, como pode apanhar uma gripe por suas atividades sociais. Receber de braços abertos essa infecção como o castigo adequado ao crime — como todos os que concordaram com Bunyan, desde 1680 — é uma cruel expressão da cretinice puritana.

O cirurgião francês Baro Dupuytren, um homem de trato difícil, tinha uma abordagem mais caridosa. “Você esteve com prostitutas?” “Não, como pode pensar uma coisa dessas?”, respondia o paciente. “Pois então elas estiveram com você”, dizia Dupuytren.

A sífilis mais tarde floresceu menos ameaçadora. Brotava com um “cancro”, florescia com uma erupção vermelho vivo, depois adormecia no esquecimento até o outono da vida, quando brotava outra vez sob a forma de aneurismas, falta de equilíbrio, loucura com mania de grandeza, além de características estranhas nos filhos. Um processo mnemônico para estudantes:

Havia um jovem de Herne Bay
Que pensou que a *syph* tinha ido embora.
Agora ele tem tabes,
E filhos com pernas tortas
E pensa que é a Rainha de Maio.

ASSUNTO DE FAMÍLIA

Muitas figuras históricas e homens importantes foram considerados vítimas da sífilis. Isso sé deve, talvez, às manias de grandeza que ocorriam neles naturalmente. Henrique VIII era um dos suspeitos, por causa da grande quantidade de filhos nascidos mortos e outros doentes — a sífilis é transmitida através da mãe, supostamente infectada pelo pai — e por suas

úlceras e seu comportamento geral. É irônico condenar Oscar Wilde à morte por sífilis. Ele morreu de um abscesso no cérebro, que começou no ouvido e que aumentou o sofrimento de Reading Gaol. O pai de Oscar, *Sir* William Wilde (1815-76), de Dublin, foi um pioneiro das doenças do ouvido, autor de *Cirurgia do ouvido* (também da *Narrativa de uma Viagem à Ilha da Madeira)* e o inventor da incisão Wilde no osso mastóide, para os casos de infecção do ouvido. O ativo *Sir* William tratava os pobres num estábulo não usado em Dublin, era comissário do recenseamento inglês e descobriu habitações pré-históricas nos pântanos. Ele escreveu sobre a infecção do ouvido: “Nunca podemos dizer como, quando ou onde ela vai terminar.” Quando terminou para seu filho, com uma operação muito dispendiosa, em Paris, em 1900, Oscar suspirou: “Ora, muito bem, acho que terei de morrer além dos meus recursos.”

Os descendentes de *Sir* Winston Churchill preocupam-se com seu pai, *Lord* Randolph (“Randy Pandy”) Churchill, que supostamente tinha sífilis. A acusação aparece na biografia de 1925 escrita pelo horrível Frank Harris, que, segundo Oscar Wilde, “era recebido em todas as grandes casas — uma só vez". Harris conta que *Lord* Randolph, quando estudava em Oxford, num jantar com Jowett, no Balliol, em 1869, sentiu uma coisa estranha dentro da calça. Ansiosamente perguntou ao criado onde ficava o banheiro. “Sim, lá estava uma espinha redonda e muito vermelha.” Depois de uma noite de bebedeira no Bullingdon Club, Randy Pandy supostamente acordou num quarto imundo ao lado de uma mulher velha e suja, grisalha, com dentes longos e amarelos no maxilar superior, que balançaram quando ela disse. “Ah, benzinho, você não vai me deixar?” (Frank Harris foi também um renomado *littérateur* e *menteur.)*

No verão de 1893, depois de ter sido secretário na índia e Ministro da Fazenda, *Lord* Randolph consultou seu médico em Grosvenor Square, queixando-se de dificuldade para falar, tremor na língua, dormência no braço esquerdo, desequilíbrio, violência, apatia, delírios e confusão, e o diagnóstico razoável foi de estado avançado da sífilis.

Porém, a sífilis é um assassino fantasmagórico e um mímico muito ágil. O médico da rainha Vitória, *Sir* William Gull, advertia seus alunos: “Por mais espertos que sejam, certamente vão ter dificuldade para identificar a tísica, a sífilis e a sarna.”

Era impossível dizer com certeza quem tinha ou não sífilis antes de 1906, quando August von Wassermann (1866-1925), de Berlim, inventou seu prático exame de sangue, a famosa “reação Wassermann”. O *Treponema pallidum*, o micróbio fino, espiralado, que entra no corpo como um saca-rolhas e causa todos os problemas, foi descoberto em Hamburgo, em 1906, pelo filho de um taverneiro, o zoólogo Fritz Richard Schaudinn (1871-1906). Foi outra expressão do gênio alemão, na época, para descobrir novos micróbios, igual à dos britânicos para descobrir novas colônias.

O tratamento da sífilis não havia se modificado desde Giovanni di Vigo. Resumia-se em “Uma noite de Vênus e uma vida inteira de mercúrio”. O mercúrio era usado externa ou internamente, as duas administrações diluídas em esperança. A única medida tomada pela saúde pública contra a sífilis foi a proibição de banhos mistos na Alemanha.

O mercúrio foi substituído pelo arsênico com a injeção 606, de Erlich, em 1909, mas esse tratamento, embora muito mais eficaz, era ainda limitado e incerto. Em 1942, descobriu-se que o *Treponema pallidum* (como o gonococo, que tanto incomodou Boswell) era suscetível à penicilina. Em 26 de junho de 1944, três semanas depois do Dia D, a América retribuiu a invasão da Europa pelos micróbios levados por Colombo adotando oficialmente a penicilina e depois fabricando-a em massa para o tratamento da sífilis no exército americano.

“Existem somente duas doenças que eu posso curar com certeza, a gota e a sífilis”, declarou alegremente um médico de Londres que consultei para uma dessas duas doenças. Nos clubes masculinos do século XVIII, em Pall Mall, ele teria sido um médico adorado e muito ocupado.

A HISTÓRIA INTERESSANTE DA OBSTETRÍCIA E DA GINECOLOGIA

Não há história. As mulheres que aceitavam alegremente a recomendação do procurador-geral — ter aquilo que, na ordem da providência, é o resultado natural do ato sexual — eram tradicionalmente atendidas por parteiras. Estas seguiam as instruções do *The Byrth of Mankynde,* traduzida (via latim) por Thomas

Raynalde (c. 1540) do livro alemão de Eucharius Röslin (c. 1513) *Rosengarten*, que foi durante 14 séculos a única atualização do tratado romano de obstetrícia do memorável Soranus (78-117 d.C.). De acordo com as ilustrações do *Rosengarten,* a mãe sentava ao lado da sua cama, entre parentes e parteiras, com a saia até os tornozelos, gemendo sobre uma banqueta de parto, com a bacia e a jarra prontas para lavar o bebê, enquanto o astrólogo olhava pela janela e fazia o horóscopo do feto.

No século XVIII surgiu o parteiro, igualmente detestado pelos seus colegas cirurgiões (orgulho) e pelas parteiras (ciúmes).

“Um brutamontes, um cavalão de parteiro”, era como uma parteira de Haymarket chamava o amigo de Tobias Smollett, William Smellie (1697-1736), de Pall Mall. Smellie era um expoente do fórceps obstétrico, o *tire-tête* inventado por Peter Chamberlen (1560-1631) Chamberlen era um huguenote fugido de Paris, que teve sucesso em Londres a ponto de atender a rainha Henrietta Maria, mulher de Carlos I, quando ela abortou em 1628 e a parteira desmaiou de medo. Os Chamberlen eram de uma família de médicos (eles fizeram o parto da rainha Anne, em 1692) que guardaram o segredo do fórceps por 125 anos. Um descendente o vendeu em 1693 para um holandês, filho de Hendrick van Roonhuyze (1625-?), o mestre da cesariana. Smellie cobria as lâminas do seu fórceps com couro, para poupar à mãe o estalido metálico das duas hastes quando ele estava trabalhando. Ensinou o uso do fórceps a milhares de estudantes, usando uma boneca com a cabeça para cima, na bacia óssea da pelve de um esqueleto feminino, por três guinéus por aula.

A ginecologia foi inventada pelos americanos. Originou-se no sul para reparar os danos da obstetrícia na zona rural, especialmente entre as escravas. A primeira remoção do ovário foi feita em dezembro de 1809 (sem anestesia), em Kentucky, por Ephraim McDowell (1771-1830), que havia estudado em Edimburgo. A paciente foi a mulher de um fazendeiro, a senhora Jane Todd Crawford, que tinha um cisto ovariano, viajou 96 quilômetros a cavalo da sua casa de madeira até a mesa de operação, tinha 47 anos e viveu até os 78.

O belo James Marion Sims (1813-83), do Alabama, desenhou a posição de Sims (inclinado para a frente e para a esquerda, muito encolhido, o braço esquerdo dependurado atrás das costas. Ele teve a idéia quando viu uma mulher que havia caído do cavalo) e o espéculo vaginal de Sims (adaptado

de uma colher dobrada), que podia ver uma mulher “como nenhum homem jamais viu antes". Marion Sims inventou a operação para reparar a fístula vazante entre a bexiga e a vagina, e levou sua técnica para a Europa, em 1861, quando saiu dos EUA fugindo da Guerra Civil. Ele a demonstrou para o veterano de Napoleão, o barão Larrey, e imediatamente estendeu sua prática do Hudson ao Elba. Sims mudou-se para Nova York para fundar o Hospital para Mulheres, em 1855, e sua estátua está no Bryant Park, na rua 42, atrás da Biblioteca Pública.

A ginecologia, como a cirurgia, teve seus modismos. Acreditava-se que o útero era flutuante, como os rins, e cirurgicamente, segundo *Sir* Clifford Allbutt, “enfiado num pedículo ou encostado numa vareta”. Pessários de borracha com a forma de colares de cavalos eram inseridos na vagina para dores da pelve e para evitar a queda do útero. A histerectomia e a clitoridectomia foram praticadas nos anos 1900 com a mesma facilidade com que *Sir* Arbuthnot Lane fazia suas colectomias. Certa vez perguntei a um ginecologista extremamente hábil, respeitado e rico, quais as conclusões fascinantes a que ele havia chegado a respeito das mulheres depois de uma vida inteira do trabalho com elas. Ele pensou profundamente e disse: “A mulher é um bípede com prisão de ventre e dores nas costas."

CAPÍTULO 8

Becos sem saída

Entre as grandes descobertas da medicina está a descoberta, quase sempre atrasada, de que alguns tratamentos são completamente inúteis.

CÓLON, PARADA COMPLETA

As pessoas preocupam-se especialmente com a vida sexual e com os intestinos. *Sir* “Willie” Arbuthnot Lane (1856-1943), do Hospital Guy’s, em Londres, tomou-se o gênio redentor dos intestinos, como o professor Sigmund Freud (1859-1939), de Viena, foi deliciosamente o redentor do sexo.

O cólon é um tubo com 7,5 centímetros de largura e 1,5 metro de comprimento, que continua dos intestinos, a partir do apêndice. Ele sobe até as costelas e vira para a esquerda, antes de descer novamente até o reto e o ar livre. Tem um forro absorvente e uma parede muscular para empurrar as coisas. Seu conteúdo são os resíduos do alimento digerido pelas substâncias químicas do organismo, a bile e uma grande quantidade de bactérias, na maior parte inócuas. A mistura é pegajosa e malcheirosa, mas não sensacionalmente pior do que a caspa.

O forro aveludado do cólon absorve água e medicamentos. Antes de a aplicação de medicamentos em gotas, por via endovenosa, tornar-se segura e eficaz, durante a II Guerra Mundial, a reposição necessária de líquidos no corpo doente era feita pelo cólon. Era moda então administrar aos pacientes enfraquecidos enemas nutrientes, alguns extremamente complicados, uma verdadeira salada dada pelo reto.

A sombria ameaça do cólon paira sobre a humanidade desde o século XIV, quando o “clister" entrou no fundamento e na linguagem. Em 1622, Massinger e Decker chamavam o médico rudemente de “Tubo fedorento de clister”. Porém, no século seguinte a prática entrou na moda para os adeptos das dietas exigentes, como existem hoje.

Pope escrevia elegantemente no *The Dunciad,* em 1728:

No consultório esiá a linda Cloacina,
E ministra para Jove com as mais puras mãos...
Ela muitas vezes o favoreceu e favorece ainda.
Renovado pela força generosa do excremento
Como que lubrificado com os sucos mágicos para o curso.
Vigoroso ele se levanta, pelos eflúvios fortalecido
Absorvendo nova vida, e faz a limpeza malcheirosa.

(Pope tinha o humor espasmódico de um estudante de medicina. Do contrário, como poderia ter escrito sobre o leito de morte da rainha de George 11, Carolina:

Aqui jaz envolta em quarenta mil toalhas
A única prova de que Carolina tinha intestinos.)

O século XVIII produziu também quadros deliciosos de damas ajoelhadas com as nádegas nuas, atendidas por suas criadas com o que pareciam ser vaporizadores de frutas domésticos do século XIX.

No começo do século XX, uma conspiração entre médicos e pacientes criou a “auto-intoxicação”. Suspeitava-se que venenos não identificados eram absorvidos pelo cólon preguiçoso, provocando sintomas igual mente vagos como mãos frias e úmidas, orelhas frias e azuladas, lassidão, dores pélvicas nas mulheres e, segundo Willie, um terrível cheiro de túmulo. Porém, ele acrescenta, com mais alegria: “De certo modo, as pessoas ruivas parecem ser relativamente imunes aos efeitos da estase intestinal.” Sorte de Sarah Bemhardt.

Um cólon cheio atraía Willie como a vitrine do açougue atraía um revolucionário faminto. Às vezes ele apresentava “as rugas de Lane”, que ele alisava com calor. Sua incisão abdominal ia das costelas ao púbis, bem no centro, para poder ver melhor o que estava acontecendo. Ele recomendava a lubrificação do cólon com meio litro de creme e dormir de bruços, imitando os selvagens africanos, cujos cólons atiravam como as balas pom-pom do general Kitchener.

Willie era bonito, com um bigode luxuriante, sarcástico, com o gosto nativo de Ulster por pregar peças, grande dançarino, e desenhava os próprios instrumentos (que ele gostava que fossem práticos). Ele recomendava:

O espartilho inglês é desastroso porque exerce uma pressão constritora no abdome, na margem costal inferior, e acentua a tendência das vísceras de se deslocar para baixo. O espartilho francês, com as barbatanas retas, é menos prejudicial e, quando bem feito e bem aplicado, serve para exercer uma pressão moderada na parte inferior do abdome.

Pode-se verificar isso comparando as mulheres de Renoir com as de Gainsborough.

Então Willie conheceu Ilya Mechnikoff (1845-1916), de Odessa. O professor Mechnikoff ganhou o prêmio Nobel em 1908 e, em 1903, escreveu *La Vie Humaine,* um título balzaquiano para seu tratado, no qual prova que o cólon é tão desnecessário para o corpo humano quanto as asas para os porcos. O revolucionário Willie instituiu imediatamente o Reino do Terror, guilhotinando o cólon nas duas extremidades e atirando-o nas chamas do incinerador do Guy's.

O cólon foi proscrito como um esgoto venenoso, que infectava o resto do corpo com reumatismo, tuberculose, câncer e uma porção de outras coisas. Um menino que confundiu a porta de Willie com a da clínica de laringologia teve seu cólon removido, ao invés das amígdalas. Um homem que cortou o próprio pescoço, mas não morreu, não teve *seu* cólon removido, mas mandou remover o da sua mulher para melhorar seu gênio e fazer a vida dos dois mais feliz.

Os pacientes adoravam, como Jove. É reconfortante identificar dentro do próprio corpo um bode expiatório para todas as imperfeições físicas e psicológicas.

Um ano depois, os pacientes voltavam com os mesmos sintomas enumerados por Willie.

Isso continuou até 1913, quando os médicos começaram a suspeitar que o cólon estava cheio de bobagens. Disse então *Sir* James Frederick Goodheart, baronete (1845-1916), médico do Guy's:

Encorajados por nós, os médicos, centenas de milhares de seres humanos gravaram em suas mentes a idéia de que nasceram neste mundo com o objetivo principal de evacuar uma vez por dia.

Willie recuou para o óleo de oliva, óleo de fígado de bacalhau e parafina líquida, a respeito dos quais “posso garantir com certeza que nenhum outro remédio já fez tanto bem à raça humana”. Ele recomendava que devíamos esquecer as cadeiras, agachar com as coxas encostadas na barriga, como aqueles selvagens colonialmente eficientes. Dizia aos seus colegas no Guy’s que deviam abrir os intestinos duas vezes por dia. Fundou a Nova Sociedade da Saúde, que tinha entre suas atividades a redação de artigos para os jornais; assim, em 1933 ele retirou o próprio nome do *Registro* médico. Um homem obcecado como Willie, com as melhores intenções, pode causar tanto mal quanto o Barba Azul com as piores intenções.

Willie foi atropelado durante o *blackout* do tempo de guerra, na frente do Athenaeum Club, em Pall Mall, e morreu com 86 anos, ainda acreditando que o cólon devia estar sempre vazio como o armário da Mãe Hubbard dos contos infantis. Ele ganhava 10.000 libras por ano. Um velho cirurgião disse sobre o trabalho de Willie: “Tem o sabor do misticismo céltico, o que talvez revele sua origem irlandesa.” Talvez tudo não passasse de uma brincadeira de Willie.

CIRURGIA À *LA MODE*

Os pacientes que escapavam de Willie com seu cólons intactos corriam o risco de um tratamento também drástico dos rins, por cirurgiões igualmente enérgicos. Os rins provocavam os mesmos sintomas, flutuando no abdome como balões de ar na véspera do Ano Novo. Outra epidemia intra-abdominal foi a das misteriosas adesões entre os órgãos escorregadios, vastamente diagnosticadas e atacadas com igual ferocidade. Mais tarde foi descoberto que essas adesões são extremamente raras e, na maior parte, inofensivas, e quase sempre provocadas pelo talco com silicone das luvas dos cirurgiões. “As & As”, amígdalas e adenóides — até a década de 1960 era uma operação recomendada para uma miscelânea de doenças infantis e se tomou uma cerimônia rotineira de expurgo. Surpreendentemente, Willie

era contra essa operação sangrenta, traumática e perigosa, recomendando, em lugar dela, exercícios respiratórios que toda a família devia fazer, deitada de costas, depois do chá.

A patologia da moda nos anos 1920 eram os focos sépticos, bolsas de pus escondidas por toda a parte, desde os seios paranasais à pelve, extirpadas por meio de pedaços de carne cortados e ossos raspados. A ilusão persistiu até a quimioterapia se tomar a última palavra, e a septicemia sair de moda. Depois disso, a moda eram as operações para a remoção de cadeias de nervos simpáticos, para curar os espasmos do intestino ou das artérias. A cirurgia sem seus cultos ficaria tão desfalcada quanto Paris sem suas coleções.

Hoje em dia continuam a ser realizadas operações inúteis com a mesma freqüência, mas infelizmente ninguém vai saber quais são elas enquanto não forem abandonadas em favor de outras.

NO ESCURO DE UM FRASCO

Os pintores do século XVII gostavam de reproduzir os interiores das casas holandesas. "A visita do médico", de Jan Steen, de Delf, mostra a filha pálida no seu quarto pouco confortável, animada pela mãe ansiosa, enquanto o médico inteligente ergue contra a luz um frasco com a urina dela, como um enófilo calculando o "corpo" do clarete. O "Médico da Água", de David Teniers, o Jovem, examina com uma atenção feroz um frasco enchido por uma mulher velha e tristonha, com suas compras, e o "Mal d'Amour", de Gerard Dou, mostra uma jovem bonita ricamente vestida e um médico jovem e belo, vestido com peles, que segura o pulso flácido dela enquanto os dois olham para a urina da paciente com extrema ternura.

A uroscopia era o exame da moda, especialmente para verificar a presença de clorose, a doença verde, *morbo virgineo,* a nêmesis das adolescentes apaixonadas. A clorose foi descrita pela primeira vez em 1554, por Johannes Lange (1485-1565), médico do Eleitor do Palatinado, quando a filha de um amigo começou a recusar bons pretendentes:

Seu rosto, que no ano anterior destacava-se pela cor das faces e pelo vermelho dos lábios, parece desprovido de sangue, tristemente pálido, o coração estremece com cada movimento do corpo e as artérias das suas têmporas pulsam e ela tem crises de dispnéia quando dança ou sobe escadas, seu estômago detesta comida, especialmente carne, e as pernas, especialmente nos tornozelos, ficam edematosas à noite.

Uma descrição admirável da anemia por deficiência de ferro, provocada pelo começo da menstruação e por uma dieta inadequada. O tratamento recomendado por ele: “Recomendo às virgens atacadas por essa doença que procurem o mais depressa possível viver com um homem e copular.”

Para os uroscopistas, o frasco redondo era a bola de cristal onde eles podiam ler qualquer coisa. O ato de examinar urinas pálidas, escuras óu espumosas certamente deve ter ensinado aos mais observadores alguma coisa sobre a equanimidade do rim que as produz. O cardiologista de Londres, *Sir* Thomas Lauder Brunton (1844-1916), conta, em 1892:

Na cidade de Leeds vivia um curandeiro sem nenhuma instrução profissional, mas muito conhecido por suas curas maravilhosas e, especialmente, por seu poder de diagnosticar as doenças de pacientes que nunca vira antes simplesmente examinando sua urina.

Um cirurgião célebre, o senhor X, curioso por descobrir o método do curandeiro disse que queria estar presente a uma das consultas, e o homem acedeu prontamente, lisonjeado com a atenção de um homem tão importante. Logo depois que o Sr. X se sentou, uma mulher chegou com um vidro de urina, que entregou ao curandeiro. Ele olhou para ela, depois para o vidro, ergueu-o para a luz, sacudiu e disse: “É do seu marido?” “Sim, senhor." “Ele é bem mais velho do que a senhora?" “Sim, senhor.” “É alfaiate?” “Sim, senhor.” “Tome”, disse ele, estendendo para ela uma caixa com comprimidos, “diga a ele para tomar um comprimido todas as noites, durante uma semana, e um bom copo com água fria todas as manhãs, que logo ficará bom.” Assim que a mulher saiu, o Sr. X voltou-se para o curandeiro, curioso para saber como ele havia adivinhado tudo aquilo. “Bem, o senhor compreende”, disse o curandeiro, “ela é uma mulher jovem, parece estar bem de saúde e bem forte, e eu adivinhei que a água não era

dela. Vi a aliança no seu dedo e fiquei sabendo que é casada, e pensei que provavelmente a água era do marido. Se ele fosse da mesma idade que ela, era pouco provável que estivesse doente, por isso achei que devia ser mais velho. Adivinhei que é alfaiate porque o vidro não estava fechado com uma rolha, mas com um pedaço de papel enrolado e amarrado com linha de um modo que só um alfaiate teria feito. Os alfaiates não fazem exercício, e por isso são muito sujeitos à constipação.

Tive certeza de que ele não devia ser uma exceção à regra, por isso dei alguns comprimidos para abrir os intestinos.” “Mas como sabia que ela era de S?” “Ah, Sr. X, o senhor mora há tanto tempo em Leeds e não conhece a cor do barro de S? Foi a primeira coisa que eu vi nos sapatos assim que ela entrou."

Assim também, um cirurgião de Edimburgo, em 1880, diagnosticou um paciente como um sargento que havia há pouco tempo dado baixa do regimento sediado em Barbados: o homem agiu respeitosamente, mas ficou com o chapéu na cabeça, como fazem no exército, e ele estava com elefantíase, que se apanha em Barbados, mas não nas Terras Altas. Elementar, meu caro Joseph Bell (1837-1911). Como Conan Arthur Doyle (1859-1930) foi um dos seus alunos, Bell se tomou Sherlock Holmes.

Os uroscopistas duraram até meados do século XIX, quando o misticismo da urina evaporou de uma solução recentemente descoberta, mas pouco romântica, formada por várias e complexas substâncias químicas.

HISTÓRIA SANGRENTA

Ele disse que para aquelas águas tinha vindo Para apanhar sanguessugas, por ser velho e pobre O trabalho perigoso e cansativo!
E tinha passado por muitas dificuldades:
De lago em lago ele vagava, de colina em colina;
Abrigando-se, com a ajuda de Deus, por escolha ou acaso,
E desse modo ganhava honestamente seu sustento

escreveu Wordsworth em 1807, sobre “O apanhador de sanguessugas”, cujos olhos eram orbes negras ainda muito cheias de vida, que girava a água lamacenta em volta dos seus pés para encontrá-las, mas infelizmente as sanguessugas tinham ido embora recentemente.

As sanguessugas estiveram sempre muito ocupadas sugando todas as doenças da humanidade desde 900 d.C., até 1953, quando foram aplicadas em Stálin, mas ele morreu. As sanguessugas podiam ter nomes de médicos, ou médicos podiam se chamar sanguessugas, e em inglês a palavra *leech* significa “curar”. O ditado de São Lucas: “Médico, cura a ti mesmo" é *"Leech, leech* a ti mesmo” no Evangelho Lindisfarne, de 950 d.C., e em 1386 Chaucer estava perguntando sensatamente porque uma pessoa com um “perfeito *leech"* precisava procurar outros *leeches* na cidade.

A hemófaga sanguessuga *Hirudo medicinalis* tem cabeça pequena, corpo achatado, costas negras ou verde-oliva com seis linhas amarelas e barriga cinzenta, com pintas escuras. Tem quatro centímetros de comprimento, mas aumenta para 15 quando está-se alimentando. Tem ventosas nas duas extremidades, 10 estômagos de cada lado, um órgão do paladar (para sangue) na parte superior do esôfago e a boca em forma de ferradura com três dentes cartilaginosos, segundo dizem, cada um deles capaz de apunhalar como um punhal italiano *estocado.* A sanguessuga tem um orifício sexual feminino, além de um pênis numa bainha, mas este fica descoberto quando ela morre. A *Hirudo medicinalis* é uma das 650 espécies de sanguessugas que existem no mundo (as mais fortes sugadoras são as da floresta tropical da Amazônia), e uma das 16 espécies britânicas, e é uma das espécies oficialmente em extinção.

Na história da sangria, as sanguessugas eram tiradas da água uma hora antes de serem usadas, para aumentar seu apetite, e postas num copo de vinho que era virado bruscamente sobre a carne do doente. Depois de 15 minutos ficavam repletas de sangue e se desprendiam, como se estivessem dormindo, mas podiam ser acordadas com água fria. Para fazê-las vomitar, a fim de serem recicladas, usava-se sal na água. Quando se tinha poucas sanguessugas, o aplicador cortava as caudas delas, e elas sugavam com o sangue saindo pela outra extremidade, até o paciente ficar exangue. Se elas ficavam agarradas na carne, o dono espalhava sobre elas a fumaça de cabelos queimados, ou inseria um fio da crina de cavalo entre a sugadora e o

sugado. Se o paciente ou o médico por acaso engolia uma, o antídoto era graxa de sapateiro com vinagre.

As sanguessugas eram o barômetro dos camponeses, agitando-se no vidro antes da chuva e tentando fugir de dentro dele antes

do trovão. As sanguessugas medicinais eram devoradas pelas sanguessugas de cavalos. Em 1822, Londres importou de Bordeaux e de Lisboa — com outros produtos mais agradáveis — 7.200.000 sanguessugas a meia coroa cada uma. Os ingleses estavam ainda importando 2.000 por ano a seis pence cada uma, em 1940. Desde então, a demanda quase desapareceu.

Em 1825, a França exportou 10 milhões de sanguessugas para uso doméstico. Em 1833, a França precisou importar 41.500.000 sanguessugas, por causa da energia “exsangüinária” de François-Joseph-Victor Broussais (1772-1838), um bretão que passou de sargento a cirurgião no exército de Napoleão. Como Willie Lane, ele só sabia diagnosticar uma doença: gastroenterite. Era adepto do “Sistema Brunoniano” de John Brown (a vida depende do estímulo constante do corpo), e resolveu que era somente o calor excessivo que inflamava as substâncias químicas do corpo. A cura de Broussais consistia em controlar o calor fazendo jejum e aplicando sanguessugas, 50 de cada vez, por toda a pele. Broussais havia demonstrado uma grande habilidade com a machadinha de guerra, quando era um jovem soldado, e como um soldado velho e rabugento incitava seus seguidores a derramar torrentes de sangue. Eles economizavam o preço das sanguessugas abrindo as veias.

SEDE DE SANGUE

A sanguessuga era o animal de estimação do médico porque era o modo mais suave de fazer sangria, apropriado para mulheres, crianças e pacientes que pagavam a consulta. Os guerreiros teutões do século I usavam suas mulheres e mães para sugar seus ferimentos mais delicadamente ainda. A sangria mais vigorosa virou moda no século XVII, e o sangue pingava nas tigelas de estanho dos cirurgiões, aplicadas de lado na pele, ou nos copos de sangria venezianos, guardados como jóias de família. Um homem pagava meia coroa para ser sangrado, mas uma dama, de cama, custava 10 shillings.

O pobre Rei Carlos II levou um tempo enorme, inconsciente e desconfortável até morrer, sendo sangrado, tomando enemas, suando e vomitando. Sangrar, purgar, provocar o vômito e o suor era o tratamento médico padrão, que só começou a ser modificado depois da metade do século XIX. Os médicos não tinham idéia do que deviam fazer com os pacientes, mas fosse o que fosse, parecia sensato libertá-los de qualquer modo daquilo que os afligia.

John Coakley Lettsom (1744-1815) era um médico da Geórgia tão ocupado que precisava de três pares de cavalos por dia para atender 82.000 pacientes por ano, os quais lhe rendiam 12.000 libras, uma casa perto do Guildhall e uma propriedade em Kent. Era filho de um plantador de algodão das Antilhas, com uma herança genética muito interessante: era um dos dois únicos sobreviventes de sete pares de gêmeos.

Lettsom nobremente libertou sua herança material — escravos negros — e foi para Edimburgo aprender medicina. Cheio de entusiasmo, fundou a atual Sociedade de Medicina de Londres em 1773 e uma dezena de instituições de caridade, incluindo a Sociedade para a Libertação e Ajuda a Pessoas Presas por Pequenas Dívidas, e — com grande visão — a Sociedade Real Humanitária para ressuscitação dos aparentemente mortos. Inteligentemente, ele ficou ao lado de Jenner, na luta pela vacinação. Era um quacre alto e magro, vestia-se com simplicidade, gostava de vinho e de mulheres e decentemente dava consultas de graça aos homens do clero e aos literatos. Dirigia sua clinica apoiado nos seguintes princípios:

Quando os pacientes vêm a mim,
Eu os purgo, sangro e faço suar,
Então — se eles resolvem morrer,
O que é da minha conta? Eu Lettsom.

A sanguessuga reapareceu recentemente para comer os coágulos de sangue da cirurgia plástica e retirar o sangue de hematomas e olhos roxos.

FINAIS TRISTES

“Tratamento”, começa um livro de medicina de 1904, quando chega a uma determinada parte do capítulo sobre pneumonia lobar:

O paciente deve ficar de cama... a dieta deve consistir em leite e caldo de carne, ou caldo de carneiro administrado em pequenas quantidades, freqüentemente nos primeiros estágios, os intestinos devem funcionar...

Discursa esperançosamente sobre:

Algumas sanguessugas ou aplicação de gelo, cataplasma de linhaça com alguns grãos de mostarda, ou flanelas quentes molhadas em terebintina e torcidas... os estimulantes são provavelmente nossos assistentes mais importantes nas circunstâncias, e o *brandy* deve ser dado na quantidade de 4, 6 ou 8 onças por dia.

Termina soturnamente:

A única esperança de atalhar rapidamente a doença está na descoberta de um soro antipneumocócico eficaz.

Até o fim da década de 1930, os livros de medicina com instruções sobre a pneumonia eram tão ineficientes quanto os da década de 1900. Até mesmo no ano de Pearl Harbor uma enfermeira com imaculado vestido azul, avental e touca engomada demonstrava para a minha classe o uso das “ventosas”. Com a elegância de quem faz um bordado, ela criava elevações do tamanho de um ovo na pele dos pacientes com um copo de vinho no qual fora feito o vácuo por meio do calor, sendo esse seu tratamento preferido para congestão pulmonar, para a qual o livro que usávamos na época recomendava ainda a prática de sangria do século XVII e “a aplicação de seis sanguessugas sobre o fígado”.

Um soro antipneumocócico foi descoberto, mas as esperanças de 1904 não foram realizadas. *Sir* Almroth Wright, em 1911, foi chamado para erradicar a pneumonia entre os nativos que trabalhavam nas minas de ouro de Rand — era um desperdício para os patrões brancos — e tentou inutilmente repetir com a pneumonia a inoculação vitoriosa que tinha usado contra a febre tifóide. Incapaz de *prevenir* a pneumonia, *Sir* Almroth armou-

se, no Hospital Santa Maria, no intervalo entre as duas guerras, com um soro criado em cavalos infectados com pneumonia para curar a doença.

Mas eram muitas as variedades de pneumococos para que ele pudesse definir seu alvo, e a arma geralmente falhava. A pneumonia continuou a ser “a amiga dos velhos”, que rápida e misericordiosamente os livrava das dores e sofrimentos da idade, mas também matou com a mesma rapidez e selvageria seu neto de 18 anos, que foi enrolado num casaco-pneumonia, isolado por um lençol desinfetado dependurado na porta, palha foi espalhada no corredor, para abafar o ruído dos passos, e nada além disso puderam fazer por ele. O jovem arquejou com o rosto azulado durante os sete dias da crise, quando a temperatura caiu e as esperanças reviviam ou não. A pneumonia nos jovens era um drama cruel, porque a tragédia não era inevitável.

PONTAS SOLTAS

Na pneumonia os pulmões se solidificam, na tuberculose — tísica, a palavra grega para desgaste — ficam cheios de cavernas. Geralmente ela se anuncia quando o doente cospe sangue. "Eu conheço a cor desse sangue! É sangue arterial. A cor não me engana. Aquela gota de sangue é minha sentença de morte. Eu vou morrer”, clamou dolorosamente John Keats (1795-1821), quando teve a primeira hemoptise.

Keats sabia do que estava falando, pois havia se formado no Hospital Guy’s em 1816. Seu irmão Tom morreu de tuberculose pulmonar em 1818, e ele havia tomado conta da mãe, antes de ela morrer da mesma doença, em 1810. Keats tinha a propensão familiar e a exposição à doença. Anne, Emily e Charlotte Brontë tossiam uma na cara da outra, em Yorkshire, e morreram tuberculosas, bem como Robert Louis Stevenson cm Samoa, D. H. Lawrence na Provença e George Orwell, imediatamente depois de terminar de escrever *1984.* O Dr. William Somerset Maugham (1874-1965), formado em St. Thomas em 1897, teve tuberculose durante a I Guerra Mundial, mas — de algum modo, não inesperado — não só se recuperou completamente como escreveu *Sanatorium.*

Os sanatórios, em 1929, ganharam o prêmio Nobel — de literatura. *A Montanha Mágica,* de Thomas Mann, destaca personagens que podiam estar

viajando na primeira classe de um transatlântico, mas estão viajando para a eternidade nos Alpes suíços, seu médico, o brilhante e jovial Hofrat, andando na ponte de comando.

Um sanatório era um instrumento útil para os escritores, especialmente quando os ocupantes do barco que naufragava estavam animados com a *spes phthisica,* a misteriosa esperança sintomática que vive eternamente no coração do ser humano que está cuspindo catarro profusamente em vasilhas com tampa, como canecas alemãs de cerveja. As emoções despertavam inquietas na imobilidade obrigatória do sanatório, que devia ser obedecida ao ar livre, dia e noite. Todos aconchegados em longas espreguiçadeiras aquecidas, contando para passar o tempo apenas com as refeições cuidadosamente elaboradas e a tomada da temperatura, com inexorável pontualidade, a alta distante ou improvável e a morte como uma invasora irritante da reunião íntima.

O primeiro sanatório para tuberculosos foi aberto por Hermann Brehmer (1826-99) nas Montanhas Sudetas, em 1959. Depois, começaram a aparecer regularmente, de Davos ao Adirondacks, mais numerosos entre os *spas* das Montanhas Taunus, que se erguem ao lado do Reno. Essa esperança de que o ar frio e seco podia curar os pulmões foi expressa pela primeira vez pelo Hospital Real de Banho de Mar, fundado por John Lettsom em 1796 para crianças escrofulosas, em Margate, um balneário favorito dos britânicos.

A idéia evoluiu baseada na suposição de que o repouso absoluto no ar frio e rarefeito abafava o fogo do metabolismo e facilitava a respiração, descansando o pulmão inflamado e ajudando a cicatrização das cavidades. A alternativa para os que ficavam em casa era o pneumotórax artificial, que consistia em encher de ar, por meio de uma agulha, os espaços normalmente imperceptíveis entre as paredes do tórax e os pulmões, secando o pulmão doente.

Nenhum tratamento comunal ou pessoal tinha muito resultado, nem tampouco a moda das doses de óleo de fígado de bacalhau, creosoto, iodo, arsênico e ouro. A “peste branca” continuava a sua colheita: Chekhov, Chopin, Aubrey Beardsley, Katherine Mansfield, Modigliani, Kafka e o doutor Laënnec, o inventor do estetoscópio. Era “A consumpção dos jovens na flor da idade, quando o calor do sangue é ainda vigoroso”, como disse Richard Morton (1637-98) na sua *Phthisiologia,* em 1689.

Jean-Antoine Villemin (1827-92), professor na escola de medicina do exército francês, em Val-de-Grâce, recebeu o crédito de descobrir, em 1868, que a tuberculose era infecciosa. Ele infectou coelhos. Porém, o doutor Tobias Smollett, de visão muito clara e muito suscetível à infecção, em 1771 insistia em dizer:

Não podem negar que muitas doenças são infecciosas, a própria consumpção é extremamente infecciosa. Quando uma pessoa morre dessa doença na Itália, a cama e os lençóis são destruídos, os outros móveis são expostos ao tempo e o apartamento lavado com cal, antes de ser ocupado por outra pessoa. Certamente concordarão que nada recebe a infecção mais rapidamente e nada a conserva por mais tempo do que cobertores, travesseiros de penas e colchões. É a morte! Como posso saber quais os objetos miseráveis que estão aninhados na cama em que estou deitado agora!

O próprio professor Villemin dizia sensatamente: “O soldado tísico é para seu companheiro de quartel o que o cavalo com mormo é para seu companheiro de varal.” Mas isso foi 14 anos antes de Koch identificar o bacilo da tuberculose e antes de Pasteur seguir o mesmo caminho, por isso ninguém deu atenção.

FINAL FELIZ

As terapias antigas para a pneumonia desapareceram, como as superstições de não misturar flores vermelhas e brancas nos hospitais (é prenúncio de morte), deixar flores nas enfermarias durante a noite (elas consomem oxigênio) ou pregar a lista dos casos em “perigo de vida” na porta do hospital. ("No portão e morrendo suavemente”, disse uma enfermeira irlandesa sobre a condição de um paciente.)

Vários tratamentos de desesperada futilidade desapareceram na década de 1940, como a parafernália das carruagens antes do vapor, a agonia das operações antes dos anestésicos, a carnificina das guerras mundiais antes de serem consideradas contra a lei, devido ao temor mútuo da bomba H. Hoje podemos ter pneumonia em casa. Os suíços puderam transformar seus

sanatórios em hotéis elogiados pelas varandas em todos os quartos, com belas e extensas vistas para a sesta depois do almoço, ao calor do sol de montanha.

Septicemia, difteria, febre tifóide, tifo, gonorréia, erisipela e outras serpentes mortais do nosso Paraíso foram caçadas e vencidas com antibióticos. A engenhosidade do homem chega até a adaptar os medicamentos à nova resistência adquirida por esses inimigos cheios de recursos. A medicina eficaz começou na véspera de Natal de 1932, quando Domagk, na Renânia, percebeu que os camundongos infectados com estreptococos, mas tratados com sulfanilamida, iam viver até o Dia de Natal.

FIM DE UMA DISCUSSÃO?

Sem experiências com animais, como a de Domagk, conduzidas legalmente e com o sentimento de humanidade sem o qual não teríamos nenhum médico, esses medicamentos não teriam conseguido tantas maravilhas. Os antivivisseccionistas, com mais confusão do que crueldade para com seus semelhantes sofredores, não precisam concordar com Aldoux Huxley:

> Não sou um desses tolos que pensam que uma vida vale tanto quanto outra, simplesmente porque *é* uma vida, que um gafanhoto é tão bom quando um cão e um cão é tão bom quanto um homem. Devemos reconhecer uma hierarquia na existência.

Mas precisam notar o argumento de defesa apresentado pelo professor Heinrich Horlein, chefe de Domagk, no julgamento de Nürenberg, em 1948:

> Ele tomou parte na luta para a liberdade no campo da ciência, contra os planos de Hitler e Göring de proibir a vivissecção com objetivo científico.

Podemos conhecer um idealista pelas pessoas com quem ele anda.

CAPÍTULO 9

Práticas estranhas

A medicina, como a política, é um ímã com grande força de atração para profundas convicções de metal falso.

MEDICINA CASEIRA

Curas tidas antigamente como infalíveis:

— 1. *Hérnias pediátricas.* Tire a roupa da criança, procure um galho novo de freixo, corte longitudinalmente e mantenha-o aberto com cunhas, empurre a criança para dentro da abertura, envolva o galho com terra e enfaixe com força. Mas se a fenda continua aberta, a hérnia também continua. Praticada em Selborne, em 1776, embora Gilbert White, com completa falta de caridade, tenha derrubado as árvores de freixo para aumentar seu jardim.

— 2. *Verrugas.* Toque cada verruga com uma pedra diferente, ponha as pedras numa bolsa, deixe cair a bolsa a caminho da igreja, quem encontrar vai ficar com todas as suas verrugas. Ou procure um homem que nunca viu o próprio pai e peça para locar no seu casaco. Como profilaxia, nunca deixe seus filhos tocarem na água onde foram cozidos ovos.

— 3. *Caxumba.* Tire o cabresto do burro, ponha no paciente e o conduza em volta do chiqueiro dos porcos. Repita três vezes.

— 4. *Coqueluche.* Tome água no crânio de um bispo, se conseguir encontrar. Isso era em Co Cavan, em 1830. Em Co Cork, esterco de ovelha fervido em leite era um medicamento eficaz. Ou apanhe um peixe, ponha a cabeça dele na boca do paciente e devolva o peixe ao rio, levando a doença.

Ou passe o paciente por baixo e por cima de um burro, repetindo nove vezes.

— 5. *Terapia da batata.* Para resfriado, pendure meias cheias de batatas quentes no pescoço ou passe uma batata assada na cabeça. Uma batata ema no bolso evita reumatismo. Se falhar, durma com o cachorro, que vai absorver o reumatismo e ficar aleijado, embora isso possa aborrecer a Sociedade Protetora dos Animais. Para obter vigor sexual, amasse batatas cruas, cenouras, repolho e hortelã (fez maravilhas para a rainha de Sabá, e explicou a um herbalista americano a propensão dos ingleses de usar molho de hortelã na carne de carneiro e nas batatas), batatas com ervilhas são contraceptivos (bem, elas reduzem a fertilidade dos ratos), embora as mulheres mexicanas prefiram batatas-doces. Uma massagem com batata é o modo mais fácil de se livrar de verrugas.

— 6. *Encantamentos.* O talismã de *Sir* Walter Scott era o amuleto com o qual Saladino, disfarçado em médico, curou o cruzado Ricardo I. Acabou como uma pedra vermelha numa moeda de Eduardo IV, de propriedade dos Lockhart de Lee, Yorkshire, o "Lee Penny", tão poderoso que a água em que era mergulhado brevemente adquiria fortes poderes curativos. Quando a cidade de Newcastle a pediu emprestada durante a epidemia, no reinado de Carlos I, o povo teve de depositar 6.000 libras como garantia de seguro. Medidas preventivas contra doenças exigiam a compra de pregos de caixões mortuários, pele de cobra, a pata dianteira direita de uma lebre, e — especialmente contra envenenamento — a pedra *bezoar,* uma concreção do intestino da cabra selvagem da Pérsia (ou da lhama do Peru, menos eficaz). Vermelho era a cor curativa, flanela vermelha para garganta inflamada, um decente vinho da Borgonha para anemia. O "pó da simpatia" era o sulfato de cobre, aplicado curativamente em meados do século XVII na arma, não no ferimento. As pessoas inteligentes usavam ainda braceletes de cobre para evitar reumatismo e outras doenças, com a mesma esperança inútil dos que alimentavam um amor não correspondido.

TOMANDO AS ÁGUAS

O que a literatura inglesa do século XVIII teria feito sem Bath? “Oh, nunca se pode ficar cansado de Bath!”, arrulhava Jane Austen, eficientemente usando-a para cenário de *Northanger Abbey.* Bath era um encantador cenário de fundo, convidando um enredo forte, com um elenco de personagens inteligentes, com senso de humor, rabugentos, mundanos e amorosos. Fielding, Fanny

Burney, Sheridan, Oliver Goldsmith, Robert Southey, Waltcr Savage Landor, Wiliam Cowper, Wordsworth e Waltcr Scott, todos eles usaram Bath. E por que não? Bath borbulhava como um sabonete moderno!

Em 1830, Mr. Pickwick reservou quartos no segundo andar do Royal Crescent, por dois meses, para esquecer Bardell *v* Pickwick. Ele tomava 150 gramas de água antes e depois do café da manhã, e declarava solenemente que se sentia muito melhor. “O que alegrava muito seus amigos, embora eles nunca tivessem ouvido dizer que havia alguma coisa errada com ele.” A famosa opinião de Sam Weller sobre as águas: “Têm um gosto acentuado de ferro quente.”

O meio milhão de galões de água de Bath jorra a uma temperatura de 48 graus centígrados. Os visitantes podem-se lavar com a água, ou conscienciosamente tomá-la, mas nem uma coisa nem outra tem qualquer efeito medicinal. Como as águas das fontes de outros encantadores cantinhos da Europa, os minerais dissolvidos nelas são uma adição desnecessária à dieta normal, e sua carícia morna produz somente uma calma quase sensual.

Tobias George Smollett (1721-1771) praticava em Bath, onde sua falta de sucesso foi agravada pela perda da popularidade quando escreveu *Um Ensaio sobre o Uso Externo das Águas,* insinuando que as águas de Bath não eram mais miraculosas do que as de qualquer outro lugar. Ele as analisa em *Humphrey Clinker,* em 1771.

> A água contém somente um pouco de sal e terra calcária, misturadas numa quantidade tão insignificante que só pode ter um efeito mínimo, se tiver algum, na economia animal. Sendo assim, acho que merece um gorro de bobo da corte todo aquele que, pelas poucas vantagens dessa fonte, sacrifica seu tempo precioso, que devia ser empregado tomando remédios mais eficazes.

Acrescenta ele que tomar banho naquela água é se arriscar a apanhar o “mal do rei", o escorbuto, o câncer e a varíola. Ele também não gostava da

arquitetura de Bath.

“Smelfungus” Smollett tinha razão. Mas o Sr. Pickwick também. É sempre agradável sentir-se melhor, mesmo quando não é verdade.

Os romanos construíram Bath, mas seu Barão Haussmann foi o jogador Richard “Beau” Nash quem, segundo Oliver Goldsmith, costumava viajar numa carruagem fechada puxada por seis cavalos cinzentos, com batedores, lacaios e trompas, e que fundou as Salas de Reunião e inspirou a John Wood as belas praças calçadas com pedras, as ruas e os crescentes. Nash era um paciente difícil:

> No dia seguinte, quando o médico o visitou e perguntou se ele havia seguido suas prescrições, o belo homem respondeu: “Não, para dizer a verdade, doutor, não segui. Por minha honra, se as tivesse seguido teria quebrado o pescoço, pois eu as joguei pela janela do meu quarto.”

Como o Rei de Bath, Nash abria os bailes extravagantes, insistia para que todos se comportassem e se vestissem decentemente, supervisionava a moral das jovens senhoras e liquidava os salteadores de estrada, e como o Barão Haussmann, em Paris, morreu pobre, em 1762. Seu humor sobreviveu, como uma legenda de caricatura em 20 de dezembro de 1797.

Uma lei do parlamento, em 1597, concedeu o “direito ao uso gratuito dos banhos, em Bath, aos doentes e impotentes pobres da Inglaterra” mas esses inconvenientes Mendigos de Bath desapareceram com a revogação da lei, em 1714. No século XVIII, o Salão Pump oferecia aos elegantes a cura elegante do reumatismo e da gota, e para qualquer outra coisa inventada por suas imaginações doentias. Na alvorada brumosa da medicina científica do século seguinte, a fama do poder curativo das águas naturais aos poucos se dissolveu. Mesmo assim, as pessoas continuaram a fazer viagens longas nas novas estradas de ferro para tomar águas nas estações de águas, porque é agradável compartilhar um tratamento indolor num ambiente agradável, na companhia de companheiros de sofrimento com os quais é socialmente aceitável discutir os sintomas detalhadamente.

Os gregos tiveram a idéia da estação de águas em 8 a.C. com o culto da “incubação”, que consistia em dormir nas Esculápias, os templos do Deus da Cura. Os pacientes viajavam para Cos, Pergamos ou Atenas,

sacrificavam um carneiro, tomavam um banho e dormiam fraternalmente juntos entre as colunas abertas para o escuro da noite. Durante a noite, Esculápio materializava-se numa luz ofuscante, cobras lambiam as pálpebras dos doentes que, de manhã, voltavam para casa curados. Os pacientes resistentes ficavam, tomando a água e banhando-se nas fontes, seguindo a dieta, fazendo massagem e exercício. O preço era uma réplica em ouro ou prata da parte doente do corpo. Esculápio era, na verdade, o sacerdote local, que dirigia o espetáculo das visões e desempenhava um repertório de pequenas curas. O sistema foi preservado ao pé da letra em Lourdes, que não cura ninguém, mas fornece uma organização de cunho comercial para satisfazer a esperança humana e aliviar o desespero com a água da cintilante ilusão.

As correntes subterrâneas dos *spas* continuaram a fluir para irrigar os *spas* dos nossos dias, igualmente sem nenhum poder terapêutico. Uma *camaraderie* semelhante, reforçada pelas diárias astronômicas, emprega um regime de rigorosa abstinência que reduz admirável e orgulhosamente o peso, um efeito que dura um mês ou dois, depois que são liberados para as deliciosas obrigações sociais da gula. As dietas que alimentam os *spas* e engordam revistas e jornais são supérfluas. O segredo de perder peso é simples e barato: coma menos e não beba álcool.

Uma coisa boa nos foi legada pelo estabelecimento medicinal de Bath do século XVIII. O doutor William Oliver (1695-1764) deixou para seu cocheiro de confiança, Atkins, a receita do biscoito de sua criação, crocante, fino, branco e seco. Com o apoio de Beau Nash, Oliver havia fundado em 1742 o Hospital Bath de Água Mineral e escreveu *Um Ensaio Prático Sobre o Uso e Abuso dos Banhos Quentes nos Casos de Gota.* Ele morreu de gota. Um esperto Banho Oliver aproveita todos os poderes da água de Bath, especialmente com uma fatia de queijo, um vidro de aipo fresco, nozes em picles e um copo de vinho do porto.

BANHO DE LAMA

O belo e andrógino James Graham (1745-94) ex-estudante de medicina de Edimburgo, foi um dos mais gordos curandeiros a se aproveitar da credulidade humana em todos os tempos. (O curandeiro, em inglês *quack,* é

a abreviação de *quacksalver,* um homem que anuncia seus ungüentos.) Em meados de 1780 Graham abriu seus banhos de terra em Londres, ao lado de Haymarket. Uma placa mostra quatro mulheres nuas com chapéus elegantes entrando em poços quadrados, sob o olhar atento de Graham, com um menino ao lado, para jogar a terra com a pá. Essa suposta terapia reapareceu na década de 1930 com a máscara de lama, que infelizmente não faz nada para o rosto. Uma curiosidade de Isherwood, em Berlim, que sobreviveu aos nazistas e à guerra é a luta de mulheres na lama. Elas usavam roupas de banho e toucas de banho de borracha, os espectadores na primeira fila recebiam longos aventais protetores e, às vezes, durante a luta, um ou outro seio saltava da roupa.

Graham dirigiu a primeira clínica de infertilidade de Londres, utilizando o Leito Celestial como seu Templo da Saúde, armado no Adelphi, recém-construído, ao lado do Tâmisa. A cama era do tamanho de uma mesa de bilhar, "de brocado adamascado sobre quatro colunas espiraladas de cristal enfeitadas com grinaldas de flores de metal dourado". Era perfumado com especiarias árabes, e no quarto ao lado a orquestra tocava o tempo todo. Os lençóis de seda eram roxos e o colchão de crina da cauda de garanhões ingleses.

A cama podia ser inclinada de acordo com o gosto da pessoa, e fachos de luz iluminavam no dossel as figuras de Cupido, Psiquê e Hímen, além de um par de pombos arrulhantes. O mecanismo consistia num conjunto de ímãs debaixo da cama. Para usar a cama uma vez pagava-se 100 libras. "O êxtase supremo que as pessoas desfrutam no Leito Celestial é realmente espantoso e jamais sequer pensado neste mundo", garantia Graham. "Os estéreis certamente tornam-se férteis quando são fortemente agitados no prazer do amor". De manhã, ele tomava o pulso dos fregueses, oferecia o café da manhã e os "mandava embora cheios de esperança, sem esquecer de recomendar para enviarem outros clientes".

O Templo da Saúde (entrada, seis guinéus), que logo se mudou para o elegante Pall Mall, era todo de espelhos, luzes ofuscantes, dragões lançando chamas, música escondida e perfumes vaporizados no ar. Oferecia banhos magnetizados "para dissipar a melancolia e mitigar a alegria extravagante". Várias são as descrições:

Acima da porta dos quartos principais, sob os compartimentos abobadados do teto e de cada lado dos arcas do centro do salão, havia bengalas, cometas acústicas, óculas, muletas etc. deixadas e expostos como os mais honrosos troféus pelos surdos, fracos, paralíticos, emaciados, etc. que, tendo sido curadas, não precisam mais desses objetas.

Um século depois, a gruta de Lourdes usou a mesma tática. “O quê? Não tem nenhuma perna de pau?”, murmurou Anatole France.

Graham vestido com seu manto fazia palestras com o grande final de choques elétricos no público, produzidos por fios escondidos debaixo das almofadas das cadeiras. A eletricidade acabava de chegar na medicina verdadeira. Os pacientes dos hospitais de Londres faziam tratamento de choque para quase todas as doenças. Graham era assistido por Deusas da Saúde com mantos diáfanos, uma das quais, Emma Lyons, subiu bastante na vida, tomando-se a Lady Hamilton de Lord Nelson.

James Graham havia praticado seu tipo de medicina em Filadélfia e em Bath. Em 1779, em Aix-la-Chapelle, ele tratou a duquesa de Devonshire, uma presa fácil para os curandeiros, que gostou tanto do seu tratamento que o introduziu na sociedade londrina. Em 1782, a sociedade londrina o destronou. O Templo foi fechado, o Leito vendido para algum casal eternamente feliz, Graham voltou para Edimburgo, foi preso na Tollbooth por caluniar os magistrados, converteu-se à religião, enlouqueceu e “ficou despido na terra durante várias horas, em nove dias sucessivos”. Sua lama não o salvou, e ele morreu.

Graham devia ter-se limitado a suas recomendações complementares de janelas abertas, ar livre, exercício, dieta frugal e contenção na bebida:

O vinho do porto é certamente um dos maiores reforços ou elemento de união do gado social da Grã-Bretanha. O grande coagulador e provocador de vômito de todos esses rebanhos numerosos e devoradores de tudo, uma das causas principais da gota, cálculos, reumatismo, asma e apoplexias!

Ele teria desfrutado o respeito de João Batista, como o precursor por dois séculos dos ensinamentos austeros do Colégio Real de Médicos.

Mas quem teria dado ouvidos?

UM TOQUE MACIO

O ano de 1660 foi muito atarefado para Carlos II. Ele tocou 6.725 dos seus novos súditos para curar o Mal do Rei. Essa doença era a escrófula, uma infecção tuberculosa dos gânglios linfáticos do pescoço que se caracteriza por nódulos entre o maxilar e a parte superior do estemo. Pouca coisa se podia fazer até a invenção da estreptomicina, pela qual o professor Shelman Abraham Waksman (1888-1973), da Universidade Rutgers, ganhou o prêmio Nobel em 1952 (em 1941 ele inventou também a palavra “antibiótico”).

Carlos II era tão entusiasmado pelo Toque Real quanto por suas amantes. Durante seu reinado, 92.107 pacientes ajoelhados receberam o toque, o rei num trono com dossel, flanqueado por religiosos e cortesãos com uma fila dupla de guardas reais com alabardas atuando como recepcionistas. O historiador vitoriano da medicina, John Cordy Jeafferson (1831-91), observou:

A sensação extraordinária de um grupo de miseráveis tirados dos seus canis e levados a Whitehall, levados para o contato pessoal com o soberano — sua idéia de grandeza!

Lembrando Montaigne aos seus leitores:

Aqueles truques de macacos são a causa principal do efeito, seduzindo nossa imaginação para acreditar que aquelas formalidades tão estranhas e desajeitadas só podem ter origem em alguma ciência misteriosa. Sua própria inanidade lhes confere reverência e peso.

Todos partiam segurando a “peça do toque”, um anjo de ouro especialmente feito para a ocasião, que representava um benefício mais realista.

Eduardo, o Confessor, começou o tratamento do toque mais ou menos em 1045, embora Clóvis, em 949 d.C. o tivesse estabelecido na França com uma popularidade que persistiu até Carlos X que, na sua coroação, tocou 121 pacientes em 1824 — o ano em que a ciência, através de Sadi Carnot, estabeleceu a segunda lei da termodinâmica. Na Inglaterra a cura desapareceu com a rainha Anne, que tocou Samuel Johnson, quando ele tinha dois anos, sem sucesso. Guilherme III havia tocado um grande número, mas com a admirável invocação: “Que Deus lhe dê boa saúde e mais juízo.”

O mecanismo desse remédio era Deus agindo por meio do direito divino. O gorducho irlandês Valentine Greatrakes (1628-66), um velho soldado de Cromwell, não viu razão por que Deus não podia agir através dele. Valentine transmitia os eflúvios que se erguiam dos fermentos do seu corpo massageando suavemente, mas usava também cataplasmas de cenoura. Franz Anton Mesmer (1734-1815), da Suíça, reviveu a terapia, depois de descobrir que era carregado de magnetismo animal.

O MESMERISMO

Mesmer era um médico respeitável em Viena, casado com uma mulher rica; ele gostava de saraus musicais de Mozart. Um dia conhecem o professor Maximilian Hell, que sabia curar com magnetos. Mesmer imediatamente dispensou os magnetos, descobrindo que podia magnetizar tudo com as pontas dos seus dedos, homens, mulheres, cachorros, seu *Apfeltasche.* “Eu mesmo magnetizei o sol uns 10 anos atrás”, explicava ele, modestamente, a um médico que lhe perguntou por que ele recomendava banhos ao ar livre.

Em 1778, uma das comissões de Maria Theresa investigou a prática de Mesmer e deu a ele 24 horas para sair de Viena. Foi uma emigração lucrativa. Depois de passar algum tempo em Spa, ele foi para Paris, onde, na rua Montmartre, hipnotizava senhoras vestido com um temo lilás, tocando gaita de boca e sacudindo uma batuta. Sua clínica no Hotel Bullion, como a de James Graham em Pall Mall, era decorada com tapetes, espelhos, música

invisível e incenso no ar. Tinha tubos magnéticos nos quais as mulheres se encostavam, de mãos dadas, até a entrada dos assistentes magnetizadores. Estes eram jovens fortes e bonitos que “seguravam as pacientes entre os joelhos” e massageavam ao longo das suas colunas, no pescoço e nos seios. Isso provocava soluços, puxões de cabelos, risos, gritos, berros, ataques e, insensibilidade. Os casos mais graves eram atendidos só por Mesmer, no seu quarto.

Ele teve seus fracassos. A única esperança para a pneumonia do senhor Campan era um dos três remédios ao lado dele, na cama: uma jovem morena, uma galinha preta e uma garrafa velha. “Senhor,” disse a senhora Campan para Mesmer, “se a escolha é indiferente, por favor, tente a garrafa vazia”, mas não funcionou. Luis XVI nomeou uma comissão especial de investigação, embora Maria Antonieta achasse Mesmer adorável. *“L'imagination fait tout, le magnétisme nul",* foi como a comissão o cumprimentou. Mesmer deixou a França durante a Revolução.

O magnetismo animal, que era a força do hipnotismo de Mesmer, apareceu também em John Elliotson (1791-1868), em Londres, o qual provocou um transe nas jovens irmãs Elizabeth e Jane O’Key e, segurando um ímã, as fez andar atrás dele por toda a sala. Ele adotou a frenologia, o diagnóstico do caráter pelo formato da cabeça, o que é o mesmo que avaliar o desempenho de um carro usado passando a mão na capota. Os médicos não gostaram, uma vez que, na época, Elliotson ocupava a primeira Cadeira de Medicina da Universidade, da qual foi demitido em 1838. Mas teve uma compensação quase imorredoura:

Um amigo bondoso o levou ao meu leito, de onde provavelmente eu jamais teria levantado se não fosse por sua habilidade e seus cuidados constantes... e como não quis aceitar nada a não ser meu “obrigado”, deixem que eu registre tudo aqui, escreveu W.M. Thackeray, em 1850, dedicando-lhe *Pendennis.*

O escocês James Easdale (1808-59), do Serviço Médico da índia, em 1845 hipnotizou com sucesso 26l prisioneiros hindus para operações cirúrgicas, mas quando voltou para casa descobriu que os escoceses eram menos suscetíveis a esse tipo de tratamento. A esperança desesperada do mesmerismo de aliviar a agonia da intervenção cirúrgica evaporou no ano seguinte com a descoberta do vapor de éter. Outro escocês, James Braid

(1795-1861), suspeitava que o hipnotismo era uma manobra de “colusão e ilusão”. Ele descobriu que qualquer pessoa impressionável pode ficar em transe olhando para um objeto brilhante. O ilustre neurologista Jean-Martin Charcot (1825-93), no Hospital da Salpêtrière, em Paris, hipnotizava mulheres jovens com sintomas de paralisia histérica, para os quais, ele notou, elas demonstravam *la belle indifférence.* Charcot era um *showman,* e a diferença entre a paciente e a atriz, e entre o médico e o produtor, era mais flexível do que devia ser. Em 1886, entre seu público estava Sigmund Freud, como um presságio. O hipnotismo ainda é usado para influenciar fumantes suscetíveis.

O pequenino Émile Coué (1857-1926), de Nancy, com sua barba em pêra, levou o hipnotismo para o mercado de atacado, chamando-o de auto-sugestão. Ele conseguia encher um salão com mulheres devotadas que, de mãos dadas, exclamavam: “Todos os dias e de todos os modos, estou ficando cada vez melhor.” Coué dizia então que elas não podiam soltar as mãos mesmo que quisessem, e tinha razão. “Agora pensem, eu posso”, dizia ele, e elas podiam. Isso conferiu a ele uma fama mundial, até que, em Londres, em 1922, seu público ficou histérico e ele teve de fugir. O hipnotismo continuou como um número de teatro musicado, com voluntários sensíveis escolhidos entre o público, até ser morto pela televisão como os malabaristas e as focas ensinadas.

HERBALISMO

Cães doentes comem grama. O homem podia, de modo mais inteligente, escolher as ervas para aliviar várias dores, evitando as que podiam envenená-lo. A abundância convidativa desse tipo de medicamento levou Pedacius Dioscórides (54-68 d.C.), um cirurgião grego que marchava com o exército de Nero, a classificá-las. Seu livro *De Matéria Medica Libri Quinque* teve tanto sucesso que continuou a ser vendido por 16 séculos. As ervas eram as armas dos médicos. No reino de Elizabeth I, os livros sobre ervas tinham gravuras delicadamente coloridas representando as plantas que seus autores cultivavam em aromática profusão.

O livro do herbalista, astrólogo e cromwelliano Nicholas Culpeper, extremamente popular, O *Médico Inglês,* de 1653, prescreve mais de 500

plantas, da agrimônia à iúca, para curar uma quantidade de males humanos, desde picadas de cobra até gases. Culpeper foi a fada malvada no fundo do jardim das ervas. O Colégio Real de Médicos havia publicado uma *Pharmacopaeia* latina, em 1618, com 2.140 remédios, entre eles comprimidos de víbora seca, pulmões de raposa, rãs vivas, óleo de lobo e olhos de caranguejo, acrescentando às edições posteriores crânio de enforcado, urina humana e placenta, ninhos de andorinhas e uísque irlandês. No seu *Diretório Médico,* de 1649, Culpeper copiou a *Pharmacopaeia,* traduziu para o inglês e zombou dela. O Colégio ficou escandalizado:

> Em dois anos de trabalho de bêbado ele transformou o livro dos Apotecários de Gallimawfred numa comédia... e (para dar à sua embriaguez e ao seu parasitismo uma recompensa de trinta shillings), tentou ridicularizar as famosas sociedades dos apotecários e dos cirurgiões.

A lacuna entre o herbalismo e a medicina se abrira.

Ela cresceu regularmente, mas de modo menos explosivo, até a publicação, pelo Conselho Geral de Medicina, da primeira *Pharmacopaeia Britanica,* em 1864, que é hoje o *Formulário Nacional,* encontrado no bolso de todos os serventes de paletó branco. O mistério foi extraído do herbalismo pelos bioquímicos, foi sintetizado e padronizado, como a morfina da papoula, a *digitalis* da dedaleira e o ácido ascórbico contra o escorbuto, do limão. As ervas não passam de fósseis enterrados debaixo da rica mina dos medicamentos feitos pelo homem, onde nós trabalhamos com tanta gratidão e assiduidade.

Os herbalistas existem ainda hoje, com sua crença de que as plantas ao natural são melhores do que as substâncias feitas pelo homem. Eles citam tônicos herbais que faziam maravilhas para velhas senhoras, o que é compreensível, uma vez que eram dissolvidos em álcool quase com a força do gim. Citam alegremente os desastres, como a talidomida, para provar que as curas químicas escondem perigos desconhecidos. Certo. Se a aviação fosse abandonada depois do primeiro desastre de avião, o sofrimento do mundo seria tolerável, comparado ao abandono dos medicamentos científicos em favor das flores que crescem na primavera.

Os nazistas eram herbalistas fanáticos, calorosamente encorajados por Julius Streicher, que nós enforcamos em 1946.

O POMO DA DISCÓRDIA

"Malditos sejam, vocês não me conhecem? Eu sou a senhora Mapp, a que conserta ossos!" gritava a "Louca Sally", da sua carruagem puxada por quatro cavalos, os lacaios com suas encantadoras librés, na Velha Estrada de Kent. Vestia um roupão largo, e tudo indicava que havia se servido generosamente da água de Genebra e fora confundida por uma multidão ameaçadora com uma das recentes amantes de George II, como Nell Gwyn, que tempos atrás havia transformado a ira do povo em aplauso entusiasmado ao dizer: "Eu sou a prostituta protestante."

Todos em Londres conheciam a gorda e feia Sally Mapp. Há uma canção a seu respeito na peça em Lincoln's Inn Fields, *The Husband's Relief.* Sua irmã Lavinia, em 1728, foi a estrela da *Ópera do mendigo,* depois fez Ofélia e casou com o terceiro duque de Bolton. Sally dava consultas duas vezes por semana na Grecian Coffee House. Em 1736, recebia 100 guinéus por ano, da cidade de Epson, para morar na cidade e consertar ossos elegantes. Casou com um lacaio que a espancou durante 15 dias, depois desapareceu com todo seu dinheiro. Morreu esquecida e pobre em Seven Dials, e vive para sempre na parte superior do quadro de Hogarth, *Os coveiros,* entre dois dos médicos que, com enormes cabeleiras brancas, cheiram delicadamente os cabos de ouro das suas bengalas.

Sir Hans Sloane, então presidente do Colégio de Cirurgiões, a elogia:

As curas realizadas pela consertadora de ossos de Epson são muitas para serem enumeradas: suas ataduras são extraordinariamente limpas e bem-feitas, e sua habilidade para reduzir deslocamentos e fraturas é maravilhosa. Ela curou pessoas que estavam inválidas há 20 anos.

Percival Pott não demonstra o mesmo entusiasmo:

Nós todos lembramos que os absurdos e a impraticabilidade de suas promessas e compromissos não satisfaziam de modo algum as expectativas e a credulidade dos que a procuravam, isto é, pessoas de todos os níveis e

graus, desde o mais baixo mecânico até os escalões mais altos da sociedade, muitas das quais não hesitavam em acreditar piamente nas afirmações mais extravagantes de uma mulher ignorante, bêbada e selvagem, e chegavam até mesmo a solicitar sua companhia, parecendo ter prazer com ela.

Essas duas opiniões resumem o relacionamento da medicina com a osteopatia, inventada em 1874 pelo doutor Andrew Taylor Still (1828-1917), em Kansas City. Ele concluiu que todas as doenças eram causadas por defeitos na estrutura do corpo, o que ele havia aprendido no tratado sobre os peles-vermelhas "ressuscitados" por Burke e Hares, do centro-oeste. Manipulem os desalinhamentos que o paciente fica curado, dizia ele. Em 1934 ele despertou a atenção da Casa dos Lordes, na Inglaterra, quando seus nobres seguidores queriam que os osteopatas fossem legalmente registrados como médicos. O comitê municipal, para onde o projeto de lei fora desviado pelos importantes médicos *Lordes* Dawson e Moynihan, fez coro com os médicos e não concordou com a idéia de aprovação pelo Parlamento do licenciamento dos osteopatas para diagnosticar e curar doenças. "Não seria seguro e nem apropriado", resolveu o conselho com desprezo.

Foi um jato de frio realismo no entusiasmo por Herbert Atkinson Barker (1869-1950), Filho de um médico legista de Lancashire, sem instrução superior, que havia ganho um bom dinheiro como osteopata da moda, em Londres, e foi sagrado cavaleiro por Lloyd George, em 1922. Barker tinha o apoio do *Daily Express,* de *Lord* Beaverbrook, que incitou o protesto do público contra a exclusão do seu anestesista do *Registro,* em 1911, por ajudar um médico não qualificado e contra a recusa do exército aos seus serviços médicos para atender os feridos em 1917. O arcebispo de Canterbury, que guarda ainda esse antigo poder, era tido como o criador de Barker Doutor em Medicina Lambeth, porém sua intervenção divina não conseguiu realizar o casamento legal de Barker com o Conselho Geral de Medicina.

"Ele possuía o dom de curar", admite o Dicionário Nacional de Biografia, falando de Herbert Barker. Seria ótimo que outras pessoas também tivessem. Não é um dom concedido, mas conquistado pela inteligência e pelo trabalho árduo.

UMA GOTA NO OCEANO

O doutor John Brown (1735-88), de Edimburgo, ex-teólogo, resolveu o mistério da vida. A vida acontecia e continuava por meio do estímulo fornecido ao corpo humano por alimento, movimento, calor, emoção, pensamentos e coisas semelhantes. Se o estímulo fosse exageradamente aumentado, provocava doenças “estênicas”, que podiam ser tratadas com sedativos. Se fosse diminuído, causava as doenças “astênicas”, que exigiam excitação. Esse era o “Sistema Brunoniano”, que dividiu de tal modo a opinião da classe médica a ponto de a cavalaria de Hanover ser chamada em 1802 para dispersar uma manifestação violenta que durou dois dias, na Universidade de Göttingen. O tratamento recomendado por Brown era ópio e álcool, em grandes quantidades. Ele próprio se tratava com vinho, cinco copos em rápida sucessão, e isso o matou. Mais tarde, com grande ingratidão, atribuíram a ele um número de mortes superior ao da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas combinadas.

A reação ao método de Brown veio de Samuel Christian Friedrich Hahnemann (1755-1843), de Leipzig, que em 1810 inventou a homeopatia. Ele concluiu que os medicamentos só deviam ser tomados em doses mínimas. Como Paracelso, era um homem do “pêlo do próprio cão". Se a beladona provoca manchas avermelhadas, toma-se beladona para a escarlatina. Com mais lógica, ele afirmava que só se devia fazer um tratamento de cada vez.

A doutrina homeopática viajou para a América onde, mais tarde, foi dissecada pelo doutor Oliver Wendell Holmes como “uma mistura confusa de engenhosidade perversa, falsa erudição, credulidade imbecil e hábil deturpação”. Mesmo assim, seu criador morreu milionário, em Paris. Existem ainda adeptos de Hahnemann na medicina que, como religiosos apóstatas, têm sua igreja no Hospital Real Homeopático de Londres. Se nossa rainha acredita na homeopatia, é porque segue a tradição real. Quando a rainha Adelaide consultou um homeopata, Guilherme IV ordenou ao médico real, Robert Keate (1777-1857):

“Examine a receita que ele der a ela para ver se a rainha pode tomar sem perigo.”

Eu prometi fazer isso, e quando recebi a receita, eu disse: “Ah, majestade, ela pode tomar durante sete anos que, no fim desse tempo, não terá tomado nem um grama de medicamento.”

A realeza é sujeita a distúrbios como qualquer um de nós. Nós todos temos o mesmo corpo, como lamentava Henrique V na noite anterior à batalha de Agincourt.

FICÇÃO CIENTÍFICA

A medicina alternativa deve ser vista em perspectiva. Do contrário, ela desaparece sob o horizonte.

“Alternativa” é a palavra da moda para fazer parecer importante o que não tem nenhum significado. Ela serve para enfeitar um misto de misticismo medieval, bobagem herbalista, lixo dietético, brinquedos elétricos, superstição, sugestão, ignorância e pura fraude.

Podemos tentar a aromaterapia, que cheira bem, a dançaterapia, que é divertida, a ioga e a meditação, que nos proporcionam uma noite tranqüila, a iridologia, quando temos à mão olhos que valem a pena ser olhados, a quiromancia, que submete nosso destino às linhas fibrosas nas palmas das nossas mãos, o exorcismo, quando se consegue convencer o padre e a ciência cristã, para quem quer viver perigosamente.

Podemos evocar da fumaça do dragão da história chinesa as forças vitais do yin e do yang e apunhalá-las, efetuando com a acupuntura a contra-irritação do antigo cataplasma de mostarda, que os médicos aplicavam no peito, na barriga e no traseiro. Podemos mandar uma gota do nosso sangue — ou do sangue do nosso gato — para uma “caixa negra” com um mostrador e botões, a qual nos dá um diagnóstico. Esse instrumento foi defendido na alta corte de justiça, cm 1960, porque seu inventor acreditava nele, como exemplo do antigo princípio legal de que, se você pensa que é inocente, então deve ser inocente.

“É realmente seguro para mim procurar uma pessoa sem qualificação para a medicina?”, pergunta o guia ricamente ilustrado da saúde alternativa. E

responde: "Fico tentado a sugerir que faça a você mesmo outra pergunta, em lugar dessa: 'Será seguro procurar o meu médico?' Os medicamentos atuais são tão poderosos que se alguma coisa sair errada, os efeitos do remédio podem ser piores do que a doença. Resumindo, a medicina natural é mais segura simplesmente porque não confia tanto nos medicamentos artificiais."

Minha nossa!

Se você está doente, precisa de tratamento científico. As únicas doenças que os "curandeiros" curam são as que seus clientes imaginativos não têm.

A relação da medicina com o charlatanismo é a mesma da astronomia com a astrologia. O que as estrelas predizem para os leitores de jornais é inofensivo, mas o lançamento de um ônibus espacial ou de um satélite, orientado pela astrologia, ao invés da astronomia, seria desastroso. Mas a humanidade sofre de uma fascinação eterna pelos charlatães. Talvez porque todos nós gostemos de pensar que sabemos mais do que nossos médicos. Talvez porque:

O paciente, como um homem que se afoga, agarra qualquer graveto e espera encontrar no mais ignorante o alívio que o médico, com toda sua ciência, não pode dar, como observou o *Spectator*; em 26 de julho de 1714.

Talvez porque:

Sua vantagem enorme sobre a ciência é o falo de o amor pelo mistério estar profundamente implantado no coração humano,

como sugeriu a Revista Britânica de Medicina, *em 1911.*

Talvez porque:

O mundo geralmente é contrário
A todas as verdades que vê e ouve,
Mas engole as bobagens e a mentira
Com avidez e gula,

como observou Samuel Butler.

Talvez porque, como suspirava Plínio:

Minus credunt quae ad suam salutem pertinent, si intelligunt. (As pessoas acreditam menos em assuntos relativos à sua saúde quando os compreendem.)

O doutor Carl Reinhold August Wunderlich (1815-77), de Leipzig, previa em 1858:

Se o médico sofre às vezes injustiça ou incompreensão, se seu trabalho honesto uma vez ou outra é ignorado ou até desdenhado, ele deve lembrar que aos olhos majestosos da Natureza o indivíduo não é nada. E por mais deprimido que possa se sentir quando intrigantes e charlatães anunciam em altas vozes seus sucessos efêmeros, ele pode estar certo de que esses presunçosos serão suplantados, no fim, pelos espinhos da consciência. Pois a ciência natural é uma força que avança orgulhosa e silenciosamente, da qual as esferas mais ameaçadas por ela sequer têm conhecimento.

Não perca seu tempo com os vagabundos na praia selvagem da ciência.

CAPÍTULO 10

Freud, a governanta inglesa e o cheiro de pudim queimado

Entre 1905 e 1914, Sigmund Freud publicou, em Viena, quatro casos para estabelecer no mundo médico ignorante, indiferente ou desdenhoso a seriedade de sua percepção original da personalidade humana.

DORA, O PEQUENO HANS, O HOMEM-RATO E O HOMEM-LOBO

Dora, 18 anos, queria cometer suicídio para se vingar da família e da vida, que não a compreendiam. Seu pai (que Freud havia tratado de sífilis, não psiquiatricamente) desejava a mulher do vizinho. O vizinho desejava Dora. A mãe de Dora era fria e distante, e mais interessada na *Küche* do que nos *Kinder.* Assim, Dora identificou-se com a mulher do vizinho e se apaixonou pelo pai. Édipo típico!

Depois de três meses revivendo os sonhos dela já desaparecidos e desembaraçando as confusões familiares por meio da psicanálise, Dora transferiu o amor incestuoso para Freud. Então interrompeu o tratamento. Desapareceu, garantindo que estava melhor. Mas na verdade não estava, raciocina Freud. Estava simplesmente experimentando “uma fuga para a saúde”. O tratamento analítico de Freud foi publicamente atacado na primavera seguinte, chamado de “masturbação mental", uma palavra forte demais, pouco ouvida em Baden-Baden. O caso não resolvido deixou Freud balançando a cabeça durante anos. Mais tarde, a pobre Dora procurou um psiquiatra rival, mas morreu de causas naturais, sexualmente frígida, solteira e não amada.

Hans, cinco anos, esperneava e gritava para não dar seu passeio matinal no parque, porque tinha medo de ser mordido pelos cavalos. A recusa eminentemente razoável era uma barricada que disfarçava o motivo secreto,

que foi descoberto por Freud. O caso nos oferece um diálogo clássico na imensa obra de Freud:

MÃE: (*despindo-se*) O que você está olhando?
HANS: Só queria ver se você também tinha um pipi.
MÃE: É claro. Você não sabia?
HANS: Não, achei que como você é tão grande, seu pipi devia ser do tamanho de um pipi de cavalo.

Freud não precisou pensar muito para resolver que o pequeno Hans tinha medo do pai, que tinha um pipi maior do que o dele, e que o pequeno Hans queria inserir seu pipi na mamãe, por isso transferiu o medo para os cavalos, que tinham pipis apavorantes, maiores do que os de toda a família combinados.

MÃE: Se fizer isso (brincar com seu pipi), eu o levo ao médico para cortar seu pipi e, então, como você vai fazer pipi?
HANS: Com o meu traseiro, *(Indica o pipi)* Por que você não põe seu dedo aqui?
MÃE: Porque não se deve fazer isso.
HANS: (*Rindo)* Mas é tão divertido!

Quando, mais tarde, seu pai perguntou porque ele estava rindo do pipi da irmã, Hanna, Hans respondeu: "Porque o pipi dela é tão bonitinho." Um garoto sensato. Nos feriados, entre os românticos lagos das montanhas, ele quis dormir com sua amiga de 14 anos, Mariedl. A família não se opôs, mas Freud balançou a cabeça.

Para Freud era motivo de orgulho expor, através do alegre Hans, a sexualidade dos sexualmente imaturos. Mas durante o tratamento de Hans, exceto por uma única conversa de Freud com o pai, ele começou a suspeitar que a família se preocupava demais com os seus pipis. O pipi devia dominar as conversas da família tanto quanto a televisão domina hoje, quando os pais são igualmente indiscretos e maliciosos sobre os pipis dos filhos, o que hoje é chamado de .seu papel sexual. Mais tarde o pequeno Hans, com 20

anos e músico elegante, voltou a se encontrar com Freud, mas felizmente tinha-se esquecido de tudo aquilo.

O Homem-Rato era oficial do exército tio Imperador Franz Josef. Durante as manobras em 1907 ele ouviu, no quartel, a história de um antigo castigo chinês, no qual uma vasilha cheia de ratos era presa ao traseiro do criminoso e os animais só podiam se livrar roendo a carne e saindo pelo ânus. O instinto dos rodentes pela anatomia obcecou de tal modo o oficial que ele ficou confuso e com tendências suicidas. Freud atribuiu isso ao fato de ele ter explorado a genitália de sua governanta, quando era pequeno. Depois de um ano, Freud curou o Homem-Rato, bem a tempo de ele ser morto na I Guerra Mundial.

O Homem-Lobo sonhava constantemente que a árvore no lado de fora do seu quarto estava cheia de lobos, ao invés de pássaros. Tão razoavelmente quanto Chapeuzinho Vermelho, ele adquiriu uma fobia por lobos. Freud descobriu que tudo se devia ao fato de ele ver os pais fazendo sexo, quando era pequeno. “Porém, Freud estranhamente ignorou a preferência do Homem-Lobo adulto pelo sexo anal”, murmura um biógrafo. O Homem-Lobo era um rico proprietário de terras russo que em 1914 estava visitando Viena, ficou pobre com a Revolução de 1917 e, por isso, Freud, generosa mente, não cobrou nada dele.

Mais tarde, o Homem-Lobo culpou Freud por convencê-lo a não voltar para a Rússia e reclamar seus bens dos comunistas (Freud tinha motivos psicológicos, não políticos, para aconselhá-lo a não correr esse risco absurdo), e conseguiu um emprego numa companhia de seguros em Viena. O Homem-Lobo continuou a desfrutar a vantagem do tratamento grátis mesmo depois da II Guerra Mundial, quando analistas americanos o procuravam como turistas procuram as pirâmides. E foi muito bom, porque esses casos permanecem com valiosa magnitude nas memórias de Freud, por mais grotescas que sejam as formas com que se erguem do deserto do inconsciente.

“No final de 1892”, revela outro dos inúmeros biógrafos superficiais de Freud, “ele falhou também com a senhorita Lucy R., uma governanta inglesa que sofria de fadiga generalizada e do sintoma curioso de ser perseguida pelo cheiro de pudim queimado.”

TERÇA-FEIRA, 6 DE SETEMBRO DE 1892

Berggasse, Viena. Uma rua larga, tranqüila, 800 metros de comprimento, noroeste de Viena, além do Schotten Ring. Estende-se do Allgemeines Krankenhaus (onde Ignaz Semmelweiss sozinho derrubou a febre puerperal), com o Instituto Anatômico (causador da febre) na esquina, até o cais Franz Josef, no Canal Danúbio. O número 19 é um prédio cinzento, fachada pesada de concreto trabalhado, a entrada maciça sob um arco, com largura suficiente para a passagem de uma carruagem, ostentando um frontão triangular achatado, como uma lembrança de última hora, e o medalhão com a placa teutônica com o número branco sob fundo negro. À direita da porta trabalhada de carvalho maciço, um toldo protege a vitrina de um açougue com carne de vitela e salsichas vienenses gordas e albinas em embalagens perfeitas.

De pé no corredor de ladrilho está uma jovem inglesa, o rosto rosa pálido, nariz arrebitado, vinte e poucos anos, o cabelo castanho preso no alto da cabeça sob um chapéu de palha sépia, o corpo esbelto coberto por fina cambraia marrom, punhos justos, mangas bufantes, sem nenhum broche ou laço da gola alta até a ponta dos sapatos pretos. Um xale marrom de malha cobre seus ombros, as mãos são protegidas por luvas de algodão marrom, leva uma pequena bolsa cor de ferrugem dependurada no cotovelo e um guarda-chuva fechado.

"*Guten Morgen! Mein Name ist* Miss Lucy Robinson", ela informa à mulher de vestido negro de bombazina que a atende.

É conduzida a uma sala entre o térreo e o primeiro andar.

"*Er* wird jeden Augenblick bier sein."

"Danke!"

Miss Lucy está sozinha, sentada com as costas muito retas, as mãos cruzadas no colo, na ponta de um sofá confortável coberto até o chão por um tapete persa de desenho intrincado, que se estende um metro para cima, sobre o papel simples da parede. Sobre o sofá estão duas almofadas de veludo, um cobertor dobrado e um travesseiro quadrado. Um grande número

de pequenos quadros com molduras pesadas — primitivas, pensa ela —, uma porção de estatuetas espalhadas pela sala, que parecem chinesas e egípcias antigas. Janelas altas dão para um pátio com três árvores, e o inevitável aquecedor vienense de cerâmica descansa num canto. Quando a irmã de Freud, Rosa, mudou-se, mais tarde, ele adicionou esse consultório ao apartamento de 18 cômodos no andar superior. Em 1895, Freud constava da lista telefônica. Ele fez daquela casa um endereço famoso no mundo todo. Morou ali até 1938.

Passos apressados no andar de baixo. Surge um homem amistoso, gorducho, não chegado ainda à meia-idade, com terno escuro e gravata clara, farta cabeleira negra e uma bela barba (ele ia diariamente ao barbeiro). Ninguém parece lembrar que Freud também foi jovem um dia.

— Quer me dar *der Regenschirm? Es ist schöns Wetter.* Nunca tive uma paciente da Inglaterra, Miss Robinson — disse Freud, desculpando-se, apanhando o guarda-chuva. — É um país que admiro muito. Dei ao meu filho, que nasceu o ano passado, o nome de Oliver, em honra a Cromwell, seu grande *Lord* Chanceler, até 1688.

— Lorde Protetor — corrigiu ela, como se estivesse instruindo uma criança pouco inteligente sobre o estilo histórico. — A Restauração foi em 1660. Em 1688 foi a Revolução Gloriosa.

— Ah, muito obrigado. Por que veio de tão longe, da tranqüila Inglaterra, para Viena, a fim de ensinar os filhos do Dr. Schmitt?

— Meu pai quer que eu seja cosmopolita. Ele é o Reverendo Horace Robinson, vigário de Slaughter-on-the-Marsh, nos Costwolds. É uma cidadezinha encantadora — a igreja, de São Lourenço, é quase toda do século IX — mas um pouco isolada entre os trigais e as plantações de batata. A estrada de ferro mais próxima passa por Birmingham.

— O campo inglês é famoso por sua beleza — diz ele, dei içada mente. — Basta ver os quadros de Turner.

— Constable — corrigiu ela outra vez. — Eu acho que meu pai queria diminuir o número de filhas solteiras. Ele tem sete.

Freud se interessou imediatamente.

— Amou intensamente seu pai alguma vez?

— Sim, quando era pequena.

Freud balança a cabeça, pensativa mente.

— Ele sempre me deixava comer a parte de cima do seu ovo cozido, de manhã.

— Quer deitar no sofá? — convidou Freud.

— Das ist sehr freundlich von Ihnen.

— Por favor, dê-me seu chapéu... talvez queria desabotoar o sapato. Muito bem... — Indo diretamente ao assunto: — Sente-se sempre cansada?

— Acho que simplesmente não estou dormindo tanto quanto preciso — disse Miss Lucy, calmamente, deitando-se. — A casa é espaçosa e arejada, a comida, devo acrescentar, é excelente, mas meu quarto dá para o *Bahnhof*. Naturalmente, durmo com as janelas abertas. Para ter ar fresco.

Freud sentou-se numa poltrona de veludo verde, ao lado de uma das extremidades do sofá, com uma banqueta forrada de veludo para os pés.

— Por acaso não estará com clorose? Isso provoca cansaço nas jovens.

— O Dr. Schmitt exclui a possibilidade de clorose. Ele insistiu para que eu viesse consultá-lo.

— Ele é um dos entusiastas do meu método — disse Freud, carinhosamente. — Estudamos juntos no Hospital da Salpêtrière, em Paris, há seis ou sete anos, com o famoso Dr. Charcot.

— Eu sei. O Dr. Schmitt sempre conta, durante as refeições, que ambos viram o Dr. Charcot curar imediatamente com o hipnotismo uma jovem paralisada. A causa da paralisia me fascina. Seu noivado com um homem que ela não amava.

Freud balançou a cabeça afirmativa e vigorosamente.

— O Dr. Schmitt termina a história dizendo que aquele caso revelou ao senhor, como num relâmpago, o poder do inconsciente.

Freud sorriu.

— Ele tem um talento para o exagero.

— Exatamente o que o Dr. Schmitt diz a respeito do Dr. Charcot.

— O Dr. Schmitt tem também um talento para o cinismo. Essas histórias corriam por toda Paris... Mas a *idéia* que o Dr. Charcot me transmitiu foi suficiente. A paciente em si não passou de... como posso dizer? Uma ilustração no seu livro. *Das versteht sich* — acrescentou defensivamente.

Miss Lucy franziu os lábios.

— Eu também tenho pensado nessa idéia. A mente inconsciente.

— Talvez ajude se me contar — convidou ele.

— Certamente jamais ocupou nenhum pensamento consciente na minha casa — informou ela. — Meu pai teria ficado extremamente confuso se alguém o mencionasse. Ele reluta em discutir até mesmo “a vontade” e “a consciência”. Não que alguém em Slaughter-in-the-Marsh fale no assunto com muita frequência. Numa paróquia no interior da Inglaterra, o vigário tem de ser um homem prático. Os pobres, os doentes e os pecadores são identificados com maior solidez. — Ela respirou fundo. — Eu via a mente como um relógio.

Freud ergueu as sobrancelhas.

— Um relógio suíço de cuco. Olhamos para os ponteiros sem pensar, olhamos para cima quando o cuco aparece e começa a cantar, mas tudo que vemos ou ouvimos do relógio é movido por uma mola forte, completamente invisível. Para *mim,* isso parece o trabalho da mente inconsciente.

— Muito bem! E a senhora, Miss Robinson, tem seu encantador talento nacional para minimizar as coisas. Suponho que é uma comparação lógica, embora simples — admitiu, cortesmente. — Agora, o cheiro de pudim queimado — achou que convinha ir direto ao ponto. — Que tipo de pudim?

— Às vezes pudim de arroz queimado. Às vezes pudim de pão com manteiga queimado — é um pudim para crianças que usamos na Inglaterra, doutor, muito gostoso. Às vezes pudim de sebo queimado. Ou rocambole de geléia queimado.

— Isso acontece durante a noite? — Freud segurava uma folha de papel. — Eu gostaria de ouvir seus sonhos.

— Meus sonhos? — ela virou cabeça para trás e olhou para ele.

— “Mas eles voaram, esquecidos, como o tempo, um regato que na sua corrida incessante leva embora todos seus filhos.”

— Shakespeare — ele balançou a cabeça, afirmativamente.

— Hinos. Antigos e Modernos.

— Muito obrigado, Miss Robinson. Quer por favor escrever todos seus futuros sonhos para mim, logo que acordar, de manhã?

— Se o sr. assim o deseja. Preciso lembrar de ter um bloco e um lápis apontado, esta noite, na minha mesa de cabeceira. — Cruzou as mãos delicadamente sobre o estômago, com as luvas dobradas sobre a bolsa, ao seu lado. — O Dr. Schmitt disse que o senhor ia tocar em assuntos que, em companhia diferente, podem parecer extremamente indelicados. Tive a impressão de que ele achou a idéia muito divertida.

— Devo dizer que a grande maioria das neuroses graves das mulheres têm origem no leito conjugal — disse ele, com afetada indiferença. — Um argumento que vou desenvolver no meu livro *Estudos sobre a Histeria*, a ser publicado no próximo ano.

— No leito conjugal? Que eu tenho tanta probabilidade de conhecer quanto o leito do oceano.

Freud foi lisonjeiro.

— A modéstia é um atributo encantador em qualquer mulher recém-casada.

— Não se trata de modéstia. Nada nos leva tão efetivamente à realidade temporal quanto ser membro de uma família numerosa, mantida pelo mundo espiritual. É tão impossível casar com uma governanta sem dinheiro quanto montar uma potranca manca.

Ele protestou delicadamente.

— Mas sem dúvida na Inglaterra uma "boa família" é um dote inestimável. Basta ler os livros de Charles Thackeray.

— William Makepeace. Não. A filha de um vigário não é socialmente estimulante para a classe dos ricos. É um artigo de fé aceito universalmente que o clero deve ser convidado para o chá, que pode ser delicioso, com sanduíches de pepino e bolo, mas nunca para a cerimônia socialmente correspondente de um jantar.

— Suponho que é *virgo intacta*.

— Minha nossa, não. Se Deus nos dá de presente algo que a humanidade inteira deseja usar com avidez — às vezes com fervor alarmante — seria contra o espírito religioso, ou pior ainda, idiota, não usá-lo. O senhor não emudeceria o canto matinal dos pássaros tapando seus ouvidos, não pintaria suas janelas de preto para esconder a luz do sol, não se absteria nervosamente dos saborosos morangos com creme que Deus nos manda no verão.

Freud balançou a cabeça, solenemente.

— Das versteht sich von selbst. O princípio do prazer.

— Por que fazer do prazer um princípio? — Ela parecia intrigada. — É bastante delicioso do modo que é. E há tão pouco!

Ocorreu a ele uma idéia instrutiva.

— Se posso dizer assim, a sexualidade é uma liga poderosa, que transmite tensão àquela mola tensamente enrolada que gira incessantemente, que faz

funcionar seu relógio cuco. Uma liga que chamamos de libido.

— Parece o nome de um jogo de criança.

— Posso garantir que as crianças, até mesmo os bebês, sabem como se joga.

Miss I.ucy continuou calmamente.

— Eu tenho um amigo na Inglaterra. Sim, o capitão Bracewell-Gregory. Dos Dragões Ligeiros. Ele me viu indo para a igreja, quando passava a cavalo, e passou a assistir às Matinas todos os domingos, na primeira fila, cantando muito alto. Meu pai não pôde deixar de notar e, mais tarde, conversando com ele, teve a impressão de que o capitão Bracewell-Gregory era um homem profundamente religioso, e permitiu que ele me levasse a piqueniques.

Freud, pensativamente, passou a mão na barba perfumada.

— *Ich habe mich entschlossen.* Temos um caso de inveja do pênis.

Ela franziu levemente a testa.

— Eu não acho que *invejei* o pênis do capitão Bracewell-Gregory. Na verdade, admito que o considerei injustamente conveniente para ele nos nossos piqueniques, pois só precisava ficar de pé atrás de uma árvore, ao passo que eu tinha de sentar nos calcanhares entre os arbustos. Mas achei que era um órgão muito desajeitado, e quanto aos anexos, ora, é como a tabuleta de um agiota dependurada na roupa de baixo. Não, eu não o invejei de modo algum — informou ela, com firmeza.

— Seu problema pode ser também a expressão do complexo de Édipo — respondeu Freud, anotando alguma coisa com sua caneta-tinteiro.

— Não sei o que quer dizer. Numa escola feminina não se aprendem os clássicos.

— Resumindo, como vocês dizem tão bem na Inglaterra, todo menino deseja casar com a mãe. Para isso, evidentemente, primeiro precisa matar o pai. Ele teme que o pai queira evitar as duas coisas mandando castrá-lo. Aplica-se também às mulheres, quando é chamado complexo de Eletra. E*letra* é uma peça teatral de Sófocles, um escritor grego do qual já deve ter ouvido falar. Esses impulsos, é claro, inflamam-se como o fogo do nosso mundo, muito abaixo da superfície pacata e que ignora sua existência — explicou ele.

— Espero que sim! Trinchar o peru de domingo é exercício de esgrima suficiente para qualquer *pater Familias.*

— Deve compreender que nós todos temos em nossas mentes o Ego que reprime os desejos sinistros tio Id.

— Como papai e nós, suas filhas.

— O Ego é completamente controlado pelo Superego.

— Como mamãe.

Freud levantou-se.

— Teremos outra consulta no próximo mês. Depois dos seus sonhos. Há um motivo escondido no fundo da sua mente para o cheiro de pudim queimado, Miss Robinson. Exatamente como devia haver um motivo para o rei Alfredo queimai os bolos.

— Se o senhor diz. Tenho certeza de que havia uma razão inconsciente até mesmo para Napoleão incendiar Moscou — disse ela graciosamente, sentando e apanhando os sapatos.

TERÇA-FEIRA, 18 DE OUTUBRO DE 1892

— Wie ist heute das Wetter*? Não saí esta manhã.*

— Bastante frio. Devo deitar no sofá? Aqui estão os meus sonhos. — Miss Lucy tirou da bolsa um rolo de papel almaço amarrado com uma fita amarela. — Copiei minhas notas escritas a lápis, esta manhã, enquanto as crianças faziam os exercícios escritos.

Ela tirou os sapatos. Freud sentou na poltrona de veludo examinando as folhas escritas, cobertas com calcografia e sublinhadas em vermelho.

— Você sonhou que estava num balão! — notou ele, mal disfarçando o entusiasmo. — Suponho que sempre sonha que está voando? Esses sonhos são comuns e devem ser interpretados como expressão de desejo sexual.

— Desculpe, mas não estou entendendo, doutor.

— Bem, muitas mulheres sonham com balões voando no céu — explicou ele. — Por causa da propriedade notável do órgão masculino de se levantar, desafiando singularmente a lei da gravidade.

— É estranho que diga isso — concordou ela, deitando confortavelmente no sofá. — Foi exatamente o que eu disse ao capitão Bracewell-Gregory,

dos Dragões Ligeiros, em um dos nossos piqueniques. Ele explicou, achando muita graça, que seu Hampton...

— Hampton?

— Hampton Wick. Um bairro de Londres. No Tamisa, peito de Hampton Court.

Freud não entendeu.

— Rima com *“prick”*, uma palavra usada pelo capitão Bracewell-Gregory para descrever o órgão que o senhor mencionou. É uma rima comum entre as pessoas comuns. Se não me engano, “ostentar o Hampton” é quando eles mostram o órgão para uma pessoa do sexo oposto sem que ela queria ver. O capitão Bracewell-Gregory acha que o Hampton levanta como uma peça de artilharia sendo apontada, depois de ver o alvo. Ele fez um observação engraçada a respeito de ele estar montado sobre suportes redondos como bolas.

— *Verzeihem Sie!* Acendi um charuto. Sempre me esqueço, quando tenho pacientes.

— Por favor, pode fumar. Acho que o que provocou meu sonho foi o fato de o Dr. Schmitt voltar tarde de um jantar com os médicos e tentar voar escada acima.

Freud suspirou.

— Ele é um bom homem, mas não é inimigo da garrafa. Quanto a mim — admitiu, virtuosamente — tenho medo, como seu duque de Clarence, de me afogar numa dose de conhaque.

— Malmsey — Miss Lucy remexeu os dedos dos pés sob as meias brancas de algodão. — O senhor parece que dá uma ênfase exagerada aos instrumentos da união sexual — disse ela, com firmeza. — Meu pai nos fez ler as *Cartas ao seu filho,* de *Lord* Chesterfield, onde em alguma parte do contexto ele diz: O prazer é momentâneo, a posição ridícula e o preço infame.

— *Richtig!* Você sonhou que eu estou apontando seu guarda-chuva para você. — Freud continuou a ler as folhas escritas. — Esse é o meu pênis. Bem como o maneio que você vê na minha outra mão, as fontes entre as quais eu me aproximo de você, os peixes que no seu sonho saltam delas. Você está segurando um balde e saindo pela porta de uma igreja grande, as duas coisas representando seus órgãos genitais.

— Não posso falar pelo senhor, doutor, mas falando dos meus pertences, não vejo nenhuma semelhança.

— Pistolas são pênis, bem como rifles, espadas, lanças, lápis e canetas — disse Freud com ardor, a caneta tremendo, na vertical. — Armários, fomos, navios, caramujos, qualquer coisa oca é a *muliebria* — continuou ele, controlando com dificuldade o entusiasmo pelas próprias idéias. — Seus sonhos, Miss Robinson, são a realização deliciosa dos seus desejos sexuais, das frustrações dos seus impulsos durante o dia. Esses desejos aparecem em todos os seus sonhos, mas sempre disfarçados.

— Mas, sem dúvida, isso aconteceu com Johann Strauss há 20 anos?

— *Wie bitte?* — perguntou Freud, secamente.

— No aniversário da senhora Schmitt, o doutor Schmitt teve a bondade de me convidar para acompanhá-los ao *Theater an der Wien*, onde assistimos *Die Fledermaus*. Eu prestei muita atenção, porque só havia ido à opera uma vez antes, para ver *Gondoliers*, do senhor Gilbert, no Teatro Savoy, em Londres. No baile do príncipe Orlofsky, no segundo ato, lembro-me especialmente da cena em que o herói, o belo Herr von Eisenstein, sua bela mulher Rosalinde e sua criada namoradeira, Adele, juntos se divertem a valer. Mas estão todos com máscaras! O senhor compreende, doutor — concluiu ela, triunfante —, ninguém sabe a identidade do outro, por mais improvável que isso possa parecer. Não é exatamente assim que o senhor diz que nossos pensamentos agem nos sonhos?

— É possível — disse Freud, bruscamente.

— A música é tão contagiante. O Dr. Schmitt, ao que parece, gosta de me ouvir cantar quando me acompanha ao piano.

— Na primeira consulta, esqueceu sua bolsa.

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

— Tem razão. Tive de voltar de Wahringer Strasse, quando os cavalos da carruagem pública estavam chegando na esquina.

— Isso foi uma proposta sexual para mim.

Ela ergueu as sobrancelhas delicadas.

— Então deve ter sido uma proposta extremamente distraída.

— Não pode ser interpretada de outro moda — informou Freud, confidencialmente. — Você transferiu uma dependência emocional do seu pai para mim. Você está apaixonada por mim.

— E tudo isso é a causa do cheiro de pudim queimado?

— Sem dúvida.

— Talvez eu devesse ter mencionado antes, mas estava tão ansiosa para falar sobre meus sonhos — minhas irmãs e eu conversamos sobre nossos sonhos no café da manhã, é incrível como nossos sonhos podem ser fascinantes, ao passo que os dos outros são incrível e literalmente tediosos, mas suponho que para o senhor os sonhos fazem parte do seu trabalho diário, como tosses e ferimentos para os outros médicos — eu ia contar que a cozinheira da senhora Schmitt está tentando, às escondidas, fazer uma receita de *sachertorte* para o aniversário do doutor, até agora sem sucesso, e depois ela queima as provas no pátio dos fundos, debaixo da minha janela, quando a família se retira à noite.

Silêncio.

— Pelo que pude ver da sua personalidade, *Miss* Robinson, acho que descobriu o diagnóstico perfeitamente correto para o seu caso — admitiu ele, com alívio inconsciente.

— Muito obrigada, doutor Freud — disse ela, agradecida, levantando do sofá. — Eu gostei muito de despejar tantas coisas para o senhor, coisas que, de outro modo, eu teria escondido para sempre do mundo. O capitão Bracewell-Gregory, dos Dragões Ligeiros, por exemplo. Isso me fez sentir muito melhor, mental e fisicamente. E suas teorias sobre o inconsciente e o ato sexual são completamente fascinantes. Tenho certeza de que se o senhor continuar com essas conversas vai ter muitos clientes e ficará famoso. *Auf Wiedersehen!*

O FANTASMA DE FREUD

Todos já ouviram falar de Freud, tanto quanto de Deus. Sua “palavra”, expressa em uns três milhões de palavras, jaz agora como arquivos empoeirados e não consultados nos porões da psiquiatria. A fabricação das suas teorias foi sem dúvida glória suficiente. Freud, modestamente e com razão, citou seu amigo vienense Christian Friedrich Hebbel, o soturno dramaturgo de meados do século XIX, quando diz que ele próprio

“perturbou o sono do mundo”. E o olho aberto e sonolento do mundo descobriu que há muito mais no mundo do que se pode ver. Ou teria sido Freud apenas o Julio Verne das vinte mil léguas submarinas nas profundezas do consciente?

A sombra de Freud diminui à medida que o céu sexual fica mais claro. Os segredos horríveis de seu divã são hoje programas de televisão. Freud teve dissidentes. Carl Gustav Jung (1875-1961), de Zurich, separou-se dele em 1911 e lavou a libido. O vienense Alfred Adler (1870-1937) concluiu que os meninas, na verdade, não querem fazer sexo com suas mães. Henry Havelock Ellis (1850-1939), de Croydon, reclassificou Freud como um artista, não um cientista. O jovial e vaidoso Wilhelm Stekel (1868-1940) alegremente definiu seu relacionamento com Freud como “um anão no ombro de um gigante pode ver mais além do que o gigante”. E Freud observou: “Talvez seja verdade, mas um piolho na cabeça de um astrônomo não pode”.

Os ensinamentos de Freud foram ativamente propagados por seus fantasmas, que caminharam prosperamente pelos sonhos do mundo, especialmente os dos americanos. Os analistas continuam a aliviar das vidas dos lutadores e dos desgarrados o peso de seus problemas elaboradamente acondicionados, problemas que deviam chocar a família e os amigos, mas que só provocam tédio. A psicanálise tem uma coisa estranha, é a única cura para qualquer condição que funciona falando sobre essa condição. O que é uma grande vantagem sobre a medicina: não tem efeitos colaterais.

A MENTE INCONQUISTÁVEL DO HOMEM

Freud acelerou uma transformação dolorosamente lenta na medicina, a transformação da loucura em doença. Antes do século XIX, os insanos nada tinham a perder a não ser suas correntes. Os piores eram perigosos e aterradores, os melhores inofensivos mas irritantes, os mais inconvenientes aqueles da nossa família. Mulheres e homens loucos eram mantidos presos a correntes, dois deles no Bicêtre Hospital, em Paris, durante 40 anos, até 24 de maio de 1798. Então Philippe Pinel (1745-1826) chegou para tirar as correntes dos 49 internados, e os levou para médicos igualmente

inteligentes, amigos seus. Pinel lutava por essa libertação desde 1792, quando o instrumento muito ativo do doutor Guillotin começou a ceifar Paris. A Assembléia Nacional participou da sua compaixão, mas em tempos tão perigosos como aquele Pinel foi atacado pela multidão alarmada, até os monstros libertados aparecerem para salvá-lo.

"Bedlam", o epônimo para o qual o Hogarth's Rake finalmente progrediu, foi o Hospital de Santa Maria de Belém, fundado pelo xerife de Londres, em 1247, uma escala de viagem para bispos e cânones. Em 1402 ele abrigava lunáticos em Bishopsgate, perto da Torre. Depois da dissolução dos mosteiros, Henrique VIII o deu de presente à cidade de Londres para servir de hospício. Em 1675 foi reconstruída ao lado do London Wall e o público pagava entrada para ver os loucos, como no zoológico. Isso continuou até 1815. A mesma facilidade era oferecida em 1784 pela "Torre dos Lunáticos", em Viena.

O quacre e comerciante de chá e café, de Yorkshire William Tuke (1732-1822), em 1796 asilou os loucos da região em York Retreat. Não havia correntes, "nem camisas de força, algemas, grilhões nas pernas, nem os vários outros instrumentos de couro e de ferro, incluindo mordaças e parafusos, para forçar a abrir a boca dos infelizes que não queriam ou não podiam se alimentar". Foi o primeiro *asylum*, uma bela palavra grega, um santuário, um lugar inviolável de refúgio, pena que seja sobrecarregada com sugestões pejorativas, como a palavra *suburbia*.

Os vitorianos espalharam asilos pelos campos da Inglaterra, construções altas de tijolos vermelhos e argamassa, como as novas universidades. Os vastos prédios tinham sempre uma vista maravilhosa, hortas enormes, cozinhas e lavanderias imensas e corredores intermináveis, tudo para proporcionar trabalho diversificado e simples para os internos. As portas eram trancadas, as janelas abertas, mas só alguns centímetros, as correntes dos vasos sanitários ficavam dentro de canos, para evitar enforcamentos, os homens raramente viam as mulheres e, assim, os humanos passavam suas vidas de loucura, confortavelmente camuflados da vista do povo.

Felizmente, os asilos ofereciam pouco tratamento médico. Começavam a duvidar da eficácia do ópio tradicional, da cânfora, beladona e vinagre, dos cataplasmas de mostarda ou de cantárida na cabeça, enemas, eméticos e duchas frias. Em 1935, os medicamentos provocavam convulsões nos esquizofrênicos, porque acreditavam que a esquizofrenia e a epilepsia não

podiam coabitar no mesmo cérebro. A ECT — terapia de eletroconvulsão — mais tarde passou a ser aplicada com depressores, menos violentamente, sob anestesia, durante a II Guerra Mundial, mais branda ainda quando os anestesistas passaram a usar o veneno paralisante, o *curare*, de modo que a terapia da convulsão podia ser feita sem as convulsões.

Depois da guerra apareceram os medicamentos antidepressivos, ansiolíticos, hipnóticos, poderosos tranqüilizantes e sais de lítio para estabilizar os maníaco-depressivos. Uma população que afirma, indignada, que é perfeitamente sã agora devora drogas psicotrópicas, como se estivesse pondo açúcar nos flocos de milho. Os asilos se transformaram em hospitais mentais, que depois se tomaram hospitais e então as portas foram escancaradas para libertar os pacientes drogados na comunidade, que é o mundo cruel.

Nossos lunáticos assassinos e perigosos estão presos em prisões mentais. Os inofensivos estão escondidos nas enfermarias psiquiátricas. O resto pode dormir nas ruas, que pouco nos importamos. O pensamento são sobre a insanidade retrocedeu para 1547.

CAPÍTULO 11

Alunos estudiosos, alunos faltosos e favoritos dos professores

É isso que faz do estudante de medicina a figura mais desagradável da civilização moderna. Falta de respeito e de boas maneiras

George Bernard Shaw, O *Dilema do médico.*

A PIEDADE COMO MOTIVO

Ouçam Charles Dickens:

"Nada como dissecar, para abrir o apetite,"

disse o senhor Bob Sawyer, olhando em volta da mesa.

O senhor Pickwick estremeceu levemente.

“A propósito, Bob”, disse o senhor Allen, “você já terminou a perna?"

"Quase", respondeu Sawyer, servindo-se da metade de uma galinha, enquanto falava. “Ir muito musculosa para uma perna de criança.”

“É mesmo?" perguntou o senhor Allen, calmamente.

"Muito", disse Bob Sawyer, com a boca cheia.

"Eu deixei meu nome na lista para um braço, no seu hospital”, disse o senhor Allen. “Vamos fazer um trabalho em conjunto, cada um com uma parte, e a lista está quase cheia, só que não encontramos ninguém que queira a cabeça. Gostaria que você ficasse com ela.”

"Não”, disse Bob Sawyer, “não posso me dar a esse luxo, é muito caro."

“Bobagem!" disse Allen.

“K verdade", respondeu Bob Sawyer. “Eu poderia ficar com um cérebro, mas nunca com toda a cabeça." “Silêncio, cavalheiros, por favor”, disse o senhor Pickwick, "as senhoras estão voltando.”

Caros estudantes de medicina! Caro Dickens! Na sua época, como percebiam superficialmente essas qualidades alarmantes. O doutor John Brown (1810-82), de Edimburgo, identificou o paradoxo 14 anos depois:

Não pensem que os estudantes de medicina não têm coração. Eles não são melhores nem piores do que vocês. Superam seus horrores profissionais e fazem seu trabalho, e neles a piedade — como *emoção,* terminando nela mesma, ou, na melhor das hipóteses, em lágrimas e num longo e profundo suspiro — empalidece, enquanto a piedade, como *motim,* é fortalecida e ganha força e objetivo. É bom para a natureza humana que seja assim.

Quando a vida e a morte se transformam no seu pão de cada dia, é razoável considerá-las tão prosaicas quanto os sanduíches do hospital.

ERGUENDO-SE ACIMA DISSO

Quatro estudiosos da medicina:

— *Sir* Thomas Browne (1605-82) era inteligente demais para ser apenas um clínico geral em Norwich, mas ficou naquele lugar agradável com a catedral normanda durante 46 anos porque preferia uma vida tranqüila, colecionando e estudando as borboletas e as relíquias do local, meditando sobre a morte e tendo 10 filhos. Para passar o tempo ele escreveu *Religio Medici,* em 1642, onde examina a tensa relação entre ciência e religião de modo tão sensato que deu origem, três anos mais tarde, ao *Index de livros proibidos* da Igreja Católica Romana.

“Eu não peço emprestadas as regras de minha religião a Roma ou Genebra, mas aos ditames da minha razão”, diz Browne, com altivez. Ele

compartilhava da descrença dos fazendeiros da Anglia oriental na teoria do fruto proibido. “No mesmo capítulo, quando Deus o proíbe, está claramente explicado que as plantas do campo não haviam brotado, *pois Deus não havia ainda ordenado a chuva sobre a terra.*” *Sir* Thomas balançava a cabeça duvidando do Dia do Julgamento, que para ele parecia uma extensão dos Tribunais de Norwich. Quando ele foi sagrado cavaleiro, Carlos II teve de ir a Norwich para lhe conferir o título.

Quando a pira funeral se apaga e é feita a última oração e os homens dão o último adeus aos Amigos enterrados, “Quem sabe o destino dos seus ossos?” *Sir* Thomas faz essa pergunta em *O enterro da urna.* Seus ossos foram tratados em 1840 para retirar toda a medula, e ficaram expostos nos Hospitais de Norfolk e de Norwich até 1922. Ele odiava a feitiçaria e, em 1664, deixou Norwich por algum tempo para providenciar o enforcamento de Amy Duny e Rose Cullender ao lado da estrada, em Bury St. Edmunds.

— Oliver Wendell Holmes (1809-94) foi o *Autocrata da mesa do café da manhã* e professor de anatomia em Harvard durante 35 anos. Em 1843 ele sugeriu que a febre puerperal, mortal, era contagiosa e podia ser evitada se os médicos lavassem as mãos e trocassem de roupa antes de atender a uma paciente. Isso foi quatro anos antes de lgnaz Semmelweiss dizer a mesma coisa em Viena. Em Boston, essa crítica gratuita sobre higiene pessoal escandalizou o meio médico. Uma longa vida permitiu ao Autocrata se proclamar vitorioso, depois de Pasteur e Koch: “Um pequeno exército de micróbios marchou para apoiar minha posição."

Quando William Morton criou o éter, em Boston, o Autocrata observou a respeito do batismo da nova substância:

Todos querem ter uma parte na grande descoberta. Tudo que farei é dar uma ou duas sugestões quanto ao nome... acho que o estado do paciente devia se chamar “Anestesia”. Isso significa insensibilidade, especialmente do sentido do tato.

Por sorte descartando antinêurico, neurolepsia e neuroestase, Holmes previu que a palavra “anestesia seria repetida por todas as raças civilizadas da humanidade”, Depois que a rainha Vitória inalou clorofórmio quando deu à luz o príncipe Leopoldo, a moda era dar esse nome às meninas. Vinte anos

depois: “Senhor, posso apresentar sua companheira para o jantar? Minha filha, Anestesia.”

— ***Sir*** William Osler, baronete (1849-1919) de Bond Head, Ontario, foi sucessivamente professor de medicina em Montreal (quando tinha 25 anos), em Filadélfia, Baltimore e Oxford. Ele era jovial e bondoso, com um belo bigode de leão marinho, e foi o descobridor dos nódulos de Osler (nas pontas dos dedos, nos casos de infecção cardíaca), e era casado com a neta de Paul Revere. Demonstrava tanto entusiasmo por sua profissão que “entrava na sala de autópsia com a expressão feliz do jovem Sófocles dirigindo o coro da vitória, depois da batalha de Salamis”, o que não devia ser fácil. Um professor muito conceituado e prolífico explicador (730 livros e artigos científicos), ***Sir*** William foi o Francis Bacon da medicina (o efeito modificador do adjetivo é considerável, como observou Thomas Mann, quando Goethe foi descrito como o Voltaire alemão). Em 1900, Osler aconselhava a exterminação indolor de todas as pessoas com mais de 60 anos. Esse pronunciamento, em Baltimore, vindo de um médico tão endeusado, provocou verdadeiros “ataques" na imprensa americana. Essa conveniência para a humanidade já fora sugerida no romance de Anthony Trollope, O ***período fixo,*** publicado no ano da morte do autor, 1882 (a história se passa em 1980, era aplicada uma dose de morfina, depois as veias eram abertas e o indivíduo descansava num banho quente. Seja como for, isso acontecia na Nova Zelândia).

Ambos foram profetas de visão limitada. Não é necessário especificar que há gente demais no mundo e que todos querem estacionar seus carros. A população do globo está explodindo com 250.000 bebês por dia, o que no ano 2000 acrescentará mais um bilhão aos nossos atuais 5,3 bilhões, ou uma China. No próximo século a população do globo terá triplicado, ou apenas duplicado, se tivermos sorte. Enquanto isso, os povos do hemisfério norte, mais econômicos reprodutivamente, viverão cada vez mais por meio dos milagres da medicina moderna, mas numa decrepitude cada vez maior. Não pode estar longe o tempo em que as estruturas ambulantes e caquéticas de Zimmer sejam mantidas dentro de um cordão de isolamento ou despachadas aos montes.

A estabilidade da civilização exige uma cadeia de Hotéis Terminais, isolados num cenário maravilhoso, como os sanatórios para tuberculosos da década de 1930, jantares supremos, espetáculos teatrais e dança, tudo de graça, incluindo bebidas, fichas de jogo e sexo (quando for possível), até que uma noite, com gás cianídrico no sistema de ar condicionado, todos os residentes desaparecerão suave e rapidamente, como o superaventureiro Baker na caça ao Snark. Isso é previsto pela Sociedade pelo Direito de Morrer, nos EUA, embora tenhamos de admitir que eles levam a morte desnecessariamente a sério.

O ardor de Trollope e de *Sir* William pela idéia desapareceu em sincronia com os 50 anos de ambos.

— John Locke (1632-1704) era médico há 16 anos quando publicou *Um Ensaio sobre a Compreensão Humana.*

DOUTORES EM LITERATURA

A profissão médica tem uma atração histórica para a profissão das letras, que nunca chama durante a noite, nem em tempo inclemente, e permite ao escritor beber quanto quiser ao almoço.

Médicos-escritores fazem parte do celeiro das estantes de livros: François Rabelais (c. 1495-1553), Conan Doyle, de Vere ("Lagoa Azul") Stacpoole (1863-1951), Francis Brett Young (1884-1954), A.J. Cronin (1896-1981), Somerset Maugham. Esse número é surpreendentemente ultrapassado por Keats, Robert Bridges (1844-1930), Tliomas Campion (1567-1620), Abranham Cowley (1618-1667), George Crabbe (1754-1832), Schiller (1759-1805) e outros poetas médicos. Talvez por julgarem que a intensa fascinação da juventude pelos seres humanos e pela eternidade será mais vantajosamente expressa na profissão de médico, financeiramente menos arriscada.

Anton Chekhov (1860-1904), que descobriu com prazer que "o palco é uma amante barulhenta, vistosa e insolente", foi lisonjeado pelo consultor psiquiátrico da mídia, Anthony Clare (b 1942) como "O único capaz de usar

o material da medicina e elevá-lo aos níveis de grande arte. Fora isso, a medicina geralmente cria escritores medíocres". Osborne Henry Mavor (1888-1951), professor de medicina em Glasgow, escreveu sob o pseudônimo de James Bridie peças cheias de humor, prolixas, levemente no estilo de Chekhov, como O *anatomista* (sobre Robert Knox e Burke e Hare), e um artigo definitivamente científico sobre o centro anatômico, O *Umbigo*, que, segundo ele descobriu, pode ser atacado por oito doenças.

O doutor Peter Mark Roget (1779-1869) fundou a escola de medicina de Manchester e a Universidade de Londres, investigou a água potável de Londres, inventou a régua de logo-logaritmo, escreveu sobre fisiologia e teologia e, em 1852, produziu o *Roget Thesaurus.* Era polimatemático, poli-historiador, pantólogo, enciclopedista, prodígio de aprendizado, mina de informação, enciclopédia ambulante e dicionário falante. O doutor Samuel Smiles (1812-1904) complementou esse serviço útil com *Auto-ajuda. O* Dr. Thomas Bowdler (1754-1825), de Edimburgo, "bowdlerizou" Shakespeare.

INDIVIDUALISTAS

O magnífico cirurgião de Yorkshire, *Lord* Moynihan (1865-1936), fez a palestra Linacre em Cambridge em maio de 1936 sobre "Alunos faltosos". Moyniham era um cirurgião campeão, numa época em que geralmente só a habilidade do operador estava entre a vida e a morte do paciente. "Nada no artesanato de qualquer arte é mais perfeito e belo do que a arte da cirurgia", disse ele, num desafio aberto ao Balé Real. Ele deu o nome à "calha Moynihan" nos intestinos e ao fórceps Moynihan da vesícula. Seu pai era sargento e ganhou a Cruz da Vitória, na Criméia. Quinze médicos que encontraram coisa melhor para fazer:

— Andrew Boorde (?1490-1549) escreveu O *Pequeno Polegar,* estudou medicina em Montpellier, entrou para a ordem dos monges cartuxos, depois foi bispo sufragâneo de Chichester em 1521. Como o original Merry Andrew, ele antecipou os hábitos modernos, fazendo discursos humorísticos nos fins dos jantares nas feiras, escrevendo um livro de frases na língua da Cornualha, em galés, castelhano, holandês e romani, e com o *Breviário da Saúde* dá conselhos sobre dieta, compra de casas, finanças pessoais, moda, sexo, corrida e sono. Como agente secreto de Cromwell, foi enviado à Espanha, em 1535, para descobrir o que o povo pensava de Henrique VIII. Não gostou de Glasgow, onde praticou a medicina por pouco tempo: "Não confie em nenhum escocês, pois ele vai enganá-lo com palavras lisonjeiras, e tudo é falso." Morreu na prisão.

— Georges Benjamin Clemenceau (1841-1929) exerceu a medicina em Montmartre, antes de ensinar francês para meninas em Stratford, Connnecticut, e foi Primeiro-Ministro e Ministro da Guerra em Paris em 1917.

— Henry Faulds (1844-1930), de Glasgow, dirigiu durante 10 anos o Tsukiji Hospital, em Tóquio, onde inventou a identificação pelas impressões digitais. As primeiras foram impressas em 1889 sobre desenhos dos 10 dedos feitos por gravadores japoneses. O que o seu contemporâneo. *Sir* Arthur Conan Doyle, teria feito sem ele?

— Richard Jordan Gatling (1818-1903), da Carolina do Norte, inventou o fuzil Gatling que disparava 350 tiros por minuto.

— William Gilbert Grace (1848-1915), de Gloucestershire e Inglaterra não precisa identificação em nenhum livro inglês.

— Joseph Ignace Guillotin (1738-1814) foi eleito para *L 'Assemblé nationale* em 1789, onde deu origem â mais impressionante demonstração de democracia da história: o homem do povo podia ser decapitado como a aristocracia O homem do povo, até então, era simplesmente enforcado. A invenção do doutor Guillotin podia também substituir a punição cruel do desmembramento do condenado amarrado a quatro cavalos, quando o carrasco tinha de cortar as juntas dos braços e das pernas do prisioneiro se os cavalos se cansassem.

Guillotin era um intrometido, com ares de benfeitor, que fez parte da comissão de Luís XVI para investigar o magnetismo animal de Anton Mesmer, e era entendido em ventilação. Ele inventou a guilhotina, que foi desenhada por seu colega Antoine Louis (1723-92), descobridor do ângulo de Louis, situado dois centímetros e meio abaixo do estemo. A primeira foi construída pelo alemão fabricante de clavecinos, Tobias Schmidt. Sua terminologia imita a elegância dos termos franceses para o esporte do esqui: o *mouton,* ou perna de carneiro, o peso de 35 quilos que faz descer a lâmina, o *declic*, ou interruptor, que o *bourreau,* ou carrasco, aperta para aplicar a lâmina ao paciente e que é empurrado contra o *bascule,* ou balanço, que imediatamente balança a lâmina no sentido horizontal, sobre o pescoço preso na *lunette,* ou círculo de madeira. A cabeça é então segura pelos cabelos, ou, no caso de calvície, pela orelhas, por *te photographe,* escondido atrás de uma tela à prova de sangue. Se a Inglaterra tivesse adotado a guilhotina - em Halifax, no reinado de Eduardo III, as decapitações foram numerosas - o membro escondido da equipe da execução seria sem dúvida “o guarda da porta."

A primeira operação do “doutor” Guillotin foi em 25 de abril de 1792, na Place de Grève, mas logo passou para a prática particular em 1939. O prisioneiro nunca sabia a data, sabia apenas que não podia perder a cabeça no domingo ou nos *jours fériês.* Então, na hora mais negra, as guardas da prisão aproximavam-se silenciosamente, sem sapatas, para abrir a porta, acordar o prisioneiro, dar a de um copo de rum e um cigarro e devolver suas roupas civis, inclusive o chapéu. Quando o doutor Guilhotin recebia dois pacientes em seguida, a cabeça alimentada ainda pela última pulsação do coração podia continuar à frente das eventos. Charlolte Corday é famosa por seu corado *post mortem* e vários médicos gritavam para algumas cabeças cortadas, tendo obtido reações encorajadoras.

Às 5:30 de uma manha em junho de 1905, a cabeça do condenado, separada do corpo, caiu aos pés de um médico. Pálpebras e lábios continuaram a piscar e a se comprimir durante alguns segundos. Então, quando o médico disse o nome do decapitado as pálpebras se ergueram lentamente, “como acontece na vida cotidiana, com as pessoas despertadas das próprios pensamentos”, e os olhos se

fixaram nos olhos do médico. Depois disso, os *croissants* devem ter sido mastigados pensativamente. O doutor Guillotin morreu em casa, vítima de carbúnculo.

- *Sir* Goldsworthy Gurney (1793-1985) era um cirurgião da Cornualha tão engenhoso que inventou o refletor, o maçarico de óxido-hidrogênio, um piano que tocava em copos musicais, o navio a vapor a jato, a carruagem de 1829 movida a vapor, que fazia uma média de 24 quilômetros por hora na viagem completa Londres-Bath-Londres, um extintor de incêndios para as minas de carvão, uma lâmpada sinalizadora, um método para os marinheiros identificarem os faróis e o aquecedor Gumey, para aquecer a Casa dos Comuns.

— *Sir* Leander Starr Jameson (1853-1917) está enterrado em Matopo Hills, de frente para Bulawayo, visto do sul, ao lado do seu grande amigo Cecil Rhodes, que o levou para a Rodésia. Em 29 de dezembro de 1895 o "doutor Jim" liderou seu ataque no Transvaal, para Iibertar o grupo de britânicos reunidos para apanhar o ouro e os diamantes e que estavam sendo tratados ferozmente pelos boers. O colapso se deu no dia do Ano-Novo.

— David Kinloch (1559-1617), obstetra e poeta, quando viajava de Dundee foi aprisionado pela Inquisição espanhola e condenado a ser queimado vivo. A execução foi adiada porque o Grande Inquisidor ficou doente. Kinlock enviou, por meio de um dos guardas de prisioneiros da inquisição, um bilhete dizendo que era médico e talvez pudesse ajudar. Ele curou o Grande Inquisidor e, ungido com sua gratidão, voltou para casa, na Escócia. Bem, isso é o que conta a *British Medicai Journal* de 1" de maio de 1926.

— O reverendo Francis Thomas McDougall (1817-86), cirurgião, remou pela universidade de Oxford, foi bispo de Sarawak e, depois de repelir um ataque de piratas chineses, em 1862, descreveu para o *The Times*, com detalhes, sua arma feita em Londres, cano duplo, carregada pela culatra. "Era uma arma extremamente mortal, com grande poder de tiro, precisão e rapidez. Nunca negou fogo em 80 tiros, e acredito que poderia atirar mais 80 com o mesmo efeito." Esse testemunho não agradou às instituições religiosas, que prezavam seus gramados tranqüilos, suas pacíficas mesas de chá e os princípios humanistas em casa.

— Jean Paul Marat (1743-93), apunhalado no banho por Carlota Corday, era formado em medicina por St. Andrews, Escócia. Estava no banho para aliviar a coceira do eczema.

— Francis Moore (1657-1715), clínico em Lambeth, Londres, em 1701 fundou o *Old Moore's Almanac.*

— James Parkinson (1755-1824) foi acusado de conspirar para assassinar George III, no teatro, com um dardo envenenado, atirado por uma espingarda de ar comprimido. Ele deu seu nome à doença de Parkinson.

— James Startin (1806-72), dermatologista de Londres, descobriu um modo barato e eficiente para engomar chapéus de feltro.

— *Sir* Charles Wyndham (1841-1919), de Liverpool, um dos cirurgiões de Lincoln na Guerra Civil, voltou para a Inglaterra e foi trabalhar no teatro. É lembrado pelo teatro Wyndham, no West End, embora seu nome verdadeiro fosse Culverwell. Foi sagrado cavaleiro por Eduardo VII, em 1902, quando foi relutantemente conferida aos médicos e atores a honra de penetrar naquele círculo fechado dos cavalheiros.

E cinco que se distinguiram mais na área pessoal que na da medicina, onde não conseguiram se qualificar:

— O *émigré* armênio Michael Arlen (1895-1956), autor do romance da moda em 1924, *O Chapéu Verde,* estudou medicina em Edimburgo. Ele era "mais brilhantina do que brilhante", segundo o *The Times*.

— Hector Berlioz (1803-69), o filho romântico de um médico de Grenoble, que enfureceu o pai porque detestava a medicina.

— Johann Wolfgang Goethe (1749-1833) abandonou as aulas de medicina em Strasburg, mas em 1786 fez a valiosa descoberta do osso intermaxilar, no maxilar superior.

— Christopher Isherwood (1904-86) estudou medicina no King’s College, em Londres, de 1928 a 29.

— Cecil Scott Forester (1899-1966) estudou no Guy's Hospital, mas lançou Hornblower.

OS MALCOMPORTADOS

Doze médicos piratas passaram pelos séculos XVII e XVIII. O que teve mais sucesso nas duas ocupações foi Thomas Dover (1660-1742). Tinha um gênio tão terrível que jamais conseguia um número suficiente de subordinados para fugir com o resultado do saque. Em 1709, como capitão do *Duke*, tendo saído há um ano de Bristol onde comandava o *Duchess*, Dover saqueou Guaiaquil, no Equador, e curou da peste 172 dos 180 homens de sua tripulação abrindo-lhes as veias dos braços e deixando-os sangrar até desmaiar. A caminho de casa, salvou Alexander Selkirk (Robinson Crusoe) da ilha de Juan Fernandez, depois voltou para Boston e continuou a praticar a medicina, obesamente rico.

Como todos os médicos, Dover tinha uma cura favorita, que só combinava com a doença dos pacientes que tinham sorte. A cura era mercúrio, por isso ele ficou conhecido como o “Doutor Mercúrio”. Ele inventou o pó de Dover, um remédio para tosse que consistia na mistura de ópio e da raiz brasileira da ipecacuanha, que lisonjeiramente para ele sobreviveu na farmácia britânica até a era da penicilina. Dover era um pirata da honrosa tradição de Drake. A Inglaterra é uma nação de piratas bem-sucedidos, cujo produto dos saques, o império britânico, sobreviveu durante o mesmo tempo do pó de Dover.

Os médicos assassinos são memoráveis por sua espantosa incompetência. O Dr. Crippen, de Hilldrop Crescent, Londres, em 1910 enterrou a mulher no porão (exceto a cabeça, que até hoje não apareceu). O Dr. Buck Ruxton,

perto de Blackpool, em 1935 fez em pedaços a mulher e a criada, no banho, atribuindo o sangue na passadeira da escada, nas cortinas, na sua roupa e nas camisolas delas a um corte na mão, feito quando abria uma lata de pêssegos. O Dr. Pritchard, de Glasgow, matou a mulher e a sogra em 1865 com acônito, e assinou as certidões de óbito (causas das mortes, apoplexia e febre tifóide). O Dr. Palmer, de Rugeley, deu estriquinina a um amigo das corridas de cavalo, em 1855, depois tentou roubar o estômago dele durante a autópsia. O Dr. Cream, do Canadá, matou várias prostitutas de Londres, em 1891, com estriquinina, o modo mais espetacular, com convulsões violentas. Evidentemente, tudo que esses médicos precisaram para matar foi uma modesta habilidade profissional.

OS BEM-COMPORTADOS

Céline (doutor Louis-Ferdinand Destouches, 1894-1961) pensava: “A medicina é uma profissão individual. Quando a praticamos entre os ricos, parecemos lacaios, e entre os pobres, parecemos ladrões.” As pessoas acostumadas a serem tratadas como indivíduos importantes dificilmente se ajustam ao papel de ser apenas um corpo. Mais alarmante ainda, que desastre para todos a sua invalidez, ou, que perda indizível a sua morte! Churchill ordenava decisivamente que seus dois médicos e suas doenças combinassem com suas idéias. Felizmente, foi assistido por *lord* (“Charlie Saca-rolhas") Moran (1882-1977), um homem confortavelmente apreciador da própria importância.

O médico de Hitler era o gordo e calvo Theo Morell (1886-1948), que foi promovido de médico da moda em Berlim, especialista em dermatologia, venereologia e impotência e que tratava com choques elétricos, a um dos membros impopulares do séquito do Führer. Dia sim, dia não, Hitler abaixava a calça do uniforme para Morell injetar vitaminas no *Führerrumph.* Durante a guerra, a cerimônia passou a ser realizada cinco vezes por dia. Desde 1936, quando Hitler reocupou a Renânia e mostrou para a Europa que estava falando sério (pateticamente ineficiente), até 1945, quando se matou e à sua noiva e seu cão, Morell secreta mente complementava as vitaminas com grandes doses de anfetamina. Isso

deixava o paciente “descansado, alerta, ativo e imediatamente pronto para o dia... alegre, falante, fisicamente ativo e ficando acordado até altas horas da noite”. Hitler tomava uma dose extra quando recebia más notícias. Tudo que Churchill tomava era uísque.

Os médicos de Bismarck precisavam dominar respeitosa mente um apetite que todas as noites devorava caviar para criar uma sede de canecas e canecas de cerveja forte, sem o que ele não podia dormir. Os médicos de Frederico, o Grande, precisaram despertar no paciente o entusiasmo pelo suco de taraxaco, para substituir seu almoço favorito de sopa muito condimentada, carne russa em *brandy,* milho italiano com alho e torta de enguia. Os de Luís XIV tinham de manter quieta a blenorragia de sua majestade. Os médicos de George III tinham a dura tarefa de remediar sua loucura.

De 1765 a 1810 o pobre rei George sofreu cinco acessos de loucura — uivando como um cão, excitado, falando com os mortos invisíveis, perseguindo as damas de companhia — cada um com a duração de seis meses, o último até sua morte, em 1820, aos 82 anos. A doença evidentemente tinha complicações políticas que foram tratadas com a regência de George IV, em 1811. Os médicos reais tratavam o rei com os métodos da época, respeitavelmente imobilizando-o com camisas de força. Era uma loucura causada por porfiria, uma disfunção metabólica, como a diabete e a gota. Ele era uma disfunção química, não um rei. Mas o porfírio só foi descoberto no sangue em 1863.

O médico pessoal da rainha Vitória era Sir James Reid, baronete (1849-1923), um clínico geral enfadonho de Aberdeen, que ela havia conhecido em Balmoral e que parecia um ovo de Páscoa com fartas suíças grudadas nos lados. Reid estudou em Viena, por isso oferecia a atração de falar o alemão do falecido príncipe Alberto, com o sotaque do seu devotado John Brown do Highland, que também era paciente dele (Brown foi um mártir em todos os sentidos).

Quando Reid foi nomeado seu médico, em 1881, a rainha estava com boa saúde, embora com algum excesso de peso, um pouco de reumatismo e gases (ela comia demais e misturava uísque no clarete). Exercendo sua prerrogativa real de hipocondria em Balmoral, Windsor ou Osborne, ela chamava seu médico mal pago seis vezes por dia, ou o fazia interromper suas férias e, quando Reid estava em viagem de núpcias, ela escreveu,

tranqüilizando-o: "Os intestinos estão funcionando perfeitamente.” Essa intimidade era inteiramente médica e, sem dúvida, regiamente desfrutada. Ela criou Reid, do círculo pessoal da rainha.

Sir James tinha na corte uma influência de tirar o fôlego. Nenhum médico britânico era recebido sem sua aprovação. Quando Gladstone se aposentou, em 1894, a rainha fez com que Reid escolhesse para substituí-lo *Lord* Rosebery, ao invés de Sir William Harcourt, por “ter salvo a saúde da rainha”. Reid era um esnobe na oficina do esnobismo. Ele considerava a ordem de *Knight Bachelor,* ou Jovem Cavaleiro, apropriada “para todo tipo de homem comum”, e fez pé firme por uma KCB, ou cavaleiro comandante de Bath, seis degraus acima na Ordem de Precedência, e que ele recebeu depois do almoço, em Balmoral, em 1895, com uma espada escocesa de dois guines.

Como a diversão favorita da rainha era ver bebês descendo ou almas subindo, *Sir* James era seu companheiro natural ao lado dos aristocráticos leitos de parto e leitos de morte. Ele executou as instruções carinhosas da rainha para os funerais dos parentes, das criadas e de seu cão. Quando a rainha morreu, em 1901, havia encarregado secretamente *Sir* James de se aproximar do caixão e pôr na mão esquerda da morta o retrato de John Brown, morto há 18 anos, e uma mecha dos cabelos dele. *Sir* James só há pouco tempo havia conseguido diagnosticar uma hérnia e um grave prolapso do útero na sua paciente real Nos seus 20 anos de médico comum e médico extraordinário ele jamais viu a rainha sem roupa. Eu gostaria de saber se aconteceu o mesmo com seu querido Brown de Highland.

Na segunda-feira, 20 de janeiro de 1936, o rei George V estava morrendo em Sandringham, onde os relógios eram sempre adiantados em uma hora (Eduardo VII dera essa ordem para garantir a pontualidade de suas competições de tiro, 20 anos atrás). O médico real era *Lord* Dawson, de Penn (1864-1945), encantador, sensível, jovial, impaciente, entusiasta da eutanásia, cortesão experiente e político manipulador. Estava acostumado com os jornais, assinava os boletins expostos na frente do Palácio de Buckingham, para informar ao povo a saúde precária de seus governantes, e foi honrado, muito acima da sua profissão, com o título de Conselheiro Privado.

Em volta dele, naquela noite, estavam o príncipe de Gales (por ar), Cosmo Lang, o esnobe arcebispo de Canterbury e Ramsay McDonald, o

agitado Primeiro-Ministro. No jantar, Dawson escreveu nas costas de um cardápio sua imortal sugestão de imortalidade: “A vida do rei caminha serenamente para seu fim.” (Não se pode criar uma coisa como essa enquanto se toma sopa. Sem dúvida, Dawson criou e poliu a frase enquanto, lá em cima, o paciente real estava ainda comendo e bebendo.)

Enquanto essas notícias chegavam ao povo ansioso, através da BBC, o príncipe de Gales, os duques de York e Kent e o secretário particular do rei reuniram-se para planejar os funerais. Assim que se livrou do arcebispo, no quarto do rei, Dawson se viu sozinho com a “calma e bondosa” rainha Mary e o nervoso príncipe de Gales. Cinquenta anos depois foi revelado que eles já haviam combinado com Dawson que ele não precisava se esforçar para manter o rei vivo. Assim, às onze horas Dawson injetou uma dose alentada de morfina e cocaína na jugular distendida do rei, o que acabou com ele quando faltavam cinco minutos para a meia noite.

A hora final do rei era a hora do *The Times.* Dawson queria que a notícia fatal fosse dignificada pelo *The Times,* com o editor já avisado por *Lady* Dawson para reservar o meio da primeira página, e não anunciada pelo rádio, aquele *parvenu,* do qual ele já devia estar farto naquela noite. O príncipe de Gales ficou histérico e não parava de abraçar a rainha, até subir ao trono e mandar atrasar de uma hora todos os relógios de Sandringham. Mais tarde, naquele ano, Dawson foi promovido na Lista de Honra, desse modo estabelecendo o título de Visconde como o padrão para regicídio na Grã-Bretanha.

CAPÍTULO 12

O corpo político

Pense no que significa a nossa nação...
Democracia e bons encanamentos.

John Betjeman,
“In Westminster Abbey".

A SAÚDE PÚBLICA

As *Condições Sanitárias da População Trabalhadora na Grã-Bretanha* foi publicado em 1842 por *Sir* Edwin Chadwick (1801-90), comissário da Lei dos Pobres, favorito de Jeremy (“a maior felicidade para o maior número”) Bentham, advogado e engenheiro sanitário autodidata, criador dos encanamentos Cawnpore, em 1871, homem de várias atividades e intimidador, protótipo defensor do meio ambiente, que era ainda conhecido como o céu e a terra.

As condições da população trabalhadora eram péssimas. Os romanas foram um povo limpo, os Tudor construíram encanamentos, mas os semeadores e fiandeiros da antiga vida rural da Inglaterra, “levados pelas ventos do céu”, haviam trocado as páginas de Thomas Hardy pelas de Arnold Bennett. Metade da nação havia deixado os senhores rurais e o trabalho no campo para trabalhar nas fábricas, amontoando-se nos bairros

pobres e sujos da cidade. O índice de mortalidade, que havia caído no período de 1780 a 1810, atingiu um pico perigoso. Os cemitérios

atrás das igrejas transformavam-se em prósperas estalagens. Os corpos eram exumados e enterrados em valas comuns, ou (diziam) transformados em pó de osso, e o quarto era alugado para outro. As criptas das igrejas estavam lotadas como latas de sardinha. Preocupado com o cheiro da cidade, o Dr. George ("Cemitério") Walker (1807-84), de Drury Lane, lançou seu protesto com o livro *Recolhidos dos cemitérios,* e foi acusado de impiedade. Chadwick o apoiou e, em 1850, o Parlamento decretou que os religiosos podiam ser enterrados no porão da igreja.

Em seu livro, As *condições sanitárias,* Chadwick definia a pobreza e a doença como dois lados da mesma moeda. Porém, não se pode ver os dois lados de uma moeda ao mesmo tempo. Nada foi feito para melhorar qualquer uma das duas condições. Por sorte houve um grande surto epidêmico de cólera em 1847. Como Saul e Davi, o tifo matou milhares, mas a cólera matou centenas de milhares. A cólera matou 10.000 moradores de Londres naquele verão, suplantando todas as outras epidemias habituais da estação. Quinhentos morreram nos viveiros humanos do Soho, onde o excremento humano se misturava ao dos animais nas pedras das ruas e o esgoto se misturava com a água potável. Essas eram as "cortes da cólera", de Florence Nightingale, que tratou das vítimas no Hospital Middlesex, perto do Soho. Florence Nightingale sabia que a cólera era causada pela sujeira e curada com a limpeza. Com desdém, considerava uma superstição passageira a idéia de que a cólera se disseminava por contágio (os germes ainda não tinham sido inventados). Como todas as suas opiniões, essa era vigorosa e persistente, mesmo quando havia evidência inquestionável do contrário.

O parlamento ficou tão assustado com a epidemia de cólera que aprovou a Lei da Saúde Pública em 1848. Essa lei determinava a criação de uma Diretoria Geral de Saúde, da qual faziam parte Chadwick e *Lord* Shaftesbury (1801-85), o incansável filantropo e campeão dos lunáticos, mulheres que trabalham e meninos limpadores de chaminés. Shaftesbury foi o fundador (incentivado por Dickens) das escolas para os pobres, dos abrigos para as crianças de rua, onde eram vestidas, calçadas e aprendiam os princípios da Bíblia, e depois eram deportadas para a Austrália.

A diretoria foi um fracasso. Um oficial médico da saúde foi nomeado para Londres (a moderna Liverpool já tinha o seu), porém por mais enérgicas que fossem suas recomendações não tinha ninguém para fazer o trabalho. Com exceção de *Sir* Edwin Chadwick, que conseguiu notoriedade política sem igual, até Edwina Curie cometer um erro. O *The Times* de 1º de agosto de 1854 dizia, a respeito do plano de Chadwick de bombear para o centro de Londres a água do Surrey: “Preferimos arriscar uma epidemia de cólera e outras mais a sermos oprimidos pela diretoria de saúde." Em 15 de junho de 1983 *The Times* citou o próprio artigo, num comentário sobre a dieta para controlar nossa epidemia de doença coronária, acrescentando ironicamente: “Talvez muitos de nós guardem ainda esses sentimentos.” Nós guardamos.

Em 1853 Chadwick foi demitido, e cinco anos depois a Diretoria de Saúde foi absorvida pelo Conselho Privado. Em 1854 John Snow, anestesista da rainha Vitoria, convencido de que a cólera era transmitida pela água, arrancou a alavanca de uma bomba pública na Broad Street, no Soho. A cólera parou. (Como nas melhores histórias médicas, isso foi inventado por seu biógrafo. Snow explicou modestamente que a mortalidade decresceu porque todos tinham fugido da cidade. Um ato tão impressionante de saúde pública, mesmo fictício, conferiu a John Snow, em 1955, a honra de dar seu nome a um bar local, provavelmente fazendo se torcer no túmulo aquele inimigo fanático da bebida alcoólica.)

Em 1872 surgiu outra Lei da Saúde Pública, com 343 seções dedicadas à purificação da água, esgotos com água corrente, ruas limpas, moradias saudáveis, recolhimento de lixo, inspetores dos alimentos, mercados limpos e enterros sob as condições mais sanitárias possíveis. Aumentou o volume das opiniões a favor de leis contra os seres humanos naturalmente sujos infectarem outros seres humanos. Um cirurgião da Enfermaria Sunderland Eye, Reginald Orton (1819-62), estendeu sua prática para exigir a revogação da lei do imposto sobre janelas, em 1851 (ele também inventou o bote salva-vidas). O visitante da saúde nasceu em 1888, para ensinar as mães a cuidar dos filhos. Na década de 1900 foram regulados a profissão de parteira e o trabalho de crianças nas fábricas, e tornou-se obrigatória a notificação de nascimentos e doenças infecciosas. Em 1904 foi infligido às escolas britânicas o deprimente Comitê sobre Deterioração Física, inspirado na

surpresa escandalizada dos generais, na Guerra dos Boers, quando descobriram que metade dos seus recrutas não tinha condições físicas para lutar. Depois de 1916, qualquer um podia exigir legalmente o tratamento anônimo da gonorréia. Enquanto isso, os EUA começavam a sanitizar vigorosamente o grande número de imigrantes que chegavam ao país.

Os políticos agora saltaram alegremente para o meio ambiente. O problema é duplo:

— Aumento de CO_2 do óleo e do carvão, que ultrapassa sua absorção normal pela vegetação cada vez mais rara. Isso prejudica a atmosfera da Terra, impedindo a saída do calor do sol.

— Compostos de fluoreto emitidos por geladeiras e vaporizadores do tipo aerossol destmem o O_3 da camada de ozônio da atmosfera.

O que permite a passagem dos raios ultravioleta que provocam câncer de pele e catarata.

Para combater tudo isso usamos produtos sem chumbo e renunciamos ao aerossol para vaporizar nossos móveis e nossas axilas. Os canos de escapa mento dos carros prejudicam a atmosfera tanto quanto os nossos. Uma vaca contribui para o efeito estufa emitindo 200 litros de gás metano por dia. Nós, os 5,3 bilhões de seres humanos, somos menos flatulentos mas ganhamos de longe das vacas. Se eu fosse um político idealista de olhos verdes, minha divisa seria: "Salvem o mundo! Peidem dentro de uma camisinha!”

MENTIRAS, MENTIRAS AMALDIÇOADAS E ESTATÍSTICAS

William Farr (1807-83) estudou medicina em Paris e passou a vida no escritório do Registro Geral. Seu livro, *Estatística Vital,* em 1837 deu à medicina um instrumento invisível tão potente quanto o microscópio. Os nascimentos, casamentos e mortes de uma nação podem revelar ao estatístico muita coisa que permite compreender e evitar os males do país. Esse tipo de aritmética desperta muita desconfiança. Florence Nightingale dizia, com o dedo em riste: “Para compreender os desígnios de Deus devemos estudar estatística, pois ela é a medida do seu propósito.” O

professor Theodor Billroth (1829-94), de Viena, o primeiro cirurgião a remover o estômago, ironizava: “A estatística é como as mulheres, espelhos da verdade e da virtude mais pura, ou como prostitutas, para serem usadas à vontade do freguês.” O público desdenha: “Ora, pode-se provar qualquer coisa com a estatística.” Mas só para aqueles que não compreendem a estatística.

“Névoa por toda a parte. Névoa rio acima, onde ele corre entre as ilhotes verdes e os campos; névoa rio abaixo, onde ele corre, poluído, entre as fileiras de navios...” Os archotes do meio dia cederam lugar aos lampiões de gás acesos muito cedo, mas a neblina espessa cobria ainda as mas de Londres, misturada com a fumaça condensada de miríades de chaminés e penetrada pela chuva negra da fuligem. *Bleak House* só precisou ser reescrita em 1956, depois da Lei do Ar Limpo. Essa lei foi inspirada por um “Londres especial” dickensiano, em 1952, que durou quatro dias e matou de bronquite 4.000 pessoas. Em 1952, o total de mortes por bronquite em Londres e no País de Gales foi de 27.268, em 1987 foi de 9.821, uma diferença alentadora de 17.447. Mas o público manteve a estatística na linha encarregando-se da própria poluição, elevando o número de mortes por câncer do pulmão de 14.218, em 1952, para 35.128 em 1987, uma correção de 20.910.

O ameaçador “Capitão de todos esses homens da morte”, de Bunyan, não é mais a consumpção, mas o câncer. A descoberta, em 1950, da salvaguarda contra uma das suas formas mortais — e contra o ataque dos companheiros do Capitão, isquemia cardíaca, pressão alta, gangrena das pernas e bronquite — foi sem dúvida uma ocasião para ser comemorada com dança e vinho medicinal nos hospitais. Na verdade, o público reclamou soturnamente. Não acreditava em estatística. Seus argumentos subiram como fumaça: é tarde demais para evitar, meu avô tem 90 anos e fuma 40 cigarros por dia, se deixar vou engordar, e quem quer viver para sempre? Os políticos sentaram sobre as mãos ou as torceram, ou ainda as estenderam para os fabricantes de cigarros, que têm todo o direito de dar lucro a seus acionistas, mas não de usar o dinheiro para negar e ridicularizar uma descoberta médica que salva nossas vidas, perante um público de ávidos descrentes.

O que é a saúde? “Um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”, define a

Organização Mundial de Saúde, que não faz estatísticas mas ajuda tanto quanto a garantia de que a felicidade só existe no céu.

A SAÚDE NACIONAL

O Serviço Britânico Nacional de Saúde foi fundado por Bismarck. O Chanceler de Ferro, o piloto derrubado por *Sir* John Tenniel, na charge do *Punch,* em 1890, conseguiu fazer com que o difícil Reichstag aprovasse, entre 1883 e 1889, leis que criavam esquemas de seguros contra doenças, contra acidentes provocados pelas máquinas cada vez mais numerosas e contra invalidez crônica entre os trabalhadores do novo Império Alemão de Guilhenne I. O mundo jamais vira coisa igual. Cem anos depois, quase o mundo inteiro tinha algo parecido. "Dê ao trabalhador o direito de trabalhar, desde que ele tenha saúde. Cuide dele quando ficar doente. Tome conta dele quando ficar velho", disse Bismarck, tão admiravelmente quanto Keir Hardie.

Bismarck estabeleceu o *Ortskrankenkassen,* fiando de seguro contra doenças locais, com dois terços financiados e completamente controlado pelos trabalhadores, que pagavam diretamente os médicos e laboratoristas. Antes de descer a escada de piloto do Kaiser Bill, Bismarck declarava que seu Seguro Social era uma realização alemã mais importante do que a unificação de 1871, com a qual ganhou o respeito do povo. Estava convencido de que a perspectiva de uma pensão na velhice manteria os trabalhadores satisfeitos para sempre.

O Chanceler das Finanças do governo liberal de Asquith, em 1908, era Lloyd George (1863-1945). "O povo" estava tão perto de seu coração quanto "os duques" estavam da sua maldição. Seu primeiro orçamento, em 1909, foi, como era de esperar, "para o povo", portanto indigesto para os nobres amigos dos duques da Casa dos Lordes. Eles não o aceitaram e determinaram eleições gerais em 14 de janeiro de 1910, depois do que Lloyd George, sensatamente, foi descansar na Côte d'Azur.

Lloyd George enviou um funcionário subalterno do Tesouro, W. J. Braithwaite (1875-1938), filho de um pastor protestante que se tomou

especialista em imposto de renda, à Alemanha para descobrir como Bismarck havia feito tudo aquilo. Na manhã de terça-feira, 3 de janeiro de 1911, Braithwaite chegou a Nice pelo expresso noturno. Lloyd George o convidou a se juntar a alguns amigos, no porto, e enquanto bebiam, eles o ouviram falar durante horas (prudentemente, haviam se distanciado da banda do porto). Sob o famoso sol de inverno da Riviera, acima do calmo e ainda não poluído Mediterrâneo, possivelmente tomando Pernod e comendo pequenas azeitonas pretas, foi concebida a Lei Nacional de Seguro de Saúde de 1911, que cresceu e se transformou na Lei do Serviço Nacional de Saúde de 1946. Não existe nenhum cais em Nice, mas A.J.P. Taylor, que conta a história, acha que a reunião no cais melhora muito a narrativa.

A saúde do povo era para Lloyd George um item solene, que ele transformou em evangelho. Antes de Lloyd George, o potencial da saúde para angariar votos nunca fora levado em conta. A fome trazia a revolução, mas a doença era um sofrimento particular, muito além dos medicamentos da política. A descoberta de Lloyd George criou o culto moderno da saúde, contemporâneo do transporte de massas, propaganda das massas e diversão das massas.

Naturalmente, alguns seres humanos saudáveis e bondosos sempre se preocuparam com os doentes. Os membros do Parlamento, em 1834, fizeram emendas na lei dos pobres para criar enfermarias nos asilos, onde os pobres locais podiam morrer. Benfeitores particulares fizeram grandes doações em dinheiro aos hospitais para os velhos, como o Guy's ou Thomas ou São Bartolomeu, que foi fundado pelo monge Rahere em 1123 e refundado por Henrique VIII, para os pobres doentes, que começavam a se tomar um problema incômodo nas ruas de Londres. Nos saguões de todos os hospitais do país existem longas listas com os nomes dos que foram imortalizados por suas doações, geralmente em termos razoáveis, e é pena que o socialismo tenha arrogantemente eliminado a caridade da medicina no Serviço Nacional de Saúde. Não vai mais haver o Dia da Bandeira, com enfermeiras bonitas batendo em latas, para angariar donativos.

Houve uma dolorosa separação entre esses orgulhosos hospitais, onde os médicos aplicavam seus conhecimentos de graça e as enfermeiras sua devoção por muito pouco, e os asilos para os pobres onde eles definhavam com humilde esperança. Os hospitais voluntários podiam escolher seus pacientes, favorecendo os poucos casos agudos e interessantes em

detrimento dos casos crônicos. Com arrogante tradicionalismo britânico, essa separação persistiu entre os hospitais voluntários e os municipais até a madrugada pintada de vermelho do Serviço Nacional de Saúde.

Os médicos anteriores a Lloyd George já estavam nas folhas de pagamento de certas sociedades, como Oddfellows ou os Druidas, ou eram empregados pelos sindicatos dos mineiros e dos ferroviários, ou ainda dirigiam seus próprios clubes de saúde (os membros que conseguiam novos sócios ganhavam 25% de comissão). Um funcionário que ganhava meia coroa por ano valorizava o paciente e o médico aos olhos do público — a não ser aqueles que consumiam uma garrafa de medicamento por semana, o sindicalista que gostava de tratá-lo como empregado e as mulheres que mandavam nele como se fosse um criado. Sempre se encontrará na prática da medicina um grande número de gananciosos e mal-educados.

I.loyd George resolveu fazer mais do que os alemães. Ofereceu ao eleitorado “nove pence por quatro pence”, o que parecia um bom negócio. Todos os trabalhadores que recebiam menos de três libras por semana pagavam quatro pence, seus empregadores três pence, o Estado dois pence e o médico ganhava seis shillings por ano. Os alemães haviam contribuído com nove pence e tinham de pagar os três primeiros dias de tratamento, que na Grã-Betanha eram de graça. Bismarck concedia o benefício-matemidade de seis semanas, mas Lloyd George determinou uma concessão de 30 shillings para a maternidade, uma vez que para os britânicos a gravidez não era doença. Mulheres casadas, não grávidas, crianças e donos dos próprios negócios não recebiam benefícios, embora lhes fosse permitido o seguro privado de saúde. Tanto na Alemanha quanto na Grã-Bretanha o pagamento era compulsório, dedutível do ordenado e envolvia os correios, cartões e selos. Na Inglaterra havia uma respeitosa confusão quanto ao lato de as duquesas serem obrigadas a inscrever suas criadas no plano de saúde.

OPINIÕES PROFISSIONAIS

Os médicos objetaram violentamente. Comícios gigantes de médicos foram realizados em Manchester e no Queen’s Hall, em Londres, onde eles cantavam “Rule Britannia". Os médicos diziam que o paciente seria obrigado, contra sua vontade, a consultar o médico escolhido pelo governo, o que era contra a ética. Além disso, ia arruinar as clínicas particulares. Corria o rumor de que médicos trapaceiros da Escócia estavam se mudando para a Inglaterra. Levas de estrangeiros doentes estariam atravessando o Canal para tratamento de graça à custa do contribuinte britânico. Os pacientes que constavam das listas do governo estavam morrendo porque os médicos, sobrecarregados de trabalho, não podiam atendê-los e, além disso, as salas de espera não tinham nenhum aquecimento. A confusão toda serviu para projetar os médicos nos comitês de controle e aumentar seus honorários. Como a maioria dos alvoroços britânicos, esse também se acalmou. "Os médicos lamberam suas feridas, e as duquesas, seus selos”, concluiu E.S. Turner.

O Ministério da Saúde, fundado em 1919, era um amontoado burocrático de governo local e comércio de seguro de saúde que minimizou sua ineficiência criando o Conselho Consultivo para planejar a melhoria da saúde da nação. O major-general Dawson, da Academia Real de Medicina e Cirurgia, havia feito várias conferências sobre o assunto, e quando deu baixa foi eleito presidente. Logo tomou-se *Lord* Dawson, e mais tarde matou o rei. Ele também achava que Hitler era um cara legal e que os desempregados deviam ser submetidos compulsoriamente a tratamento de choque.

O relatório Dawson, de 1920, descrevia as linhas básicas de um serviço de saúde que abrangia de professores a farmacêuticos. Seriam criados "centros primários de saúde”, com leitos para os clínicos gerais tratarem seus pacientes, e “centros secundários de saúde” para os pacientes que não melhoravam. Pacientes com doenças infecciosas ou mentais seriam isolados, e todos deviam ter uma ficha médica detalhada. Os médicos iam dirigir o *show,* como soldados e marinheiros dirigiam o exército e a marinha (“A prática de pôr os qualificados sob controle dos não-qualificados precisa acabar”, era um dos modos de ver o Serviço Civil.)

O gráfico do plano Dawson foi riscado com lápis políticos de várias cores. Neville Chamberlain (1869-1940) tomou-se Ministro .da Saúde em 1924, e em quatro anos conseguiu a aprovação do Parlamento para 21 projetos de leis de reformas do plano e aboliu os dispendiosos quadros de

guardiães locais que aplicavam as leis dos pobres, misturando-os confusamente com as leis que regiam a medicina. Na II Guerra Mundial, com o espírito admirável que começou a planejar o Dia D em Dunquerque, a saúde permanente e a felicidade do povo britânico foram estudadas intensivamente. O relatório Beveridge, de 1942, postulava um Serviço Nacional de Saúde. O relatório refletia uma retificação bastante atrasada da injustiça social há tanto tempo suportada pelos britânicos ou um reconhecimento tardio da crença arraigada de que todas as coisas desagradáveis da vida — doença, educação, desemprego, pensões, água da torneira, estradas, lixeiros, trens, museus, policiais, funerais — deviam ser pagas por Outra Pessoa Qualquer. O fato de que essa Pessoa, no fim, era sempre “Ele”, jamais passou pela mente do povo.

A profunda e contínua preocupação com a saúde da nação foi usada pelos trabalhistas para vencer as eleições de 1945, e outro galés chegou com outro plano de saúde. Os médicas objetaram violentamente.

Nye Bevan (1897-1960) arranjou tudo com Charlie “Saca-rolhas” e Charles Hill (1904-1989), secretário da Associação Britânica de Medicina, famoso também como o “Doutor do rádio”, de rica fraseologia (como “pequenos trabalhadores de casacos negros”, quando queria dizer os “chatos”). Nye Bevan percebeu que o caminho para a medicina para todos, independente do preço, era "tapar com ouro as bocas dos médicos”. Dois fósseis de 1948 estão tão vivos e suculentos hoje quanto *whistables* recém-abertos.

O número mágico “9/11os” nos contratas dos médicos significa que nove dos 11 meios-dias de cada semana de trabalho (no tempo de Nye Bevan todo mundo trabalhava nas manhãs de sábado, se dá para acreditar) você trabalhará por um salário, para o Serviço Nacional de Saúde, mas pode ter uma clínica particular nos restantes 2/11os que incluem domingo, o fim do dia, o nascer do dia e altas horas da noite, se tiver forças suficientes e se for suficientemente ambicioso. A outra mordaça de ouro de Nye era um “prêmio ao mérito”, dado secretamente por seus colegas médicos e acrescentado ao seu salário e à sua pensão. Qualquer companhia da cidade que premiasse seus diretores com a mesma discreta generosidade teria de enfrentar uma turbulenta reunião anual dos acionistas, seguida pela chegada do esquadrão contra a fraude.

O Serviço Nacional de Saúde foi inaugurado na segunda-feira. 5 de julho de 1948, com a banda dos mineiros tocando de madrugada “O Happy Morn”. Já funcionava eficientemente há nove anos.

Entre 3 de setembro e 3 de novembro de 1939 o governo britânico previa 600.000 mortos e 1.200.000 feridos em ataques aéreos. O Ministério da Saúde precisava de 3.000.000 de leitos hospitalares imediatamente. (O número total de baixas na guerra foi de 60.000 mortos e 235.000 feridos, embora até a diminuição da *blitz,* em 1941, tenham morrido mais civis do que militares na Grã-Bretanha.) Assim, o governo inaugurou o Serviço Médico de Emergência, tendo o Ministro da Saúde como ditador e pagador. O Serviço Médico de Emergência na realidade era dono de todos os hospitais britânicos, e acrescentou aos que corriam perigo de serem bombardeados, enfermarias pré-fabricadas e teatros operatórios que se estendiam pelos campos verdes, enquanto centros especiais eram criados para cirurgia do tórax, do cérebro, dos membros e cirurgia plástica, o serviço de transfusão de sangue foi nacionalizado, o serviço de patologia racionalizado e os “asilos” vitorianos transformados em movimentados hospitais-escolas. Os canadenses, depois os *ianques* ergueram seus hospitais sofisticados, que ficaram para socorrer seus anfitriões.

A única diferença fundamental entre o Serviço Médico de Emergência e o Serviço Nacional de Saúde foi a abolição do sistema de Lloyd George de painéis determinados para os clínicos gerais. Assim como a diferença fundamental entre o estado de guerra e o do Bem-estar foi a bem-vinda ausência das ambas.

PACIENTES PROBLEMÁTICOS

“O desejo de tomar remédio é talvez o fator principal que diferencia o homem dos animais’’, observou *Sir* William Osler. Ninguém havia notado isso antes. O gênio britânico tem uma capacidade infinita de tomar comprimidos. Lendo os jornais de 1949 verificamos que o país inteiro estava pedindo dentes de graça, perucas e pernas artificiais, com estepes. Nye Bevan imaginou que o tratamento gratuito daria tanta saúde aos eleitores e tão rapidamente que o serviço médico desapareceria, como o

estado na imaginação de Engel sobre o comunismo. Essa completa falta de espírito mundano indica que Bevan realmente havia alcançado o topo como funcionário sindicalista do Sul de Gales.

O maior surto de desenvolvimento do Serviço Nacional de Saúde, como a enfermagem profissional emergindo da Guerra da Criméia, foi inesperado. Os hospitais se humanizaram. A doença do paciente não era mais considerada propriedade do médico. O paciente não era mais recebido friamente, despido, confinado ao leito e às comadres e depois, numa certa manhã, posto numa maca por dois estranhos e levado a outro estranho que o punha para dormir e, alguns dias depois, recebia suas roupas e era mandado para a fila do ônibus. Os pacientes que ousavam fazer perguntas recebiam a resposta benevolente do médico: “Sua doença tem um nome muito comprido em latim que você não entenderia."

Agora a comida era preparada como se alguém fosse realmente comer. As enfermarias perderam o rigor e a disciplina das prisões. “Na frente de cada cama, confrontando o paciente moribundo, estava uma televisão. A televisão ficava ligada de manhã à noite”, escreveu Aldous Huxley em 1932, e o Serviço Nacional de Saúde logo alcançou o *Admirável mundo novo.*

A maior parte dos planos de saúde das nações reflete sua atitude médica. De acordo com o plano britânico, o paciente particular paga para não esperar e o paciente do Serviço Nacional de Saúde espera para não pagar. Os canadenses regulam os honorários dos médicos e dos hospitais, e a maioria reembolsa os pacientes. Os americanos tratam do substrato social e deixam que o resto, ou seus empregadores, comprem seus seguros-saúde. Um canadense custa duas vezes mais do que um britânico, e um americano quase três vezes mais, para se manter com saúde. O Serviço Nacional de Saúde oferece um bom valor por menos dinheiro porque não tem opção.

Em 1909 Lloyd George declarou: “este é um orçamento de guerra, com o fim de levantar fundos para a guerra contra a pobreza e a doença". Em 1960, Knoch Powell fez “a desanimadora descoberta que todos os ministros da saúde fazem no começo ou logo depois do começo do seu mandato, que o único assunto que ele terá de discutir com os médicos é dinheiro". Saúde melhor — bem, melhores serviços — significa impostos mais altos, politicamente o caminho para Beachy Head.

O Serviço Nacional de Saúde, como o carro feito numa tarde de sexta-feira, precisa de consertos desde o começo. Suas comissões de inquérito

trazem os maiores nomes do pós-guerra do nosso país: Guillebaud, Maud, Porritt, Gillie, Cranbrook, Bonham-Carter, Salmon, Seebohm, Robinson, Crossman, Castle, Powell e... bem... Cogwheel. O Serviço Nacional de Saúde foi reformado em 1974 com tanta eficiência que, cinco anos mais tarde, teve de ser reformado outra vez. Desde então tem sido reformado uma vez ou outra, dependendo do que aparece nos jornais da manhã. Em 1990. o governo resolveu que devia ser *adequadamente* reformado. Deveria se transformar num servido pago para pacientes particulares, só que ninguém pagou coisa alguma. Os médicos objetaram violentamente.

Nunca a legislação foi tão necessária. Nunca foi tão pouco desejada", lamentou o ministro.

Nem o porta-voz médico da senhora Thatcher nem o senhor Major, nem o senhor Kinnock, mas Lloyd George, em 1911.

TRIUNFO E DESASTRE

As doenças ardentes da juventude foram apagadas, as brasas da idade confinadas, as facilidades da vida engenhosamente melhoradas, multiplicadas e espalhadas, os doentes ficam bons e ficam doentes outra vez. Os velhos de hoje são os mortos de ontem.

O leitor inteligente com certeza compreendeu que o potencial da medicina é infinito, as exigências da medicina não devem sofrer restrições, mas os recursos para a medicina são limitados. A não ser que um político destemido consiga um acordo não-político entre os três. a história da medicina, como a história do mundo em *1066 e Tudo o Mais,* volta ao marco zero.

Um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade

1 A circulação do sangue, descrita para Charles I por William Harvey, em 1628, muito respeitosamente.

2 Vacinação contra a varíola, descoberta por Edward Jenner em 1796, depois que a ordenhadora de faces coradas de Gloucester deu a pista: “Oh, não senhor, mas eu não posso apanhar varíola porque, o senhor compreende, já tive a varíola bovina.”

3 A teoria da evolução em 1859, de Charles Darwin, que passou cinco anos extremamente desconfortáveis navegando pelos mares do sul com 73 outros passageiros no *HMS Beagle,* de 27 metros e meio de comprimento e 242 toneladas, para criá-la.

4 A anestesia, inventada por dois dentistas da Nova Inglaterra em meados dos anos 1840, com a idéia razoável de ganhar uma fortuna com ela.

5 Anti-sepsia na cirurgia, inventada por *Lord* Lister, com seu vaporizador de ácido carbólico movido a vapor, o “burro mecânico”, em 1865.

6 A descoberta dos micróbios por Pasteur, Koch e uma porção de alemães de mente bem ordenada nos atarefados últimos 20 anos do século XIX.

7 Medicamentos para curar infecções, descobertos por Gerhard Domagk, na Renânia, um mês antes da invasão de Hitler, em 1933. Foram as sulfonamidas que levaram Florey à descoberta da penicilina, em Oxford, no ano da Batalha da Grã-Bretanha (Fleming pouco teve a ver com isso).

8 Vitaminas, vestígios nos alimentos clinicamente notáveis por sua ausência, observadas por *Sir* Frederick Gowland Hopkins em Cambridge, em 1912.

9 Raios X, descobertos acidentalmente pelo modesto e sonhador Wilhelm Röntgen, em Würzburg, em 1895, e a descoberta do rádio por Pierre e Marie Curie, de Paris e Varsóvia, em 1898.

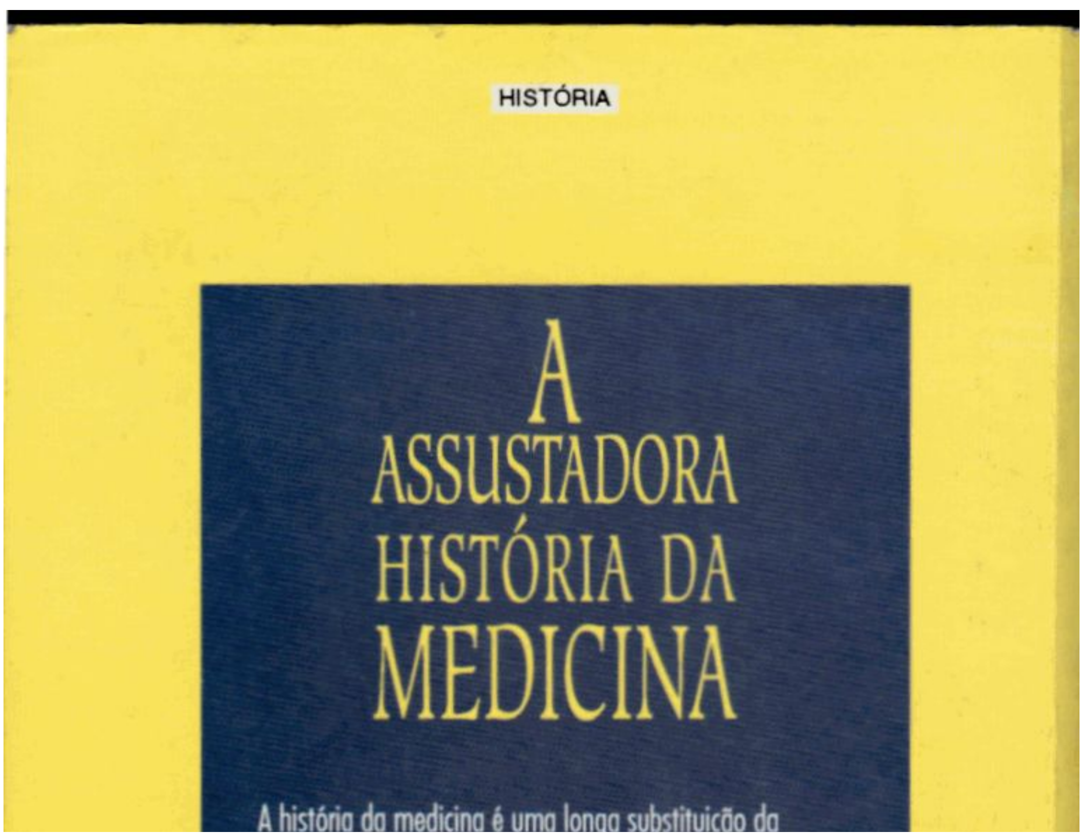
10 As dominadoras glândulas endócrinas, localizadas no corpo entre 1854 e 1922 por Claude Bernard, da Sorbonne, que descobriu que nós temos um *milieu intérieur,* por Banting e Best, de Toronto, a insulina, e por Harvey Cushing, de Baltimore, a pituitária.

11 Psiquiatria — Freud, na década de 1890.

12 A configuração da molécula de ADN, a hélice dupla de Crick e Watson, de Cambridge, na década de 1960, a década em que o homem começou a explorar sua química interior e o espaço exterior.

Disso podemos ter certeza, que a ciência, obedecendo à lei
da humanidade, sempre trabalhará para estender as fronteiras da vida.

Louis Pasteur,
inaugurando o Instituto Pasteur, em 1888.



ignorância pela falácia.

Esse é o diagnóstico de Richard Gordon neste estudo divertido e informativo. Para deleite dos hipocondríacos, ele visita pacientes difíceis e diferentes, como a Rainha Vitória (que arrotava incontrolavelmente), Hitler (que abaixava a calça para injeções estimulantes cinco vezes por dia) e o pioneiro do sexo seguro, James Boswell (que usava camisinhas feitas com tripa de carneiro amarradas com fitas com as cores nacionais).

Com um ouvido apurado para a frase irônica e um completo domínio da arte de atender pacientes, Richard Gordon nunca fez a medicina parecer tão desajeitada e tão engraçada.

9 788500 928413

ISBN 85-00-92841-7

EDIOURO